ALEX ASTER

Autora do best-seller internacional *Lightlark*

NIGHTBANE



Rocco DIGITAL

ALEX ASTER

NIGHTBANE

Tradução de Carol Christo

Rocco
DIGITAL



SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

Cofre

Verdades e mentiras

Banquete flutuante

Escolhas

Coroação

Insígnia

Insurgindo

Libertado

Antes

Favorita

Antes

Chave virando na fechadura

Enya

Veneno

Lynx

Reflexo

Cinder

Antes

Rosa de ouro

Flores silvestres

Ilusão

História

Profecia

Antes

Revelações

Antes

Premonição

Antes

Eu não morro hoje

Antes

A linha entre a vida e a morte

Antes

Criaturas na floresta

Antes

Dividida

Antes

Pedindo ajuda

Antes

Dor

Antes

Armadura

Antes

Nexus

Antes

Lealdade

Antes

Desaparecido

Antes

Reencontro

Antes

Antes

Perdoe-me

Destrancado

Antes

Portal

Destino dividido

Antes

Dia e noite

Antes

Sacrifício

Antes

A peça que faltava

Ligados

Verdade

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Índice

Meu flagelo e antídoto estão ambos diante de mim.
— J. Addison, *Cato: uma tragédia*, 1713



COFRE

Isla Crown sentia gosto de morte no fundo da garganta.

Pouco antes, ela havia destrancado o cofre secreto no Palácio de Espelhos. Dentro, o poder agitava-se, sussurrando em uma língua que ela não entendia, chamando por algo em seu âmago. Soava urgente, óbvio, como a resposta a uma pergunta que, de alguma forma, ela havia esquecido.

O resto do palácio abandonado estava desmoronando, mas aquela porta havia permanecido fechada apesar das maldições. Seus antepassados tinham lutado para mantê-la secreta. A coroa era a única chave e, ao abrir a porta com um rangido que soou quase como um grito, Isla pensou que eles deviam tê-la escondido tão bem por um motivo.

Seu coração disparou enquanto olhava lá dentro, mas, antes que pudesse ver qualquer coisa interessante, uma força rompeu pela abertura, atingiu Isla no peito e a lançou para o outro lado do cômodo.

A porta se fechou com um estrondo.

Por um momento, houve silêncio. Algo próximo a paz, o que se tornara o mais raro e desejado dos luxos. Atualmente, isso era tudo que ela se atrevia a desejar. Paz que aliviasse a dor que pulsava em seu

peito, onde uma flecha tinha partido seu coração em dois. Paz dos pensamentos que devastavam seu cérebro como insetos se alimentando de restos. Ela havia perdido e ganhado tanto nas últimas semanas, e não em igual medida.

Por um segundo, no entanto, finalmente conseguiu esvaziar a mente.

Até que caiu no chão de pedra e sua paz foi substituída por uma visão de carnificina.

Corpos. Ensanguentados. Carbonizados. Ela não conseguia distinguir de que reinos eles eram; só podia ver suas peles e ossos. A escuridão se espalhou ao redor dos corpos como tinta derramada, mas não se assentou, nem formou uma poça, nem desapareceu.

Não. A escuridão devorou tudo.

Terminou com o restante dos corpos e, então, voltou sua atenção para ela. Os tentáculos subiram, frios e úmidos como membros sem vida. Antes que ela pudesse se mover, as sombras abriram seus lábios à força e a obrigaram a bebê-las. Ela ofegou por ar, mas tudo o que sentiu foi a morte.

Tudo ficou escuro, como se as estrelas, a lua e o sol fossem apenas velas que tinham sido apagadas, uma por uma.

Então, a escuridão falou.

— *Isla*. — Era a voz dele. A voz de *Grim*. — *Volte para mim. Volte…*

Um piscar de olhos e ela estava de volta ao Palácio de Espelhos, luz do sol refratada e galhos esqueléticos arranhando o vidro que ainda restava, esticando-se para ela como mãos.

E Oro. Ele estava lá em um instante, segurando-a em seus braços. Ele não era propenso a reações dramáticas, o que só tornava sua expressão de terror mais preocupante.

Isla estendeu a mão e sentiu sangue escorrendo do nariz, dos ouvidos, dos olhos, escorrendo por suas bochechas. Ela olhou para o sangue em seus dedos, e só conseguia pensar no que tinha visto.

O que tinha sido aquilo? Uma visão?

Um aviso do que Grim faria se ela não voltasse para ele?

Ela não sabia, mas uma coisa estava nítida: assim que ela abriu aquela porta, algo a fechou novamente. Havia alguma coisa naquele lugar.

E a coisa não queria que Isla a encontrasse.



VERDADES E MENTIRAS

— Ele me rejeitou — disse Isla.

Não fazia sentido. O poder a chamava; ela podia sentir. Então por que a porta havia se fechado novamente?

A coroa dourada do rei brilhou enquanto ele inclinava a cabeça para trás, observando-a. Ele estava tão afastado de Isla, deitada na cama, quanto o quarto permitia.

Não adiantava. Mesmo a alguns metros de distância, ela podia sentir o fio que os unia. Algo parecido com amor.

Com poder.

Oro enfim falou.

— Você não está pronta. Não acho que sua coroa seja a única chave. Se não foi criada para ser aberta com facilidade, a porta do cofre pode estar encantada para aceitar apenas uma governante Selvagem.

— Eu *sou* uma…

— Uma que tenha dominado suas habilidades.

Ah.

Isla riu. Não pôde evitar. Claro que a ilha continuaria encontrando maneiras de fazê-la se sentir inadequada. Àquela altura, era como um jogo.

— Se isso é verdade, então acho que vai permanecer fechada — disse ela, olhando fixamente para um ponto na parede.

As únicas mestras Selvagens ainda vivas eram suas guardiãs, e se algum dia Isla colocasse os olhos nelas novamente, as mataria por terem assassinado seus pais. E por todas as mentiras que haviam contado a ela.

O silêncio borbulhou e transbordou. Ela quase conseguia *sentir* a preocupação de Oro no ar, um calor com um toque de ansiedade. Resistiu à vontade de revirar os olhos. De todas as coisas pelas quais havia passado, ser arremessada longe por uma porta esnobe não chegava nem perto de ser a pior.

Ela odiava a preocupação dele, e se odiava pela raiva que havia endurecido dentro dela como uma lâmina e que se voltava até contra algo tão inocente quanto preocupação. Ultimamente, porém, não conseguia controlar nenhuma de suas emoções. Às vezes, acordava e não tinha energia nem mesmo para sair da cama. Em outras, estava tão irritada que ia para a Ilha Selvagem apenas para ter um lugar onde gritar.

— Eu vou te ensinar — disse ele.

— Você não é um mestre Selvagem.

— Não. Mas dominei os poderes de quatro reinos. As habilidades são diferentes, mas a execução é similar. — Sua voz era gentil, mais gentil do que ela merecia. — Foi assim que consegui usar o *seu* poder.

Foi assim que ele conseguiu salvá-la. Ela teria sido cozida viva pelo núcleo da ilha se Oro não tivesse usado o vínculo entre eles para reivindicar os poderes dela no Palácio de Espelhos. Esse tinha sido o momento em que seus sentimentos por ele foram revelados. O fato de ele poder acessar suas habilidades significava que ela o amava.

Embora nem mesmo soubesse o que aquele "amor" significava.

Ela tinha amado suas guardiãs.

Ela tinha amado Celeste.

Ela tinha, em algum momento, amado *Grim*.

A visão. Morte e escuridão e destruição. Foi uma ameaça? Um vislumbre do futuro?

O peso em volta de seu pescoço parecia ainda maior agora. Era impossível remover o colar que Grim lhe dera de presente durante o Centenário, e sim, ela havia tentado. Tinha um fecho, mas até então se recusava a abrir. Parecia que não havia nenhuma forma de tirá-lo. Só ela podia sentir o colar. Nem mesmo Oro sabia que ele existia.

Isla se perguntava se Grim era como aquele colar, insistente, se recusando a libertá-la. Ele mataria pessoas apenas para tê-la?

— Preciso te contar uma coisa.

Isla considerou guardar aquilo para si mesma. Se envolvesse apenas ela, talvez tivesse mantido o segredo. Ela tinha quebrado as maldições. Merecia mais tempo para se recuperar. Seus cortes e hematomas do Centenário haviam desaparecido, mas algumas feridas eram invisíveis e levavam muito mais tempo para cicatrizar do que pele machucada e ossos quebrados.

— No Palácio de Espelhos… eu tive uma visão.

Ele franziu a testa.

— O que você viu?

— Morte. Ele… — Ela se viu relutante em pronunciar o nome em voz alta, como se isso fosse suficiente para invocá-lo das sombras, trazê-lo à vida em outro lugar além de sua mente. — Ele estava cercado pela escuridão. Havia corpos por toda parte. As sombras estavam tentando *me* alcançar… — Ela fez uma careta. — Parecia… uma guerra.

Parecia o fim do mundo.

Um calor mais intenso varreu o quarto, o único sinal da raiva de Oro. Seu rosto tranquilo permaneceu sem expressão.

— Ele não vai parar até ter você.

Isla balançou a cabeça.

— Eu escolhi *você*… Ele se sente traído. Talvez nem se importe mais comigo. — Oro não pareceu convencido. Ela fechou os olhos. —

Mesmo que ele se importasse, você acha que ele começaria uma guerra por minha causa? Arriscaria o próprio povo?

— Acho que é exatamente o tipo de coisa que ele faria — disse Oro, seu olhar distante, como se perdido em pensamentos. — Isla. Você precisa começar seu treinamento, e não apenas para entrar no cofre.

Treinamento. Aquilo parecia exigir muito esforço para uma pessoa que tinha que negociar consigo mesma só para sair do quarto todos os dias. Ela não costumava ser assim. Treinar fora algo incutido nela como pedras preciosas no cabo de uma lâmina. Fazia parte de sua essência.

Agora, ela estava apenas cansada, mais mental do que fisicamente. Tudo o que queria era tempo para se recuperar, mas por que sequer pensar nisso fazia com que se sentisse a pessoa mais egoísta de Lightlark?

Felizmente, ela tinha uma desculpa além de sua própria falta de vontade.

— Você sabe que não posso.

Como rei, Oro era o último Original que podia usar cada um dos poderes que ainda existiam em Lightlark: Etéreo, Estelar, Lunar e Solar. Supostamente, apenas a linhagem dele podia nascer com mais de uma habilidade. De acordo com Aurora — que ela um dia achou ser sua melhor amiga, Celeste —, os dons de Selvagem e de Umbra de Isla estavam entrelaçados de uma forma que os tornava em grande parte inúteis, a menos que um Umbra os libertasse.

— Meus poderes…

— Eu tenho um plano para isso.

Claro que tinha. Ela travou o maxilar.

— Não tenho tempo para treinar. Tenho que voltar para os Selvagens.

— Eles vão precisar que você esteja em sua força máxima.

Por que ele estava tão determinado a treiná-la? E por que, de fato, ela era tão contra?

— É uma distração — tentou ela. — Posso aprender depois. Depois de cuidar deles. Depois que tivermos descoberto a ameaça dos Umbra, se minha visão for real.

— Você tem o poder de uma governante Estelar agora, Isla — disse Oro gentilmente.

Quando Isla matou Aurora, ela usou um antigo artefato chamado vinculador para roubar todo o poder da Estelar. A ação serviu como uma brecha para cumprir a parte da profecia que afirmava que um governante tinha que morrer para quebrar as maldições. O poder de um governante funcionava como a força vital de seu povo. Todas os Estelares teriam morrido junto com Aurora, se Isla não tivesse roubado aquele poder.

Agora, ela era responsável por dois reinos, quando nem mesmo era qualificada para governar um.

— Seus poderes de Selvagem e de Umbra podem ter ficado adormecidos todo esse tempo — continuou ele —, mas o poder Estelar não vai. As habilidades são muito poderosas. Se você não aprender a controlá-las, elas vão controlar você.

Isso parecia improvável. Nos últimos dias, ela tentara usar seus poderes de Estelar de maneira casual. Mover uma pena. Criar uma explosão de energia da varanda. Nada. Ela teria até duvidado de que o vinculador funcionara se os Estelares não estivessem vivos.

— Isla — disse Oro, e a maneira terna como ele falou seu nome amenizou um pouco os contornos defensivos da sua raiva e sua dor.

— Sim?

Oro deu um passo, depois outro, até que ela foi coberta por seu calor, mesmo ele estando mais distante do que Isla gostaria.

Do pé da cama, Oro a observou.

— Diga que vai treinar comigo. E diga com sinceridade.

— Tá bom — disse ela rapidamente, só porque sabia que era o que ele queria ouvir. Só porque naquele dia ela faria qualquer coisa para interromper os pensamentos sobre o Centenário e o que tinha acontecido. — Vou treinar com você. Estou sendo sincera.

— Sua empolgação é avassaladora — disse ele de forma monótona.

— *Estou* empolgada — respondeu ela entre dentes.

Ele a olhou mais sério.

— Você sabe que eu sei que está mentindo, não é?

Claro que ele sabia. Era um dom dele, o poder extra que governantes muitas vezes carregavam de linhagens distantes. Ela imaginou o destino rindo da ironia de seu relacionamento: uma mentirosa amada por alguém que podia pressentir a verdade.

Em vez de olhar com raiva para Oro, ela ficou feliz em voltar a atenção para ele. A curiosidade era a melhor distração. A vida não era isso?, ela ponderou. Momentos difíceis intercalados por distrações?

— Como é a sensação? — perguntou ela, endireitando-se na cama.

A manga fina de seu vestido deslizou por seu ombro. Ela viu o olhar dele acompanhar o movimento.

— Que sensação? — devolveu ele, os olhos se demorando em seu ombro agora descoberto.

Algo pulsou em seu peito. Ela não costumava notar Oro olhando para ela. Até o momento em que Aurora confirmou que o rei a amava, ela nem mesmo achava que ele *gostava* dela.

Uma de suas pernas nuas percorreu lentamente a cama, até seu pé alcançar o chão. O vestido subiu para a coxa e Isla pôde sentir o calor dos olhos dele sobre ela. Fez o mesmo com a outra perna, até que ambos os pés estivessem ao lado da cama.

Ele a olhou de cima a baixo e de repente o cofre foi esquecido. Sua inadequação foi esquecida. As traições? Esquecidas.

Parte de Isla se perguntava se ele ainda estava olhando para ela só para conferir se estava bem, mas não, não, era muito melhor acreditar que ele a encarava por outras razões.

— Quando alguém mente para você, qual é a sensação?

Ela se aproximou dele, descalça, as costas um pouco doloridas pela queda brusca. A cabeça latejava de dor, a ferida curada recentemente pelo elixir Selvagem, mas ela a ignorou.

Ele permaneceu muito quieto enquanto ela parava diante dele.

— Dói? — Ela inclinou a cabeça. — *Alguma coisa* te machuca de verdade?

O olhar dele deixou claro que não iria responder à segunda pergunta, então ela tentou a primeira novamente.

— As mentiras doem?

Oro era tão alto que teve que inclinar a cabeça para baixo para olhar diretamente em seus olhos. Ele estendeu a mão e passou o polegar pelos relevos da coroa de Isla.

— Depende de quem está mentindo.

A culpa cravou os dentes no peito dela. A ideia de que suas mentiras o machucaram fez com que ela, de forma inexplicável, também sentisse dor.

Era isso o que significava amar alguém?

Ela tinha mentido para ele durante todo o Centenário, mas ele nunca tinha mentido para ela. Ela sabia disso agora, com toda certeza. Ele era a única pessoa em quem ela confiava no mundo, embora tivesse noção de que confiar em alguém depois do que aconteceu fosse incrivelmente tolo.

Será que *isso* era amor?

Isla colocou a mão no peito de Oro e sentiu ele ficar tenso. Estava quente de um jeito tão reconfortante que a fez querer sentir a pele nua dele sob seus dedos. Ele não se moveu nem um centímetro quando ela se aproximou mais ainda.

Eles mal tinham falado sobre a conexão entre os dois, a ligação inegável. Ele tinha dado espaço a ela. Isla queria ir devagar. Sem se apressar, do jeito que tinha feito com Grim.

Mas, naquele momento, ela não queria mais nenhum espaço entre eles.

Ficou na ponta dos pés, desejando, *enfim*, vencer o espaço entre seus lábios e os dele, mas não importava o quanto ela esticasse o pescoço, não conseguia alcançá-lo.

Oro a encarou e franziu o cenho.

— Isso é uma tentativa de me distrair?

Com certeza. Ela não queria dominar seus poderes. Não queria pensar em nenhuma de suas novas habilidades. Uma vez que começasse, teria que pensar em coisas — e *pessoas* — que a tinham machucado, talvez de forma irreparável.

— Sim. Posso?

Ele abaixou a cabeça. A coroa dourada brilhou na luz.

Então as mãos dele estavam em sua cintura. Seus dedos longos em suas costas; ela se arqueou sob o toque. Ele a agarrou tão firmemente que ela ofegou...

Mas antes que pudesse envolver as pernas ao redor da cintura dele, Oro a carregou até a cama…

… e a colocou de volta sob os lençóis.

Quando ela começou a protestar, ele já estava na porta.

— Descanse, Isla. O jantar é daqui a algumas horas. — Ela resmungou. Seria a primeira vez que os representantes se reuniriam para discutir as consequências das maldições. — E depois vamos começar o treinamento.



BANQUETE FLUTUANTE

— Me faça parecer uma espada — dissera Isla a Leto, o alfaiate Estelar. — Uma espada que seja mais sangue do que lâmina.

Uma mistura de Selvagem e Estelar. Era o que ela vestia ao entrar na sala de jantar.

Os nobres Solares tinham chegado cedo com seu governante. Já estavam sentados quando Isla atravessou as portas e os olhos dele foram direto para ela, afiados e famintos, dando a Isla a sensação inquietante de ser exatamente a coisa que eles tinham vindo petiscar e consumir.

Antes, ela poderia ter se encolhido sob seus olhares, mas agora caminhou até a mesa como se não os notasse. O que alguém naquela ilha poderia fazer ou dizer a ela que já não tivessem feito? Nobres Lunares tinham tentado assassiná-la. Os outros já a tinham julgado até os ossos. No mercado, a maioria das pessoas a evitava, ainda odiando os Selvagens por causa de sua maldição sanguinária, mesmo depois de ela ter sido quebrada. Seu novo vestido vermelho, entrelaçado com metal, roçava contra o chão liso, parecendo quase uma cota de malha, lutando contra o silêncio que encolhia a sala.

Ela analisou rapidamente os nobres Solares enquanto passava por eles. Um homem de pele escura e longos cabelos dourados amarrados em uma trança, de expressão solene. Uma mulher alta, cheia de sardas, cabelo da cor de ferrugem. Um homem que parecia velho — algo notável, dado que até mesmo Oro parecia jovem, e ele estava vivo há mais de cinco séculos —, suas costas curvadas em direção à mesa como se imitasse um ponto de interrogação. Ele sorriu para ela, enrugando a pele clara, mas o sorriso pendia mais para diversão do que para o amigável.

Oro estava sentado na cabeceira da mesa, e também estava observando. O rei teria exatamente a mesma aparência do início do Centenário, naquele primeiro jantar, não fosse por seus olhos. Na época, eles estavam ocos como favos de mel.

Agora, eles queimavam, olhando diretamente para ela com uma intensidade que fazia qualquer pensamento desaparecer. Ele acompanhou Isla com o olhar de modo quase imperceptível. Os ombros nus e bronzeados. O espartilho de seda e aço. A fenda do vestido revelando as botas até o joelho que ela tinha mandado fazer, porque eram mais práticas do que seus saltos ou sapatilhas. O cabelo castanho comprido, com pequenas flores vermelhas entrelaçadas nas pontas. Ela o observou de volta, por apenas um segundo. Os ombros largos. Cabelo dourado. As arestas afiadas de seu rosto suave. Ele era mais pálido antes, depois de tantos anos sem luz solar, mas agora estava radiante, resplandecente. Ele era tão bonito que quase doía olhar.

Ela não se lembrava de ter notado o quanto ele era atraente naquele primeiro jantar.

Será que *isso* era amor?

Oro desviou o olhar rapidamente.

Enquanto Isla tomava seu lugar ao lado dele, as portas se abriram, e uma brisa soprou seu cabelo para trás, trazendo consigo o reconfortante aroma de pinheiro e a sensação arrepiante do ar das montanhas. Azul entrou com a corrente de ar, pés nunca tocando o

chão. Duas pessoas o seguiram, não nobres, mas oficiais eleitos. Os Etéreos governavam seu reino do jeito mais próximo possível de uma democracia, levando em conta que viviam em um sistema onde os governantes nasciam com a maior parte do poder, e que a vida de seu povo dependia desse poder.

Enquanto o cabelo de Azul era escuro como sua pele, a mulher atrás dele tinha cabelos da cor do próprio céu, entremeado com um pouco de branco, um sinal de que ela era antiga, assim como o encurvado idoso Solar. Diferentemente do idoso, porém, a postura dela era perfeita. Sua pele era de um marrom profundo, e ela era de estatura pequena.

O Etéreo ao lado dela tinha o porte de uma lápide, tão sólido como se tivesse sido esculpido direto das Montanhas Cantantes. Ele era branco como os penhascos de Lightlark e tão alto que Isla não conseguia ver a cor de seu cabelo pelo ângulo de seu rosto, encarando direto à frente. Ele era grande o suficiente para carregar três espadas confortavelmente em seu cinto e fazia com que todos os outros parecessem pequenos. Isla teve o desagradável pensamento de que sua própria espada pareceria uma pena nas mãos do gigante.

Azul contornou a mesa para cumprimentar Isla, embora seu lugar fosse do outro lado de Oro.

— Seu estilo mudou — comentou ele.

O dele, felizmente, não tinha mudado. O governante dos Etéreos estava vestindo uma túnica com recortes nas laterais e safiras redondas no lugar de botões. E usava um anel em cada dedo.

Era a primeira vez que ela o via desde que o Centenário havia terminado. *Você deveria tê-lo procurado*, sussurrou sua mente. Outra falha.

Ela queria perguntar como ele estava depois de assistir ao espectro de seu marido há muito perdido desaparecer assim que a tempestade se dissipara. Ela queria pedir desculpas por ter acreditado, mesmo por um momento, que ele era seu inimigo. Queria perguntar como os Etéreos estavam depois de tudo.

Antes que pudesse dizer uma palavra, Azul prosseguiu:

— Podemos dar um jeito de nos encontrar, se você quiser.

— Eu adoraria.

— Ótimo. — Ele inclinou o queixo e sussurrou: — Cuidado. Sempre tem alguém observando.

Ele estava certo. A conversa tinha começado, mas Isla ainda podia sentir a atenção fixa nela. Nos dias em que passou em seu quarto, após o fim do Centenário, Oro disse aos nobres e representantes da ilha que Isla havia quebrado as maldições e ganhado o poder de uma governante Estelar. A notícia se espalhou rapidamente entre o povo de Lightlark.

Os líderes sentados agora ao seu redor tinham assistido a Isla falhar em grande parte das provas do Centenário. Eles deviam ter se perguntado como logo ela, de todos os governantes, tinha sido aquela que finalmente acabara com as maldições.

Assim que Azul se sentou, as portas se abriram mais uma vez, e uma única Estelar entrou. Ela tinha pele de tom marrom-claro, olhos escuros e uma cortina de cabelos negros brilhantes. Suas roupas eram de um prateado desbotado, mais nuvem de tempestade do que lâmina recém-afiada. Ela congelou quando todos se viraram para olhá-la. Menos de um segundo depois, se recompôs, andando com a cabeça erguida. Devido à maldição anterior, Isla tinha certeza de que a Estelar tinha menos de vinte e cinco anos, mais ou menos o mesmo que ela.

Elas se olharam e a garota franziu a testa. Ainda assim, Isla sentiu um entendimento entre elas. Duas pessoas que se sentiam notavelmente deslocadas.

— Maren — disse a Estelar antes de se sentar, como um cumprimento, e depois se concentrou intensamente na beirada curvada da mesa de ouro maciço.

Apenas uma cadeira permaneceu vazia. A de Cleo.

Parecia que a Lunar não se juntaria a eles. Sinos tocaram pelo salão dourado, marcando a hora. Oro se levantou.

— Depois de quinhentos anos de sofrimento, as maldições que afligiam nossos reinos foram quebradas, graças a Isla Crown, governante dos Selvagens. — Ela sentiu olhares voltados para ela novamente. — Nos últimos séculos, nossa prioridade foi a sobrevivência. Hoje, nos reunimos para discutir como avançamos. Vejo uma oportunidade de crescimento em todos os sentidos da palavra. Para chegarmos lá, devemos lidar com as consequências de quinhentos anos de divisão entre nosso povo e de restrição a nossos poderes para enfrentar novas ameaças. — Ele olhou ao redor para todos. — Primeiro, vamos celebrar o fim de grande parte do nosso sofrimento compartilhando uma refeição.

Oro se sentou e as conversas começaram, mas Isla concentrou-se apenas em sua respiração instável. Sentia o nervosismo em seu estômago. A atenção já estava voltada para ela. Logo, haveria perguntas. E se ela respondesse errado?

Ninguém sabia sobre seu passado com Grim. Ninguém sabia que ela também era Umbra em segredo. Se soubessem, poderiam tê-la aprisionado ali mesmo. Os Umbra tinham sido inimigos deles por séculos. Eles estavam em guerra antes das maldições. Se a visão dela fosse verdadeira, logo se encontrariam em outra batalha.

— Somos monstros, Devoradora de Corações — sussurrou alguém em seu ouvido. — Ou, pelo menos, é isso que eles pensam.

Grim. Ele estava ali.

Isla se assustou. O coração disparou. Seu olhar percorreu a mesa, esperando encontrá-lo por perto ou ver alguma reação dos outros. Mas ele não estava em lugar algum. Talvez estivesse invisível. Os olhos dela se esforçaram para ver até mesmo o menor tremor no ar que pudesse entregá-lo. Esperou que ele aparecesse diante de todos. Sua mão se aproximou de Oro para avisá-lo…

Nada.

Ela sabia o que tinha ouvido. Ou será que sabia? Poderia ter sido sua própria mente. Grim tinha dito aquelas mesmas palavras há mais de um mês, quando ainda estava fingindo não a conhecer.

A verdade era que ele sabia *tudo* sobre ela. Compartilhavam um ano de memórias juntos, que ele a fizera esquecer para atender às próprias necessidades no Centenário. Ele tinha cortado uma parte de sua vida tão facilmente quanto Leto cortava excesso de tecido.

Isla não sabia o que faria se o visse novamente, mas não precisava se preocupar com isso no momento.

Grim não estava lá.

Então ela tinha imaginado. Talvez sua mente também tivesse criado a visão no Palácio de Espelhos. Não podia ser real. Grim não mataria pessoas inocentes para chegar até ela.

Isla reviu flashes daquela visão. Morte. *Crianças*…

— Respira — disse para si mesma, antes de inspirar profundamente, sabendo o quão ridículo era ter que se lembrar, vocalmente, de uma função básica do corpo.

Suas unhas cravaram nas palmas das mãos, tentando mantê-la no presente, como se estivesse se agarrando a uma âncora em vez de se largar novamente nas correntes volúveis de sua mente.

— Não se esqueça de expirar também. — Oro.

Debaixo da mesa, ele colocou a mão no joelho de Isla. Seu polegar acariciou a parte interna da coxa dela. Sabia que Oro pretendia que aquele fosse um gesto reconfortante, mas por um instante todos os seus sentidos se aguçaram com o toque dele. Seus olhos encontraram os dele, que afastou a mão.

Uma bebida especial foi preparada, uma especialidade dos Solares. Cálices em chamas foram servidos em bandejas flutuantes por Estelares, que moviam objetos usando seu domínio da energia. Isla notou que eles sorriam para a representante Estelar, Maren, de maneira amigável.

Oro bebeu do cálice de forma despreocupada e as chamas se apagaram, sem sequer queimá-lo de leve. A nobre Solar de cabelos vermelho-escuros esvaziou seu copo com uma rapidez impressionante.

Será que a queimaria, se ela não fosse uma Solar? Não, claro que não. Oro nunca serviria aos seus convidados algo que pudesse

machucá-los. Ela foi a próxima a beber de seu próprio cálice em chamas.

Tinha sabor de mel e ardia como bebida alcoólica. As chamas lambendo a borda do cálice roçaram suas bochechas enquanto ela bebia, depois afundaram nos resíduos da bebida antes de se apagarem completamente.

O primeiro prato era completamente Etéreo. Um banquete flutuante, servido em um vaso de flores — vegetais em miniatura ainda presos às raízes, flutuando no ar, que precisavam espetar com o garfo para comer. Ela não conseguiu identificar todos os alimentos pelo nome, mas um deles tinha a textura familiar de batatas, era violeta e surpreendentemente doce. Alguns dos vegetais pareciam ter vontade própria e escapavam brincando, voando dentro dos limites de suas coleiras feitas de raiz. Oro observou enquanto ela tentava prender uma beterraba especialmente agitada, um sorriso tocando os cantos de sua boca.

O segundo prato era Estelar. Os finos pratos de prata continham uma única esfera. Uma vez que todos foram servidos, os Estelares estalaram os dedos em uníssono e as esferas explodiram, revelando um corte de carne desconhecida, dividido em pedaços precisos. Grandes rochas semelhantes a sal formavam um círculo ao redor da proteína. Isla provou uma e se assustou quando ela explodiu como um rojão em sua boca.

O prato dos Lunares chegou por último.

Os serviçais Estelares murmuraram desculpas ao entregarem os pratos, embora estivessem claramente apenas seguindo ordens. Blocos de gelo foram servidos com peixes vivos ainda nadando dentro deles. Seus olhos estavam arregalados enquanto tentavam navegar dentro de suas prisões que derretiam rapidamente.

Isla sentiu o calor da raiva de Oro, quase suficiente para libertar os peixes, embora sua expressão permanecesse impassível.

Antes que ele pudesse dizer uma única palavra, as portas da sala se abriram com violência. Isla esperava ver uma entrada dramática de

Cleo.

Um Lunar estava na entrada… mas não era a governante. O homem tinha cabelos brancos e compridos que chegavam à metade das costas, quase da mesma cor de sua pele, e um cajado na mão.

— Soren — disse Oro. — Que bom que você se juntou a nós. Presumo que isso seja sua ideia de piada?

O Lunar, Soren, apertou os lábios.

— Está mais para um comunicado. Desculpe pelo atraso, mas não tenho apetite frente ao estado da ilha, que não está muito diferente dos blocos de gelo diante de vocês.

O que fazia deles os peixes.

— Cleo enviou você no lugar dela? — perguntou Azul.

Soren assentiu. Ele ocupou o assento vazio que havia sido reservado para a governante Lunar.

Oro levantou-se e todo o centro da mesa de ouro maciço cedeu, formando uma bacia. Os blocos de gelo correram para o centro e então derreteram, enchendo o recipiente. Os peixes nadaram em círculos, aliviados.

Com um olhar que condizia com o rei frio que Isla acreditara que Oro fosse, antes do Centenário, ele encarou Soren e disse:

— Agora que o jantar acabou, por que você não começa nos dizendo qual a posição dos Lunares?

O dedo mais longo do Lunar acariciou a pedra no topo de seu cajado.

— Você, é claro, está ciente de que rompemos nossa conexão com o Continente.

— Outro comunicado? — perguntou Oro.

O Lunar deu de ombros.

— E também uma medida de proteção. As maldições mantinham as pessoas sob controle… e sabemos que temos inimigos na ilha. — O olhar dele pousou em Isla.

Ela quase teve vontade de rir. Era *essa* a desculpa que ele ia usar? *Ela?* Nobres Lunares haviam tentado assassiná-la, e Cleo quase

completara o trabalho pessoalmente. Imaginava que não era um exagero tão grande pensar que ela, com seu novo poder, buscaria vingança.

Ainda assim, era uma desculpa ridícula.

Oro o encarou.

— E sua armada de navios?

O nobre Lunar deu um gole tranquilo no cálice em chamas que agora estava diante dele.

— Para que possamos navegar até as novas terras dos Lunares, é claro — disse ele. — Para unir nosso povo novamente.

Aquilo podia ser parcialmente verdade, mas não era a única razão, e Isla não precisava de Oro e de seu dom para saber. Cleo havia começado a construir sua frota durante um período em que viagens para lugares distantes eram uma sentença de morte para os Lunares.

— Unir como? — perguntou Azul. — Para trazer as pessoas nas novas terras Lunares para Lightlark? Ou levar as pessoas em Lightlark para as novas terras?

A sala ficou em silêncio, carregada de tensão. Ela sabia, a partir de conversas com Oro, que aquela era a pergunta mais importante. Depois que as maldições foram lançadas, a maioria dos reinos fugiu de Lightlark para criar as próprias novas terras, a centenas de quilômetros de distância. Algumas pessoas permaneceram na ilha. Os governantes decidiriam voltar agora que as maldições haviam terminado? Deixariam Lightlark de vez?

— Minha governante ainda não decidiu — disse Soren com tranquilidade.

Oro virou-se com desprezo para longe do Lunar e encarou Azul.

— E os Etéreos?

Azul fez um gesto em direção a seus representantes.

— Estes são os oficiais eleitos. Sturm... — O gigante assentiu, seus olhos nunca deixando a parede oposta. — E Bronte. — A mulher baixinha deu um sorriso quase imperceptível.

— Todo Etéreo terá uma escolha — disse Bronte. — Permanecer nas novas terras Etéreas ou se juntar a nós aqui em Lightlark.

Combinava com o reino deles.

Sturm assentiu.

— Já começamos a ensinar às gerações mais novas a arte do voo, apesar de a jornada daqui até as novas terras ainda ser muito longa. Para esse propósito temos dispositivos que oferecem voo usando o vento.

Oro assentiu. Ele fez menção de se voltar para seus próprios representantes quando Azul disse:

— Tem outra coisa. Está se formando uma rebelião na ilha. Nossos espiões ouviram os sussurros, carregados pelo vento.

Oro franziu o cenho.

— O que dizem esses sussurros?

— O povo não está satisfeito com o tempo que levou para quebrar as maldições, nem com nossas decisões como governantes.

— Qual reino? — perguntou Oro.

— Todos. Pelo menos todos em Lightlark — disse ele. Seu olhar se voltou para Soren. — Sim, até mesmo os Lunares.

Rebelião. Os habitantes de Lightlark realmente tentariam derrubar Oro ou qualquer um dos outros governantes? Sem herdeiros, o domínio deles representava uma monarquia absoluta. A rebelião era fútil, pois matar um governante resultaria na morte de todos em seu reino.

As expressões de todos eram sérias, mas ninguém parecia muito surpreso. Isso fez Isla pensar que a rebelião não era um conceito novo em Lightlark.

— Planejo visitar todas as ilhas e novas terras para me dirigir diretamente ao povo — disse Oro, seus olhos encontrando os de Soren. — Espero que isso dê a todos a oportunidade de expressar suas queixas.

Ele fez um sinal para seus representantes.

— Enya, Urn e Helios irão comigo — disse ele. Os Solares não tinham um novo território; todos eles ficaram, junto com Oro, que era tanto governante dos Solares quanto rei de Lightlark. — Como muitos de vocês sabem, eles também servem à corte do Continente. Estamos focados em retomar nossa infraestrutura e rotinas normais depois de termos vivido como noturnos por quinhentos anos. — Seus olhos encontraram brevemente os de Isla antes de ele prosseguir: — Também estamos preparando nossa legião. Com as maldições quebradas, só podemos presumir que Grimshaw verá isso como uma oportunidade para atacar.

Aquilo era uma resposta à visão dela, Isla sabia. Oro estava levando o assunto a sério.

Soren franziu a testa.

— Você acredita que ele tem as mesmas ambições do pai?

O pai de Grim travou guerra contra Lightlark, Isla sabia, décadas antes das maldições. Os Umbra queriam o controle da ilha.

— Talvez — disse Oro. — Tudo o que sabemos com certeza é que os Umbra estão mais poderosos do que nunca, agora que as maldições foram quebradas e nossos reinos estão divididos. Precisamos trabalhar juntos novamente para apresentar uma frente unida.

Houve murmúrios de concordância e sussurros baixos que soaram curiosos sobre a ideia de um ataque dos Umbra.

— Falando em trabalhar juntos… — disse Soren, voltando a atenção para Isla. — Todos os Selvagens fugiram de Lightlark. Como estão as coisas no seu reino?

Depois que as maldições foram quebradas, Isla injetou poder em suas terras, para salvar seu povo enquanto se recuperava. Tarde da noite, com seu dispositivo de portal, ela os visitara em segredo.

— Os Selvagens começaram a mudar sua principal fonte de alimento. — Ela viu o desgosto estampado no rosto de Soren, o que pensou estar relacionado ao fato de que antes seu povo se alimentava de corações humanos. — Meu povo já começou a colher as próprias

safras, mas precisaremos de ajuda para alcançar uma variedade de dieta e agricultura, agora que dependemos dela. Eu…

— Quantos de vocês restaram? — interrompeu Soren.

Ela franziu a testa.

— Eu não tenho certeza. Como você sabe…

— *Não tem certeza?* — perguntou Soren, levantando a sobrancelha.

Isla sentiu seu rosto esquentar. Era uma pergunta razoável. O tipo de pergunta que um bom governante saberia responder.

— A maioria do seu povo sabe como usar seu poder?

— Não sei.

— Como estão as moradias? Qual foi a taxa de reprodução no último século?

— Terei que descobrir — disse ela entre dentes.

— Você…

— Chega — disse Oro, e virou-se para o Lunar. — Soren, tenho certeza de que Isla adoraria receber sua visita nas novas terras dos Selvagens, se você está tão curioso sobre o povo dela.

Soren parecia preferir enfiar seu garfo no olho, mas ficou em silêncio.

O olhar de Isla não deixou a mesa. Tinha um nó na garganta. A respiração estava difícil, como se seus pulmões tivessem encolhido para metade do tamanho.

Ela não merecia ser uma governante. Sabia disso há um tempo, mas as perguntas de Soren tinham destacado ainda mais sua falta de conhecimento. Poppy e Terra haviam governado o reino enquanto ela treinava para o Centenário, e agora elas tinham partido. Isla havia banido suas guardiãs.

Pela primeira vez, ela se perguntou se isso tinha sido um erro.

A representante Estelar que havia se apresentado como Maren pigarreou. Havia uma intensidade nela, uma energia que percorria a sala.

— Por séculos, fomos um mero detalhe. Algo desimportante em suas antigas vidas. Fomos tratados como descartáveis por muitos. Levados no meio da noite. Sujeitos a trabalho forçado e tortura, e às vezes a coisas piores. — Ela olhou para o rei. — Você executou aqueles considerados culpados, mas muitos passaram despercebidos. — Ela fez uma careta. — A Ilha da Estrela está em ruínas. Não consigo imaginar que a nova terra esteja indo muito melhor. — Ela olhou para Isla. — Precisamos de um governante.

Como a Estelar poderia estar olhando tão seriamente para Isla em busca de ajuda, depois de ver como ela havia acabado de descrever a condição de seu próprio reino?

Soren franziu o cenho.

— O que você está pedindo é impossível. Não se pode ser governante de dois reinos.

— Ela recebeu todo o poder de um governante Estelar — observou Azul.

Soren soltou uma risada.

— A garota não consegue nem governar o próprio reino. Agora vocês estão prontos para dar *dois* a ela?

— A *garota* tem um nome e um título — disse Oro, sua voz cortando a sala. — Você a tratará com o respeito que dá a todos os governantes, ou eu o usarei como lenha para a lareira do castelo.

Isla ficou tensa. A defesa de Oro tinha sido afiada. Ela lançou um olhar aos rostos ao redor, mas eles pareciam envergonhados em vez de suspeitos.

Os olhos de Soren brilharam, mas ele abaixou a cabeça em respeito.

— Perdoe-me, Rei.

— Não peça desculpas a mim — respondeu Oro.

A contragosto, Soren se virou para Isla.

— Peço desculpas, Governante.

Isla apenas o encarou. Ele voltou-se para o rei.

— Com todo o respeito — disse ele, seu "s" pronunciado de maneira particularmente sibilante —, não parece sábio dar tanto poder a um único governante… — Ele hesitou, considerando suas palavras. — *Você*, Rei, é o único destinado a presidir sobre múltiplos reinos.

Os olhos de Oro sobre o Lunar pareciam prestes a lançar chamas.

— Azul está correto. Ela tem todos os poderes de um governante Estelar e, permitam-me lembrar a todos, essa é a única razão pela qual os Estelares ainda estão vivos. — Ele se virou para Isla. — A responsabilidade de aceitar é dela.

Isla ficou em silêncio. Ela não podia decidir assim, naquele momento. Por mais que quisesse enfiar uma adaga nele, Soren estava certo. Ela tinha acabado de demonstrar, de forma muito pública, que não tinha ideia de como governar adequadamente um único reino, quanto mais dois. Dois dos reinos mais fracos, os mais devastados pelas maldições; os que naquele momento precisavam do maior apoio.

— Como isso funcionaria? — disse a mulher de cabelo vermelho-escuro, Enya. Sua voz era rouca e profunda. Ela avaliou Isla cuidadosamente, inclinando a cabeça para o lado. — Ela seria coroada? Anunciada oficialmente como governante? Ela já tem o poder; seria apenas uma questão de cerimônia.

— O público não vai gostar — murmurou a mulher Etérea, Bronte, embora não de maneira hostil. Ela estava simplesmente expressando um fato.

— É claro que não vão gostar — falou Maren em voz baixa. — Isso tornaria mais difícil para eles continuar nos explorando.

— O quê? — disse o Solar idoso, um pouco alto demais, parecendo genuinamente não ter ouvido.

— Isso está indo muito bem — disse Soren casualmente ao gigante Sturm, que não demonstrou qualquer reconhecimento de que alguém estava falando com ele.

— Eu disse... — começou Maren, sua voz aumentando em intensidade, frustração e raiva se formando em sua expressão.

— Eu aceito — disse Isla, levantando-se, causando uma pausa nas conversas sobrepostas.

Silêncio.

— Tem certeza? — disse Oro, mantendo o olhar sobre ela, como se fossem as únicas duas pessoas na sala.

— Sim — respondeu ela, não tendo certeza de nada além do fato de que Maren claramente sabia que Isla não era a melhor líder… e mesmo assim pedira sua ajuda. Os Estelares deviam estar desesperados. Ela não era a escolha certa para o papel, isso era evidente.

Não, isso não estava certo. Ela se *tornaria* a escolha certa.

Isla não podia rejeitá-los, especialmente depois de ter ouvido todas as atrocidades que haviam ocorrido nos últimos séculos. Quem ela seria, se ficasse parada e não fizesse nada depois de saber daquele horror? Qual seria o sentido de matar sua melhor amiga e quebrar as maldições, se Lightlark e seu povo mergulhassem no caos logo depois?

— Eu me tornarei oficialmente a nova governante dos Estelares — disse ela, encontrando os olhos de Soren. — Terei uma coroação.



ESCOLHAS

— Eu não sei governar — admitiu ela.

Azul estava sentado na frente dela no antigo bar de Juniper. As esferas de bebida atrás do balcão ainda estavam cheias. As cadeiras e mesas curvadas ainda não tinham acumulado nem uma marca de poeira. O corpo fora retirado e o sangue fora limpo, mas Isla quase podia retornar àquele dia, semanas antes, quando o encontrou morto. Com Celeste.

Aurora.

O dono do bar, que sabia manter segredos, tinha morrido por causa dela. Ele a tinha ajudado. Era um dos únicos habitantes da ilha que a tinham ajudado.

Isso a fazia querer ser melhor, digna de seu sacrifício.

— Uma declaração muito dramática a que você fez. Gostei bastante. — Azul recostou-se na cadeira, um copo de água com gás brilhando na frente dele, bolhas estourando e liberando um cheiro frutado. — Você *quer* governar, Isla?

Não. Essa foi sua primeira resposta. Mas parecia egoísta demais dizer em voz alta, então ela disse:

— Eu tenho escolha?

O governante Etéreo arqueou uma sobrancelha.

— Você *sempre* tem escolha.

Os Etéreos valorizavam a escolha acima de tudo, como evidenciado por sua democracia. Era um princípio sedutor, Isla pensou. O que ela não daria para transferir toda essa responsabilidade para outra pessoa...

— Tenho? — disse ela, sua voz soando mais áspera do que tinha pretendido. — Eu tenho o poder de governar os Estelares agora, e os Selvagens. Quem mais poderia reconstruí-los? — Azul não disse nada, então ela continuou. O silêncio dele por algum motivo a irritou, porque todas as perguntas eram reais, perguntas para as quais ela queria respostas. — Hein? Eu deveria apenas voltar para o meu quarto e deixar todos morrerem?

— Você poderia — disse ele, dando de ombros e olhando para uma unha perfeitamente manicurada. Cada parte dele estava imaculada, como sempre. — Mas você está escolhendo não fazer isso. — Ele encontrou seus olhos. — Certo?

Isla tinha pedido por aquele encontro. Tinha declarado para os nobres e representantes que haveria uma coroação. Fizera não apenas uma escolha, mas *várias*.

— Certo — murmurou ela.

Ele sorriu, mostrando os dentes perfeitos.

— Bom. Agora que isso está definido… Claro que você não sabe como governar, Isla. — A compaixão em sua voz a pegou desprevenida. — Quando eu estava na casa dos vinte anos, estava ocupado demais voando com rapazes e bebendo todo tipo de névoa para sequer pensar em alguém além de mim mesmo. — Seu sorriso ficou triste. — Quando você escolhe governar, está prometendo colocar o bem-estar e a felicidade de seu povo acima de si mesmo.

Isla franziu a testa. Tinha vergonha do quão terrível isso soava.

Ela não *queria* colocar os outros em primeiro lugar, não depois de tudo pelo que acabara de passar. Havia um limite do que alguém poderia suportar. Sua confiança tinha sido quebrada, junto com seu

coração. Não restava muito dela para dar. Queria ser egoísta com as partes que sobraram. Ela não merecia isso?

— Entendi — disse ele.

— Entendeu o quê?

Azul começou a cantarolar baixinho, e o vento pareceu imitar a canção. De alguma forma, uma corrente estava se movendo pela sala e sacudindo seu cabelo, mesmo que todas as portas e janelas do bar estivessem fechadas.

— Claro.

— Claro *o quê*?

O governante Etéreo cruzou as mãos.

— Você tem um relacionamento próximo com seus súditos Selvagens, Isla?

— Não.

— Eles não sabiam que você acreditava não ter poderes?

Ela fez que não.

— Qual era sua relação com eles?

Isla deu de ombros.

— Inexistente. Minhas guardiãs tomavam todas as decisões. Elas governavam. Por causa do meu… *segredo*… eu era mantida bem longe. Só aparecia em ocasiões especiais, à distância. — Ela mordeu a parte interna da bochecha, um hábito que faria Poppy lhe dar um tapinha no pulso com seu leque. — Se eu for honesta, eles são meu sangue, são minha responsabilidade, eu faria qualquer coisa por eles… mas são como estranhos para mim.

Azul assentiu.

— *Claro* que são — disse ele, e a maneira como validou os sentimentos dela… a compaixão em sua voz… era algo além do que ela já tinha experimentado. — E os Estelares aqui *são* estranhos mesmo. Você não se importa com eles. — Azul deu de ombros. — Você não se importa com esta ilha. — Sua voz não tinha julgamento. Seus olhos não mostravam desprezo. Azul apenas balançou a cabeça. — Como poderia? Só passou alguns meses aqui. Os piores momentos

da sua vida provavelmente aconteceram bem aqui em Lightlark. Você não tem memórias afetivas de antes das maldições, e a maioria das pessoas te odeia, por causa da percepção que têm dos Selvagens. — Tudo foi dito de forma bastante direta. Isla não sabia dizer se o tom equilibrado dele tornava as palavras menos ou mais dolorosas. — Você vai voltar para as novas terras dos Selvagens?

— Pretendo.

Ela contou a ele sobre seu dispositivo de portal e como tinha visitado o reino. Ofereceu-se para levá-lo para o novo reino Etéreo quando necessário. Os olhos de Azul apenas brilharam com curiosidade.

— Encantador. Agradeço o favor, mas o que eu quero dizer é… você vai voltar para as novas terras Selvagens para sempre?

Para sempre. A princípio, quando o Centenário terminou, Isla não conseguia imaginar ficar em Lightlark. Agora, as coisas eram diferentes. *Ela* era diferente.

— Não.

— Então este é o seu lar agora — disse Azul. — Sua *escolha*. — Ele se levantou, sua capa azul-clara se agitando em uma brisa à qual só ele parecia ter acesso. — Aprenda a amá-lo, a seus dois reinos. Cabe ao líder, não ao súdito, criar laços. — Ele estendeu a mão. — Venha comigo.

Ela aceitou sem questionar, os anéis de ambos colidindo como sinos de vento.

— Não vamos voar… vamos?

Azul sorriu.

— Você confia em mim?

— Confio — disse ela, e era a verdade.

Ela percebeu que era bobagem confiar em alguém depois de tudo. Sabia disso, mas qual era a alternativa? Se fechar para sempre? Desde o fim do Centenário ela havia sentido uma muralha endurecer ao seu redor. Se não tivesse cuidado, se tornaria impenetrável.

Ela havia pedido ajuda a Azul. O mínimo que podia fazer era se abrir para ele.

Saíram pela porta dos fundos do bar, entrando em um beco. Ele ofereceu a outra mão.

— Posso?

Ela pegou a mão dele.

E, então, estava no ar. E o voo de Azul era muito mais suave do que os de Oro.

Com o fim das maldições, a Ilha do Céu havia sido transformada. A cidade construída abaixo foi trocada pela cidade flutuante acima, assim como a maioria dos Etéreos havia rapidamente abandonado a caminhada em favor do voo. Um castelo estava aninhado confortavelmente nas nuvens, com torres apontando para o céu como penas prontas para decorar uma página em branco. Uma cachoeira caía da frente do palácio em um arco que refletia todas as cores imagináveis e terminava em uma piscina cintilante abaixo.

E todos estavam *voando*.

Parecia natural, como se o ar fosse apenas um grande espaço vazio que finalmente estava sendo aproveitado. Isla só havia visto Oro voar, e agora, Azul. Ela não esperava que houvesse tantos floreios. Voar parecia ser um pouco como caligrafia; cada um tinha sua própria assinatura. Alguns eram graciosos, tal qual Azul, ao ponto de fazer parecer uma dança coreografada. Outros eram mais como Oro, se movendo rapidamente no céu, como se estivessem andando em um conjunto invisível de pontes que ninguém mais podia ver.

Alguns não estavam realmente voando. Eles deslizavam em engenhocas com asas, usando o controle sobre o vento para alimentar as invenções.

Azul a envolveu em vento. Ela flutuava bem ao lado dele, com a mão firmemente fechada em torno de seu pulso, apenas por precaução, absorvendo tudo o que podia da melhor forma possível.

— A maldição do seu reino…

— Era uma das melhores — completou ele.

Não poder voar por quinhentos anos certamente devia ter sido terrível para uma sociedade que claramente havia estruturado o seu dia a dia ao redor dessa habilidade, mas não era tão ruim quanto morrer aos vinte e cinco anos ou comer corações para sobreviver. Isso não significava que não tinha sido mortal, no entanto.

— Azul. No dia em que aconteceu…

— Perdemos muitos dos nossos. Todos simplesmente… caíram do céu.

Isla fechou os olhos. Pensar neles caindo para a morte, sem explicação… Ela apertou o pulso de Azul com mais força.

— Voar nos é natural; até mesmo aqueles com o menor fragmento de poder conseguem voar. Aqueles que não foram habilidosos ou rápidos o suficiente para usar o vento para amortecer a queda… pereceram.

Eles tinham chegado ao castelo. Em vez de pousarem nas nuvens, o que Isla não confiava nem um pouco em fazer, continuaram flutuando, passando direto pela entrada.

O teto era inexistente. Era possível flutuar direto até ele e atravessar o palácio em um movimento suave. O edifício tinha corredores, mas não havia escadas. Para chegar aos diferentes andares e sair do átrio principal era necessário voar. Ela entendia por que o palácio havia sido abandonado após as maldições.

Isla se perguntou quantos recursos importantes os Etéreos perderam de repente, por anos, por causa da maldição. Na primeira vez que ela havia visitado a Ilha do Céu, tinha admirado o fato de o prédio mais alto da cidade ter uma torre que alcançava o fundo do castelo acima. Agora, percebia que aquela era a única maneira de eles alcançarem o que havia sido perdido. Fora necessário construir.

O ar parecia mais fino lá no alto, e estava frio o suficiente para fazer sua pele arrepiar, embora os Etéreos não parecessem se importar. Todos eles vestiam azul-claro em honra ao seu reino, com roupas muito mais sofisticadas do que ela tinha visto em outros reinos.

Vestidos não pareciam ser tão populares, o que ela imaginava ser uma escolha prática. Isla estava grata pelo seu vestido e capa serem suficientemente pesados para mantê-la coberta enquanto flutuava.

Etéreos acenavam para Azul com respeito e alegria, sorrindo e batendo em suas costas enquanto passavam por ele. A maioria também acenava para Isla. Alguns olhavam curiosos. Outros sorriam abertamente.

Eles voaram até o topo do castelo e através do teto para ver tanto ele quanto a cidade flutuante de cima. Ele apontou para as centenas de pessoas em um mercado que, daquela altura, parecia em miniatura, depois para uma cordilheira de montanhas a quilômetros de distância. A Ilha do Céu continuava e continuava, até sumir de vista.

— Eles são o meu propósito — disse Azul. — Não foi fácil deixar Lightlark após as maldições, mas meu povo votou e a maioria queria deixar o futuro incerto da ilha. Estou orgulhoso das novas terras dos Etéreos e de tudo o que criamos nos últimos séculos, mas não há dúvida de que o cerne do nosso poder está aqui. — Ele respirou fundo, como se pudesse sentir o cheiro, saborear e sentir aquele poder pulsando por toda a ilha, então a olhou. — Não posso te ensinar a governar, Isla. Você precisa descobrir sozinha. Tudo o que sei é que coloco os interesses e o bem-estar deles muito acima dos meus. Todos os dias. Foram eles que me mantiveram seguindo em frente, mesmo na dor. — Ele a olhou de soslaio. — Agora que as maldições acabaram, haverá pressão para que você tenha um herdeiro.

Isla virou a cabeça para encará-lo.

— O quê?

— Seu povo vai querer garantir o futuro. — Ele suspirou. — Muitas precauções foram tomadas nas últimas centenas de anos para garantir a segurança dos governantes. Meu povo votou para que eu quase sempre estivesse cercado por uma legião, para minha proteção. Não me era permitido viajar para outras novas terras.

Isso fez as viagens de Isla com a varinha estelar parecerem ainda mais imprudentes. Por um momento, ela começou a entender por que

Poppy e Terra haviam sido tão rigorosas.

Isla não queria ter um herdeiro.

Ela não estava pronta. Isso a tornava horrível? Ainda mais egoísta?

Também não queria passar o resto da vida isolada e fortemente protegida, sabendo que sua morte significaria o fim de todo o seu povo…

— Há outras formas de ter um herdeiro, além da maneira óbvia — disse Azul. — É possível para governantes transferirem o poder, através de um vínculo de amor, ou de relíquias especiais. — *Como o vinculador*, Isla pensou. — O custo é alto, no entanto. Transferir permanentemente a habilidade encurta significativamente a vida de um governante.

Isso também não parecia ser uma opção viável. Ela mal tivera uma vida. Queria poder vivê-la.

— Parece que você está prestes a vomitar — disse Azul.

— É a altura.

Azul grunhiu como se soubesse a verdade.

— É uma honra governar, mas nem sempre um prazer, Isla. — Ele apertou a mão dela. — Vá, visite seu povo. Enfrente-os. Seja honesta com eles. Você é a governante. Quer se considere digna ou não, você é tudo o que eles têm.

Isso, Isla decidiu, era o que ela mais temia.



COROAÇÃO

Restavam menos Selvagens do que ela pensava.

Meses antes, ela havia se dirigido ao seu povo. Agora, apenas uma fração permanecia. Eles pareciam fracos. Havia detalhes que Isla não havia notado antes, quando estava tão focada em sua jornada para o Centenário. Agora, via os sinais claramente. Uma mulher com cabelo curto, cortado de forma grosseira, usava uma blusa rasgada que revelava costelas muito visíveis. Outra parecia pálida demais, lábios rachados, rosto sem cor. Eles haviam aprendido a produzir comida suficiente; Isla mesma vira. Supunha que levaria algum tempo para a alimentação consistente torná-los saudáveis novamente.

Alguns detalhes eram os mesmos. Parte de seu povo tinha companheiros animais próximos, assim como no dia em que ela partiu. Selvagens eram conhecidos por sua afinidade com criaturas. Poppy tinha um beija-flor que voava ao redor de seus cabelos. Terra tinha uma grande pantera.

Isla sempre desejara um companheiro animal. Isso teria tornado sua vida bem menos solitária.

Terra sempre dizia não.

Isla abriu a boca para falar. Antes que pudesse, eles fizeram algo que ela não poderia esperar. Que ela não merecia.

Um por um, eles se curvaram.

— Não, eu…

Eles nunca tinham feito aquilo antes. Isla nunca havia exigido. Não era algo ao qual estava acostumada.

Ela não gostou. A ansiedade pulsava em sua pele, e Isla queria berrar que eles deveriam estar gritando com ela, xingando, dizendo tudo o que ela havia feito de errado até aquele ponto. Parecia que ainda estavam *morrendo*. Ela era um fracasso, não uma heroína.

Isla deu um passo para trás, as palavras presas na garganta, quando uma mulher com uma capivara ao lado disse:

— Você quebrou as maldições. Fez o que todos os outros governantes por séculos não conseguiram fazer.

Ela franziu a testa.

— Como você sabe disso? Como você… como sabe?

— Terra nos contou.

Terra? O nome foi como uma adaga no peito. Como suas guardiãs sabiam que tinha sido ela a quebrar as maldições? Por que Terra tinha contado a eles, depois de ter sido banida?

Terra havia desafiado a ordem de Isla? Ainda estava ali, nas novas terras?

— Onde Terra está agora? — perguntou a mulher. — Ela estava aqui… e então desapareceu. E Poppy?

Não. Não estavam mais ali.

— Eu não sei — disse Isla sinceramente. Ela pensou em contar a eles sobre o banimento, mas primeiro precisava descobrir sua lealdade. Seriam leais a ela… ou às guardiãs que haviam praticamente governado os Selvagens desde seu nascimento? — Por favor, levantem-se.

Ela contou tudo a eles. Que acreditava ter nascido sem poderes. Que tinha um dispositivo que a permitia viajar entre portais quando queria. Que agora ela tinha o poder Estelar. Quando terminou, disse:

— Eu não tenho sido uma boa governante. Não sei das suas dificuldades. Falem com sinceridade, por favor. Sei que devem ter perguntas. Façam-nas. Digam-me do que precisam.

Algo piscou em sua visão. Isla virou-se e, por um breve segundo, viu Grim parado entre a multidão, observando-a.

Ela congelou. O pânico invadiu seu estômago.

Uma piscada e ele tinha desaparecido.

Alguém fez uma pergunta e ela não ouviu.

Isla balançou a cabeça.

— Desculpe, o que você disse?

Seus ouvidos estavam zumbindo. Primeiro, a visão no Palácio de Espelhos. Depois, a voz dele em sua cabeça. Agora, ela estava vendo-o… O que viria a seguir?

O que havia de errado com ela?

— Eu perguntei o que está acontecendo na ilha.

Ela se perguntou o quanto deveria contar.

— Há incerteza em Lightlark no momento. Os reinos estão divididos. Há sinais de rebelião. Também temos motivos para acreditar que os Umbra podem tentar atacar Lightlark, como fizeram no passado. — Ela tentou sorrir. — Uma vez que tudo isso seja resolvido, espero tê-los de volta em Lightlark um dia. Esta tem sido nossa casa por cinco séculos, mas ela está enfraquecida. Lightlark sempre foi nosso lugar.

Houve alguns murmúrios, mas ninguém a contradisse. Ela esperava que isso fosse um bom sinal.

Respondeu às perguntas da melhor maneira que pôde, depois procurou uma mulher que usava flores roxas, a cor da liderança, na ponta do cabelo. Ela era alta, de pele clara, cabelos escuros e olhos penetrantes. Seu nome era Wren, e Isla descobriu que ela liderava uma das aldeias maiores nas novas terras.

— Por que algumas pessoas estão afastadas das outras? — perguntou Isla.

Seu povo não estava tão unido como parecia meses atrás. Alguns estavam agrupados, mas outros permaneciam à margem.

Wren olhou para ela por um momento.

— Não quero faltar com respeito — disse ela. — Mas você não sofreu a maldição. Não sabe como é ter que matar outros por comida. Passar fome porque simplesmente não havia o suficiente. — Ela balançou a cabeça. — A maioria de nós fez coisas para sobreviver das quais não nos orgulhamos.

Lágrimas queimaram os olhos de Isla. A vida inteira, ela pensara que era horrível ficar trancada em seu quarto e treinar tão rigorosamente. Isso não era nada comparado ao que seu povo havia passado; sabia disso agora.

— Do que vocês precisam? Como posso ajudá-los?

Wren apertou os lábios.

— Aos poucos, aprendemos a produzir comida. Tem sido bom para nós, acho, descobrir as coisas por conta própria. Qualquer desafio agora… é apenas uma sombra do que enfrentamos.

— Vocês devem precisar de algo — disse ela. — Alguns de vocês ainda parecem famintos. Posso trazer mais comida. Trazer pessoas para ensinar a cultivar outras colheitas ou ajudar a reconstruir casas. — Ela tinha visto o estado das aldeias durante suas viagens com a varinha estelar. Alguns prédios tinham resistido ao teste do tempo, outros haviam caído em pedaços. — Posso…

Wren a interrompeu.

— Como estão os Estelares?

— Não sei. Eu perguntei, mas ainda não visitei as novas terras ou a ilha.

— Ajude-os — disse Wren. — Somos engenhosos. Mais velhos. Eles são tão jovens. Precisam de você mais do que nós. — Ela sorriu tristemente. — Isso ajudaria. Com a culpa. Saber de alguma forma que estamos ajudando outro reino, em vez de…

Matá-los.

Isla assentiu.

— Vou voltar. Com ajuda e recursos, depois da minha coroação.

Wren assentiu.

— Estaremos esperando.

Sinos tocaram à distância. O ar era cortante devido à maresia e ao cheiro de mel queimado da feira que tinha surgido na base do castelo, todos os carrinhos cheios de variedades de sementes torradas e bandas segurando seus instrumentos, mas sem tocá-los, pelo menos por enquanto.

Isla ficou no topo da escada, logo além da sombra das portas, fora da vista das milhares de pessoas esperando abaixo.

Era o dia da coroação Estelar, e parecia que todos em Lightlark estavam presentes.

Bem, quase todos.

— Nem sinal dos Lunares — Ella disse baixinho atrás dela, porque Isla havia pedido que ela olhasse. A jovem Estelar tinha sido sua assistente designada durante o Centenário. Agora, Isla a empregava para ser seus olhos e ouvidos onde quer que ela não pudesse ver ou ouvir.

Os sinos pararam de tocar. Era hora.

Isla deu um passo à frente.

Fios de contas prateadas compunham um vestido que parecia luz estelar tecida. Sua capa brilhava em ondas atrás dela enquanto descia as escadas.

Ainda era um choque exibir uma cor que ela só havia se atrevido a usar em suas excursões proibidas para além do próprio reino. Parecia errado, tudo parecia tão *errado*, como se ela tivesse tirado a vida de sua amiga, roubado dela o prateado e colocado em si mesma.

Será que era isso que aquelas pessoas pensavam? Que ela tinha matado Celeste — Aurora — pelo poder?

Isla olhou para a multidão em busca de respostas, estômago tenso, preparado para o perigo. Seus rostos eram um mosaico de surpresa, curiosidade, ódio, repugnância, apreensão, sarcasmo…

Respira.

Isla deu mais um passo e seu pé quase errou o degrau. Por um instante, ela contemplou segurar o vestido e correr de volta lá para cima, trancando-se em seu quarto e indo a qualquer lugar, *qualquer lugar*, com a varinha estelar.

Ela não era digna de nada disso. Não merecia governar ninguém. Ela nem mesmo se conhecia. Parte de seu passado estava faltando, e aquela pessoa, a que supostamente amara um Umbra, parecia uma estranha. Ela estava triste o tempo todo, e todas aquelas emoções suprimidas nas profundezas mais densas de si mesma, ela sabia, um dia dominariam todo o resto e escapariam...

Então ela sentiu: um fio de calor a estabilizando. Era mel em seu estômago, um raio de sol apenas para ela.

Ele. Encontrou os olhos de Oro. O rei era seu destino. Estava imponente e orgulhoso e dourado, na base das escadas. Havia uma coroa prateada em suas mãos.

Ele a olhou como se estivessem apenas os dois ali, sem multidão, sem coroas.

Ela deu mais um passo. Outro. Até parar na frente dele.

Oro não disse nada. Não precisava. Ela conseguia ler mil palavras em seus olhos âmbar, como "Você consegue. Pode contar comigo".

Nos últimos dias, ela o tinha evitado, sabendo que ele faria com que começasse o treinamento. Isla estava envergonhada. Seu povo precisava que ela fosse forte. Ele só queria mantê-la segura.

Oro ergueu a coroa bem acima da cabeça de Isla, sem perder tempo, sabendo que ela queria que a coroação terminasse o mais rápido possível.

— Como rei de Lightlark, eu a nomeio, Isla Crown, governante dos Estelares.

Ele colocou a coroa em sua cabeça. Estava feito.

Houve um estrondo.

Oro tinha se virado para falar com seu povo, mas parou, franzindo de leve as sobrancelhas.

Murmúrios nervosos se espalharam pela multidão. Houve um segundo de imobilidade, a ilha se endireitando, e as pessoas se calaram, sua curiosidade momentânea esquecida na mesma hora. Mas Isla observava Oro, e a expressão dele permanecia a mesma. A mão dela se aproximou da lâmina na cintura.

Antes que seus dedos alcançassem o cabo, a ilha se abriu.

O chão sob seus pés se dividiu como uma boca gritando. Ela teria sido engolida se não estivesse na borda, em uma parte que se ergueu como um dente afiado. Seu corpo foi lançado para trás com a força; ela fechou os olhos. A dor na lateral de seu corpo foi o único sinal de que ela tinha atingido o chão.

Gritos cortaram o ar enquanto uma cicatriz rasgava os degraus do castelo em um movimento ondulado, pedras desmoronando e caindo.

Todos os sons foram abafados pelo guincho.

Criaturas aladas e monstruosas uivavam enquanto avançavam pela fenda aberta.

Seus pescoços eram curtos, as patas, longas. Os rabos quase inexistentes. Sua anatomia era quase humanoide, exceto por seus rostos, que eram puramente reptilianos; as escamas negras, assim como suas asas.

Em instantes, estavam em todos os lugares.

Dezenas das criaturas deram rasantes, mirando a multidão. Isla ergueu a mão, como se fosse algum tipo de escudo contra os dentes que se projetavam das bocas das bestas como lâminas.

Antes que as criaturas pudessem alcançá-los, um manto de chamas irrompeu, formando uma barreira. *Oro*. O calor foi escaldante, fazendo as roupas de Isla fumegarem. Quando o fogo recuou, as criaturas haviam desaparecido, reduzidas a uma chuva de cinzas. Dezenas tinham sido mortas.

Antes que qualquer um pudesse correr para se proteger, mais criaturas surgiram.

A cicatriz tinha que ser fechada. Os monstros estavam se multiplicando em investidas intermináveis, se espremendo através da

abertura. Gemendo, Isla se ergueu sobre os braços.

Oro estava de joelhos, inclinado, segurando a lateral do corpo. Qualquer ferimento na ilha também o machucava. Devia ter sentido como se também estivesse sendo rasgado. Com o rosto contorcido de dor, ele levantou a mão e criou outra barreira, mas as criaturas fecharam as asas em resposta, transformando-se em flechas afiadas, as garras na frente como lâminas. Com gritos que ameaçavam quebrar o céu, elas arrombaram a esfera protetora...

E se banquetearam com o povo.

Ossos se quebraram, sangue foi espirrado, membros foram arrancados. As criaturas não paravam, indiferentes às chamas dos Solares, às faíscas dos Estelares ou ao vento dos Etéreos. Suas garras rasgavam carne tão facilmente quanto espadas em areia.

Azul disparou para o ar, com uma legião de Etéreos ao seu redor. Eles lutaram com rajadas de vento, derrubando as criaturas do céu ou arremessando-as contra a ilha até que ficassem imóveis. Solares empunhando espadas envoltas em chamas protegiam as pessoas encolhidas atrás dos carrinhos na feira. Todos os habitantes da ilha revidaram, mas muitos não eram páreo para as criaturas, cujas peles resistiam à maioria dos usos de poder. Antes que pudessem mudar de estratégia, a maioria foi rasgada ao meio por poderosas mandíbulas. Alguns habitantes pararam de usar suas habilidades completamente, pois isso os marcava como alvos, e se jogaram no chão ou correram.

Assim como no baile, meses antes, Isla assistiu a tudo se desenrolar, uma espectadora impotente. Não. Eles podiam odiá-la, aquele lugar poderia nunca lhe parecer um lar, mas ela tinha que fazer algo.

Isla se levantou com pernas enfraquecidas, sangue quente em seu rosto. Colocou a mão sobre o coração. O coração que tinha sido partido por uma flecha. Que fora curado pelo próprio coração de Lightlark, aquele que estava ligado à habilidade de Oro.

Um coração que a havia decepcionado vezes demais.

— Por favor — sussurrou ela, os olhos em Oro, que alternava entre matar enxames de monstros que atacavam seu povo e tentar fechar a

cicatriz por onde as criaturas aladas ainda saíam em massa.

Ela podia ajudá-lo. O poder dos Selvagens incluía controlar rochas e terra. Se conseguisse captar um pouco desse poder, poderia ajudar todos eles.

Isla fechou os olhos e se concentrou em sua respiração.

Nada.

Ela esticou a mão trêmula.

— *Vamos lá.*

Nada.

Os poderes com os quais nasceu estavam entrelaçados, tornando mais difícil acessá-los. No entanto, suas habilidades de Estelar, não. Elas estavam ali, logo abaixo da superfície. Isla as convocou.

Nada aconteceu.

Talvez pudesse se concentrar na ligação entre ela e Oro. Usar o poder *dele*. Ela olhou para o rei, cujos braços tremiam de esforço, abertos.

Ela sentiu. Tentou agarrar. *Nada.*

Isla balançou a mão em direção ao corte no chão, imaginando que o tapava com gelo ou rocha queimada ou energia, desejando com todas as suas forças que ele se fechasse.

— Vamos! — gritou ela.

Nada.

Seu grito havia atraído a atenção da criatura alada mais próxima. O bicho abriu a boca e um braço decepado caiu no chão.

Então ele se lançou sobre Isla.

Isla não teve chance de gritar ou tentar usar o poder novamente. Com apenas um bater de asas, a criatura estava bem acima dela. Viu o monstro exibir os dentes, abrir sua mandíbula enorme.

A apenas um centímetro de engolir sua cabeça por completo, a criatura parou. Suas asas moveram-se lentamente enquanto ela fechava a boca e abaixava o rosto, como se estivesse inspecionando Isla.

Ela não sabia por que, mas estendeu a mão na direção do bicho até as pontas de seus dedos roçarem o espaço entre seus olhos, olhos totalmente conscientes.

A criatura piscou e, em seguida, abriu a boca novamente.

E gritou. O som quase estourou seus ouvidos e tudo ao seu redor se abafou. Ela trincou os dentes, se preparando para ser devorada viva.

Mas a criatura apenas virou a cabeça e foi embora, com outro grito.

As outras a seguiram.

Isla as observou fugindo para o horizonte, calculando a direção para a qual estavam indo. Umbra. Elas estavam indo em direção aos Umbra.

Não. Ela se lembrou da visão no Palácio de Espelhos… Grim atacando com sombras que matavam tudo em seu caminho. Ela havia se convencido de que era um produto de sua imaginação, mas…

Talvez fosse real.

Quando as criaturas eram apenas um borrão ao longe, Oro já havia fechado a abertura no chão. Gritos ainda perfuravam o ar, junto com o cheiro metálico de sangue. O fundo da garganta de Isla ardia com a inalação das cinzas. Os feridos… suas feridas não pareciam normais. A pele parecia devastada pelas sombras. As lesões cresciam, se moviam, lentamente decompondo tudo em seu caminho.

— Você fez isso.

A voz soou sufocada, distante. Isla se virou. Uma mulher estava parada em um mar de corpos, não muito longe, apontando o dedo diretamente para ela.

— O bicho não atacou Isla. Ela estava se comunicando com ele!

Ela deu um passo para trás.

— O quê? Eu não…

Um homem se juntou à mulher.

— Eu vi. Ela é aliada dos Umbra, não é? — Isla balançou a cabeça. — Essa cerimônia foi armada para que pudéssemos estar todos aqui de uma vez. Para que os monstros pudessem nos atacar.

— Não, claro que não — disse ela, mal ouvindo a própria voz, dando outro passo para trás.

Ninguém a estava ouvindo.

O coração de Isla estava batendo rápido demais; ela estava hiperventilando, e ainda assim nenhum ar parecia chegar aos seus pulmões, e de repente ela estava tonta.

— Chega.

A palavra foi uma ordem e silenciou a multidão. Azul desceu dos céus, pousando em um agachamento que sacudiu o chão com poder. Ele segurava a cabeça de uma das criaturas em uma de suas mãos, um corte limpo feito pela espada em sua cintura, que pingava sangue escuro. Ele se virou para olhar Isla por apenas um instante e ela temeu que seu rosto estivesse cheio de suspeita, mas ele parecia apenas curioso.

Uma mão quente como fogo segurou seu ombro. Ela se virou para ver Oro, examinando seu rosto, observando-a, verificando se havia ferimentos graves. Somente quando ele pareceu satisfeito, se virou e começou a dar ordens aos berros. Isla mal conseguia ouvir uma palavra que saía da boca dele. O mundo havia começado a girar. Em resposta a um dos ditames de Oro, Azul voou do que restava dos degraus na direção das ilhas.

— Elixir dos Selvagens — disse ela para si mesma, sabendo que assim poderia ajudar.

Pessoas estavam morrendo ao seu redor, elas precisavam ser curadas. Ela nunca tinha visto ferimentos como aqueles, mas o soro de cura nunca lhe havia falhado. Se conseguisse pegar a varinha estelar, poderia se transportar para as novas terras Selvagens e pegar mais. Ela seguiu até os degraus, evitando por pouco a cicatriz fechada, caminhando sobre os corpos das criaturas que Oro havia matado. Elas estavam carbonizadas e soltando vapor.

Nem chegou às portas do castelo. No topo dos degraus, Isla caiu de joelhos. Suas pernas haviam ficado dormentes. O pânico a envolveu.

Ela não conseguia respirar. Sangue. Em todos os lugares. Tantos mortos. Ela não tinha conseguido salvá-los.

Se não tivesse sido tão egoísta, tão fraca... Se tivesse começado a treinar, como Oro tinha insistido, poderia ter ajudado, não teria sido tão inútil.

Ela pensou em sua visão novamente e na voz de Grim. *Volte para mim*, ele tinha dito. Era isso que ele queria.

As criaturas foram claramente convocadas por Grim. Havia uma razão para não a terem machucado.

Sua respiração estava difícil. Ela ouviu Ella chamando seu nome, tentando levantá-la. Seus olhos se fecharam e tudo o que ela via em sua mente era a mulher apontando para ela, acusando-a de ser a causa de todo aquele sofrimento.

Isla não conseguiu afastar o pensamento de que talvez ela estivesse certa.



INSÍGNIA

A insígnia brilhou fraca, como se sussurrando boas-vindas. Isla não havia pisado na marca desde o dia em que chegara pela primeira vez à ilha. O símbolo era simples, um círculo que continha ilustrações representando todos os seis reinos. Aquele era um lugar neutro no Continente para encontrar pessoas e conversar, com o castelo de guarda, feito um grande monstro de pedra, torres e muralhas de fortaleza.

Isla se remexeu sobre a rosa dos Selvagens. Oro estava do outro lado, no sol. Azul estava sobre o raio de um relâmpago.

Cleo emergiu em uma onda estrondosa, direto do oceano. A espuma do mar ainda formava poças aos seus pés.

A última vez que Isla a tinha visto, Cleo havia tentado matá-la.

A Lunar se virou para encará-la e seus olhos brilharam, como se ela estivesse saboreando o mesmo pensamento. Seu vestido branco tinha uma gola alta e mangas que iam até o chão, cobrindo o desenho da lua.

Fosse qual fosse a expectativa de Cleo em relação a Isla, ela claramente estava desapontada, porque franziu a testa e se virou para Oro.

— Como, exatamente, ela os fez parar? — A voz de Cleo cortou o silêncio e uma onda se elevou atrás dela, como se quisesse acompanhar a subida de tom. Ela comandava os mares. Toda a água do mundo se curvava diante dela.

— Eu estou bem aqui — disse Isla. Era mais do que capaz de falar por si mesma.

Cleo apenas mudou levemente de direção para encará-la de novo e abriu um sorriso falso.

— Como *você*, que costumava não ter poderes e agora é todo-*poderosa* — a governante fez até a palavra "poderosa" soar patética quando dizia respeito a Isla —, impediu os dreks?

Dreks. Era esse o nome deles?

Como Cleo conhecia as criaturas?

Bom, ela deveria pensar em uma resposta para a pergunta, se estava insistindo em ser a pessoa a respondê-la. Engoliu em seco.

— E-eu não sei. Eu toquei nele.

Cleo disse cada palavra como se fosse uma frase separada.

— Você tocou nele.

— Sim — disse Isla entredentes.

A Lunar virou-se novamente para Oro.

— Quantos mais você quer que nós curemos? — perguntou ela ao rei, e Isla entendeu que tinha sido dispensada.

Quarenta e cinco pessoas estavam mortas. Muitas outras ainda lutavam por suas vidas. Ela havia conseguido elixires de cura dos Selvagens nas novas terras, mas eles precisavam de mais ajuda. Oro havia convocado Cleo por intermédio de Azul, e ela não tinha se apressado em chegar ao palácio.

— Cinquenta e quatro estão em estado crítico — disse Oro.

— Nós forneceremos curandeiros.

Oro assentiu.

— Você visitou a oráculo, suponho. Conseguiu acordá-la?

A oráculo estava na Ilha da Lua e raramente escolhia descongelar. A Lunar balançou a cabeça em negativa.

Oro saberia se ela estivesse mentindo.

— Todos nós sabemos que isso provavelmente foi um ataque dos Umbra. Precisamos que nossos reinos se unam. Qual a sua posição? — questionou ele.

— Ainda não decidi se fico ou vou embora.

A expressão de Oro não mudou um centímetro. Não estava surpreso.

— Qual o verdadeiro propósito da sua frota naval?

— Proteger os interesses dos Lunares quando eu tomar minha decisão.

— Decida logo — disse Oro. — Este não é o momento para fugir para suas novas terras.

Azul interveio.

— Cleo, você não está de fato considerando partir.

Cleo virou-se rapidamente para encará-lo, seu vestido, que se movia como líquido, formando uma poça branca sob seus pés.

— Já dependemos demais desta terra, e por muito tempo. As maldições estão quebradas. Pode ser uma oportunidade de crescer. Talvez a ilha deva mesmo perecer.

Azul a encarou, incrédulo.

— Se Lightlark perecer, os reinos irão com ela. Nosso poder é mais forte aqui. Nosso futuro está aqui.

Isla lembrou-se do que Azul havia dito durante o Centenário; Cleo não havia comparecido ao anterior.

Aquilo não era uma decisão repentina. Cleo pensava em partir há muito tempo. Por quê? Não fazia sentido.

Os olhos de Oro estavam muito sérios.

— Se entrarmos em batalha com os Umbra, de que lado você estará?

Deixar Lightlark pelas novas terras dos Lunares era uma coisa… escolher ficar contra ele era outra.

Cleo ergueu a cabeça. Seu queixo apontava na direção do rei, afiado como seu tom.

— Do lado vencedor.

Uma onda de trinta metros se chocou contra o penhasco, derramando-se sobre sua borda, diretamente sobre a governante Lunar.

Quando a água recuou, ela havia desaparecido.

Os curandeiros Lunares nunca tinham visto nada parecido com as feridas dos dreks. Eles conseguiram retardar a deterioração da pele, mas, no final, os elixires Selvagens eram os únicos capazes de remover as marcas completamente. Isla se transportou de volta para suas novas terras várias vezes ao longo da noite, e seu povo voluntariamente doou as próprias reservas do elixir. Estavam chegando ao fim, com apenas um pequeno lote das flores raras.

A maioria das pessoas foi salva. O restante sucumbiu aos ferimentos. Isla caminhou devagar até seu quarto, Oro ao seu lado. A lua os seguia através das janelas enquanto subiam as escadas do castelo.

Ela se apoiou na porta quando chegaram ao seu quarto.

— Cleo chamou as criaturas de dreks. Você já tinha ouvido falar deles?

— Não. Os Lunares sempre valorizaram suas histórias e historiadores. Ela pode ter lido sobre eles.

Oro estava analisando Isla novamente. Ela o havia pegado fazendo isso a cada poucos minutos desde o ataque. Era como se precisasse constantemente se assegurar de que ela não estava ferida.

— Estou bem — disse ela gentilmente.

Isla olhou para si mesma e fez uma careta. Estava coberta de sangue que não era dela, depois de ajudar os curandeiros.

— Eu sei — respondeu ele, mas sua testa continuava franzida. A preocupação estava entalhada em cada um de seus traços, e Isla sabia que não era apenas por ela.

— Você fez tudo o que pôde — disse ela, estendendo a mão para tocar seu rosto, porque era conhecida por dar muito mais crédito aos

outros do que a si mesma. Seus dedos estavam cobertos de sangue e ela baixou a mão antes que chegasse à bochecha dele. — Aquelas criaturas…

Oro fechou os olhos. Ela apostaria que ele estava revivendo os eventos em sua mente. Quando os reabriu, ela viu culpa em sua expressão. Ele se culpava por cada morte.

Isla queria afastar aquela dor dele. Queria pensar em qualquer coisa que pudesse fazê-lo se sentir melhor. Antes que pudesse dizer algo mais, ele roçou os lábios no topo de sua cabeça e disse:

— Boa noite, Isla.



INSURGINDO

Era o meio da noite quando as portas da varanda do quarto de Isla se abriram. O oceano se ergueu como uma mão e a arrastou para fora da cama.

Ela soltou um grito de choque, a água salgada queimando sua garganta, nariz e pulmões. Com a camiseta embolada, sua barriga raspou no terraço de pedra, e ela teve bom senso suficiente para se agarrar às colunas da varanda, mas o mar era muito forte. Ele a puxou centenas de metros para baixo, diretamente para suas profundezas.

Ela sufocou com pulmões cheios de água, certa de que ia morrer, até que sua visão ficou escura. Quando voltou a enxergar, estava de joelhos, ouvindo a palavra "Agora", e então a água foi puxada de dentro dela tão rapidamente quanto havia sido inalada, o sal queimando sua garganta.

O teto alto era de pedra. Estalactites pendiam do topo, afiadas como pingentes de gelo. Ela estava debaixo da terra. Ninguém ouviria seus gritos. Seus olhos ainda ardiam com a água do mar, mas ela piscou freneticamente, apesar da dor, procurando uma saída. Sombras brilhavam por todo lado e de repente seus sequestradores entraram em

foco. Eles usavam máscaras — monstruosas máscaras vermelhas que escondiam completamente seus rostos.

Seu sequestrador e a pessoa que a havia revivido eram claramente Lunares; tinham que ser, para utilizarem o mar como haviam feito. Os demais não eram.

Isla avistou o cabelo azul de um Etéreo. As madeixas douradas e vermelhas de um Solar. Nenhum Estelar à vista. Suas roupas eram todas da mesma cor: bege. Uma cor que ainda não havia sido oficialmente reivindicada por nenhum dos reinos.

— Você tem certeza? — Ela mal conseguiu distinguir as palavras de uma voz abafada. — Talvez, se esperássemos…

— Não tempos tempo — disse outra voz, mais alta. — O ataque dos dreks é só o começo. Vamos fazer agora.

A princípio, a mente de Isla fora direto para Cleo, mas naquele momento ela se perguntou se os rebeldes que Azul havia mencionado no jantar estariam por trás daquilo. Será que achavam que ela era responsável pelos dreks? Seria por isso que a estavam machucando? Isla abriu a boca para dizer qualquer coisa, mas sua garganta estava machucada. Nada saiu.

Ela não tinha armas. Já estava coberta de sangue, sua barriga em carne viva, sal grudado nas feridas. Se suas mãos não estivessem amarradas às costas, ela poderia alcançar seu colar invisível, apertar a pedra e ver Grim transformar todos eles em cinzas.

"Se precisar de mim, toque nisso", ele havia dito quando deu o colar a ela.

O fato de ela estar até mesmo considerando a opção a preocupava.

Isla deveria ter ouvido Oro desde o início. Sua vida não era dela.

Será que nenhum deles era Estelar? Por que eles desejavam sua morte, quando isso significaria a morte de tantos outros? Ela teve ânsia de vômito novamente.

— Não se mova — ordenou alguém enquanto alguns no grupo se aproximavam. Ela os viu chegando perto e contou na cabeça seus últimos segundos de vida.

Mãos frias agarraram sua pele irritada...

O mundo explodiu.

Ao ser tocada, a energia saiu de Isla em uma onda, como o que acontece ao se jogar uma pedra em um lago calmo. O poder irrompeu em todas as direções, jogando longe todos ao seu redor. Ela ouviu o som de ossos se quebrando enquanto alguns eram catapultados contra as paredes de pedra. Gritos. Ela viu o vermelho das máscaras misturado com sangue.

Alguém havia sido jogado diretamente em uma estalactite, que perfurou sua cabeça.

— Eu não… — Sua voz era quase um sussurro.

Não pretendera machucá-los, mesmo que eles claramente tivessem a intenção de machucá-la. Isla não esperou para ver se eles se recuperariam. A energia havia rasgado suas amarras. Ela correu.

Os túneis estavam escuros e úmidos; ela ouvia o estrondo do mar em algum lugar próximo. Havia várias direções, mas Isla fez uma escolha e continuou, finalmente saindo em uma subida. Ela precisava alcançar a superfície. Os rebeldes… eles estavam logo atrás dela? Isla não parou para ouvir. Pedras afiadas machucavam seus pés descalços até que tudo começou a ficar dormente. Suas roupas estavam encharcadas de sangue, o tecido grudava em suas feridas.

Justo quando ela se perguntou se ficaria presa para sempre sob Lightlark, encontrou um caminho tão vertical que teve que escalá-lo com as mãos e joelhos. Uma porta de madeira, menor ainda do que a de um armário, estava no topo.

Isla irrompeu por ela em uma loja abandonada, coberta de teias de aranha, poeira e vidro quebrado. Alguns dos cacos cortaram seus pés enquanto ela corria pela porta, saindo para um dos cantos esquecidos da praça. O porto estava à sua esquerda. Ela viu os navios destruídos, alguns tombados, e outros que não passavam de um amontoado de madeira.

Avançar. Ela precisava descer até o centro do mercado. Por um momento, seus dedos se aproximaram do colar, sua mente voltando à

ideia.

Os rebeldes podiam estar atrás dela. Grim os destruiria em um instante.

Um arrepio percorreu sua espinha. Esse era o problema.

O que havia de errado com ela?

Isla baixou a mão e correu pela estreita rua de pedra, passando por lojas há muito fechadas.

Já estava tarde e as ruas, vazias, exceto por um guarda Solar em patrulha. Quando ele a viu, seus olhos se arregalaram em alarme, e Isla se perguntou se deveria ter medo. Ele poderia estar trabalhando com o grupo que a havia capturado? Afinal, alguns dos sequestradores eram Solares.

Antes que pudesse se preocupar por muito tempo, o guarda retirou sua capa dourada e a colocou sobre os ombros de Isla. Só então ela percebeu que estava vestindo suas roupas de dormir encharcadas, seu corpo quase completamente visível por baixo delas.

A capa estava quente e Isla se acomodou no chão, enrolada nela, enquanto o pânico se espalhava ao seu redor, com mais guardas Solares sendo chamados. Alguém gritou para alertar o rei.

Ela sabia que Oro tinha recebido a notícia quando uma onda de calor atravessou a ilha.

Quando Oro a encontrou, tremendo e com a pele em carne viva, pareceu querer derrubar toda a ilha. O chão sob os pés de Isla tremeu enquanto ele dizia, de forma muito calma:

— Quem fez isso com você?

Quando ele terminou de destroçar a casa abandonada, os rebeldes já tinham ido embora. Ele havia ordenado que seus guardas vasculhassem os túneis, e eles encontraram centenas de passagens que ninguém sabia oficialmente que existiam.

Agora, na sala do trono, todos estavam calados de medo. Isla nunca tinha visto Oro tão irritado. A única pessoa que se atrevia a olhar para ela era Soren.

— Cometeram traição — disse Oro, seus olhos puro fogo.

A voz dele ecoou pela sala. Oro estava em frente ao trono, dirigindo-se a um salão cheio com todos os nobres e representantes da ilha. Azul estava ao seu lado, um pouco abaixo nos degraus.

Isla estava ao lado dele. Sua pele tinha sido esfolada; partes de sua barriga precisaram do elixir selvagem para se remendar. A água salgada tornara a dor insuportável. Cada movimento do tecido de seu vestido, mesmo agora, era torturante, mas Isla queria estar ali, na frente deles, como uma demonstração de força.

— Uma governante foi atacada. Que fiquem sabendo que qualquer um que for encontrado associado a esse grupo de rebeldes será pendurado nos penhascos da Baía dos Dentes.

Era uma morte torturante, de acordo com Azul. Criaturas marinhas do tamanho de alas do castelo viviam lá, em águas tão profundas que diziam que ninguém jamais foi capaz de ver o fundo.

— Qualquer ressentimento em relação ao reino Selvagem acaba agora. Uma Selvagem quebrou suas maldições. *Esta* Selvagem é a razão pela qual Lightlark ainda está de pé. Vocês vão tratar a ela e ao reino dela com respeito ou vão encontrar outro lugar para viver.

Os representantes rapidamente saíram da sala do trono quando o rei terminou de falar. Soren foi o último a sair, e Isla teve a sensação desconcertante de que ele ia falar com ela. No final, ele simplesmente virou-se e saiu.

Azul se aproximou, com dois guardas atrás dele.

— Estes são Avel e Ciel — disse ele. — Dois dos melhores guerreiros da Ilha do Céu. Eles se ofereceram para ficar ao seu serviço pelo tempo que você precisar.

Guardas. Eles queriam mantê-la segura. Avel era uma mulher loira e alta, com a cabeça quase completamente raspada. Ciel tinha a mesma altura, com a mesma cor de cabelo, embora o dele fosse comprido. Suas características eram quase idênticas. Irmãos, ela presumiu.

A ideia de que alguém de fora de seu reino, que não tinha nenhuma ligação com ela, queria ajudá-la… fez seus olhos arderem de emoção. Nem todo mundo naquela ilha a odiava porque ela era uma Selvagem, pensou. Nem todo mundo queria machucá-la.

— Vocês têm certeza? — perguntou a eles.

Juntos, eles se ajoelharam diante dela, curvando a cabeça e oferecendo suas adagas com ponta de safira.

— Você quebrou as maldições, Governante. Estamos eternamente em dívida.

Isla balançou a cabeça.

— Não. Não, *não* estão. — Ela pensou nos rebeldes e no ataque deles. — Mas vou aceitar os seus serviços, pelo menos por enquanto.

Ela agradeceu a Avel e Ciel, então pediu a eles por privacidade. Os dois ficaram vigiando do lado de fora das portas da sala do trono.

Apenas ela e Oro permaneceram lá dentro. Quando ela subiu os degraus em direção a Oro, ele estava sentado com a postura curvada, a cabeça abaixada, passando uma das mãos pelo rosto. Ele deu um pulo quando Isla ajoelhou-se diante dele, para que seus olhares ficassem no mesmo nível.

Seus olhos estavam vermelhos, devastados.

— Eu vou encontrá-los — disse ele.

Ela pôs a mão em sua bochecha. Por um momento, ele enrijeceu, como se não estivesse acostumado a ser tocado — quem se atreveria a tocar o rei? —, mas um segundo depois, ele apoiou o rosto na mão dela.

— Eu sei — disse ela.

— Se eles tivessem te *matado*, eu… — Oro fechou os olhos, e o calor de sua raiva era como uma muralha, misturada com um toque de algo mais pesado. Tristeza.

— Eu sei — disse ela novamente, porque também se sentiria da mesma forma se algo acontecesse com ele. O amor dos dois era um elo brilhante. Ela o sentia, lustroso, ao encostar a testa na dele. — Estou aqui. Nós dois estamos aqui. Estamos bem.

Os olhos dele desceram até onde o vestido dela havia se aberto parcialmente, exibindo algumas das cicatrizes que ainda restavam, incluindo aquela sobre seu coração, onde uma flecha a havia perfurado durante o Centenário. Nenhuma quantidade de elixir havia sido capaz de apagá-la. Isla recuou para que o vestido se fechasse novamente.

— Os curandeiros disseram que não terei nenhuma marca do ataque até o final da semana. — Ela tinha sido tratada por alguns dos Lunares que haviam permanecido no castelo junto com os feridos pelos dreks.

— Para começo de conversa, você nem deveria ter uma marca.

— Oro.

Ele não encontrou seu olhar. Estava olhando além dela, provavelmente imaginando dezenas de maneiras como ia torturar os rebeldes assim que finalmente os encontrasse.

— Quero começar meu treinamento.

Isso captou a atenção dele.

— Com os dreks, eu tentei. — Isla fez uma careta com a lembrança de membros sendo arrancados, de gritos rasgando seus tímpanos. — Tentei usar os poderes. Realmente tentei. Mesmo com as pessoas morrendo ao meu redor, eu não conseguia invocar minhas habilidades. Não consegui salvá-las. — Ela fez uma careta. — Mas no subsolo… eu sequer tentei, sequer *pensei* nisso, e me tornei uma arma. Fico feliz que tenha acontecido, mas você estava certo. Quero aprender a controlar meus poderes para que eles não me controlem.

Oro assentiu, parecendo determinado, aliviado, como se ela tivesse lhe oferecido um meio de ajudar a mantê-la segura.

— Você disse que tinha pensado em uma maneira de tentar destravá-los...

O alívio do rei titubeou.

— Sim. Mas você não vai gostar.



LIBERTADO

Remlar estava sorrindo como alguém que tinha declarado o futuro com ousadia e então o viu se tornar realidade. O olhar de Oro não fez nada para diminuir esse sorriso.

— Eu falei que ela voltaria de bom grado — disse o homem alado.

Durante o Centenário, ele dissera: *Quero que a Selvagem venha me visitar. Assim que tudo isso acabar... Ela virá de bom grado, posso assegurar.*

Ele sabia, Isla percebeu. Naquela época, quando dissera que *era curioso*… Que ela tinha nascido *de forma tão estranha*, Isla pensara que Remlar estava falando sobre seu segredo, sua falta de poderes, mas agora entendia. Ele sabia naquela época que ela era Umbra.

— Diga-me, Rei, você não era tão ingênuo assim — disse Remlar. — Ela é claramente tocada pela noite.

— Chega — disse Oro com voz firme. — Você consegue libertar os poderes dela?

Remlar assentiu. Era uma criatura antiga. Isla não sabia até que ponto iam as habilidades dele, mas sentia que ele era mais velho do que podia imaginar. Tinha cabelos escuros, como Grim. Será que ele era realmente um Umbra? Como isso era possível?

— Então faça isso — disse Isla.

Oro olhou para ela.

— Você tem escolha. Não precisa…

— Eu sei — interrompeu ela. Então, novamente para Remlar, falou: — Faça.

Antes que Remlar pudesse dar um passo, Oro foi em direção à figura alada.

— Se você a machucar — disse ele, com a voz letalmente calma —, ela vai te matar. E então eu vou encontrar uma maneira de te reviver para que eu possa te matar novamente com minhas próprias mãos.

A ameaça fez a boca de Isla ficar seca, mas Remlar, que claramente não atribuía um valor muito alto à própria vida, apenas sorriu mais.

— Eu não esperaria nada menos, *Rei* — disse ele. — Mas ela não precisa ter medo de mim. Ela é uma de nós.

Nós.

Era bobo, mas algo dentro dela inflou com essa palavra. Quando tantos a tinham rejeitado, alguém, mesmo alguém como Remlar, a reivindicava… isso a fez se sentir bem.

Ele se aproximou dela, soltando um muxoxo. Suas asas se contorceram enquanto ele a analisava, murmurando para si mesmo. Sua pele era azul como um ovo de pássaro. Seu passo era felino, gracioso, e seus olhos tão afiados quanto seus dentes.

Seu sorriso se tornou malicioso.

— Talvez seja melhor você correr — disse ele casualmente a Oro. — Ou, melhor ainda, voar.

Isla não soube se Oro prestou atenção ao aviso. Com um movimento rápido, Remlar colocou uma mão na testa dela e outra no coração, e a visão de Isla explodiu.

A dor a rasgou ao meio. Seu grito foi um grunhido gutural; ela conseguia escutá-lo mesmo acima do zumbido em seus ouvidos. Lágrimas escorreram por suas bochechas. Ela caiu de joelhos.

Sua mão esquerda bateu no chão e a escuridão irrompeu de seus dedos. Ela devorou a natureza em seu caminho; tudo que estava vivo

se tornou pó. Árvores caíram e desapareceram; o ar ficou cinza com sombras em movimento.

Sua mão direita pousou e, a partir dela, uma linha de milhares de flores se desdobrou, surgindo do chão em ondas, florescendo em rápida sucessão. Rosas, tulipas, calêndulas formaram um tapete pela floresta, cores fluindo.

O mundo morreu e renasceu diante dela, e Isla continuou gritando até que sua voz desapareceu em um último grunhido. Poderiam ter se passado segundos ou minutos, mas, por fim, tudo se acalmou, e ela ficou de pé.

Um lado dela era uma desolação total, o outro, a própria definição de fertilidade.

Oro estava na frente dela em um instante.

— Isla — disse ele, mas era apenas um sussurro no final de um túnel.

Ela deu um passo à frente. Vacilou.

— Olhe para mim, amor.

Amor. Ela segurou a palavra como uma âncora, mas o fio que os unia escapou por entre seus dedos…

A escuridão venceu a guerra e a engoliu por completo.



ANTES

Isla subiu os degraus de dois em dois; ela realmente não deveria ter vindo. Como tinha sido tão tola?

Terra sempre a advertira sobre os Umbra. Eles eram os vilões em todas as suas histórias. Os monstros.

De fato, não tivera a intenção; pretendia se transportar para algum lugar completamente diferente, mas um pensamento enquanto sua poça se formava…

E ali estava ela, no lugar mais perigoso do mundo. Fugindo de um grupo de guardas, virando esquinas de pedra escura, em corredores que ecoavam e se fechavam ao seu redor em arcos cavernosos.

Isla virou em um corredor estreito e caiu de joelhos.

— Vamos — rosnou ela, pressionando sua varinha estelar firmemente contra o chão.

Nenhuma poça se formou.

Isla não queria pensar no que aconteceria se não conseguisse voltar para casa. As terras dos Umbra ficavam a milhares de quilômetros de distância das novas terras dos Selvagens… Levaria *meses* para retornar de navio, e como ela pagaria a passagem? Não tinha joias consigo. Agora que pensava nisso, ninguém em sã consciência concordaria em levá-la a lugar algum, de qualquer maneira.

Se alguém descobrisse quem ela era… estaria morta.

O Centenário estava a apenas um ano de distância. O governante dos Umbra era um monstro. Ele tinha sido convidado a participar do evento pela primeira vez, segundo dizia o convite da própria Isla.

O que faria com ela se a encontrasse? Mataria Isla imediatamente como o primeiro passo para quebrar as maldições? Prenderia? Torturaria?

Ela engoliu em seco. Tinha pensado em seu próprio quarto como uma prisão… como era tola. Havia lugares muito piores para ficar presa.

Gritos. Passos. O tilintar de armaduras.

O instinto tomou conta. Ela se lançou em direção a uma porta, que estava destrancada.

Antes que os guardas pudessem vê-la, jogou-se lá dentro.

Outro corredor.

Vozes do lado de fora. De imediato. Havia várias outras portas. Ela tentou todas.

Trancada.

Trancada.

Trancada.

Trancada.

As vozes estavam mais próximas. Sem pensar, começou a bater na última porta, desesperada, frenética.

Ela se abriu.

Uma mulher apareceu, de braços cruzados.

— Você está atrasada — disse a mulher. — Vista isso e junte-se aos outros.

Isla não fazia ideia de quem a mulher achava que ela era, ou quem eram os outros, mas reconheceu a sorte diante de si.

A mulher praticamente a empurrou para uma outra sala. E Isla ficou tão grata, com tanto medo de que os guardas a encontrassem, que tirou suas roupas no escuro e vestiu o que a mulher lhe dera, um tecido que ficava justo em seu corpo. Só o que importava era que

aquilo a disfarçasse entre os outros Umbra. Mesmo que os guardas a encontrassem ali, ela não se destacaria. Especialmente se estivesse junto de pessoas vestindo a mesma coisa.

A porta se abriu e Isla quase brandiu a adaga presa em sua coxa, ao lado de sua varinha.

Era apenas a mulher. Ela tinha tinta no dedo e, antes que Isla pudesse protestar, ela a passou sem cerimônia em sua boca.

— Vá — disse ela, empurrando-a em direção a outra porta.

Uma dúzia de outras mulheres esperavam do outro lado. Todas vestidas como ela. Isla quase suspirou de alívio. Estava perfeitamente misturada… especialmente com o vermelho em seus lábios.

Tudo o que ela tinha que fazer era encontrar o caminho de volta para fora, onde poderia tentar usar sua varinha novamente...

— Em posição!

Posição? As mulheres de repente se endireitaram em uma fila, à qual ela rapidamente se juntou, imaginando o que diabos estava acontecendo.

Era uma legião de combate?

Se fosse, por que estavam usando vestidos?

Seria algum tipo de ensaio?

Ela engoliu em seco. Se fosse, ela seria descoberta em breve. Obviamente, não saberia nenhuma fala para uma peça, ou coreografia para uma dança…

— Espero que eu seja escolhida — sussurrou uma mulher à sua esquerda para outra que parecia ser sua amiga.

— Eu também — respondeu a amiga. — É a quarta vez que tento ser notada. Seria uma honra fazer parte da linhagem governante.

Linhagem governante?

Isla se virou para as mulheres para perguntar o que estava acontecendo e por que elas pareciam tão animadas quando a porta à frente se abriu.

Ele entrou.

Isla congelou.

Soube instantaneamente quem ele era. Algo na maneira como o ar se movia ao redor dele, em como seus passos ressoavam. Era o homem mais alto que ela já tinha visto, pelo menos uns quarenta centímetros mais alto do que ela. Tinha cabelos pretos relativamente longos, como tinta derramada, caindo sobre a testa, enrolando ao redor das orelhas. Sua boca parecia contraída de forma permanente. Indiferente.

Ele era o rei dos pesadelos, um demônio.

O governante dos Umbra.

Ela estava perdida. Ele a tinha descoberto. Eles a tinham encurralado; a mulher devia tê-la reconhecido de alguma forma, alertado os guardas...

Que idiota. Poppy e Terra tinham se esforçado tanto para mantê-la segura, mas ela tinha desobedecido às ordens das duas, e por quê? Para experimentar algo novo? Como era egoísta.

Seus dedos se moveram lentamente em direção à coxa. Não teria chance contra o governante dos Umbra, contra *qualquer* governante; não importava quão bem pudesse usar uma lâmina, poder era poder. Ainda assim, ela morreria com dignidade. Lutando.

Assim que seu dedo indicador encontrou o metal liso, seus olhos encontraram os dele. Ela parou.

O olhar dele era estranho. Não havia indício de fúria, nem mesmo satisfação.

Apenas um ligeiro arregalar de olhos, uma curiosidade.

Aquilo não fazia sentido. Se ele estivesse prestes a matá-la, não anunciaria sua intenção? Não a abateria ali mesmo, na frente de todos?

— Você — disse ele.

Ele estava olhando para ela. Ele a queria.

Isla não moveu um músculo. Suas sobrancelhas se ergueram apenas um pouco. Surpresa. Outra emoção inesperada.

A mulher de antes praticamente empurrou Isla para a frente, em direção a ele.

O governante dos Umbra a encarou. Ela não respirava. Então, ele se virou e voltou pela porta.

Ela devia segui-lo. Soube disso com certeza quando a mesma mulher agarrou seu pulso e disse "vá" com tanta firmeza que ela realmente foi.

Seus passos ecoavam pelo corredor vazio. Os dele quase não faziam barulho na frente dela. Tudo o que ela via era suas costas. Seus próprios ombros eram pequenos, colinas minúsculas.

Os dele eram largos penhascos.

Ele tinha uma postura perfeita. A postura de um guerreiro. Isla engoliu em seco.

Quantos milhares ele tinha derrubado sozinho? Mesmo em sua sala de vidro, ela ouvira sussurros sobre sua maldade. Alguns Umbra podiam matar com um simples toque, não era esse o rumor?

Um arrepio percorreu sua espinha… e se transformou em um vazio em seu estômago quando ele a levou para uma sala escura.

Ela seria executada ali, então?

Isla ergueu o vestido enquanto ele ainda estava de costas e arriscou um olhar para seu dispositivo de teleporte. Ainda estava escuro, sem vida.

Não.

Precisava de um plano.

As vozes em sua cabeça se aglomeraram, cruéis, prontas para atacar. Que plano poderia conceber para ter uma chance contra ele?

Ela era uma tola. Uma tola impotente.

A porta fechou-se atrás dela, e Isla deu um salto.

O governante dos Umbra, *Grimshaw*, virou-se para encará-la. Ele a avaliou rapidamente. Ele a estava analisando? Decidindo como a faria sofrer?

Isla engoliu em seco. Deu um passo para trás.

Ele avançou contra ela.

Isla deveria ter pegado sua adaga, mas estava em choque, mais do que jamais estivera, então congelou.

Congelou enquanto ele a pressionava na parede e…

Ele… ele baixou o rosto até que seus lábios estivessem a meros centímetros dos dela. Seus olhos estavam famintos, cheios de desejo. Ele queria beijá-la. Isso não fazia sentido algum.

De repente, todas as peças se encaixaram. O motivo pelo qual as mulheres na fila pareciam tão animadas. Por que falavam sobre ter esperança de *serem escolhidas*. *Fazer parte da linhagem governante*. Todas elas claramente se voluntariaram para serem apresentadas diante do governante dos Umbra. Ele achava que ela queria aquilo. Achava que ela tinha *se inscrito* para aquilo.

Ele não sabia quem ela era.

Isla poderia tê-lo afastado. Contado a verdade. Mas não fez isso.

Era uma tola. Isso já estava nítido, não era mesmo? Passara a vida inteira trancada. Nunca tinha estado tão próxima de um homem antes. Nunca havia se *sentido* assim antes.

As mãos dele, tão grandes, tão calejadas, a agarravam de forma tão estranha. A *altura* dele. Os olhos, escuros e brilhantes. *Famintos*. Seu corpo duro pressionado contra o dela, os músculos dele e as curvas dela se alinhando tão naturalmente. Coisas aparentemente sem importância — muito menos importantes do que quem ele era e que tipos de armas estavam a centímetros do alcance dela — tornaram-se tudo em que ela conseguia pensar.

Por um momento, Isla se esqueceu de si mesma. E dele. Esqueceu tudo que havia aprendido.

— Está tudo bem? — perguntou ele, olhando para ela. Ele estava inclinado, sua respiração tocando os lábios dela. Um arrepio percorreu a espinha de Isla.

Aquela era sua chance de dizer não. Em vez disso, ela se viu dizendo:

— Sim. — E era verdade.

Então, os lábios dele alcançaram os dela.

Isla nunca havia sido beijada. Não *queria* ser beijada por seu inimigo, seu rival, o imoral, letal — e surpreendentemente atraente —

Umbra. Então por que disse sim? Ela deveria empurrá-lo, dizer alguma coisa, mas os lábios dele eram uma chave, abrindo coisas que ela nunca havia sentido. Calor pulsando por toda parte. Faíscas dançando em sua pele enquanto o polegar dele pressionava a mão dela que ele segurava contra a parede. Os dentes dele roçaram os lábios de Isla, depois a boca dele afundou no pescoço dela…

Isla o beijou de volta. Segurou-o com tanta força quanto ele a segurava. As mãos dela correram pelo cabelo dele, e era muito mais macio do que teria imaginado. Ela tateou seu pescoço, seu peito, e ele era duro e frio como pedra. A língua dele roçou seu pescoço, e ela fez um som que a deixou chocada.

Sentindo a excitação dela, ele soltou uma espécie de rosnado e puxou-a para cima, contra a parede, e Isla passou as pernas em torno da cintura dele. Ela arfou, porque naquela posição podia *senti-lo… inteiro*. Bem encostado nela. Bem encostado na…

De repente, ela voltou a si.

Lembrou-se de quem ele era, de como precisava sair dali *imediatamente*.

Ele era seu inimigo. No momento em que descobrisse sua identidade, ia machucá-la. Aquilo podia ser um truque. Certamente, ele ia atacá-la a qualquer momento.

Ela precisava atacar primeiro.

Assim que ele aprofundou o beijo, ela pegou a adaga no coldre em sua coxa. Agarrou o punho.

E o esfaqueou no peito.

Houve um momento de silêncio. O governante Umbra encontrou seus olhos, logo antes de baixar o rosto e lentamente olhar para o peito, de onde a adaga ainda despontava, cravada a centímetros de seu coração.

Então ele a soltou.

Não havia tempo. Não havia tempo para se virar, para verificar se o calor se espalhando por seu corpo era vergonha ou medo ou o sangue dele.

Ela saiu correndo pela porta e pegou sua varinha estelar, que, de alguma forma, felizmente, agora brilhava.

Ela desenhou sua poça de estrelas...

E foi embora.



FAVORITA

Isla acordou ofegante e encharcada de suor. Oro estava lá, mão atrás da cabeça dela. Seu corpo estava aninhado no colo dele. Ainda estavam na floresta, emoldurados pela vida e pela ruína. Imaginou que Remlar estivesse à espreita, observando.

Ela pressionou a testa no ombro de Oro e chorou. Seus poderes Umbra tinham sido despertados e haviam começado a clarear sua mente. Desfazer o que fora feito. Ela pensou no que Grim havia contado a ela, semanas antes, depois do Centenário.

Lembre-se de nós, Coração. Você vai se lembrar. E, quando o fizer, você vai voltar para mim.

Ela nunca voltaria para ele. Nada mudaria a traição dele. Nada mudaria o fato de que Grim agora parecia decidido a matar pessoas inocentes. No entanto, uma coisa era certa.

Ela estava começando a lembrar.

Seus poderes estavam destravados e Isla se perguntava se não teria sido melhor deixar as coisas como estavam antes.

Andara perdendo e recuperando a consciência, mas agora todos os sentidos voltaram à tona bruscamente. Eles estavam na floresta do

Continente. Oro devia tê-los levado até lá. Aquela lembrança ainda se agarrava aos cantos de sua visão, como se tivesse garras.

Um piscar de olhos e ela revia Grim, as mãos dele em sua…

Não. Isla afastou a imagem. Não contaria a Oro sobre isso. Era passado. Não importava. Ficara vulnerável quando seu poder foi despertado, disse a si mesma. Não aconteceria novamente.

Ela sentiu as mãos de Oro acariciando suas costas.

— Você voltou — disse ele, encontrando seus olhos, franzindo a testa enquanto verificava sua temperatura com as costas da mão. — Como está se sentindo?

Sua cabeça latejava como o mar batendo contra um penhasco, e havia *vozes*. Sussurros por toda parte, de todas as direções. Algo tinha enchido seu corpo até transbordar. Ela era como um cálice derramado, o vinho escorrendo pelas laterais.

— Eu sinto tudo — disse ela. Pequenos fios ao seu redor, esperando para serem puxados. Sussurros das vinhas sob suas mãos, das árvores imponentes ao seu redor, das sombras sob elas. — Há um milhão de vozes, todas lutando pela minha atenção.

O poder era como uma semente em seu peito, que ela tinha engolido inteira, e estava se enraizando dentro dela. Toda a sua vida ela tinha se perguntado como seria ter poder. Toda a sua vida ela o tivera, escondido bem fundo. Agora, ele estava livre.

— Podemos encontrar um mestre Selvagem para você — disse Oro, sua voz uma lâmina cortando o caos. — Posso pegar seu dispositivo de teleporte. Podemos levá-la para a nova terra dos Selvagens.

Fazia sentido treinar lá, com seu próprio povo, mas…

— Não — disse ela rapidamente. — Não quero correr o risco de machucá-los. Eu… — Seu toque tinha matado uma floresta inteira. Exatamente igual ao poder Estelar, que explodira dela. Não tinha controle. Em pânico, seus olhos se moveram freneticamente ao redor. — Me leve para algum outro lugar. Não quero machucar ninguém.

Com três poderes distintos, Selvagem, Umbra e Estelar, as habilidades pareciam lutar uma contra a outra. Quando recebeu suas

habilidades Estelares, ela se sentiu estranha, mas nada parecido com aquilo.

Num instante, ela estava nos braços de Oro, e eles estavam no ar. Quando pousaram, ela imediatamente cambaleou para longe, com medo de que, se ele a tocasse por muito tempo, pudesse machucá-lo.

— Aqui você não pode matar nada — disse ele de maneira direta. — Tudo aqui já está morto.

Ele estava certo. Estavam na Ilha Selvagem. As vozes tinham se acalmado, apenas um pouco. Ainda assim, as árvores esqueléticas a chamavam, a terra sob seus pés zumbia, e ainda conseguia ouvir as matas do Continente, mesmo de longe.

Isla precisava tirar aquelas vozes da cabeça; sua mente já era um lugar confuso sem elas. Precisava parar de sentir aquela pressão contra as costelas, como se a semente do poder fosse queimar seu peito.

— Está muito alto — disse ela. — Eu não consigo… não consigo fugir disso.

— Quando você assumir o controle sobre o seu poder, não irá mais ouvi-las — afirmou Oro. — Agora, você está convocando tudo de forma involuntária, o mundo está simplesmente respondendo ao seu chamado. Vai melhorar à medida que você começar a controlar.

Ela balançou a cabeça. Quanto tempo isso levaria?

— Eu não consigo, não consigo…

Mais um passo e ela caiu de joelhos.

— Acho que vou vomitar — disse ela, antes de realmente fazer isso.

Sua garganta ainda estava inflamada e dolorida por causa da água do oceano; ardia como um joelho ralado.

Oro se pôs atrás dela, seu calor uma bem-vinda sensação de conforto, sua mão segurando o cabelo dela.

— Vão ser dias difíceis enquanto seu corpo se ajusta — sussurrou ele. — Vou estar aqui com você.

— Por favor, não me deixe sozinha — pediu ela, sua voz frágil e suplicante.

Por um momento, quis gritar por Terra, sua professora por toda a vida. Era *ela* quem deveria tê-la ensinado tudo aquilo. Mas Terra a tinha traído e, exceto por Oro, ela estava sozinha.

— Nunca, Selvagem — disse ele.

Ela vomitou novamente.

O Palácio de Espelhos se tornou sua casa temporária. Avel e Ciel se mudaram para lá também. Eles ajudaram a coordenar a chegada de móveis, comida e suprimentos, ao lado de Ella, que levou roupas e sopa de estilo Estelar. Os gêmeos Etéreos se revezavam guardando a entrada da Ilha Selvagem. Nenhum poder além do Selvagem podia ser usado no Palácio de Espelhos; ela tinha aprendido isso durante o Centenário.

Isso garantia a Isla uma camada adicional de proteção. Estava mais vulnerável do que nunca, mas ali se sentia protegida dos rebeldes, e com Oro dormindo bem ao lado dela.

Desejava poder aproveitar esse fato um pouco mais, porém, nos dias que se seguiram, ou ela estava cerrando os dentes por conta da dor, ou vomitando, ou dormindo.

Uma febre se transformou em calafrios. Ela se sentia nauseada o tempo todo. Oro lhe dava pedaços de pão e sopas e a fazia beber água mesmo quando ela chorava, porque tudo doía, e ele podia, por favor, fazer aquilo passar?

Ele parecia tão aflito quanto ela.

Isla adormecia todas as noites segurando a mão dele, e todas as manhãs, quando acordava, com uma dor de cabeça pior do que a anterior, ele já estava lá, parecendo que não tinha dormido nada.

— Você pode ir — disse ela fracamente uma noite, enquanto Oro tentava mal e mal escovar o cabelo dela e amarrá-lo com uma de suas fitas.

Geralmente, Ella a ajudava, mas Isla tinha mandado a Estelar para casa mais cedo naquela noite, porque ela estivera trabalhando sem parar por dias.

— Tenho certeza de que precisam de você em outro lugar.

Oro apenas a olhou, os cantos dos lábios tremendo em um divertimento que não alcançava seus olhos.

— Recebi ordens estritas para não sair do seu lado.

Isla conseguiu sorrir antes de fazer uma careta quando uma nova onda de dor a atingiu.

— Ah, é? Eu não sabia que o rei de Lightlark recebia ordens de qualquer um.

— Não de qualquer um.

Ela o encarou, sua dor diminuindo um pouco. Uma mecha ondulada de cabelo escapou e Oro praguejou, começando de novo.

— Você tem muitas habilidades — disse Isla, um riso fraco escapando mesmo enquanto tudo doía. — Fazer penteados não é uma delas.

Oro sorriu de verdade.

— E eu pensando que tinha descoberto outro talento.

Ele escovou seus fios novamente e disse:

— O seu cabelo é lindo.

— É?

Ele assentiu.

— Ele… brilha muito ao sol. Não sabia disso até as maldições terminarem.

Ela sorriu, apesar da dor. O fato de ele ter notado algo tão específico sobre ela, de que estava prestando tanta atenção… isso a fez se sentir aquecida por dentro, por apenas um momento, antes que a náusea voltasse.

— Também gosto dos seus olhos — disse ele, estudando seu rosto, como se quisesse fazê-la sorrir de novo, depois rapidamente voltou sua atenção para o cabelo dela. — São da minha cor favorita.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Meus olhos são, por acaso, da sua cor favorita?

Oro parou, parecendo um pouco arrependido de ter iniciado aquela conversa. Ele olhou com intensidade para a fita entre seus dedos, e

pareceu quase fisicamente doloroso para ele dizer as próximas palavras.

— Não. Ela… ela *se tornou* a minha favorita, depois… depois…

Ele estava desconcertado. Isla não conseguia acreditar. O rei de Lightlark, o rígido governante dos Solares, sobre quem ela ouvira a vida toda, estava *desconcertado*. Era fofo. O peito de Isla parecia estar se partindo ao meio, mas ela não podia deixar de provocá-lo.

— Mesmo? Por favor. Me conte tudo o que você gosta em mim, devagar, em detalhes.

Oro lançou a ela um olhar que a fez ter certeza de que ele sabia que ela estava se deliciando com seu desconforto.

Ela se segurou para não sorrir.

— Eu tenho algum outro posto favorito? Eu sou a sua… mentirosa favorita? A sua governante incapaz favorita? — Seu tom gradualmente se tornou amargo, porque, na verdade, ela não conseguia imaginar ser a favorita de alguém. — A sua fracote favorita, que não consegue passar algumas horas sem vomitar?

Oro virou-se para ela e a olhou nos olhos enquanto dizia:

— Isla. Você é minha favorita em tudo.

Os lábios dela estavam entreabertos, prestes a fazer outra declaração autodepreciativa e irritante, mas ela os fechou.

Aquilo não podia ser verdade.

O que havia para gostar nela? Era fraca. Tola…

Isla desviou o olhar. De repente, era ela quem estava desconfortável.

Oro não mentia, mas Isla não conseguia imaginar ninguém dizendo coisas boas sobre ela quando sua mente dizia o contrário.

— Estou me sentindo melhor — mentiu. — Você pode sair por um tempo, se quiser.

— É mesmo?

— Melhor do que nunca, na verdade.

— Certo. — Ele afastou levemente outra mecha que havia se soltado, porque era realmente péssimo em prender seu cabelo, e ela

soube que ele também estava sutilmente verificando sua temperatura. — Bem, Selvagem, mesmo que eu não tivesse o poder de saber que você está mentindo, sua pele está tão quente que você poderia se passar por uma Solar.

Oro deveria estar com uma Solar. Alguém mais parecido com ele. Alguém que não fosse um desastre completo.

— Você gostaria que eu fosse?

— Solar?

Ela assentiu, e isso não ajudou em nada na dor de cabeça. Antes que ele pudesse responder, ela acrescentou:

— Você gostaria que eu não fosse… tudo o que sou?

Ele ficou em silêncio por um momento. Os olhos dela começaram a se fechar lentamente, de repente pesados. Lutar contra o sono era inútil naquele estado.

— Não, Isla — disse ele, enfim. — As partes de si mesma que você parece não gostar são as que eu mais amo.

Amo.

Ela queria aceitar, saborear, segurar, deixar a palavra engoli-la por completo e fazê-la feliz. Mas, em vez disso, se afastou, caindo nos braços expectantes do sono.



ANTES

Ela estava tirando os sapatos, esfregando os dedos dos pés. Não importava quantas vezes Poppy a fizesse dar passos em linha reta, ou mesmo forçasse Terra a fazê-la treinar com os ridículos sapatos de salto, Isla nunca se acostumaria com eles.

E os *vestidos*.

Com todos os laços e botões determinados a não a deixar respirar. Cada ponto e presilha de seu espartilho estavam conspirando para sufocá-la, ela tinha certeza.

Seu rosto e suas palavras serão tão importantes quanto suas lâminas e espadas durante o Centenário, dizia Poppy.

Isla duvidava muito disso.

Ela havia aberto todos os botões nas costas de seu vestido quando notou uma sombra no canto do quarto. Uma sombra que *tremulou*.

Em um instante, a adaga que ela mantinha escondida sob a penteadeira estava em suas mãos e ela girou, ficando cara a cara com a sombra que se agitou e se estabilizou.

Grim assomava sobre ela, os olhos fixos no vestido que pendia de seus ombros, não em sua lâmina.

— Olá, Devoradora de Corações — disse ele.

Ele a encontrara. Fora tolice, mas Isla tivera esperanças de que levaria mais tempo para ele descobrir sua identidade. Ou que a facada o tivesse ferido o suficiente para lhe dar algumas semanas para elaborar um plano. Ela sabia que não o mataria. Só queria incapacitá-lo tempo o suficiente para conseguir escapar.

E agora ele estava ali.

Parecia impossível, mas ele estava no quarto dela, nas novas terras Selvagens. Estava ali para matá-la.

Antes que ela pudesse respirar, a mão dele envolveu a dela, a que segurava a adaga, de forma tão dolorosa que ela estremeceu.

Isla grunhiu, a adrenalina correndo por ela, enquanto tentava lutar para se afastar. Isso só o deixou com raiva. Ele rosnou e a empurrou contra a parede de vidro de seu quarto. Não foi nada parecido com a outra vez.

Não, daquela vez ele torceu o braço dela com força, de modo que sua própria faca foi parar em sua garganta.

Ela se contorceu contra ele, o coração batendo forte, o braço latejando de dor. Tudo o que ele fez foi franzir a testa, o olhar furioso.

— Sua devoradora de corações maldita. — Ele cuspiu as palavras como se causassem nojo. — Ousou vir ao *meu* reino, disfarçada, para me assassinar.

A lâmina afundou no seu pescoço. Ela mesma afiara a ponta; estava tão aguçada que imediatamente cortou sua pele. Ela sentiu o cheiro de seu próprio sangue. Ele ia matá-la, esfaqueá-la exatamente como Isla fizera com ele.

Ela não era como ele. Não tinha um poder que fosse retardar sua morte.

Isla sacudiu o punho que ele não estava segurando. A arma disfarçada de pulseira revelou sua ponta. Ela apunhalou-o na coxa.

O governante Umbra rugiu e a adaga caiu no chão, mas, antes que ela pudesse aproveitar a chance de escapar, a lâmina em seu pescoço foi substituída por um punho invisível.

Ela se engasgou enquanto flutuava no ar, tateando a própria garganta. Ele permaneceu concentrado enquanto ela era erguida ainda mais na parede.

Isla ofegou, mas o aperto não diminuiu. Ela viu estrelas. Mal conseguia ouvi-lo quando ele disse:

— Esse era o seu plano para me impedir de ir ao Centenário? Para tentar quebrar as maldições? Você quis me fazer de tolo? — A pressão aumentou ainda mais e sua visão ficou branca. — Com quem está trabalhando?

Isla tentou falar, mas suas palavras soaram como gemidos.

— Como você viajou tão rápido para Umbra?

Com isso, Isla olhou para ele, enfurecida, exasperada. Como poderia responder a todas as suas perguntas quando ele estava apertando sua garganta com um punho invisível?

Como se pudesse ler os pensamentos dela, ele mostrou os dentes.

E a libertou.

Isla caiu no chão, ofegante, com a testa febril e mãos contra o chão frio. Seu vestido desabotoado escorregou pelos ombros.

Ela levou o que pareceu uma vida inteira para recuperar o fôlego. Quando o fez, agarrou a adaga do chão e se arrastou para o canto de seu quarto, longe dele, daquele monstro, daquele maldit...

Ele quase a matara.

Do outro lado do quarto, Grimshaw franziu a testa. *Franziu a testa*.

Foi a vez de ela mostrar os dentes para ele. Isla levantou a adaga em sua direção com um braço trêmulo.

— Monstro — disse ela, sua voz rouca contra o fundo da garganta latejante. Ela cuspiu na direção dele.

Ele teve a ousadia de rir. Deu um passo à frente e Isla teve que forçar-se a não se retrair.

— *Eu* sou o monstro? — Outro passo. — Quando são os Selvagens que comem os corações dos homens?

Ele olhou para ela com desgosto. Não sabia, então, que a maldição não se aplicava a ela. Isso era bom.

Ela levou a mão ao pescoço e estremeceu. A pele ali estava dolorida.

Grimshaw seguiu o rastro dos dedos de Isla.

— Preciso te lembrar que você *me esfaqueou*?

Com um movimento furioso, ele rasgou a camisa para revelar uma grande cicatriz a poucos centímetros do coração. Isla engoliu em seco. Esfaqueá-lo tinha sido um erro. Ela entrara em pânico, agira por instinto.

Agora sabia quão tolo aquilo tinha sido. Se ele não era seu inimigo antes, certamente era agora. Grimshaw estaria no Centenário, se decidisse aceitar o convite. Ele a mataria.

O governante Umbra deu um passo, se aproximando. Rondando, na verdade. Com o queixo inclinado para baixo, ele a encarou com olhos escuros como carvão, semicerrados.

Isla recuou alguns centímetros. Depois mais.

— Como você entrou no meu reino? — questionou ele.

O pânico tomou o peito dela. Isla forçou os olhos a não dispararem para a tábua do chão onde havia escondido a varinha estelar. Sua coluna estava encharcada de suor, com o medo, mas ela usou toda a sua força para se sentar mais ereta e encontrar o olhar dele.

A voz do governante Umbra tornou-se estranhamente calma.

— Como — disse ele, dando mais um passo. — *Você*. — Outro passo. A palavra continha o mesmo veneno que o olhar dele enquanto encarava Isla, que estava encolhida feito uma fracote contra o vidro da estufa. — Entrou?

Ele se abaixou, os olhos fixos nos dela. Quando estavam quase cara a cara, ela usou o medo como disfarce. Enquanto se encolhia sob sua sombra, ainda segurava a lâmina.

Antes que ele pudesse respirar novamente, a ponta estava logo abaixo de seu queixo.

As narinas de Isla inflaram. Sua voz tremeu, agora não apenas por medo, mas raiva. Raiva de si mesma por ser tão fraca.

— Saia — disse ela, combinando com o tom dele. — *Agora*. — Algo na expressão dele estremeceu quando saliva voou da boca dela sob a intensidade de suas palavras. Bom. — Do. Meu. *Quarto*.

Ela forçou a lâmina na pele para dar ênfase, esperando sentir o calor do sangue dele na mão dela.

Mas antes que pudesse colocar pressão suficiente, ele desapareceu.

Ela desabou completamente no chão, tremendo como uma criança, imaginando como o Umbra parecia ter a mesma habilidade de portal que sua varinha estelar.



CHAVE VIRANDO NA FECHADURA

Isla acordou assustada. *Não.* Oro ainda segurava a mão dela, mas ele estava finalmente dormindo, a cabeça inclinada para o lado. Ela não queria acordá-lo.

Uma única memória era uma coisa. *Duas?*

Ela tinha sido tão fraca. Tão covarde. Agora que suas habilidades foram destravadas, se recusava a se sentir assim novamente.

Naquele dia, Isla saiu da cama. Ela se banhou na pequena banheira que Ella havia preparado. A água estava gelada, pois Oro não conseguia usar suas habilidades no Palácio de Espelhos para aquecê-la, mas ela cerrou os dentes para aguentar o frio. Colocou calças verde-escuras, camisa de mangas compridas e botas marrons de cano alto que Leto tinha feito.

Então começou seu treinamento.

A terra estava morta em suas mãos.

Isla estava sentada no meio da Ilha Selvagem, com os dedos cravados no solo. A dor de cabeça e as vozes não tinham

desaparecido, mas ela as forçou a recuar para os cantos de sua mente. Estava tentando usar seus poderes sem sucesso havia quase uma hora.

— Eu não entendo — disse ela. — Antes…

Antes, tudo o que ela teve que fazer foi colocar a mão no chão da floresta e ela explodiu com vida e cor.

Oro estava parado a poucos metros de distância, encostado em uma árvore meio apodrecida.

— O poder bruto é como uma fera. Sem domínio, ele ataca de forma imprevisível. Nem sempre quando você quer. — A memória dos rebeldes tocando sua pele passou por sua mente. — É por isso que aprender a controlá-lo é tão importante.

— E difícil? — perguntou ela, finalmente tirando as mãos da terra.

— E difícil. Usá-lo de forma direcionada requer um foco intenso.

Foco.

Sua mente estava abarrotada, mil pensamentos correndo soltos. Ela não conseguiria se concentrar em um só nem se sua vida dependesse disso.

— Talvez dependa — disse Oro, e só então ela percebeu que havia dito parte da frase em voz alta. Ele se abaixou e pegou uma pedra, então a colocou na frente dela. — Em vez de apenas tentar forçar o poder a sair, concentre toda a sua mente e energia nisso. Mova isso.

Ele se levantou e saiu.

Ela se virou.

— Onde… onde você está indo? Pensei que ia me treinar.

— Estou treinando — disse ele.

Ela o observou caminhar de volta ao Palácio de Espelhos.

Seu primeiro impulso foi gritar para as costas do rei que ele havia prometido não a deixar, mas não. Podia dar conta daquilo.

Isla enterrou os dedos na terra novamente. Respirou fundo. Relaxou os ombros. Tentou se concentrar nas sensações ao seu redor. A secura do solo. O calor do sol aquecendo o topo de sua cabeça. O leve vento bagunçando os cabelos soltos ao redor de seu rosto.

Demorou apenas alguns instantes para que a concentração começasse a ficar quase fisicamente dolorosa. Então ela se cansou e os pensamentos invadiram sua mente como a maré alta. Preocupações. Ansiedades.

Ele.

Não. Ela o barrou e fechou os olhos com força. Enterrou os dedos mais fundo na terra.

— Vou conseguir — disse. — Vou esquecer e me concentrar.

Mas ia mesmo?

Seus poderes precisavam de um recipiente forte. Ela se sentia incompleta. Andando pela vida enquanto carregava consigo o peso de seu passado.

Tentou banir essas ideias. Sentou-se e cravou os dedos ainda mais fundo, até que a terra entrou em suas unhas.

Nada aconteceu.

Durante dias, ela ficou sentada em silêncio e depois foi para a cama frustrada. Em alguns momentos, conseguia fixar a atenção em pequenas doses. Em outros, as distrações a atacavam como abutres. Às vezes, a voz em sua cabeça era cruel. Era como se houvesse uma lâmina em sua mente, procurando onde machucá-la mais.

A pedra nunca se moveu nem um centímetro.

Quando Oro foi encontrá-la naquela noite, ela estava exausta e frustrada.

— Não posso simplesmente passar dias olhando para uma pedra — disse ela.

— Aprender a manipular poder leva tempo.

— Quanto tempo demorou para você?

Oro ergueu uma sobrancelha.

— Para dominar? Anos para cada poder.

Anos. Ela não tinha anos. Sua visão da destruição de Grim poderia acontecer a qualquer momento. Ela se perguntou se deveria ter contado aos outros representantes e governantes sobre aquilo. Eles

confiariam nela? Acreditariam que estava trabalhando com Grim, como a mulher depois do ataque dos dreks?

Oro devia ter visto a expressão no rosto de Isla, porque disse:

— Nem sempre vai ser difícil. Um dia, algo vai se encaixar. Parte do domínio de um governante sobre o poder é como uma chave virando em uma fechadura.

A respiração de Isla ficou presa na garganta. Até então, ela não tinha sentido essa tal chave. Era outra rejeição. Primeiro o cofre. Agora isso.

— Isla — disse ele, ficando na frente dela. — O que foi?

— Você não entende — respondeu ela rapidamente. — Você nem deve ter tido dificuldades nisso. Nunca soube como é estar *sozinho* em sua própria incompetência, não estar no controle total e completo de…

— Eu matei uma pessoa — disse ele, e sua voz soou tão séria que ela ficou tensa. — Por acidente, com minhas habilidades. Quando eu era criança.

— O quê?

— O poder geralmente se desenvolve mais tarde na vida, mas eu coloquei fogo no meu berço quando tinha apenas alguns meses. Minha mãe me encontrou sentado no meio das chamas, tranquilo. Eles foram forçados a me treinar assim que possível, pois temiam que eu destruísse o castelo por pirraça. Eu era muito mais forte do que deveria ser, como segundo filho.

— Mais forte que Egan — disse ela, mencionando o irmão dele.

O antigo rei, que se sacrificou, juntamente com todos os outros governantes, pela chance de um futuro.

Oro assentiu.

— Eu era enviado para as ilhas a cada poucos anos, para dominar as habilidades. Controle foi a primeira lição que aprendi quando criança. Controle suas emoções, ou você pode derrubar o palácio. Controle seu coração, porque permitir que qualquer pessoa tenha

acesso a esse poder pode ser devastador. Controle a língua, porque você não é o primogênito, e suas opiniões não importam.

O coração de Isla se partiu pelo garotinho que Oro fora um dia. Ela pegou a mão dele.

— Eu fiz tudo isso — disse ele, olhando para o chão. — Teve outra habilidade, porém, que não se manifestou em séculos. — Seus olhos encontraram os dela. — Como eu não sabia dela, não consegui controlar. Estava brincando com meus amigos, me divertindo muito e, antes que eu soubesse o que estava acontecendo, transformei um guarda em ouro maciço. — Sua voz perdeu qualquer emoção. O erro ainda parecia assombrá-lo, séculos depois.

Isla não conseguia imaginar a dor. Se matasse uma pessoa inocente por acidente, por causa de sua falta de controle, nunca seria capaz de perdoar a si mesma.

— Senti tanta culpa e vergonha... mesmo enquanto meus pais celebravam meu poder. A única coisa que me ajudou durante meu treinamento foram as pessoas que conheci. Eu tinha… *eu tenho*… ótimos amigos.

Ele tinha? Isla sentiu vergonha de nunca ter perguntado muito sobre a vida dele antes das maldições.

— Durante anos, não manipulei poderes — disse ele. — Eu tinha vergonha das minhas habilidades. A culpa me consumiu. Eu me odiei por muito tempo.

Lágrimas arderam nos olhos dela. Oro não tinha como saber que ela se sentia da mesma forma agora, mas por outros motivos.

— Foi só depois que consegui me perdoar pelo erro que cometi quando criança que recomecei a viver. — Seu polegar roçou as costas da mão dela. — Você vai conseguir, Isla. Talvez não hoje ou amanhã, mas estarei aqui com você até conseguir. Você não está sozinha.

Você não está sozinha.

Era cedo na manhã seguinte quando ela escapou do Palácio de Espelhos, os sapatos esmagando os cacos de vidro no chão.

Ela levou a pedra até os limites da ilha. Com as pernas penduradas, ela assistiu ao sol nascer no horizonte como uma fênix, morrendo todos os dias apenas para nascer novamente.

Ela fechou os olhos.

Pela primeira vez, em vez de tentar manter tudo sob controle, Isla desafiou sua mente a fazer o seu pior, e assim aconteceu. A dor veio, inundando as muralhas que ela havia erguido, e doeu, *doeu muito*, mas foi quase um alívio ter suas emoções transbordando, em vez de mantê-las comprimidas.

Pensou em seus pais. Inimigos de nascença. Uma Selvagem e um Umbra. Vida e morte. Eles realmente deviam ter se amado, ela pensou, para não só ficarem juntos… mas também terem uma filha.

Eles teriam vergonha dela? Eles a considerariam fraca?

Ela se permitiu lamentar a menininha que cresceu trancada como um segredo. Aquela que sangrou inúmeras vezes para ser a melhor guerreira possível. A estratégia de Terra tinha sido arrasá-la primeiro, para que o mundo não o fizesse. Tudo o que ela sempre quis foi ser aceita. Ser boa o suficiente. Ser *amada*.

Isso fez dela o alvo perfeito para Celeste — *Aurora* — se aproveitar. O nome em seus pensamentos a fez sofrer. Sua *amiga*. Ela tinha sido sua melhor amiga.

Finalmente… ela pensou nele. *Grim*.

Lembrar-se era como arrancar os pontos de uma ferida, fazendo-a sangrar novamente.

Depois de horas deixando seus pensamentos enlouquecerem, Isla respirou fundo e começou a se perdoar por alguns de seus erros. Imaginou a menina sentada sozinha em seu quarto e pensou: *Ela não merece isso*.

Quando se concentrou na pedra novamente, percebeu que, além de sua coroa, seus poderes eram a única coisa que a conectava aos seus ancestrais. À sua *mãe*.

Fechou os olhos e descobriu que os pensamentos incessantes, ansiosos e cruéis não eram mais tão fortes, como se deixá-los correr

soltos tivesse feito com que perdessem energia.

Isla nunca conheceu a mãe, mas queria deixá-la orgulhosa. Queria ajudar seu povo. Ela queria que tudo pelo que tinha passado tivesse valido a pena.

Ela queria ser melhor, por aquela menininha sentada no quarto de vidro.

Levantou o braço, seu olhar fixo na pedra.

Algo em seu peito vibrou, ganhando vida, e então um clique — uma chave virando em uma fechadura. Ela não se atreveu a piscar quando estendeu a mão.

A pedra começou a vibrar e se contorcer sob o olhar de Isla.

Ela moveu a mão para trás e então para a frente.

A pedra se mexeu...

Assim como o metro e meio de ilha abaixo dela, que afundou como se um gigante houvesse enfiado o dedo na Ilha Selvagem e entalhado um caminho através dela. Isla agora tinha uma visão clara de todo o caminho até a água, de onde estava, coberta de terra.

Isla estava sem fôlego. Foi desleixado e longe de ser controlado, mas ela tinha conseguido.

A partir daí, eles treinaram do nascer ao pôr do sol. Todas as manhãs, ela e Oro corriam nas praias abaixo dos penhascos brancos. Ele disse que isso ajudaria a clarear sua mente, e ajudava mesmo.

Ela treinou mover objetos grandes e pequenos. Praticou manipular a terra e as rochas ao seu redor. Todos os dias ele inventava novos testes, novas maneiras de aprimorar seu controle. À noite, eles jantavam juntos, só os dois. Depois, se sentavam no chão, bebendo chá, trocando histórias sobre suas infâncias, até que Isla inevitavelmente adormecia. Ela sempre acordava em sua cama, meticulosamente embrulhada em cobertores.

Como não pôde visitar os Estelares após a coroação, Isla pediu a Oro que colocasse guardas na ponte da Ilha da Estrela, para prevenir

ataques e fornecer qualquer assistência imediata de que pudessem necessitar.

— Considere feito — disse ele, e isso a fez se sentir um pouco melhor sobre dedicar todo aquele tempo ao treinamento.

Aos poucos, o controle foi se tornando natural. O poder dentro dela, indisciplinado e vasto como o mar, começou a se transformar em um único fluxo de habilidade.

Naquele dia, Oro tirou uma venda do bolso.

— Tudo bem? — perguntou ele.

Ela assentiu e Oro amarrou-a firmemente em volta da cabeça dela.

— Isso te lembra alguma coisa?

Ele riu, o som baixo assentando no fundo de sua mente.

— Você quis me matar naquele dia? — perguntou ela, lembrando como havia arrancado a coroa da cabeça dele com uma de suas estrelas de arremesso. Como ela provocou um estrondo no silêncio ao cair.

— Não — sussurrou ele perto do ouvido dela, a sombra de sua voz causando arrepios, mesmo que estivesse escaldante ali fora. — Muito pelo contrário.

— Sério?

— Sério. Naquela noite, tudo que eu conseguia pensar era na sua cara presunçosa e irritante quando retirou a venda.

Os cantos de seus lábios se contraíram.

— Fiquei muito impressionada comigo mesma. — Isla franziu a testa. — Ainda que a minha demonstração não tenha sido tão impressionante quanto a sua douradura.

Ela disse a última palavra com cuidado. Depois do que ele havia compartilhado, Isla imaginou que a habilidade de transformar coisas em ouro ainda causasse sofrimento. Como se estivesse maculada. Centenas de anos se passaram. Ela queria fazer desaparecer o sofrimento relacionado àquela habilidade.

Isso era amor?

Ela estendeu a mão e moveu a venda para poder vê-lo.

— Sabe, para alguém que pode transformar qualquer coisa em ouro… pensei que já teria presenteado sua amada com pelo menos uma maçã de ouro. Ou uma folha de grama de ouro…

Sua amada… Ela se surpreendeu com a ousadia das próprias palavras.

Ele ficou tenso. Isla só teve um vislumbre da sua expressão surpresa antes que ele puxasse a venda sobre os olhos dela novamente. A mão de Oro não deixou o rosto dela. O polegar dele deslizou pela têmpora de Isla e causou arrepios por todo o corpo dela. Ele suspirou e se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

— Quando tudo isso acabar, vou transformar um castelo inteiro em ouro para você. Isso é suficiente?

— É um pouco exagerado.

Outro suspiro.

Ele se afastou e sua voz ficou séria.

— Manipular poder significa senti-lo ao seu redor, não apenas vê-lo. Mesmo de costas ou com os olhos fechados, você deve ser capaz de perceber uma ameaça.

Uma pedra atingiu a lateral de sua cabeça e ela se virou, mostrando os dentes.

— Sério?

— Era só uma pedrinha. Estou pegando uma maior agora. Concentre-se.

Isla não conseguia ver nada sob a venda, mas se concentrou, e os minúsculos fios que a incomodavam tanto antes começaram a aparecer, um milhão de pequenos elos ao seu redor. Ela os havia bloqueado nas últimas semanas, mas agora todos voltaram, especialmente porque um de seus principais sentidos tinha sido bloqueado. Quanto mais ela analisava mentalmente seus arredores, mais alto tudo ficava novamente. Era como um barulho interminável; ela não conseguia se concentrar em nada.

Quando sentiu a pedra, ela já havia atingido seu ombro.

Isla estremeceu. O hematoma com toda certeza iria parecer uma nuvem de tempestade.

— Concentre-se.

— Estou me concentrando — disse ela por entre os dentes.

Outra pedra foi arremessada. Ela percebeu e estendeu a mão, mas errou. A pedra acertou seu quadril.

Isla sentiu algo subindo por suas costelas, desenrolando-se em seu peito.

Quando a próxima pedra a atingiu no estômago, essa força disparou.

— Abaixe os braços, Isla.

Eles estavam levantados? Ela arrancou a venda e viu lâminas afiadas feitas de galhos, dezenas delas levitando no ar, todas apontadas para Oro. Rochas pairavam entre eles, vibrando com intensidade.

Isla arfou e elas caíram no chão com um baque seco.

Ela deu um passo atrás.

— Eu… me desculpe. — Ela nem tinha percebido o que estava fazendo. Seu poder havia tomado conta.

Oro deu um passo em direção a ela.

— Eu não estava em perigo.

Mas e se ela *de fato* o machucasse um dia? Quando ele estivesse dormindo? Quando ela não estivesse prestando atenção?

— Você precisa treinar para controlar suas emoções ao usar o poder. Mas… — Havia um mas? — Isso foi impressionante.

— Foi?

— Pelo menos foi focado. Muito mais controlado do que quando Remlar liberou seus poderes pela primeira vez — disse Oro.

— Então, o que você está dizendo é que estou ficando mais eficiente em tentar matar você — brincou ela.

— Exatamente. — Sua expressão ficou séria. — A emoção desfaz o controle. Quando você está emotiva, seu poder não tem restrições.

Pode parecer que isso te torna mais poderosa, mas pode ser perigoso. Pode drenar você completamente até que não reste mais nada.

Isla treinou com mais afinco. Ela testou os limites de seu controle, trabalhando para manter as emoções estáveis. Sua vida se restringia apenas a ela, Oro, e o poder Selvagem. Por mais de uma semana, não houve mais lembranças. Nenhuma voz dentro de sua cabeça. Nada de visões.

A sombra de Grim havia desaparecido, e Isla esperava nunca a ver de novo.



ENYA

— Quero continuar meu treinamento nas novas terras dos Selvagens — disse Isla.

Eles vinham trabalhando juntos por semanas. Ela ainda estava longe de ser uma mestra, mas se sentia no controle o suficiente para não ser um perigo. Já fazia muito tempo que não visitava seu povo. Precisava ter certeza de que eles estavam bem cuidados, então tinha que começar a se preparar para o inevitável; a vinda de Grim atrás dela. Era provável que ele houvesse orquestrado o ataque dos dreks.

O que viria a seguir?

— E eu preciso de ajuda. Não quero só levar provisões. Se for possível… gostaria de ver se alguém se voluntariaria para ensiná-los as habilidades das quais eles não precisavam antes. Como preparar diferentes tipos de alimentos, por exemplo, e uma dúzia de outras coisas nas quais não consigo pensar. Eu realmente não… Eu realmente não sei…

— Eu conheço uma pessoa.

— O quê?

— Conheço alguém que vai saber do que eles vão precisar — disse Oro.

Isla franziu a testa.

— Quem?

— Você se lembra de Enya?

Isla lembrou-se da Solar alta no jantar, com o cabelo vermelho-escuro e as sardas. Ela não parecera hostil, mas também não fora exatamente amigável. Talvez a estivesse avaliando.

— Ela ensinou aos Solares como sobreviver no escuro, após as maldições. Como estabelecer sistemas que permitissem que as colheitas continuassem a crescer e que a vida prosseguisse, embora não pudéssemos sair à luz do dia. Ela é boa em encontrar soluções para problemas que ainda nem existem.

Parecia a pessoa perfeita.

— Parece que ela tem sido uma ótima representante Solar.

— Mais que isso.

Isla ergueu uma sobrancelha.

— Lembra quando eu disse que tinha amigos? — falou Oro.

— Foi o maior choque da minha vida.

Ele a encarou.

— Ela é um deles? — perguntou Isla, incrédula.

Eles não tinham parecido tão próximos no jantar, mas de fato aquele tinha sido um evento formal.

Oro assentiu.

— Ela é um deles.

O castelo da Ilha do Sol parecia ter sido mergulhado em um pote de ouro. Enya estava sentada na cabeceira de uma longa mesa de jantar, com os pés apoiados na cadeira ao lado. Seu cabelo ruivo estava preso em uma trança. Uma casca de laranja e uma faca repousavam na frente dela.

As duas já haviam se conhecido, mas Isla ficou subitamente nervosa. Não sabia que ela e Oro eram amigos. A mulher ia julgá-la? Ela sabia sobre… a relação que tinha com Oro?

Ele tocou gentilmente a base de suas costas, como se sentisse seu nervosismo. Seu toque era fogo. Foi um gesto tão simples, mas imediatamente a fez se sentir melhor. Ela olhou para Oro e o encontrou olhando para ela. Os dedos pressionaram sua coluna.

— É impressionante vocês conseguirem treinar. Está na cara que tudo o que querem é ir para a cama.

Os olhos de Isla se voltaram para a mulher sentada do outro lado da sala.

— Enya… — disse Oro suavemente. — Pelo menos dê a Isla alguns minutos antes de fazer ela se arrepender de ter vindo te ver.

Enya deu de ombros e balançou as pernas. Usava botas de couro de um dourado escuro, quase marrom, e um espartilho de metal dourado sobre mangas compridas de cota de malha. Parecia uma armadura, embora, de alguma forma, fosse casual. Suas botas revestidas de metal ecoaram no chão enquanto ela se aproximava, radiante.

— Bem, você está diferente — disse Enya.

Isla estava usando suas roupas de treinamento, em vez de seus vestidos habituais. A coroa estava em seu quarto. Antes que Isla pudesse dizer uma palavra, Enya puxou-a para um abraço. Em seu ouvido, ela sussurrou:

— Ele é quase insuportável, não é?

— Estou escutando — disse Oro.

— Claro que está, essa é a melhor parte — respondeu Enya.

— Como… como vocês se conheceram? — perguntou Isla.

Eles brigavam como irmãos. Mas… toda a família de Oro estava morta.

— Nossas mães eram melhores amigas — explicou Enya, então deu um passo para ficar ao lado de Oro. A altura dela era impressionante, mas ainda era baixa o suficiente para encostar a cabeça no ombro dele. Ele nem sequer moveu um músculo em resposta. — Ele gostando ou não, isso significa que eu estarei ao seu lado para sempre.

Oro suspirou, mas Isla viu carinho ali, por baixo de sua cara fechada.

— Enya tem sido uma das minhas representantes da Ilha do Sol desde antes das maldições. Ela muitas vezes atua como minha procuradora e participa das reuniões no meu lugar.

— Como Soren — disse Isla, quase para si mesma.

Enya fez um barulho de engasgo.

— Não tenho nada a ver com ele, Isla. Mas sim, temos um papel parecido. — Então a Solar foi direto ao assunto. — Ouvi dizer que você precisa de ajuda nas novas terras Selvagens. Voluntários. Infraestrutura. Alguma organização?

— Tudo.

— Bom. Tomei a liberdade, e espero que você não se importe... — Enya olhou para Isla como se realmente estivesse preocupada que ela objetasse ao que estava prestes a dizer — Já reuni um grupo. Todos são respeitosos com todos os reinos, incluindo o Selvagem. Eles não sabem para o que é, caso você não aprove, mas…

— Quando ela coloca uma coisa na cabeça, é implacável — disse Oro.

Amigos há mais de quinhentos anos. Desde a infância. Parte de Isla se perguntou se deveria estar com ciúmes, mas estava apenas grata por Oro ter tido alguém em quem pudesse contar quando perdeu a família. Alguém em quem pudesse confiar.

Enya encolheu os ombros, nem tentando negar.

— Às vezes fico obsessiva. Pelo menos eu admito… — Ela lançou um sorriso malicioso para Isla, depois virou-se para Oro. — *Algumas* pessoas são muito menos dispostas a admitir seus defeitos.

Ela os conduziu pelo palácio até uma sala que parecia usada para estratégias. Dentro havia uma mesa circular decorada como um sol. No centro dela estava o que parecia ser uma pilha de cinzas.

— Você se importaria de esboçar as novas terras Selvagens para mim? Já temos uma ideia aproximada de quantas pessoas precisaremos e onde, mas seria útil ver.

Isla apenas olhou para a pilha, então se virou para Oro, e ele alisou as cinzas em uma camada fina.

— Assim — disse ele, traçando linhas nas cinzas com o dedo. Um segundo depois elas endureceram, tornando-se figuras tridimensionais. Interessante.

Isla mergulhou o dedo lá dentro e se sentiu como uma pintora, com uma tela e tintas que ganhavam vida. Houve um tempo em que não sabia muito sobre suas terras, mas ela as explorara através do portal muitas vezes desde então.

Quando terminou, Enya estendeu a mão e pegou o mapa. Ele saiu em suas mãos e Enya o olhou de todos os ângulos e depois colocou-o de volta na mesa.

— Muito bem. Estaremos prontos em três dias. Vou organizar minha agenda para conseguir ficar lá por uma semana, para garantir que tudo corra bem. Isso parece aceitável?

Aceitável? Isla teve vontade de se curvar aos pés da mulher.

— Parece perfeito.

— Oro me disse que você tem um dispositivo de portal.

Ela assentiu.

— Quantas pessoas ele pode transferir de uma vez?

— Não tenho certeza. O máximo que tentei foram duas.

Enya descartou qualquer preocupação.

— Não importa. Iremos em pequenos grupos. Daremos um jeito.

Isla acreditou. Acreditaria em qualquer coisa que saísse da boca daquela mulher.

— Obrigada — disse Isla, e, inexplicavelmente, seus olhos arderam.

Ela sentiu tanta gratidão… Enya nem a conhecia e estava ajudando. Ajudando seu povo.

— Eu que agradeço — respondeu Enya, e seus olhos brilharam maliciosamente. — Por nos mostrar que nosso querido Oro ainda sabe sorrir.

Enya reuniu uma dúzia de voluntários. Todos se juntaram no Continente, carregando suprimentos. Ela rapidamente explicou o uso

da varinha estelar, e os voluntários pareceram curiosos, mas ninguém questionou.

Isla desenhou sua poça de estrelas tão grande quanto pôde, e eles mal couberam dentro dela. E então estavam nas novas terras Selvagens.

Um dos voluntários ficou nauseado imediatamente.

— Desculpe. Eu devia ter avisado sobre a náusea.

Isla os transportou para a aldeia de Wren. A Selvagem alta logo saiu para a rua. A princípio, pareceu alarmada, mas aos poucos sua expressão se acalmou. Ela relaxou a mão que instantaneamente fora para sua lâmina. Isla percebeu que não havia preparado adequadamente seu povo para visitantes.

— Este é Oro, rei de Lightlark — disse Isla.

Àquela altura, alguns selvagens já estavam nas ruas, observando os voluntários com cautela. Imediatamente, eles fizeram uma reverência.

Isla apresentou Enya, depois Ciel e Avel, que raramente saíam do lado dela, depois os demais voluntários. Seu povo olhou para eles com diferentes níveis de cautela.

Os voluntários também pareciam um pouco assustados. A Etérea à sua direita estava sorrindo, mas seu olhar não parava de se desviar para o monstruoso martelo que uma das Selvagens carregava nas costas.

Isla se colocou entre seu povo e os visitantes.

— Estamos aqui para ajudar. *Todos* nós.

Ela trabalhou com os voluntários para distribuir suprimentos do estoque do castelo no Continente. Eles precisariam de mais para o resto das novas terras, mas era um bom começo. Wren propôs que os Selvagens fossem temporariamente consolidados em algumas aldeias-chave, para que a ajuda pudesse ser centralizada. Uma votação foi realizada e todos concordaram em receber seus vizinhos por um tempo. Muitos Selvagens entregaram as próprias casas aos voluntários pela duração da semana em que planejavam ficar. Os chefes de

Lightlark começaram a ensinar os Selvagens como preparar carne com segurança.

— Eu também gostaria de fazer isso nas novas terras Estelares — disse Isla a Oro. — Se Enya não se importar.

Ela tinha se transportado escondida até lá algumas vezes, para ver como estavam. Eles precisavam de ajuda tanto quanto os Selvagens.

Isla ficou acordada até de madrugada falando com seus súditos, aprendendo seus nomes, seus hábitos, suas vidas. Ela adormeceu em um banco no meio da modesta praça da aldeia ao som de risadas, de construção e de comida sendo feita. Oro devia tê-la levado para a cama, porque ela acordou em seu antigo quarto algumas horas depois e se assustou.

Ela arfou, tensa. Estava de volta em sua prisão, naquela jaula de vidro…

— Respire, Isla.

Oro estava encostado no batente da porta, quase batendo a cabeça por ser tão alto. Seu cabelo dourado estava ligeiramente úmido da chuva, como se ele tivesse acabado de voltar para dentro de casa. Algo na imagem dele a fez perder o fôlego.

Parecia um crime alguém ser lindo tendo dormido pouco. Será que ele tinha dormido?

Ela presumiu que Oro havia acabado de ir à aldeia.

— Como eles estão? — perguntou ela, sua voz um pouco tensa.

— Bem. Enya já tem um novo sistema para armazenar água e alimentos e rastrear quem consegue usar poder.

— Mas é claro — disse Isla, e não de maneira indelicada. A organização dos Solares a maravilhava.

Estava quente e úmido nas novas terras dos Selvagens, e Oro a colocara na cama com as roupas do dia anterior. Isla começou a retirar camadas de roupas, sem nem pensar direito, até que ergueu os olhos e o encontrou observando-a, os olhos ligeiramente arregalados.

Isla sustentou o olhar dele enquanto tirava lentamente a camisa de mangas compridas, ficando apenas com o tecido fino sem mangas que

usava por baixo. A roupa estava grudada em sua pele, delineando cada curva.

Ela poderia jurar que sentiu o quarto ficar ainda mais quente quando ele perdeu o controle de suas habilidades Solares. Oro se deixou levar, por apenas um instante.

Ele a encarou e Isla o viu engolir em seco.

Foi ele quem desviou o olhar primeiro.

— Está pronta para o treinamento? — perguntou ele, virado para a parede.

Isla suspirou. Treinar era a última coisa em sua mente naquele momento. Ela queria Oro em sua cama; seria tão fácil simplesmente deixar o mundo desaparecer por uma hora…

— Isla?

O nome dela nos lábios dele a fez arder ainda mais, mas ela respondeu:

— Estou.

— Ótimo. Hoje, vamos fazer algo crescer.



VENENO

Oro fez uma rosa laranja brotar de sua palma. Ele estendeu a mão e a colocou no cabelo de Isla.

— Sua vez.

Isla sentou-se e ficou olhando para a própria mão por vários minutos, sem nenhum resultado.

Eles estavam à beira de um riacho. O som da água correndo sobre as pedras era como um bálsamo acariciando algum canto tranquilo de sua mente. O riacho era ladeado por colinas, algumas áreas mais protuberantes do que outras, criando um rio curvo, um tanto estreito, tornando impossível ver exatamente para onde ele levava. Pequenas cachoeiras caíam de algumas das falésias, íngremes e desfiadas como mechas de cabelo.

Isla sempre se perguntara como seria nadar ali, mas tinha muito medo de que Terra e Poppy a vissem com roupas ou cabelo molhado e ela não conseguisse explicar. Poderia ter visitado o riacho à noite — pelo menos suas guardiãs lhe davam privacidade para dormir —, mas então estaria à mercê de uma floresta envolta em escuridão que, como ela aprendera da pior maneira possível, não tinha misericórdia alguma.

Daquela vez, a floresta não a machucou quando Isla caminhou por ela. Não, a natureza se curvou em sua direção, como se as árvores desejassem sussurrar segredos em seus ouvidos.

— Feche os olhos — disse Oro. — Deixe sua mente ficar quieta. Encontre a natureza no mundo ao seu redor. Estabeleça uma conexão com ela. Drene essa energia exatamente para onde você deseja. Pense na rosa florescendo em sua mão.

Ela seguiu as instruções, mas seu coração batia rápido demais. Suas pálpebras se fecharam com muita facilidade. Ela não vinha dormindo mais do que algumas horas por noite e estava começando a sentir as consequências.

— Respire, Isla — pediu Oro.

Ela respirou e reiniciou o processo, concentrando seus pensamentos. Quando abriu os olhos, encontrou a menor das flores desabrochando em sua palma.

Antes que pudesse sorrir, a rosa encolheu e morreu, como se tivesse sido envenenada.

Ela era o veneno. Porque não nascera apenas com o poder de criar vida… mas também de tirá-la.

— Não posso ser Selvagem sem ser Umbra — disse ela, a voz frágil. — Sempre serei a morte. Sempre serei a escuridão.

— Você decide o que você é, Isla. Ninguém mais.

Poderia ter sido um pensamento reconfortante, se Isla não tivesse imediatamente pensado que só teria a si mesma para culpar por seus erros, caso os cometesse.

Ninguém mais.

Lágrimas escorreram por suas bochechas, deixando-a surpresa.

Oro estava instantaneamente a centímetros de distância.

— O que foi? — perguntou ele, o fogo já queimando em suas palmas, como se estivesse pronto para reduzir a cinzas qualquer coisa que a deixasse chateada.

O que estava errado? Por que ela estava chorando? Tudo o que sabia era que agora que tinha começado, não conseguia parar. Um

soluço escapou de sua garganta.

Oro sempre exigia a verdade. Então ela disse a verdade.

— Eu… eu não quero governar. Não quero minha vida ligada a milhares de outras. Não quero ter toda essa responsabilidade. — Ela balançou a cabeça. — E eu sei que isso me torna egoísta e uma pessoa horrível, e que não tenho direito de estar tão chateada, mas estou. Eu quero uma vida, Oro. E o pior é que eu não mereço nenhum desses poderes. Eu sou uma ninguém.

— Você não é uma ninguém — disse ele com firmeza. — Você é Isla Crown, e é a pessoa mais poderosa de todos os reinos.

Ela soltou um riso que soou mais como um soluço.

— Eu sou *um veneno*. Não tenho controle nenhum sobre esses poderes. Estão sendo desperdiçados comigo. — Ela balançou a cabeça. — Pegue-os. Fique *você* com eles, Oro. Estou falando sério. Use eles. Roube-os com o vínculo. Abra o cofre.

Oro franziu a testa. Sua raiva pareceu queimar a hesitação que costumava ter em fazer elogios, porque ele disse:

— Amor, você parece estar sob alguma ilusão de que é algo menos que extraordinária. Quem fez isso com você? Suas guardiãs? Fizeram você sentir que suas ações nunca seriam suficientes? Ou foi ele? — *Grim*. A floresta esquentou com a raiva de Oro. — Me diga, Isla. Outra pessoa quebrou as maldições? Estou enganado?

Ela cerrou os dentes. Lágrimas escorreram por seu queixo, perdendo-se em seu cabelo.

— Dane-se o cofre — disse ele. — Danem-se os poderes. Você não tinha nada e quebrou as maldições. *Você* é a chave. Será que não vê? Nós estávamos destruídos antes de você chegar. Com você, fomos salvos. Você não é um veneno, Isla — disse ele, sua voz cheia de intensidade. — Você foi a cura.

Isla balançou a cabeça.

— Eu não devia ter vencido. Deveria ter sido outra pessoa.

Oro praguejou, então ajoelhou-se diante dela e segurou gentilmente o rosto de Isla.

— É isso que tem te preocupado? É por isso que você não tem dormido?

Ele tinha notado, então. Desde a segunda lembrança, Isla tinha feito o possível para evitar um sono profundo. Ela descansava apenas algumas horas por noite, tempo insuficiente para entrar em outra memória. Até então, tinha funcionado.

Ela não respondeu, e ele analisou sua expressão. Suspirou.

— Eu queria que você pudesse se ver do jeito que eu te vejo. Você nunca mais duvidaria de si mesma.

Isla fechou os olhos.

E se tentasse acreditar nele? E se pusesse os pensamentos negativos de lado de uma vez por todas?

Oro estava certo. Ela havia sobrevivido ao Centenário. Tinha *vencido*. Ela havia se defendido contra os rebeldes. O poder estava vivo em algum lugar dentro dela, e estava determinada a reivindicá-lo plenamente. Ela não ia permitir que ninguém — nem *nada* — a usasse como uma marionete de novo. Salvara todos os outros. Agora, só precisava salvar a si mesma.

— Isla — chamou Oro.

Ele estava olhando para as mãos dela, no próprio colo.

Nelas repousava uma rosa desabrochando. Minutos se passaram e ela não morreu.

Pela primeira vez, Isla saiu do palácio Selvagem pela porta da frente.

Ela havia acordado cedo. Aquela era como quase todas as manhãs em sua vida antes do Centenário. Tomou um banho. Prendeu o cabelo em uma trança. Vestiu suas roupas de combate marrom-claras, o tecido envolvendo seus braços. Calçou sapatos simples.

Antes que pudesse perder a coragem, entrou na floresta. Oro estava certo. Ela era mais capaz do que acreditava.

Ela se recusava a ser a pessoa que menos acreditava em si mesma. Ela se recusava a continuar sendo sua pior inimiga, deixando a própria mente a atrapalhar. Já bastava.

A garota fraca que tinha sido criada ali, que tinha temido a floresta, havia desaparecido. Era hora de enterrá-la de uma vez por todas.

Aquela floresta nunca havia parecido um lar. Ela treinara ao redor daquelas mesmas árvores por anos, seu próprio sangue havia sido derramado ali, mas nunca sentira qualquer tipo de apego por ela.

Até agora.

Isla se inclinou e tirou os sapatos. Deu um passo à frente. No momento em que seu pé descalço tocou o chão, um choque percorreu-o, subindo por sua perna, sua coluna, até o topo da cabeça e em direção ao céu.

Oro tinha falado sobre estabelecer um vínculo com sua fonte de poder. Uma confiança. Uma ligação foi feita ali. A floresta a reconhecia.

Não havia vento, mas as árvores sussurravam em saudação. Ela deu outro passo e a terra tremeu ao redor de seus dedos dos pés, como se o poder a cercasse. Todos os pensamentos esvaíram-se de sua mente.

Ela colocou a mão na árvore mais próxima e musgo escorreu de seus dedos, ondulando até o chão da floresta coberto de grama. A grama cresceu a uma altura selvagem, alcançando um galho de onde brotaram glicínias roxas e brilhantes. As flores se enrolaram no galho em cachos, como pulseiras, até a ponta, na qual uma noz cresceu, pendendo como um brinco. Ela se tornou tão grande que caiu bem na palma da mão de Isla.

Era aquilo que significava ser Selvagem.

Ela começou a correr. O mundo abriu passagem. As árvores moveram seus galhos, cipós no chão recuaram de volta para suas raízes, animais esperaram. Um grupo de pássaros seguiu seu caminho, seus cantos soando como encorajamento. Flores brotavam assim que seus pés deixavam o solo, preenchendo suas pegadas. Um tapete de calêndulas e rosas florescia em seu rastro.

Ela saltou no ar, a mão esticada, e uma videira subiu para encontrá-la. Isla se balançou, girando pela floresta, pousando em uma árvore.

Não parou, continuou correndo, e uma ponte de galhos se formou diante dela, atravessando o topo da floresta em uma trilha.

Era um fluxo, um estado elevado, uma consciência diferente. Ela provava a floresta na ponta da língua: musgo e orvalho e pinho. Um calor percorreu seus ossos, como se partes de si que estavam adormecidas estivessem agora despertando, uma flor em seu peito finalmente desabrochando sob o sol. A floresta se desenrolava com sua proximidade.

A floresta estava viva, podia ver isso agora, enquanto corria. Ela estava do seu lado. Nunca mais a machucaria.

Era parte dela.

Isla correu e correu, subindo mais alto. A natureza corria para atender a todas as suas necessidades, sem que ela precisasse sequer pensar. Sua concentração era total, pois dera tudo de si para a floresta. Naquele momento, eram uma única entidade, e ela podia senti-la ao seu redor, um batimento cardíaco, uma força sempre em mudança, sempre em movimento.

Parecia que nada poderia quebrar aquela concentração, até que ela olhou para baixo e viu Grim parado bem abaixo, observando-a.

Isla ofegou. Perdeu a concentração e sua passarela de galhos foi junto. Ela caiu, atravessando as copas das árvores. Um galho atingiu suas costas, tirando-lhe o fôlego. Sua visão se encheu de sombras. Sua cabeça bateu em outro galho e a dor foi excruciante. Ela estendeu a mão para se segurar em qualquer coisa, mas seus dedos estavam suados, e ela não conseguia se firmar.

A floresta a salvaria, certo?

Sua conexão tinha se rompido. Ela era uma estranha mais uma vez.

Não. Seus poderes se manifestariam. Certamente, eles a salvariam. Suas habilidades de Estelar. Selvagem. Até Umbra.

Elas não a deixariam morrer…

Ela deu um suspiro, observando o chão se aproximando rapidamente.

Pouco antes de atingir o chão da floresta, dois braços fortes a pegaram.

Avel estava ofegante sobre ela. Seu rosto branco todo corado, suor escorrendo por seu cabelo curto.

— Você cai rápido, Governante — disse ela, sem fôlego.

Os olhos de Isla se arregalaram.

— Você estava aqui?

Ela pensou que tinha saído escondida com sucesso de seus aposentos.

Era uma tola. Uma queda e seu povo estaria morto. Como podia ser tão descuidada?

Ela tinha se sentido tão no controle. Tão poderosa.

Controle era instável, percebeu.

— Estamos sempre aqui — disse Avel, e Ciel surgiu entre as árvores e pousou ao lado delas. Seu rosto também estava corado. Naquele momento, eles pareciam idênticos.

— Obrigada — disse ela, embora essas palavras nunca fossem suficientes.

Avel e Ciel a acompanharam de volta ao palácio Selvagem, e Isla ficou olhando pela floresta em busca de qualquer sinal de Grim.



LYNX

Quando os voluntários partiram, os Selvagens estavam com suas casas consertadas, um suprimento de comida estável, e tinham novas habilidades e recursos. Isla decidiu ficar por mais alguns dias, para passar um tempo com seu povo. Ela enviou Ciel e Avel de volta para Lightlark, para ajudar na busca de Azul pelos rebeldes. Oro insistiu em ficar, porque não queria deixá-la sozinha, mas ela sabia que ele já tinha dedicado muito tempo a ela. Isla disse a ele para confiar nela, e ele o fez. Nas novas terras dos Selvagens, ela se sentia segura.

Conheceu cada um dos Selvagens na aldeia e visitou outros assentamentos próximos. Wren levou Isla para a floresta e ensinou a ela algumas técnicas Selvagens, incluindo posturas, movimentos de braço e usos de habilidades. Elas conversaram por horas.

No final de uma dessas lições, Isla pegou Wren a observando e disse:

— O que foi?

Wren balançou a cabeça.

— É que… sempre nos perguntamos por que você nunca veio nos ver — disse ela. — Agora eu entendo, mas antes… estávamos confusos. Sua mãe é a única outra governante que conheci, e ela

estava sempre aqui. Brincando na aldeia. Conversando conosco. Ela conhecia todo mundo. Todos a amavam.

Sua mãe.

— Como… como ela era? — perguntou Isla, sua voz baixa.

Ela se sentia uma criança novamente, se apegando a qualquer menção de sua mãe. Terra e Poppy quase nunca falavam sobre ela.

Wren sorriu.

— Ela era extraordinária. Destemida. Às vezes, imprudente. — Seu sorriso desapareceu. — Nós sentimos muito a perda dela, e esperávamos conhecer você também. Mas… — Ela deu de ombros. — Acho que sabíamos que algo estava acontecendo. Ficamos curiosos… quando você não adquiriu um elo.

As sobrancelhas de Isla se juntaram.

— Não adquiri o quê?

— Um elo — disse Wren.

Ela levantou o braço e um falcão enorme com uma faixa laranja nas costas veio voando das copas das árvores, pousando em sua manga. A ave piscou para Isla com seus olhos aguçados.

— Ah, um companheiro animal — disse Isla.

— Um *elo* — repetiu Wren.

Isla não sabia por que aquilo parecia importante para Wren, mas se ter um elo mostrasse que ela era uma Selvagem, mesmo que até pouco tempo não tivesse a maldição ou os poderes deles…

— Eu vou tomar um — disse Isla. — Se não for tarde demais.

Podia ser um incômodo transportar a criatura com ela o tempo todo, e não sabia como Oro se sentiria sobre ter um animal morando no castelo do Continente, mas resolveria isso depois. Ganhar a confiança de seu povo era mais importante.

Wren pareceu surpresa.

— Você faria a cerimônia?

Isla não sabia nada sobre a cerimônia, mas disse:

— Claro.

Wren sorriu.

— Então eu vou anunciar — disse Wren. Ela olhou ao redor, apertou uma folha entre dois dedos e estudou as copas das árvores. — Esta noite é uma boa noite… Sim, pode ser esta noite.

Esta noite.

Muito bem. Que fosse naquela noite.

— Então… Posso escolher qualquer coisa? Um inseto... — Isso seria mais fácil de carregar por aí. — Um pássaro... — Poderia ser útil para transportar mensagens. — Uma… borboleta?

Wren balançou a cabeça com firmeza.

— Um elo reflete a personalidade de uma pessoa. Para *governantes*, representa seu poder e força.

Então, era esperado que Isla se ligasse a um animal maior. Ótimo. Isso dificultaria as coisas, mas ela não podia simplesmente desistir agora.

— E *você* não escolhe seu elo — continuou Wren. — É o contrário. — Seus olhos estavam firmes. — O elo escolhe você.

Isla estava caminhando com água até os joelhos. A cerimônia era muito mais complicada do que ela tinha previsto. Aquele era um local sagrado nas novas terras, Wren lhe dissera, a parte mais antiga, nascida de sementes e criaturas retiradas diretamente de Lightlark. Era um pântano, com juncos que cresciam mais alto do que ela, nenúfares do tamanho de tapetes, lama que se infiltrava entre seus dedos dos pés e criaturas escorregadias que se moviam suavemente embaixo da água escura, rodeando seus tornozelos.

Ela estava bem na frente, uma líder que não tinha ideia de para onde estava indo. Deveria ter feito mais perguntas, pensou amargamente, embora elas fossem revelar quão pouco sabia sobre seu povo e seus costumes.

Arriscou um olhar rápido por cima do ombro e viu os Selvagens caminhando silenciosamente atrás dela, rostos iluminados pelos vaga-lumes que seguravam nas palmas de suas mãos. Seus elos estavam com

eles, nadando ao lado, voando acima ou observando a partir das estreitas faixas de terra nas margens.

Um deles chamou sua atenção e ela virou-se rapidamente. Sua cabeça estava começando a coçar. Ela coçou logo abaixo da coroa de flores que seu povo tinha feito para a ocasião, lírio-roxo, em homenagem a seu ancestral, Lark Crown, um dos três criadores originais de Lightlark. Ela passou horas sentada quieta enquanto seu povo envolvia seus braços com pulseiras feitas das variedades raras de lírios, sua cor tão concentrada que manchou partes de sua pele de roxo, uma honra reservada para um governante. Era uma cor valente. A cor de uma líder e guerreira.

Isla não se sentia nenhuma das duas coisas enquanto dava passos cuidadosos pela terra enlameada, franzindo a testa toda vez que seu pé afundava muito ou encontrava algo sólido. Estava tão focada em contornar um estranho aglomerado de pedras que demorou um pouco para perceber que a procissão atrás dela tinha se silenciado quase completamente.

Ela se virou para ver os Selvagens retornando, a luz de seus vaga-lumes ficando mais e mais fraca.

Apenas Wren se aproximou.

— Aqui é onde a deixamos — disse ela.

Talvez tenha sido o olhar de espanto de Isla, mas Wren pareceu sentir que ela precisava de mais instruções. A mulher baixou a cabeça. Seu tom era firme.

— Você não volta até de manhã. Você não volta sem um elo.

Isla engoliu em seco. E se nenhuma das criaturas a quisesse? Wren entregou a ela um arco e uma única flecha.

— Para que é isso?

— É tradição que um governante cace o seu elo. O resto de nós precisa apenas pegar nossos animais, para provar nosso valor. Governantes precisam acertar uma flecha no deles.

Os olhos de Wren se moviam nervosamente, e foi nesse momento que o estômago de Isla começou a pesar de verdade. A Selvagem

parecia com medo.

De quê?

— Mas… mas você não disse que a criatura é que me escolhe?

— Isso mesmo. As criaturas aqui… se você for capaz de ferir uma delas… é porque ela *permitiu*.

Isla pegou o arco e a única flecha com dedos trêmulos. Assim que entregou os objetos, Wren fez um aceno rápido e começou a se apressar em direção aos outros.

Ela os observou partir, sua confiança diminuindo juntamente com suas silhuetas, até que não pôde mais vê-los.

Com um suspiro trêmulo, ela se virou para encarar o coração do pântano.

O pântano se transformou de volta em floresta, embora nada fosse familiar.

Ela saiu da água e parou. As árvores que alinhavam o pântano… elas tinham a forma de pessoas. Seus braços eram compostos dos galhos principais, verde brotava de suas cabeças, seus corpos eram formados pelos troncos e as pernas eram raízes expostas que mergulhavam direto na água escura. Elas estavam congeladas em movimentos estranhos, seus rostos esculpidos na madeira. Algumas tinham bocas escancaradas demais, como se estivessem gritando.

Isla engoliu em seco e continuou avançando. Wren tinha sido clara. Ela não podia retornar sem um elo. Isso a faria parecer fraca, indigna de governar seu reino.

A floresta estava quieta. Ela caminhou até chegar a uma árvore gigantesca que tinha tombado de lado. Seus galhos eram grandes o suficiente para servirem como passarelas, se elevando no ar, avançando até sumirem de vista. Estavam cobertos por uma fina camada de musgo. Ela pulou, segurando a borda lisa com os dedos e depois içando o resto do corpo para o galho mais baixo. Com uma rápida avaliação de seus arredores, ela seguiu o caminho em direção ao cerne da árvore.

Estava tudo muito silencioso. Isla tinha a sensação desconfortável de que havia olhos por toda parte a observando, mas toda vez que ela se virava, estava sozinha.

Sozinha. Ninguém a entendia, não de verdade. Oro tentava, ele realmente tentava, mas havia partes dela que nunca deixaria que ele visse.

Ela se perguntou se um elo animal seria capaz de sentir todos os seus lados, o bom e o ruim. O potencial. A ideia de alguém ou de algo ver tudo que ela poderia ser, em vez do que era…

Ou talvez as criaturas da floresta já a tivessem avaliado e a rejeitado, assim como o cofre. Não bastava que *ela* sentisse a conexão. De acordo com Wren, o animal decidia.

Por enquanto, parecia que tinham decidido contra ela.

Um ruído e ela se virou para se deparar com um lobo, coberto de musgo e vegetação em vez de pelo. Sua cauda era feita de juncos longos. Isla ergueu a flecha. A esperança se formou em seu peito. O lobo não era grande, mas pelo menos era alguma coisa.

Antes que ela pudesse soltar a flecha, o lobo desapareceu.

Seus dedos se fecharam dolorosamente ao redor do arco. Ela tinha sido lenta, muito lenta. Será que fora por isso que ele tinha fugido?

E se ela não visse outra criatura?

Instantes depois, percebeu que esse não seria um problema. Uma aranha com patas tão longas quanto árvores passou por ela, seu corpo lançando uma sombra espessa ao redor. Isla nem levantou a arma. A aranha era enorme, mas não sentiu nenhuma conexão com a criatura.

Ela só precisava continuar, disse a si mesma. Havia um elo para Isla naquele lugar. Só precisava encontrá-lo.

Seus pés descalços não faziam barulho contra o musgo do galho. Pequenas flores desabrochavam a cada passo, pintando a vegetação. Às vezes, um pássaro dava um rasante para observá-la, depois ia embora. Ela caminhou pela trilha conforme o caminho fazia uma curva para uma parte da floresta coberta por um enorme dossel de copas de árvores. Foi recebida por uma grande caixa torácica, com

flores crescendo em seus ossos, os restos mortais de uma criatura tão grande que ela mal conseguia imaginar como teria sido quando viva.

Naquele momento, um cervo com galhos em vez de chifres apareceu em seu caminho. Ele a encarou, inclinando a cabeça em admiração.

Era lindo. Algo em seu peito ganhou vida, como se estivesse dando boas-vindas à conexão. Ela lentamente levantou o arco, encaixou a flecha em posição…

O cervo se aproximou dela, depois congelou. Seus olhos se concentraram em um ponto atrás de Isla e ele recuou, com medo.

O que estava…

Um rugido ensurdecedor sacudiu as árvores ao seu lado. Pássaros voaram para longe, na direção oposta. O hálito quente aqueceu seu corpo enquanto ela era coberta por saliva.

Devagar, a flecha ainda levantada, Isla se virou e ergueu os olhos. E ergueu mais. E mais.

Um urso gigante estava de pé sobre duas patas, com uma coroa de chifres que poderiam empalá-la em um instante.

Seria aquela a sua criatura? Certamente a marcaria como uma governante forte. Isla soltou a flecha, tentando a sorte, mas o urso a desviou com uma pata, quebrando a madeira ao meio.

Sua única flecha, perdida.

Isla nem pensou no fato de que agora não conseguiria encontrar um elo. O pânico tomou conta. Ela deixou o arco cair. O urso rugiu novamente, chegando perto de estourar seus tímpanos, e Isla percebeu por que Wren parecia tão determinada a deixar o pântano.

Aventurar-se naquela área das novas terras era um risco. Seu povo estava colocando em perigo a própria vida ao permitir que ela completasse a cerimônia.

Ela se deu conta que aquela era a primeira etapa na construção da fé deles. Um voto de confiança. Eles acreditavam que ela era forte o suficiente para sobreviver.

Portanto, ela sobreviveria.

O urso era muito grande, não havia esperança de escapar. No momento em que o animal esticou a pata com garras para rasgá-la em pedaços, Isla mergulhou entre suas patas e correu para as copas das árvores. O urso não conseguiria escalar; era muito pesado, quebraria os galhos. Foi o que ela disse a si mesma enquanto subia o mais rápido possível, as voltas roxas de flores em seus braços parecendo brilhar no escuro.

Ela subiu, cada vez mais alto, e arriscou olhar para trás…

Só para ver os chifres do urso a centímetros de distância, enquanto ele subia atrás dela.

Natureza. Ela estava na natureza. Seu coração batia muito descontroladamente para formar uma conexão com a floresta da mesma forma que antes. Ela cerrou os dentes, tentando se concentrar. Esticou o braço e conseguiu fazer alguns galhos menores caírem no caminho do urso, mas isso não o desacelerou.

Ela precisava quebrar os galhos debaixo do urso. Dessa forma, ele cairia através das copas das árvores. Ela lançou seus poderes, mas o pânico tinha deixado sua mente turva, enfraquecendo seu controle sobre as habilidades. Os galhos rangeram, mas não se partiram.

O urso rosnou e Isla recomeçou a subir. Com o coração ecoando em seus ouvidos, ela olhou através da noite e viu que os galhos ficavam muito mais finos mais acima na árvore. Ela lançou seu poder e um deles quebrou. Teria que ser um daqueles, então.

Isla esticou a mão para o galho seguinte e gritou quando os chifres do urso abriram uma ferida profunda na sua panturrilha.

Seu grito ecoou pela floresta, e ela continuou a subir, arrastando-se para o topo, com uma das pernas agora inutilizada, lutando para alcançar o topo. Se ao menos conseguisse chegar um pouco mais alto. Mais um pouco…

Um estalo. O primeiro galho quebrou sob o peso do urso quando ele alcançou os mais finos. O animal pareceu não perceber enquanto seus chifres quebravam a folhagem e ele mostrava os dentes, mordendo o ar.

Sua perna estava queimando; ela não conseguia pensar com aquela dor. Sentia que estava prestes a perder todo o controle de seus poderes. Não tinha mais forças para quebrar vários galhos. Teria que ser um corte estratégico. Ela parou de subir e observou o urso se aproximar. Mais perto. Respirou fundo. Inspirou. Expirou. Tentou se concentrar o máximo que pôde. Concentrou toda a sua energia em um só lugar, um galho particularmente fino, bem no caminho do urso. Ele continuou. Estava a poucos metros de distância. Depois, centímetros. Ela estendeu a mão. Nada.

Vamos.

Nada.

Ela sentiu o hálito do animal em seu rosto, viu sua língua dentro da boca quando ele abriu os dentes e rugiu…

Um estalo.

Seu poder partiu o galho ao meio e o urso caiu imediatamente, sumindo de vista. Rangidos ecoaram pela floresta quando a criatura destruiu tudo em seu caminho, e então houve um último eco estrondoso quando ela aterrissou.

Silêncio.

Isla ofegou. Muito perto. Ela arriscou um olhar para a perna e se contraiu. A pele estava rasgada e ela podia ver o músculo. Sangue cobria a árvore. Outros animais a encontrariam…

Assim que teve esse pensamento, dois olhos grandes brilharam na noite, na árvore em frente. Eles a estavam observando. Ela se arrastou de volta para o galho, braço erguido, desejando que algum de seus poderes despertasse.

A criatura saiu das sombras e Isla deu um grito sufocado.

Era um enorme leopardo preto. De pé, ela não chegaria nem à altura da perna dele. Tinha olhos verdes brilhantes e presas do tamanho da cabeça de Isla.

Ela olhou para sua panturrilha, depois para a criatura, que havia sentido o cheiro de sangue. Isla estava ferida, um alvo fácil.

Ele se aproximou, cabeça baixa, avaliando. Parecia prestes a ficar nas patas traseiras e atacar.

Isla fez o que pôde para se concentrar na floresta, para formar uma conexão e implorar por sua proteção, mas a dor em sua perna se tornara uma distração completa.

O leopardo deveria ser muito pesado para os galhos, mas saltou graciosamente até estar bem na frente dela.

Todo o corpo de Isla tremia quando a criatura se inclinou para bem perto e a cheirou.

Ela engoliu em seco, esperando com todas as forças que o animal não achasse seu cheiro apetitoso. O leopardo abriu a boca, revelando suas presas monstruosas. Então, fez algo inesperado.

Ele se inclinou com relutância, como se estivesse se curvando diante dela. Isla hesitou. Será que… ele a aceitara?

Isla não estava com sua flecha… o urso a havia partido ao meio. Não poderia…

O leopardo emitiu um som que pareceu de irritação enquanto esperava. O que queria? Ele se inclinou mais e não… não era possível…

Ele queria que Isla subisse em suas costas?

Ela estava sangrando demais; precisava fechar o ferimento logo. Lutou para ficar de pé, cerrando os dentes com a dor, e mancou até o lado da criatura. Tentou subir por seu pelo, mas não parava de escorregar, seu sangue se espalhando. Por fim, o leopardo pareceu se cansar de esperar, porque agarrou a parte de trás da camisa de Isla com dentes assustadores e a jogou para cima. Ela pousou dolorosamente nas costas do leopardo e se esforçou para conseguir um apoio, agarrando o pelo escuro com os punhos.

A criatura não lhe deu nem um segundo para se acostumar. Antes que ela pudesse testar a posição, o leopardo saltou da árvore.

Seu estômago subiu até a garganta, os olhos arderam, ela se descolou das costas do bicho e depois desceu abruptamente de novo, a perna rugindo de dor.

Com alguns saltos que a fizeram querer vomitar, o leopardo finalmente aterrissou na floresta. Ele avançou, cabeça baixa, como se estivesse procurando por algo. Finalmente, parou e tombou para o lado. Isla escorregou de suas costas da maneira mais indigna possível.

Exasperado, o leopardo indicou algo no chão com a cabeça. A flecha. Pelo menos metade dela.

Estava indicando a ela que concluísse a cerimônia. De alguma forma, sabia que, para reivindicá-lo, Isla precisava usar a flecha.

O arco seria inútil agora. Isla se inclinou, pegou a flecha quebrada e se aproximou do animal.

Ele a observou com cautela.

— Isso vai… isso vai doer… — disse ela.

O leopardo a observou de uma maneira que parecia sugerir desdém. Ótimo. Seu próprio elo animal parecia não gostar dela.

Então, por que a escolhera? Por que permitiria que ela fizesse o que tinha que fazer?

Isla fez uma careta antes de recuar o braço e concentrar toda a força restante em espetar a perna do leopardo com a flecha.

Ele não se mexeu nem emitiu som. Simplesmente abaixou-se, pegou Isla pela parte de trás da camisa novamente e a lançou atrás de sua cabeça.

— Ei! — disse ela, fazendo careta. — Pare de fazer isso! Está…

Antes que terminasse a frase, o leopardo partiu. Ela gritou e se segurou com força, abaixando a cabeça, com medo de que um galho a decapitasse. A criatura correu como um raio, pulando por cima de raízes, contornando árvores. O mundo se movia tão rapidamente ao seu redor que ela enterrou o rosto em sua pelagem surpreendentemente macia, até que o leopardo finalmente diminuiu a velocidade.

Ele a havia levado para o centro da aldeia. Isla se levantou enquanto a criatura andava pelas ruas e viu seu povo saindo das casas, olhando para ela com clara admiração.

O leopardo parou na frente de Wren, cujos olhos estavam arregalados e a voz, embargada de emoção.

— Eu me perguntava… — disse ela. — Eu… eu não ousei ter esperanças…

Isla deslizou das costas da criatura e quase desmaiou na rua, sua perna coberta de pelos que se grudaram ao sangue. Ela olhou do leopardo para Wren.

— Se perguntava o quê?

— Isla — disse Wren. — Lynx era da sua mãe.



REFLEXO

Sua mãe. Aquele leopardo… era o elo de sua mãe. Isla estava perdendo muito sangue, mas virou-se e encarou a criatura diretamente nos olhos. Por um momento, o desdém desapareceu e ela viu apenas pura tristeza.

A criatura estava de luto por sua mãe. Foi por isso que a escolheu.

— Precisamos te curar — disse Wren. Outros Selvagens se aproximaram rapidamente. Alguém gritou pelo elixir de cura. — Ele vai segui-la, não se preocupe.

Wren estava certa. Lynx permaneceu ao lado dela. Era tão grande que não conseguia passar pelas portas do palácio, então Isla usou sua varinha estelar para transportá-lo ao seu quarto, o que ele definitivamente não gostou. O leopardo emitiu um som irritado antes de se acomodar em um canto, encolhendo-se e sentando-se, fazendo o chão tremer e ocupando uma grande parte do espaço. Wren retirou a flecha da perna de Lynx e aplicou elixir de cura. Todos deixaram Isla descansar.

Através da escuridão, ela viu os olhos brilhantes do animal. Então, quando aqueles olhos se fecharam, o mundo escureceu novamente.

Na manhã seguinte, Isla se transportou até Oro e disse:

— Preciso te mostrar uma coisa.

Ela o levou de volta às novas terras com ela.

Agora, ele estava em seu quarto no reino dos Selvagens, olhando para a criatura que o encarava, muitos metros acima de sua cabeça, mostrando seus enormes dentes.

— Você tem… — começou Oro.

— Um companheiro animal. Um elo. — Ela apontou para o grande leopardo. — Aparentemente, ele se chama Lynx.

— Certo.

Oro estendeu a mão, sem parecer muito preocupado que o leopardo pudesse arrancá-la, e Isla observou quando a criatura o cheirou. Inclinou a cabeça. Em seguida, abaixou-se, permitindo-se ser acariciado entre os olhos.

Isla ficou indignada.

— Ele gosta mais de você do que de mim!

Os olhos do animal deslizaram para os dela, indiferentes, antes de olhar novamente para Oro.

O rei sorriu, e a visão foi tão bonita que sua dor quase desapareceu.

— Que criatura impressionante — disse ele. — Nunca vi nada parecido.

Ela franziu a testa.

— Nem em Lightlark?

Ele balançou a cabeça.

— Temos leões e tigres na Ilha do Sol, mas nenhum remotamente desse tamanho.

Isso pareceu agradar Lynx. Ele emitiu um som de aprovação, e Isla lançou-lhe um olhar fulminante.

— De manhã, eu disse quão impressionante você era, e você virou as costas para mim — comentou ela.

Lynx nem se deu ao trabalho de olhá-la.

Ela suspirou.

— Segundo Wren, ele era o elo da minha mãe.

— Ah — disse Oro. Ele pressionou a mão contra a cabeça abaixada de Lynx. — Você deve sentir falta dela — disse ao felino, e ele fez um som como um ronronar.

Isla ficou com o coração apertado. Desejou que o leopardo pudesse falar, para que pudesse perguntar tudo sobre sua mãe. No momento, porém, precisava pensar no aspecto prático.

— Não sei o que fazer. Não existe nada como essas florestas em Lightlark. Não quero prendê-lo em um castelo… se é que ele cabe nos corredores.

Lynx a encarou com um olhar fulminante.

Tudo bem. Se ele podia entendê-la, que ele decidisse. Ela ficou na frente do leopardo e disse:

— Posso levá-lo comigo para o castelo. Ou posso deixá-lo nesta floresta e voltar para visitar em breve. Posso começar a montar um lugar para você na ilha.

Lynx olhou para ela por meio segundo antes de se virar para a janela. Sua escolha era clara.

Uma pontada de decepção percorreu seu peito, embora Isla entendesse que era a escolha certa. Ela não sabia por que estava tão surpresa. Lynx a tinha escolhido claramente por obrigação, não por afeto.

Oro acariciou a cabeça abaixada de Lynx novamente antes de se voltar para Isla. Ela o viu examinar as olheiras sob seus olhos. Isla tinha dormido apenas algumas horas na noite anterior. Ele suspirou e disse:

— Tem uma coisa que você precisa saber.

Na volta para Lightlark, Azul e seus guardas Etéreos estavam esperando.

— Os rebeldes foram avistados — disse ele.

O peito de Isla se contraiu, lembrando a dor daquela noite, sendo arrastada sob a água, tão impotente…

Nunca mais. Agora ela sabia usar seu poder Selvagem. Podia não ser invencível, mas pelo menos tinha uma chance de lutar.

E também não estava sozinha. Ciel e Avel foram para o seu lado de imediato.

— Onde exatamente? — questionou Oro.

— Nossos espiões ouviram rumores sobre eles vindos da Ilha da Estrela. Nós estávamos sobrevoando para rastreá-lo, mas eles simplesmente… desapareceram. No subsolo. Encontramos mais túneis, mas todos eram becos sem saída.

Do fundo da sala do trono, Ella falou:

— É verdade. Eu os vi por um momento. Tenho quase certeza de que há Estelares entre eles.

— Quem? — perguntou Oro. Isla se lembrou da ameaça dele. Penduraria qualquer rebelde na Baía dos Dentes. — Dê-me os nomes.

Ella não hesitou.

— Não reconheci ninguém especificamente. Estavam usando máscaras. Mas acredito que há Estelares entre eles, porque ninguém mais sabe sobre os túneis nas criptas.

Oro franziu o cenho.

— Criptas?

— Foram construídas durante as maldições. Para abrigar a grande quantidade de mortos. E nos esconder do resto da ilha. — A raiva se formou no estômago de Isla quando ela se lembrou do que ouvira sobre o abuso sofrido pelos Estelares. — Mantivemos isso em segredo por esse motivo. As criptas são a única razão pela qual alguns de nós ainda estão vivos… e são a única maneira de passar pelas criaturas que tomaram conta do lado leste da Ilha da Estrela.

— Como assim? Que criaturas? — perguntou Isla.

— Monstros. Ninguém mais vai lá, exceto pelos túneis, para pegar suprimentos. Quem vai longe demais… nunca volta.

A culpa embrulhou o estômago de Isla. Andara tão focada em seus poderes e nos Selvagens que tinha abandonado os Estelares, exceto por pedir a Oro para enviar guardas e provisões. Ela deveria ter ido

para a Ilha da Estrela mais cedo. Deveria ter certificado de que estavam bem.

Não desperdiçaria outro momento.

— Ella, você poderia enviar uma mensagem a Maren? Vou para a Ilha da Estrela.

— Vou com você — disse Oro.

Ela se virou para encará-lo e falou em voz baixa:

— Preciso ir sozinha.

Ele franziu a testa.

— Não totalmente sozinha — explicou ela. — Ciel e Avel estarão lá.

Seus guerreiros Etéreos se aproximaram. Isla imaginava que Oro exigiria falar com todos os Estelares e os interrogaria sobre qualquer informação sobre os rebeldes. Não era disso que eles precisavam. Não era a maneira como Isla queria abordar seu novo povo pela primeira vez.

Oro assentiu, mas não parecia nem um pouco feliz. Ele se virou para Azul.

— Os seus espiões ouviram mais alguma coisa sobre os rebeldes? Alguém mais foi atacado? Ameaçado?

Azul balançou a cabeça.

— Ninguém.

Aquilo não podia ser verdade. Por que ela era o único alvo?

Se o que Ella dissera estava correto, que deveria haver Estelares entre os rebeldes… isso não fazia sentido. Eles a tinham ferido. Podiam tê-la matado, o que teria levado à morte de todos os Selvagens *e* Estelares.

Alguma coisa não estava se encaixando.

Isla abordou Ella antes que ela saísse do castelo do Continente. Ficava desconfortável fazendo aquelas perguntas, mas precisava saber.

— Os Estelares… eles estão desapontados por eu ser a governante deles agora? Estão zangados por eu ainda não os ter visitado?

— Não. Eles sabem que você foi atacada e que esteve ocupada desde então.

Isla franziu a testa.

— Mas eles devem estar ressentidos comigo. Eles devem…

Ella riu. Isla não se lembrava de ter visto a Estelar rir antes.

— Isla — disse ela suavemente. — Todos nós crescemos aceitando que nossas vidas seriam curtas e provavelmente miseráveis. Poucos de nós tinham sonhos. Ou objetivos. Ou esperança. *Você* nos deu uma chance de viver. Para a maioria de nós, você é uma deusa. Uma salvadora.

Enquanto ela caminhava de volta para o quarto, para vestir as roupas de treino, Isla repetiu as palavras que tinha dito a si mesma nas florestas das novas terras Selvagens. Ela era forte. Era a governante dos Selvagens.

E a governante dos Estelares.

Isla fechou o guarda-roupa depois de pegar um vestido e congelou.

No espelho, o reflexo de Grim, vestido com uma armadura completa. Ele segurava o elmo frouxamente na mão. Pronto para a guerra.

Ela se virou e estendeu o braço. Um galho da árvore do seu quarto se quebrou e se afiou em uma lâmina, atravessando o cômodo.

Mas o quarto estava vazio.



CINDER

A Ilha da Estrela estava em ruínas. Seu castelo parecia há muito abandonado. Torres jaziam na terra prateada cintilante. Janelas tinham sido explodidas. Os caminhos estavam cobertos de pedras e lixo. Ciel e Avel voavam acima, circulando tão alto que ela tinha que franzir os olhos para vê-los. Ella estava ao seu lado.

Maren, a representante dos Estelares, que estava no último jantar em Lightlark, encontrou-os na entrada do castelo em ruínas. Havia uma menininha com ela, com os mesmos cabelos escuros e reluzentes, olhos grandes e pele marrom-clara.

— Minha prima — disse ela rapidamente. A prima olhava para Isla e abriu a boca algumas vezes, como se fosse dizer algo, mas Maren deu a ela um olhar, e a garotinha ficou quieta. — Todos estão na sala do trono.

— Está todo mundo bem? — perguntou Isla.

Os guardas Solares na ponte não tinham visto os rebeldes. Havia Etéreos entre eles, então deviam ter vindo voando de outra ilha. Suas motivações eram um mistério. Por que só atacar Isla?

— Os rebeldes… — prosseguiu ela.

— Estamos seguros. Felizmente, parecia que eles estavam apenas recrutando. Ou, talvez, procurando por algo.

Isla franziu a testa.

— Por que acha isso?

Maren deu de ombros.

— Por que mais se aventurariam pelos túneis? São perigosos. Todos os Estelares sabem disso. Ninguém desce até lá a menos que esteja desesperado.

Quando entrou no castelo, Isla sentiu um peso no estômago.

Grande parte da sala estava vazia, e todos eram surpreendentemente jovens. A maioria, crianças. Apenas algumas dezenas pareciam ter a idade dela. Eles observaram enquanto ela caminhava pela multidão até a frente da sala. Não havia assentos na sala do trono e, porque todos estavam de pé, ela também ficou.

— Eu não sei o que estou fazendo — foi a primeira coisa que saiu de sua boca, e ela se arrependeu quase instantaneamente.

Eles apenas a encararam. Houve completo silêncio, até que uma voz disse:

— Ninguém aqui sabe.

A voz soou bastante alegre.

— Cinder! — disse Maren, lançando um olhar para a prima. — Perdoe minha prima, Governante.

A garota não tinha mais do que oito anos e continuava sorrindo, mesmo quando Maren a acotovelou. Algumas pessoas ao redor dela concordaram.

— Está tudo bem — disse Isla, sorrindo para Cinder. Ela se sentiu um pouco melhor… e pior. Poderia ter sido um alívio chegar ali e ver que alguém havia cuidado de tudo. — Quantos Estelares restam na Ilha da Estrela?

— Um pouco mais de cem — disse um homem mais próximo da idade dela. Ele parecia ser um dos mais velhos, com um maxilar forte, cabelos prateados desgrenhados e pele clara. — Mais ou menos.

Ela franziu a testa.

— Eles sabiam da reunião?

O homem sorriu sem graça.

— Eles sabiam. — Havia algo entre seus dentes, que ele estava mastigando, longo e cintilante.

— Está bem. — Isla entrelaçou os dedos e respirou fundo, endireitando a coluna. Não deixaria a oposição detê-la; isso era de se esperar. Primeiro, então, as perguntas simples. — Onde todos vocês vivem? — Ela fez um gesto com a mão pela sala do trono. — Aqui? No castelo?

Risos explodiram em algum lugar na multidão.

— *Alguns* de nós — disse Maren, encarando um grupo de Estelares que Isla agora conseguia distinguir dos outros. Suas roupas eram melhores. Eles usavam finos colares e pulseiras de diamantes parecidos com constelações.

Os nobres. Claro. Ela reconheceu alguns deles do Centenário. Havia oito no grupo, todos com características diferentes, texturas de cabelo e tons de pele variados. Sem parentesco, aparentemente. Os últimos de suas linhagens?

Ela se virou para o grupo.

— E os outros?

O homem com o objeto entre os dentes deu de ombros.

— Nós podemos te mostrar.

Sim, isso seria melhor. Ela ainda tinha muitas perguntas. Como eles conseguiam comida? A maioria deles sabia como usar seus poderes?

Celeste — *Aurora* — havia demonstrado a capacidade do seu reino de criar armas durante o Centenário. Eles tinham estoques delas?

Antes de encerrar a reunião, havia algo que precisava dizer.

— Eu achava que a governante de vocês era minha amiga. Peguei o poder dela para salvar este reino. — Ela ergueu as mãos. — Eu não queria ser sua governante. Mas serei o que vocês precisarem que eu seja — disse, surpreendendo-se com as próprias palavras. — As coisas estão difíceis no momento. Estelares morreram no ataque dos dreks. Estamos nos preparando para a possibilidade de futuros ataques dos

Umbra. Rebeldes foram avistados ontem. — Ela olhou ao redor. — Estou aqui por vocês agora, e juntos navegaremos este novo capítulo. A morte da sua governante não será em vão. Me digam do que vocês precisam.

Houve sussurros, mas ninguém se pronunciou por um tempo. Então, Maren disse:

— O que mais precisamos é que você continue viva. Você nos deu a chance de uma vida longa. Pretendemos usá-la.

Isla pediu a Ella para ficar e escrever uma lista de reclamações e necessidades imediatas. Imaginou que os Estelares se sentiriam mais à vontade em contar para alguém conhecido o que precisavam.

Maren e o homem que mastigava o canudo entre os dentes — Leo — a conduziram até onde viviam. Estavam discutindo com familiaridade na frente de Isla.

A prima de Maren ficou para trás, andando ao lado de Isla. Ela podia sentir os olhos de Cinder nela e, após alguns minutos de olhar fixo, Isla finalmente virou-se para encará-la.

— Sim? — encorajou gentilmente.

— Como é o rei?

Isla ficou surpresa. Não era a pergunta que estava esperando. Ninguém na ilha sabia que eles eram... Ela não sabia dizer exatamente o que eles eram.

Claro, a menininha não tinha ideia disso. Como governante, Isla obviamente teria estado em contato com ele. Ela estava apenas curiosa.

— Melancólico — respondeu, piscando para Cinder.

Maren devia ter ouvido, porque riu alto, inesperadamente. Em um momento, ela voltou à sua postura rígida.

As sobrancelhas da menina se franziram.

— O que é melancólico? — perguntou ela. Antes que Isla pudesse responder, ela gritou para sua prima: — Maren, o que é melancólico?

Sua prima a ignorou e começou a brigar com Leo novamente.

— Ele só é… sério — explicou Isla. Havia mil outras coisas sobre ele que não diria à menininha Estelar. — Você nunca o viu?

A menininha balançou a cabeça tão vigorosamente que seu cabelo curto e ondulado bateu nas laterais do rosto.

— Não. Maren não me deixa ir ao Continente e me manda ficar dentro de casa quando ele visita. Como é o Continente?

Isla franziu a testa.

— O quê? Por que…

Maren se virou e disse:

— Chega, Cinder. Pare de incomodar nossa governante. — Então agarrou o pulso da menina e a puxou para frente.

Eles a levaram até uma fileira de edifícios abandonados, compostos por altas colunas prateadas, escadas quebradas e paralelepípedos faltando.

Isla observou enquanto os Estelares entravam em diferentes estruturas, andando com destreza sobre os degraus destruídos.

Maren, Leo e Cinder entraram em um dos edifícios e Isla os seguiu, prestando atenção por onde andava. Vinhas e folhas de prata se enroscavam por todas as frestas do lugar. O teto era alto e abobadado. Séculos antes, devia ter sido um salão de assembleias reais. Agora, abrigava dezenas de casas improvisadas. Algumas eram feitas de madeira e pedra. A maioria era uma mistura de diferentes tecidos e peles esticados.

Isla parou no meio do caminho.

— É aqui que vocês vivem?

Ela não conseguiu esconder o choque. Cinder estudou seu rosto por um momento, depois disse:

— Qual é o problema?

— Vá procurar Stella — disse Maren, fazendo um gesto para Cinder, relutante, se afastar.

— Mas eu não *quero*…

— Anda — disse Maren.

Cinder empertigou os ombros e se afastou lentamente em um desânimo dramático. Maren se virou para Isla. Havia uma expressão penetrante em seus olhos, como se ela estivesse prestes a repreendê-la, se não fosse sua governante.

— Dois anos atrás, um incêndio destruiu o lugar onde costumávamos viver — explicou ela rapidamente, olhando na direção para onde Cinder havia ido, ainda seguindo em passos lentos. — Foi quando viemos para cá.

— *Algun*s de nós viemos — acrescentou Leo. — Outros seguiram seu próprio caminho.

Alguém o chamou pelo nome e ele fez um gesto com a cabeça para Isla antes de correr para o outro lado do edifício.

Isla balançou a cabeça.

— Não entendo. A Ilha da Estrela é enorme, e vocês não são muitos. Por que não foram simplesmente para outras casas? Ou foram viver no castelo?

— O castelo pertence aos nobres — disse Maren. Isla estava prestes a contestar quando ela acrescentou: — E aos espectros. É muito difícil conviver com eles… e também perigoso. — Isla lembrou-se do espectro que havia entrado em seu corpo, desejando ficar lá para sempre, e entendeu imediatamente. — A maioria das residências fica do lado oposto da ilha, e não vamos mais para lá.

— Por quê?

— Monstros assumiram o controle, séculos atrás. Qualquer pessoa que vai para o leste da floresta nunca retorna.

As criaturas de que Ella tinha falado.

A raiva explodiu no peito de Isla. Aurora havia visitado a ilha a cada cem anos para o Centenário. Ela sabia de tudo aquilo e não tinha feito nada. Claro que não. Ela claramente nunca se importara com ninguém além de si mesma.

Isla balançou a cabeça. Aquela ilha precisava de muito mais ajuda do que ela havia se dado conta. Um pensamento a incomodou.

— Por que você não deixa Cinder sair da Ilha da Estrela?

Maren a encarou com o que só podia ser descrito como desprezo.

— Eu disse a todos vocês durante o jantar. Durante as maldições, as outras ilhas trataram os Estelares como descartáveis. Nossas vidas são, ou costumavam ser, apenas um piscar de olhos em comparação com as dos outros. Fomos frequentemente sequestrados. Abusados. Mortos, até. Especialmente porque muitos de nós não aprenderam a usar seus poderes… Não existe muita proteção para nós.

— Isso vai mudar — prometeu Isla. — Não vou deixar ninguém machucar vocês.

Estava falando sério, embora não soubesse como cumprir aquela promessa. Maren sorriu, mas foi forçado, como se não acreditasse totalmente nela.

Quando Isla voltou para o castelo, Oro estava esperando por ela. Sua postura estava rígida, como se a preocupação tivesse endurecido seu corpo como pedra. Seus olhos se iluminaram de alívio quando ela se aproximou.

— Como foi? — perguntou ele.

Ela o levou para seu quarto e contou tudo a ele. Oro ouviu e fez algumas perguntas, mas ela podia sentir que ele a observava. Finalmente, ele segurou sua mão. Passou o polegar sobre ela.

— Estou preocupado com você.

Isla franziu a testa e gesticulou para si mesma.

— Oro, estou bem…

— Você não está dormindo bem… Parece que também não está se alimentando bem… Parece assombrada — disse Oro. — O que está te assombrando, Isla?

Ela fechou a boca. Queria contar a ele. Realmente queria. Mas parte dela pensou que, se dissesse as palavras em voz alta, tornaria as memórias mais reais, e elas viriam com força total. Não queria lembrar. Só queria que aquilo parasse.

Oro estava certo, no entanto. Ela estava sendo assombrada.

Não era *o que* a estava assombrando, mas *quem*.

Ela não queria pensar em Grim no momento. A única vez em que seus pensamentos sobre ele paravam era quando estava com Oro.

Ela deu um passo em direção a ele e mudou de assunto.

— Senti sua falta nos últimos dias — disse ela, e era verdade.

Passar tempo com os Selvagens era importante, mas ela tinha começado a contar com a presença de Oro. Ele estava sempre lá. Tão paciente quando treinavam. Mesmo agora, ele reconhecia os sinais de que ela não estava bem, quando ninguém mais o fazia. Ele a conhecia.

Isla queria conhecê-lo também.

— Também senti sua falta — respondeu Oro, parecendo surpreso que as palavras tivessem escapado de sua boca. Ele franziu a testa, claramente frustrado por ela ter mudado de assunto.

Isla olhou para a boca dele. *Aquela boca*. Como era possível que ambos soubessem que se amavam, mas não tivessem sequer se beijado?

Seu coração começou a bater descontroladamente. Ela queria saber como era tocá-lo. Queria sentir o calor dele no seu corpo nu enquanto exploravam cada centímetro um do outro no escuro.

Antes que ela pudesse dizer ou fazer qualquer uma das coisas que passaram por sua mente, Oro pressionou os lábios no topo de sua cabeça e disse:

— Você precisa descansar. — E saiu.

Ela poderia ter ficado mais irritada se ele não estivesse certo. Seu corpo parecia pesar milhares de quilos.

Naquela noite, estava tão exausta que caiu em seu sono mais profundo em semanas.



ANTES

Isla era uma tola.

Pelo menos, era o que dizia sua mente, sem parar, sua canção de ninar favorita. Terra podia tê-la julgado de forma dura, mas Isla era sua pior crítica.

Estava tentando ser mais gentil consigo mesma ultimamente, então poderia ter se convencido de que *não* era uma tola se não estivesse fazendo, de forma objetiva, algo astronomicamente tolo.

Sua poça de estrelas ondulava diante dela, um pedaço de meia-noite. Suas guardiãs passariam o dia todo fora, visitando uma vila local. Aquela era a sua chance. Antes que pudesse se impedir, lançou-se na poça, direto para o quarto do governante Umbra.

Era exatamente como lembrava.

Pisos de mármore preto. Tetos altos e abobadados. Uma cama com lençóis pretos simples.

Só uma coisa estava faltando: o governante imponente que a pressionara contra aquela mesma parede e…

Ela afastou o pensamento e apertou o frasco em sua mão. Estava ali por uma razão muito específica, *muito estúpida*. Alguns dias antes, o Umbra aparecera em seu quarto e a enganara para que revelasse seu

dispositivo de portal. Antes que ele pudesse pegá-lo, ela chorou e implorou que a deixasse ficar com ele. Ela não se orgulhava disso.

Grim dissera que o objeto pertencia a ele e, depois de testemunhar o poder de teleporte que o Umbra possuía, Isla só podia concluir que ele o tivesse encantado. Ela sabia que objetos podiam ser infundidos com poder. No entanto, isso tinha um custo: uma vida encurtada, dependendo da quantidade de habilidade concedida.

Por que Grim fez um dispositivo de portal? E como ele foi parar no quarto dela?

No final, surpreendendo-a e provavelmente a ele também, Grim desapareceu sem levá-lo… o que a fazia se sentir culpada por tê-lo esfaqueado no peito. Não gostava de dever nada a ninguém, então havia trazido algo para ele, como oferta de paz.

Então, onde ele estava?

Isla permaneceu no meio do quarto por meia hora, o pulso acelerado, esperando encontrar uma lâmina em sua garganta a qualquer momento. A cada minuto que passava, ela ficava mais convencida da tolice da missão. A varinha estelar agora era *dela*, mas de alguma forma tinha se convencido de que o fato de Grim não a ter roubado era algo pelo qual devia agradecer.

Idiota. Quanto mais ela pensava no assunto, mais parecia ridículo. Ela estava prestes a criar a poça de estrelas e voltar para seu quarto quando ouviu a voz dele.

Estava acompanhada por outra. Um homem. Ela mal conseguia distinguir suas palavras. Eles discutiam algum tipo de estratégia.

E ambos estavam se aproximando. Cada vez mais.

Sua varinha estelar estava inerte em seu colo. Claro que estava. *Claro*. Não havia tempo para tentar convencê-la a funcionar. Precisava se esconder.

Quase não havia móveis no quarto. Nenhuma escrivaninha para se esconder embaixo. A cama não tinha espaço suficiente debaixo dela.

Mas havia outra porta. Isla se jogou através dela no momento em que os homens entraram no quarto.

Um banheiro. Tudo preto também, embora ali o chão de mármore preto fosse entremeado de veios de prata. Uma enorme banheira de ônix estava no centro. O chuveiro ficava no teto, a três metros de altura. Em circunstâncias normais, Isla poderia ter se maravilhado com isso, pois era realmente um belo conceito, um fluxo de água caindo de tão alto em uma banheira, como uma minicascata, mas agora era seu esconderijo. Ela se enfiou na banheira e empunhou a varinha estelar.

Ela continuava inerte. Algo sobre aquele lugar devia tornar difícil o seu uso, pensou, o que ela provavelmente deveria ter considerado antes de se transportar para lá.

— Idiota — xingou-se enquanto tentava fazer a varinha estelar brilhar novamente. — Não você — sussurrou. — Você é brilhante. — O encantamento ainda não acendeu. — A menos que, é claro, você não funcione, então você também é idiota.

A varinha estelar ainda estava fraca quando a porta do banheiro subitamente rangeu ao se abrir.

Isla não ousou respirar. Ela fechou os olhos com força. Prestou atenção.

Saia, por favor, saia…

O oposto de sair. O som de algo leve caindo no chão. Uma pausa.

Um passo. Outro.

Então, o golpe de algo afiado bem no peito dela…

Isla gritou.

Seu vestido estava encharcado. Mas não de sangue. Ela havia sido atingida pela cascata de água.

O fluxo parou abruptamente e Isla se levantou, apenas para se deparar com um governante com uma expressão horrorizada.

— Você está louca? — perguntou ele, as palavras afiadas e cheias de malícia. Ele estava sem camisa.

Isla rapidamente desviou o olhar. Ela estendeu algo para ele, a palma da mão aberta.

— Eu… eu vim te dar uma coisa. Como um agradecimento… — Não, ela já tinha decidido que não precisava agradecê-lo por não tirar dela a coisa que mais prezava. — … Quero dizer, como uma oferta de paz. Aqui.

Ela jogou o objeto na direção dele e a única indicação de que Grim o havia pegado foi o fato de que nenhum vidro se quebrou no chão liso. Depois de alguns momentos de silêncio, ela se atreveu a olhar para ele. Grim estava franzindo a testa para o frasco, que parecia risivelmente pequeno em sua mão.

O elixir era algo que os Selvagens vinham desenvolvendo. O botão de uma flor rara, quando extraído corretamente, produzia um elixir que curava todas as feridas. Havia apenas dois problemas. O primeiro era que cada flor produzia apenas uma pequena quantidade de néctar útil. O outro era que o soro não fazia nada para aliviar a dor.

— É um unguento curativo. Para… — Ela fez um gesto em direção ao peito dele e fez uma careta. — Para isso.

Silêncio. Ele parecia uma escultura que ela tinha visto em um jardim Selvagem, perfeito e quase sem cicatrizes, exceto por aquele grande corte bem ao lado de seu coração. Estava claro que havia um Lunar cuidando dele, ou aquilo teria sido impossível. Então, por que ele ainda não curado completamente aquela ferida?

— Para a cicatriz — explicou ela, pensando que ele devia estar confuso. — Escute. Eu não pretendia me transportar para cá, da outra vez; foi um erro. Eu não planejava te esfaquear. Foi só… instinto? — Ela falou rápido demais, tentando botar as palavras para fora. — Vim pedir uma trégua. Não precisamos ser inimigos.

Eu não preciso de você como inimigo foi o que ela não disse. *O Centenário já será difícil o suficiente para mim.*

O Umbra não disse uma palavra enquanto deixava o frasco cair na pia. Ela fez uma careta quando o vidro se quebrou.

Então ele disse:

— Saia.

O veneno em sua voz… Ele tinha nojo dela. Tanto que recusou o presente. Não, ele o havia *destruído*.

Era culpa dela. Fora tola por tê-lo desperdiçado com ele.

Isla queria seguir sua ordem, sair e nunca mais voltar. Mas, por mais insuportável que ele fosse, precisava que concordasse com a paz. Ela não queria viver olhando por cima do ombro, esperando que o Umbra se vingasse.

— O que você quer, então? O que posso te dar?

Ele parou. Já estava a caminho da porta, e ela viu os músculos de suas costas se contraírem. Sem se virar, ele disse:

— Você é incapaz de me dar qualquer coisa de valor.

Suas palavras foram como um tapa na cara, porque eram verdadeiras. Ela era uma governante impotente de um reino que estava morrendo aos poucos. Mas ele não sabia disso.

— Então vamos resolver com um duelo — disse ela, as palavras escapando de sua boca antes que pudesse impedir. — Se eu ganhar, todos os problemas entre nós serão esquecidos. Podemos começar do zero no Centenário.

Isso o fez se virar e olhar para ela com raiva.

— Apenas um tolo acreditaria que pode me vencer em um duelo.

Ele a examinou dos pés à cabeça, sua aversão apenas aumentando. Isla o encarou de volta, mesmo que sua confiança vacilasse. Ele estava certo. Por que ela sugerira aquilo? Parecia impossível vencê-lo, mas agora ela tinha que tentar.

— Os Selvagens são guerreiros, assim como você.

Seus lábios se curvaram com sarcasmo.

— Não, Devoradora de Corações — cuspiu ele. — *Não como eu*.

Grim pegou sua camisa do chão e a vestiu novamente.

— Tudo bem. Quando eu ganhar, você nunca mais voltará aqui. Estou cansado de você.

Demônio. Aquela era uma promessa fácil de fazer. Ela saiu lentamente da banheira e andou com a maior dignidade que pôde

reunir em um vestido molhado, até ficar bem na frente dele. Grim apertou sua mão rudemente. Suas mãos eram congelantes. Enormes.

— Minhas espadas estão no meu quarto — disse ela.

Um instante depois, ela estava de volta à terra dos Selvagens.

Impossível. Ele realmente tinha o poder de sua varinha estelar. Foi assim que ele aparecera tão facilmente em seu palácio Selvagem, duas vezes agora.

— Como… — disse ela, mas Grim soltou logo sua mão, como se seu toque fosse veneno.

— Tenho assuntos mais importantes para tratar — falou ele, com raiva.

Ela não precisava que ele a apressasse. Isla pegou sua espada favorita.

— Vamos para a floresta — disse ela.

Ainda era dia. Estimava que tinham cerca de uma hora de luz do sol antes que o Umbra tivesse que estar dentro de casa novamente.

Ele caminhou firmemente em direção à parede de vidro, em direção à floresta, e então *a atravessou*. Outra rara habilidade Umbra sobre a qual ela ouvira falar, mas que parecia impossível até que tivesse visto com seus próprios olhos.

O que ela faria com um poder como aquele? Nunca mais ficaria presa em seu quarto. Não precisaria se esgueirar por aquela janela inconveniente, pequena demais, como fazia agora, de bruços, a parte de baixo de seu vestido ainda molhado se prendendo e rasgando enquanto ela saía.

Grim a encarou, nada impressionado, e depois entrou na floresta como se não fosse um emaranhado de cipós e raízes que poderiam sufocá-lo, se desejassem.

A cada passo que o Umbra dava, as sombras na floresta pareciam se alongar em sua direção.

Se Isla tivesse o poder Selvagem, as plantas se estenderiam em sua direção da mesma forma que as sombras faziam com ele? Ele percebia que elas não faziam isso?

Grim se virou e atacou.

Ele a teria cortado bem no meio se ela não tivesse praticado todos os dias por quase duas décadas para o Centenário. Era uma das poucas vezes em que ela saía de seus aposentos e podia desfrutar dos jardins do castelo. Isla se jogara de cabeça naqueles treinos, apreciando a maneira como seu corpo se movia cada vez mais habilmente sob seu comando.

O instinto fez sua própria espada — sua favorita, uma lâmina com metade do tamanho da que o Umbra estava usando — encontrar a dele.

Um estrondo, outro, e o Umbra avançou tão fortemente que Isla se perguntou se ele estava tentando garantir que ela nunca mais o incomodaria não apenas vencendo o duelo, mas matando-a. Ela foi forçada a recuar para mais fundo na floresta. Só o conhecimento do labirinto daquela parte da floresta a impediu de tropeçar nos cipós. Era ali que ela e Terra treinavam, quase todos os dias. A floresta podia não ouvir Isla, mas ela conhecia todos os seus detalhes.

Grim franziu o cenho enquanto a seguia.

— Isso é um duelo, não um passeio — disse ele.

Isla fez o possível para se manter firme. Com a força de seu próximo golpe, ela cravou os calcanhares na terra em vez de recuar. Sentiu a força do ataque nos dentes.

Talvez ela não fosse tão boa em esgrima quanto achava. No que estava pensando, sugerindo um duelo?

Ele tinha quinhentos anos e experiência ativa em batalha para aperfeiçoar sua luta. Enquanto Isla tinha que pensar em cada movimento, cada avanço dele parecia instintivo, simples, natural. Ela rangeu os dentes, mas Grim estava impassível, como se aquilo não estivesse consumindo nem um fragmento de sua energia.

A habilidade dela era nada.

Uma picada aguda em seu braço — ela tinha sido cortada. Não se atreveu a olhar para baixo; não podia se dar ao luxo de meio segundo de distração sequer.

Você precisa vencer, disse a voz em sua mente. *Grim é forte demais para ser um inimigo no Centenário. Ou em qualquer lugar, na verdade.*

Mas vencer parecia impossível.

Não, não impossível.

Ela conhecia a floresta. Essa era a sua vantagem.

A boca de Isla tremeu. Aquela floresta era perigosa. E Grim estava prestes a descobrir.

— Você parece muito confiante para alguém com tamanha falta de habilidade — disse ele, parecendo muito convencido para alguém que estava prestes a cair de costas, Isla pensou.

Com determinação renovada, ela correspondeu a cada um dos golpes dele, de novo, de novo, de novo, suas espadas se chocando como amantes, o som do metal contra metal ecoando pela floresta. O Umbra nem parecia perceber que estavam se movendo em uma direção específica. Ele nem olhou para o chão até ser tarde demais.

Isla contornou uma árvore, convidando-o a se lançar em um ataque.

Direto para uma área de areia pantanosa, que decorava algumas partes da floresta, forte o suficiente para aprisionar animais em suas garras.

E, aparentemente, rudes governantes Umbra.

Uma vez afundado até os tornozelos, Grim não conseguiria mover as pernas. Ele tentou se mexer, então, assustado, olhou para baixo, para os próprios pés, enquanto continuava a bloquear os golpes dela. Ele nem estava olhando! Quando se deu conta de que não poderia mais mover os pés enquanto duelavam, ele rosnou para ela.

— Sabe que eu poderia me transportar — disse ele. — Se eu acreditasse que isso afetaria de alguma forma minhas chances de vencer.

— Acredito que isso seria considerado trapaça.

Grim a olhou sem acreditar.

— E me prender nesta substância vil não é?

Irritado, ele balançou a lâmina com mais força do que nunca, e ela o igualou golpe após golpe, seus pés a apenas centímetros das garras da areia do pântano. A árvore que se curvava acima deles era podada enquanto suas espadas se chocavam a uma velocidade impossível. Isla tinha medo de piscar, medo de perder um de seus golpes, e, pela expressão nos olhos dele, Grim quase parecia… *impressionado* por ela conseguir o acompanhar.

Então, sem aviso, ele estendeu a outra mão entre as lâminas, segurou Isla pela parte da frente da camisa, caiu para trás e a puxou para cima dele.

Ela teria sido empalada em sua espada se ele não estivesse segurando Isla firmemente afastada, com a mão em seu peito. A ponta de sua lâmina estava posicionada bem contra o coração dela.

Ele havia vencido.

— Não quero mais te ver em minhas terras — disse.

Então, ele desapareceu, deixando Isla cair de cara na areia pantanosa.



ROSA DE OURO

Isla acordou no chão, depois de cair da cama. A luz do sol inundava o quarto através da fresta das cortinas.

Não. Outro sonho tinha se transformado em uma lembrança. Eles estavam ficando mais fortes. Mais longos.

Os dois haviam duelado. A luta que tiveram durante o Centenário não tinha sido a primeira. Naquela ocasião, a habilidade de Grim não tinha sido tão impressionante. Ela ficou tão contente consigo mesma por ter vencido um guerreiro antigo. Mas não… ela sabia agora que ele claramente não usara todas as suas habilidades. Ele queria que ela parecesse forte diante dos outros, para que pensassem duas vezes antes de atacá-la.

As mãos de Isla se fecharam em punhos à medida que a compreensão se instalava em sua mente.

— O demônio me deixou vencer.

Se Isla não podia parar as visões, pelo menos poderia substituí-las, criar novas memórias para apagar o passado. Apagar *Grim*.

Oro e Isla tinham acabado de terminar de treinar. Ela tinha conseguido rolar uma pedra por um campo sem tocá-la. Quanto mais

pesado o objeto, mais concentração era necessária. Ela se apressou em mover a pedra, terminar a lição mais cedo. Porque depois…

Era hora de fazer algo ousado. Deixar claro exatamente o que queria.

Tinha acabado de tomar um banho. Seu cabelo ainda estava úmido. Ela chamara Oro para seu quarto e, quando saiu do banheiro, ele estava esperando, também recém-saído do chuveiro.

Isla teria rido da expressão no rosto de Oro, se não estivesse tão nervosa. Ela nunca o tinha visto ficar tão imóvel. Não estava certa de que ele estava sequer respirando.

Seu olhar a consumia enquanto viajava por suas pernas nuas, até a renda vermelha que deixava pouco para a imaginação.

Oro se levantou da poltrona onde estivera esperando, seus movimentos lentos, como se estivesse usando cada grama de seu autocontrole bem praticado. Ele deu um, dois, três passos, seus olhos fixos nos dela, até estar na sua frente.

— Você está tentando me torturar? — Sua voz soou rouca.

Ela repetiu as mesmas palavras de antes.

— Sim. Posso?

Ele nem mesmo sorriu com a tentativa de humor. Apenas a encarou, depois fechou os olhos com força.

— *Isla* — disse, seu nome soando como uma prece.

Ela esperou que ele a pegasse no colo, a apertasse contra a parede, pressionasse cada parte dele contra cada parte dela, que estava praticamente nua.

Mas Oro não se moveu nem um centímetro.

Isla balançou a cabeça.

— Não entendo. Posso sentir. Você me ama. Por que… por que você não encosta em mim? — Ela tinha tentado tocá-lo várias vezes, tentado beijá-lo, chegar perto dele, deixar claro o que queria. Todas as vezes, ele a havia rejeitado. Perceber isso a atingiu como o cabo de uma espada na têmpora. — Você… você não sente atração por mim?

Ele não disse nada e de repente Isla se sentiu ridícula. Claro, ele podia amá-la sem desejá-la daquela forma. Havia várias formas de amor. Ela era tão tola, tão tola por apenas *presumir*…

— Desculpe, eu…

Oro a pressionou na parede antes que ela pudesse dizer outra palavra. Ele assomou sobre ela, os olhos cheios de uma intensidade ardente que fez um calor se espalhar por todo o seu corpo.

— Isla. *Atração* mal começa a descrever o que eu sinto por você.

Ela engoliu em seco e os olhos dele foram para o pescoço dela. Oro estendeu uma mão hesitante e traçou uma linha sobre seu colo. Abaixo. Descendo pelo peito, sobre a marca onde uma flecha tinha perfurado seu coração.

— Cada vez que te vejo, penso que os deuses devem ter seus favoritos. Toda vez que você está perto de mim, sou dominado pelo desejo de ter você, de fazer amor com você, de novo e de novo. Quero devorar cada centímetro de você, até que você domine todos os meus sentidos, até que você esteja tremendo de prazer nos meus braços. *Isso* é o que eu quero.

Isla nunca havia desejado tanto uma pessoa em toda a sua vida. Ela se encostou nele.

— Então faça isso. Tudo isso.

Ela olhou para baixo e a evidência do desejo dele estava clara. Isso fez seu coração acelerar a uma velocidade impossível. Com as mãos trêmulas, ela desabotoou o fecho de seu top até que ele caísse. Oro a olhou como se quisesse passar uma semana com ela, trancados naquele quarto.

Mas ele apenas fechou os olhos e disse:

— Isla. Eu quero tudo com você. Mas não agora.

— Por que não? — perguntou ela, lágrimas quentes nos olhos. Implorou a si mesma para que elas não caíssem, sabendo que já parecia patética o suficiente.

A expressão de Oro se suavizou.

— Você está sofrendo, meu amor. — Ele pegou a mão dela. — Sinto como se estivesse te vendo desaparecer, dia após dia, e não sei o que fazer. — Ele a surpreendeu ao se ajoelhar, seu olhar no dela. O rei de Lightlark estava ajoelhado diante dela. — Me diga como posso te ajudar. Farei qualquer coisa. Te darei tudo. Só me diga.

Agora as lágrimas caíam livremente.

— Não posso — disse ela.

Ele se levantou e acariciou seu rosto, secando as lágrimas com os polegares. As mãos dele estavam quentes como brasas, e Isla se inclinou para o toque.

— Seja o que for, pode me contar. Você não está sozinha. Você não enfrenta mais o mundo sozinha.

Isla fechou os olhos. Era difícil engolir; era como se sua garganta estivesse inchada e dolorida, tentando conter as palavras.

Aquele segredo… era demais para suportar. As lembranças se infiltravam contra sua vontade; estava indefesa diante delas. Isla havia dito a Oro que confiava nele. Era verdade, não era? Se ela não pudesse contar a ele o que estava acontecendo, então a quem?

Os olhos dela ainda estavam fechados quando disse:

— Estou começando a lembrar.

Ela sentiu Oro ficar tenso na sua frente. Abriu os olhos, e Oro… o olhar dele era de fúria. Ele estava com raiva, muita raiva…

Isla se contorceu sob as mãos dele. Ele estava zangado com ela? De repente, se sentiu profundamente envergonhada por algum motivo, mais exposta do que já estava.

— Desculpe — disse ela, e não tinha certeza do porquê.

Os olhos de Oro se suavizaram imediatamente.

— Isla, nunca peça desculpas por algo que não é culpa sua. — Um músculo em sua mandíbula se contraiu. — A culpa é dele.

Ela entendeu, então. Oro tinha um olhar assassino porque queria matar Grim. Ele era a razão de seu sofrimento.

Ela assentiu. Concordava, e o odiava, o *odiava*. Precisava que Oro soubesse disso.

— Eu o odeio — disse, com as palavras tremendo na boca. — Ele é um monstro, e eu… não quero me lembrar. — Ela balançou a cabeça. — Estou me esforçando para bloquear as memórias, mas com meus poderes destravados… Eu tentei não dormir, e funcionou por um tempo. Mas… acho que as coisas estão começando a me lembrar dele, desbloqueando essas memórias. Ele entrou no meu quarto durante o Centenário; acho que isso não ajuda. Ele estava no meu espelho. Está me deixando louca. Tudo o que vejo quando fecho os olhos é *ele*…

— Mude-se para o meu quarto — disse Oro imediatamente.

Isla hesitou.

— O quê?

— Ele certamente nunca esteve lá. — Para que ela não sugerisse se mudar para qualquer outro quarto que não o dele, Oro acrescentou: — É o lugar mais protegido no castelo, caso ele esteja tentando alcançá-la de outras maneiras. Você pode ficar com o quarto. Eu ficarei em outro lugar.

Isla não queria que ele ficasse em nenhum outro lugar. O fato de estar usando apenas renda na frente dele era a prova disso. Mas Oro não quis saber.

Naquela tarde, ele providenciou a mudança de Isla para seus aposentos e a retirada das coisas dele.

As lembranças pararam depois que Isla se mudou para o quarto de Oro, e ela conseguiu dormir pacificamente durante a noite. Era como se a proximidade com Oro tivesse acalmado sua mente e as lembranças perturbadoras. Estar rodeada pelas coisas do rei, dormir em sua *cama*, era o suficiente para sufocar todos os pensamentos sobre Grim. Ela encontrou uma gaveta esquecida, cheia das roupas dele, e pegou uma de suas camisas. Depois outra. E outra. Eram largas e confortáveis, e usá-las para dormir fazia com que se sentisse menos sozinha.

Nos treinamentos, ela conseguia se concentrar melhor. Todos os dias, ficava mais forte, seu poder avançando, a lâmina dentro dela se

afiando.

O que havia começado como uma reação a um ataque, uma necessidade de abrir o cofre e se preparar para a próxima crise, havia começado a se tornar… divertido.

Eles estavam sentados em uma floresta nas terras dos Selvagens, Lynx os observando enquanto treinavam. Ela visitava o leopardo com frequência, levando presentes, que ele sempre rejeitava. Ela esperava na margem da floresta que cercava o castelo dos Selvagens, com um presente em mãos. Por fim, ele saía para encontrá-la, cheirava o que ela havia trazido e voltava para a floresta.

Isla estava convencida de que a única razão pela qual Lynx tinha ficado por tanto tempo naquele dia era porque Oro estava ali.

Eles estavam dizendo um ao outro o que criar.

— Uma rosa amarela — disse Oro, e Isla a fez florescer na frente deles.

— Um girassol — sugeriu ela, mal contendo um sorriso. Ele revirou os olhos e o fez.

— Uma videira de cinco metros — pediu ele, e ela a criou, pendendo de uma árvore, tão longa que se enrolava em espirais pelo chão.

Os lábios dela tremeram.

— O que foi? — perguntou ele, a voz neutra.

— Uma… uma… — Ela não conseguiu dizer as palavras antes de explodir em gargalhadas.

E realmente não era tão engraçado. Na verdade, não era nada engraçado.

Mas não sabia quanto tempo havia se passado desde que tinha realmente rido. Uma semana se passara sem nenhuma lembrança. Ela se sentia mais leve. Mais livre.

Oro parecia gostar de ouvir sua risada. Ele tentou não sorrir e falhou, até que o rosto dele foi tomado por um sorriso. E Isla não era páreo para aquele brilho, como se a luz do sol estivesse penetrando em sua pele. O calor dele aumentou, envolvendo-a como um cobertor.

— O que foi, Selvagem? — disse ele, balançando a cabeça enquanto a observava tentar recuperar a compostura.

Isla fechou os olhos. Olhar para o rosto dele só a faria rir mais; de repente, estava cheia de alegria. De felicidade. De… amor.

Sentada ali, na frente dele. Compartilhando um poder. A paciência de Oro, enquanto ele a ajudava a aprender.

Ela respirou lentamente, tentando se impedir de ter um novo ataque de riso, e disse:

— Um… — Ela riu silenciosamente, os ombros tremendo. — Um pedaço de grama de ouro.

Ela ouviu Oro suspirar de sua maneira paciente. Ouviu movimentos à sua frente.

Seus olhos ainda estavam fechados quando ele pegou sua mão, abriu seus dedos e deixou algo em sua palma.

Não era uma grama de ouro. Ou uma maçã de ouro.

Era uma pequena rosa, transformada em ouro sólido. Pétalas congeladas. Arredondadas e lindas. Era perfeita.

Isla estava boquiaberta ao erguer os olhos para ele. Oro estava sorrindo.

Isla nunca o tinha visto tão feliz.

— Oro.

— O que foi, Isla?

A emoção fez sua garganta ficar apertada. Sua voz estava rouca.

— Todos que já amei me traíram…

Os olhos dele cintilavam com chamas, o calor de suas emoções queimando o espaço entre eles.

— Menos você.

Ela se levantou e caminhou na frente dele. Pela primeira vez, estava olhando para baixo, para onde ele estava, no chão. Oro olhou para cima, o sol iluminando as linhas afiadas de seu rosto. Ele era lindo. Ela sabia disso desde a primeira vez que o vira, embora não admitisse a si mesma na época, mas agora ela via com mais clareza. Suas sobrancelhas, que estavam sempre retas, a menos que ele estivesse

sorrindo. A maneira como sua testa franzida parecia enraizada, sua boca quase eternamente voltada para baixo. Exceto quando estava com ela.

— Quero queimar todos eles vivos — disse ele simplesmente. — Todos que já te machucaram. Quero vê-los pegar fogo.

Ela levantou uma sobrancelha.

— Isso não é muito nobre da sua parte.

— Eu não me importo.

Pelo movimento de seu maxilar, ela soube que ele estava pensando em uma pessoa em particular.

— Me pergunte — disse ela.

— Perguntar o quê?

— Me pergunte se eu ainda o amo.

Durante o Centenário, ela desenvolveu sentimentos por Grim. No momento em que isso mais importou, no entanto, ele não conseguiu acessar as habilidades dela. Ainda assim, Oro sabia que ela estava começando a lembrar sua história. Ele devia ter se perguntado se isso tinha mudado alguma coisa.

Oro fez uma careta para o chão.

— Não é justo perguntar isso.

— Pergunte mesmo assim.

Ele fez uma pausa.

— Você não precisa responder.

— Eu sei.

— Você o ama?

Ela não hesitou.

— Não.

Isla conseguiu ver os pequenos sinais. Ela os reconhecia agora. Os ombros dele baixando. Maxilar relaxando. Alívio.

Ela estava dizendo a verdade.

Isla não amava Grim. Talvez tivesse amado, em algum momento. Mas isso estava no passado. Agora, ela estava completamente focada no futuro.

Ele era o seu futuro. Ele era seu amigo. A pessoa em quem ela confiava. A pessoa com quem era mais feliz.

Ele finalmente se levantou, assomando sobre ela. Ela olhou para cima e disse:

— Oro. Oro, eu te amo.

Ele sabia disso. Ele já sabia há meses, graças à ligação entre eles. Ela quase tinha dito as palavras antes.

Oro ficou imóvel mesmo assim.

Então ele abriu um dos sorrisos mais lindos que ela já tinha visto.

— Fale de novo. Eu não ouvi.

— Você ouviu, sim — disse ela, rindo. Em seguida, deu um passo em direção a ele. — Eu te amo.

Oro fechou os olhos, como se estivesse absorvendo cada palavra, gravando aquele momento em sua mente.

— De novo — disse ele, como se estivessem em treinamento.

Ela deu um passo para mais perto e sussurrou em frente a ele:

— Eu te amo… Mesmo que você nunca tenha me levado para um encontro… mesmo que nunca tenha sequer me beijado.

Oro abriu os olhos e olhou para baixo, para ela.

— Você quer ser beijada, Selvagem?

Ela deu de ombros.

— Entre outras coisas.

Ele balançou a cabeça, mas então passou os dedos longos pelo seu cabelo, segurou-a pela nuca…

E a beijou.

Seus lábios estavam quentes como chamas. O primeiro beijo deles foi suave. Carinhoso.

O segundo não foi. Ele se afastou para olhá-la por apenas um momento e pareceu esquecer que estavam na frente de Lynx, que fez um som de desgosto. Em um movimento rápido, Oro a ergueu pela cintura, virou-se, a pressionou contra a árvore mais próxima e a beijou desesperadamente.

Ele separou seus lábios e ela pôde senti-lo. Ele era verão, calor e fogo, e quando mordeu o lábio inferior dela, Isla gemeu em sua boca. Não conseguia ter o suficiente daquilo; seu coração parecia que podia explodir. Seu peito ficou apertado enquanto ela sentia o calor de seu corpo musculoso pressionado no dela.

A mão dele a manteve firme encostada na árvore, mas seus polegares deslizaram sob a blusa de Isla, fazendo círculos embaixo do umbigo.

Fogo percorria suas veias a cada toque dele. Ela abaixou a cabeça e roçou os lábios no pescoço dele, beijando onde sentia sua pulsação, que se acelerou. As mãos dele desceram, e Isla travou as pernas ao redor de seu corpo.

O desejo floresceu profundamente dentro dela. Os olhos dele grudados nos dela, brilhando com intensidade. Ela segurou a camisa dele…

Lynx rosnou em advertência.

Oro riu silenciosamente e depois segurou cuidadosamente a mão que tentara despi-lo. Ele pressionou os dedos entrelaçados deles contra a árvore, ao lado de sua cabeça.

Os lábios dele percorreram o pescoço dela.

— Eu também te amo — disse ele com a boca no pescoço de Isla, e então a beijou novamente.



FLORES SILVESTRES

O beijo tinha sido uma espécie de chave, desbloqueando emoções que ela tinha mantido fundo dentro de sua alma. Pela primeira vez, emoções positivas. Ela não tinha percebido quantas coisas boas estavam enterradas sob a tristeza. Percebeu que o amor era uma flor silvestre. Crescia melhor em segredo.

O amor a tornava corajosa.

— Eu tenho uma ideia — disse a Oro na manhã seguinte. — Duas ideias, na verdade.

— Me conte.

— A primeira é que quero celebrar a Copia. Aqui, em Lightlark.

Ela imaginou que Oro já tivesse ouvido falar da data quando os Selvagens viviam na ilha. Era um dia de celebrar a abundância e a criação. Isla só tinha visto as celebrações de longe, como uma figura decorativa, mas, mesmo com seu povo enfraquecido, ela se lembrava de flores nos cabelos, árvores carregadas de frutas, música e dança.

— Não a festa inteira, é claro. Mas um jantar. Aqui, nos jardins do castelo. — Ela deu de ombros. — Parece uma boa maneira de apresentar a ideia do retorno dos Selvagens. E mostrar meus poderes em público. Mostrar aos rebeldes que não tenho medo deles.

— Você gostaria de trazer seu povo aqui para a celebração?

Isla tinha pensado nisso. Nenhum dos Selvagens vivos tinha posto os pés na ilha. E as pessoas ali eram… pouco acolhedoras, para dizer o mínimo. Ela não queria trazer os Selvagens para um lugar onde seriam observados, julgados e possivelmente machucados. Especialmente com os rebeldes ainda à solta.

— Não, ainda não.

— Qual a sua segunda ideia?

Ela sorriu.

— Quando meu povo estiver realmente pronto para voltar… quero que eles tenham um lugar *para onde* voltar. Quero criar um lugar para Lynx, se ele algum dia decidir que gosta de mim.

Oro os levou voando até a Ilha Selvagem. Isla começou com uma das mãos no chão. Um arbusto de rosas, florescendo na terra morta.

— Eu quero que a gente traga tudo de volta à vida — disse ela, e estendeu a mão para ele. — Juntos.

Usando o poder dela, Oro fez um carvalho. Outro. Isla se aproximou de uma árvore mumificada e passou os dedos pela casca, que estava saindo. Imediatamente, a árvore explodiu em cores e folhas. Ela circulou, pintando a Ilha Selvagem com cores vibrantes, tons de verde, vermelho, roxo, azul e marrom. Flores, em toda parte, de todas as formas. Árvores agrupadas como se estivessem fofocando, seus galhos balançando ao vento.

Quando o sol se pôs, parte da ilha estava viva, muito viva.

Ela sorriu.

Isla tinha criado centenas de pequenas vidas, pequenos fios, todos se estendendo em sua direção, cintilando, brilhando.

E, como se isso nunca tivesse acontecido antes, como se o poder de Umbra em sua essência tivesse se esvaído, nada morreu.

Toda vez que Oro usava o poder dela, Isla sentia, como uma mão acariciando os rios de sua habilidade. Era uma experiência íntima. Ele já tinha usado o poder dela antes, mas nunca por tanto tempo.

Naquele dia, eles tinham trabalhado por horas. Quando chegaram ao quarto dele, ela nunca se sentira tão próxima de Oro.

— Esta noite… fique comigo — disse Isla.

Oro a olhou, e ela nunca o vira tão exausto.

— Não precisamos fazer nada — disse ela com a voz suave. — Podemos conversar. Podemos dormir. Podemos sonhar, lado a lado. Isso é tudo, a menos que você queira mais.

E, mesmo que ela o quisesse agora mais do que nunca, isso parecia mais do que suficiente.

— É isso que você quer? — Os olhos dele buscaram os dela. — Isso vai te fazer… feliz?

Ela assentiu.

Ele entrou.

Isla foi ao banheiro para trocar de roupa. Usava o que vinha usando para dormir nos últimos sete dias ou mais: uma das camisas de Oro. Ele tinha muitas para compartilhar. Todas elas cheiravam a verão, sabão e cítricos.

Nem pensou muito nisso até sair do banheiro e Oro olhá-la como se ela tivesse saído nua. Ele parecia quase horrorizado.

— Eu... Desculpa. — Ela recuou um pé de volta para o banheiro. O mármore estava frio sob seus pés, tudo estava frio em comparação com ele. — Eu encontrei as camisas no seu quarto. Não pensei que se importaria. Eu posso trocar.

Oro riu.

Ele *riu*.

Passou a mão lentamente pelo rosto, depois pela nuca, e gemeu. Sua voz estava sombria como a meia-noite quando ele disse:

— Não ouse. Não ouse vestir mais nada.

Ela nunca o tinha ouvido tão… possessivo antes. Isso fez a base de sua espinha estremecer, fez ela pensar sobre os dois, e a cama, e o fato de que em breve estariam juntos…

Qualquer esperança de que algo fosse acontecer entre eles morreu quando Oro mudou de roupa e se enfiou debaixo das cobertas antes

que ela pudesse examinar cuidadosamente o que ele usava para dormir. Então, as chamas do quarto se apagaram.

Ela se contorceu sob as cobertas. Suas terminações nervosas estavam pegando fogo; ela sentia *tudo*. Os lençóis nas suas pernas, a camisa no peito, formigando de desejo, o tecido dessa camisa subindo, quase mostrando a renda que ela usava por baixo.

Oro estava em silêncio atrás dela. Quente, como sempre. Isla tentou controlar a respiração. De repente, seu coração estava batendo rápido demais.

Isla lentamente deslizou a perna pelos lençóis até encontrar a dele, que queimava de calor e o irradiava para ela.

Ele estava ali. Ele sempre estava por perto, não estava?

— Oro.

A palavra foi engolida pelo silêncio escuro do quarto. Segundos se passaram.

— Isla — disse ele, sua voz livre do sono, como se estivesse acordado o tempo todo enquanto ela se contorcia desconfortavelmente de desejo. Desejo por *ele*.

Ela se virou para encará-lo.

— Eu…

Fechou os olhos com força. O que estava fazendo?

Ele estendeu a mão para o ombro dela, provavelmente para confortá-la, mas Isla queria mais do que *conforto*. Colocou com avidez a mão sobre a dele.

Encontrou os olhos âmbar dele na escuridão, nublados de preocupação. Não, ela queria que eles estivessem cheios de outra coisa. Olhou diretamente nos olhos dele enquanto dizia:

— Eu preciso de você.

Oro ficou imóvel. Engoliu em seco. Seu olhar se afiou, de repente em alerta máximo.

— Isla…

— Não. — Ela balançou a cabeça. — Por favor, não me diga que isso vai me confundir, ou que não é a hora certa. — Ela chegou mais perto. — Eu quero você. Agora. Eu *preciso*…

De intimidade. Prazer. Essas eram as palavras que não disse, mas a maneira como os olhos dele se fecharam por apenas um momento e como sua mandíbula se contraiu indicou a Isla notou que ele entendia o que ela queria.

Seu corpo se aproximou mais, até que a mão que ele tinha colocado em seu ombro desceu para o quadril dela. Isla deslizou os lençóis para baixo, para que ele pudesse vê-la por inteiro em sua camisa.

Oro absorveu cada centímetro dela e sua mão agarrou o tecido largo em seu corpo, como se ele estivesse fisicamente se impedindo de tocar sua pele.

— Toque em mim. Por favor — pediu ela.

As regras do próprio Oro foram esquecidas.

Ela nem sabia se estava respirando enquanto os dedos dele deslizavam por sua perna, depois sob as suas roupas íntimas. A mão dele se curvou ao redor de sua bunda, o polegar acariciou a parte interna de sua coxa, tão perto, tão *perto*…

Isla desviou o olhar do próprio corpo seminu, da mão dele em sua pele, para olhar para ele, agora a apenas alguns centímetros de distância. Nos olhos de Oro, viu uma expressão torturada.

Ela franziu a testa.

— Oro, se você não quiser…

Antes que pudesse terminar, ele a virou de costas e agarrou seus quadris. Ela arfou quando ele a puxou para si, contra si, contra a prova de que ele queria aquilo tanto quanto ela. O calor pulsante dentro dela se tornou um incêndio. Isla arqueou as costas e se apertou a ele, fazendo-o praguejar.

Oro deslizou as mãos até a cintura dela e se inclinou para sussurrar em seu ouvido, com uma voz profunda que alcançou o fundo de sua mente:

— Isla, saber que você tem usado minhas camisas para dormir me deixa louco. — Seus lábios tocaram a orelha dela. — É nisso que vou pensar quando estiver sozinho. — Ele puxou a camisa para cima, expondo as roupas íntimas dela. Ele olhou e respirou fundo, observando a renda. — Você. Com as minhas roupas.

O coração dela ia explodir no peito. Ambos assistiram enquanto os dedos de Oro, devagar, muito, muito devagar, deslizavam até onde ela mais o desejava. Finalmente, ele alcançou o ponto e ela fechou os olhos com força enquanto ele encontrava a prova de seu próprio desejo. Ele parou, sua mão bem ali, bem *ali*...

Ela parou também, se perguntando se deveria ficar envergonhada.

— Você quer? — perguntou ele.

Ela olhou por cima do ombro para ele. Nunca quisera tanto.

— Quero.

Então ele se libertou. De repente, a camisa dele e as roupas íntimas dela estavam no chão e as mãos de Oro estavam no peito dela. No escuro, toda sua concentração se reduziu ao calor do toque dele enquanto os dedos roçavam levemente nas partes mais sensíveis da sua pele. Ela parecia se derreter nele, fazendo todos os tipos de sons enquanto Oro passava os nós dos dedos por sua barriga e sussurrava em seu ouvido.

— Me diga o que você gosta, amor. Mostre.

— Aqui — disse ela, se contorcendo. Isla encontrou a mão dele e começou a guiá-la para baixo novamente. — Por favor.

Mas os dedos dele eram longos e experientes e precisavam de pouca orientação, mesmo que ele parecesse gostar da visão da mão dela sobre a dele. Quando Oro estava exatamente onde ela precisava, Isla estendeu a mão para segurá-lo pela nuca e disse:

— Não pare. Não se atreva a parar.

Os lábios dele estavam perto dos dela; sua respiração quente na pele de Isla, e ele gemeu quando ela começou a se mover sob o toque.

A cabeça de Isla se inclinou para trás e ela fez um som que ele pareceu gostar, porque beijou seu pescoço. Ele sabia onde tocá-la,

onde se demorar, onde explorar.

Levou apenas alguns instantes para ela ficar ofegante e prestes a explodir; nada nunca foi tão bom, tão doce.

— Oro, eu… — disse ela, porque podia sentir faíscas percorrendo sua coluna.

— Ainda não — disse ele, continuando, e ela arfou quando os dentes dele rasparam levemente seu pescoço antes de chegarem à orelha. — Eu quero tanto você que às vezes acho que poderia morrer — sussurrou ele antes de curvar os dedos e fazer o mundo se despedaçar ao redor dela. Ele a segurou perto, braços apertados ao redor de seu corpo. — Nunca duvide disso.

Ela nunca mais duvidaria.



ILUSÃO

Isla mexia nas pétalas do seu corpete. Era a noite da Copia.

Ela havia ajudado o alfaiate Estelar a fazer seu vestido. Para o tecido, tinha feito centenas de flores florescerem, entrelaçando seus caules, cobrindo o chão do ateliê.

Uma mão cobriu a dela para impedi-la de mexer no corpete e a pressionou contra o peito de uma forma que a fez esquecer de repente qualquer pensamento errante que estivesse circulando em sua mente.

— As flores não se colhem sozinhas, lembra? — disse ele, repetindo as palavras que a própria Isla dissera quando estava bêbada, no Centenário. Ela não sabia que ele tinha ouvido essa parte.

Isla sorriu e se virou para encará-lo. Ele estava vestido de dourado, em sua roupa mais oficial para a ocasião. Ela alisou a seda de sua camisa, que não precisava nem um pouco disso.

— E os reis? Eles colhem flores?

A expressão de Oro era pura promessa quando ele se aproximou para dizer bem em seu ouvido:

— Só quando a flor os colhe.

— Bom. Porque tenho certeza que você vai ter que me tirar deste vestido. — Ela se virou para ele. — Está vendo? Sem amarras. Sem botões.

Na verdade, ela havia moldado o vestido em si mesma. Com as instruções de Leto, de acordo com seu projeto, ela teceu o vestido em volta de si, as flores se juntando, se apertando com força, seus caules as mantendo no lugar.

Outro fato era que ela certamente poderia desfazer o vestido sozinha, mas a alternativa era muito mais agradável.

— Humm — disse Oro, sua voz ficando mais profunda. Sua boca roçou o ombro nu de Isla. Seus dedos percorreram as costas dela, onde estariam os fechos de um espartilho, se aquele fosse um vestido tradicional, e não pararam. Ela sentiu o calor da mão dele percorrer a base de suas costas antes de agarrar o quadril. — Isso não deve ser um problema.

— Tem certeza? — Ela piscou para ele de forma inocente por cima do ombro. — Se estiver muito ocupado com seus deveres reais, posso pedir para outra pessoa…

Ele segurou o queixo dela, inclinou sua cabeça na direção da dele, para que pudesse dizer bem perto de seus lábios:

— Esta noite, meus únicos *deveres reais* envolvem minha boca e o que você usa por baixo de um vestido como este.

Os olhos de Isla ainda demonstravam o cúmulo da inocência quando ela disse:

— Então, sua boca e… nada?

Oro praguejou e o calor encheu a sala. Eles estavam parados na frente de um espelho. Ela virou a cabeça e o viu olhar para ela como se fosse a coisa mais preciosa em todos os reinos. E ela…

Ela parecia feliz. Ela *estava* feliz. Sua mente havia se esvaziado da maior parte de seus pensamentos ansiosos. Como isso havia acontecido?

Por causa de Oro. Ele havia pegado todos os seus pedaços quebrados e jurado um dia torná-la inteira. Ele foi paciente. Gentil. Amoroso.

Por dentro, Isla agora tinha uma paz. Um pedaço de luz solar. Era uma âncora. Se seus pensamentos ficassem fora de controle, nas horas

mais sombrias, ela voltaria ali, para aquele momento.

Antes, ela se sentia desamparada, traída, como se não tivesse um lar de verdade.

Agora, *ele* era seu lar.

— Olha — disse ela, pescando uma fina corrente dourada debaixo do vestido. A pequena rosa dourada estava pendurada ali, em seu peito. Isla tinha feito um colar com ela. — É pesado, mas…

— Você guardou — observou ele, quase admirado, franzindo a testa. Oro passou os dedos sobre o objeto, que ficou mais leve, como se estivesse oco.

— Claro que guardei. Somos nós. Uma rosa banhada em ouro.

Oro não parecia se importar com o fato de estar bagunçando todas as pétalas do vestido de Isla quando a levantou.

Isla pensou, enquanto ele se inclinava e a beijava, que nunca tinha sido tão feliz em toda a sua vida.

Os jardins do Continente estavam decorados com flores que Isla tinha feito desabrochar. Havia passado a tarde toda criando a decoração. O evento era destinado a mostrar suas habilidades. Fazia todo o sentido ter seu poder em exibição por toda parte.

Cem ilhéus e novos habitantes haviam sido convidados, não apenas nobres. Na verdade, alguns nobres descobririam que tinham sido deixados de fora da lista. Pessoas de todos os reinos estavam sentadas às mesas, e Isla as colocou todas juntas, não separadas, como costumavam ficar.

A convidada mais surpreendente de todas era Cleo. Ela havia aceitado o convite, e Isla só podia esperar que isso significasse um pequeno gesto de paz. A governante dos Lunares estava sentada com postura impecável, o queixo erguido como sempre. Seu cabelo branco estava amarrado em uma única trança longa. Seu rosto não demonstrava nenhuma expressão.

Oro apertou a mão de Isla embaixo da mesa. *Você consegue*, ele parecia dizer.

Ela conseguia.

Isla se levantou. Estava descalça. Flores desabrochavam a cada passo em direção ao centro da celebração.

Ela não precisou dizer a eles para ficarem em silêncio; fizeram isso por conta própria.

— Obrigada por comparecerem a este banquete em homenagem ao meu reino. Este dia é destinado a celebrar o crescimento. — Sua voz ficou mais forte devido à importância daquele momento. — O crescimento não se limita às nossas plantas, aos nossos reinos, mas a *nós mesmos*. Não importa o que aconteceu antes, podemos mudar. Nossas opiniões podem mudar. O ódio pode se tornar esperança. E eu sinceramente espero que, um dia, os Selvagens possam retornar à Ilha Selvagem, do jeito que viveram por milhares de anos. — Houve murmúrios, mas ninguém ousou dizer uma palavra contra a ideia na frente de Isla. Ela ousou considerar aquilo um progresso. — Em nome do nosso reino, desejamos a todos uma temporada de crescimento… na direção certa.

Era isso. Aquele era o momento.

Todos sabiam que antes ela não tinha poderes. Sabiam que ela não conseguia usá-los.

Isla abriu sua mão, revelando uma semente rara que tinha conseguido nas novas terras. Ela a lançou a sua frente, para o chão, e todos assistiram enquanto a semente era sugada para dentro da terra. Um instante depois, o chão se agitou, e uma árvore se formou diante deles, anos de crescimento em apenas segundos. A casca se sobrepôs, os galhos engrossaram, as folhas se abriram e então cresceram frutos.

— Esta árvore não cresce em Lightlark há séculos — disse ela. — Seu fruto é frequentemente chamado de encantado, por causa de sua doçura.

Ela se virou em um semicírculo, e arcos de videiras, espinhos e rosas brotaram ao redor da reunião, um após o outro.

Sussurros. Murmúrios. Olhos arregalados. Curiosidade.

Sua demonstração funcionou.

A mão de Oro pousou em seu joelho assim que ela se sentou. Seu polegar deslizou pela coxa dela, e Isla ficou subitamente corada, lembrando as promessas dele para aquela noite.

O tilintar dos talheres contra pratos de vidro era uma sinfonia bem-vinda. No início, as conversas nas mesas entre os reinos pareciam silenciosas, talvez até tensas, mas, no final do jantar, havia risadas. Conversa. Até alegria.

Então, muito rapidamente, tudo ficou em silêncio.

Foi como se todo o barulho tivesse sido arrancado da ilha. As velas que ladeavam o jardim começaram a tremer. Bruxuleando.

Diante deles, a árvore de Isla murchou, os galhos desidrataram, até se tornarem apenas um monte de folhas mortas.

Então, num instante, a escuridão os sufocou.

Tudo no jardim se transformou em cinzas. Mesas foram derrubadas. Sombras caíram do céu como raios de relâmpago, depois correram pelo Continente como tornados, apagando tudo em seu caminho.

Sem gritos, embora as bocas estivessem abertas. Sem choro, embora lágrimas escorressem pelas bochechas de Isla.

Ela estendeu a mão, mas nenhum poder saiu. Era como se tudo dentro dela tivesse sido apagado.

Não, não…

Um piscar de olhos e tudo voltou ao que era.

Isla se lembrou da demonstração de poder de Grim no Centenário.

Uma ilusão. Aquilo era uma ilusão.

Então, a voz dele soou em sua cabeça.

Soou na cabeça de todos.

— Considerem isso um aviso — disse. — Um vislumbre do futuro. Vocês têm um mês para evacuar a ilha. Em trinta dias, eu virei destruí-la.

Gritos. Berros.

— Não vai restar nada. Vocês podem optar por fugir para seus novos territórios… ou se juntar a mim em um novo futuro. A escolha

é simples. Lutar é inútil. A ruína que se aproxima é inevitável.



HISTÓRIA

Isla desceu do céu, carregada por Ciel e Avel, que a seguravam por baixo de cada braço. Antes, ela teria medo da altura. Agora, não havia espaço para um temor tão simples.

Ela pousou nos degraus do castelo de Cleo e em questão de minutos foi cercada por guardas vestidos de branco. Eles tinham bolsas de água balançando em seus quadris — água pronta para ser usada como arma.

Cleo desceu de uma das varandas mais altas do castelo, surfando uma cascata. Quando ela pousou, a água congelou, formando um grande halo branco ao redor de seus pés.

— A valente pequena Selvagem. O que veio fazer aqui?

— Fique — disse Isla.

A Lunar pareceu intrigada.

— E eu que pensei que éramos inimigas.

— Você não é minha inimiga — disse Isla. — Eu observei todos os seus movimentos. Você sempre faz o que é melhor para o seu reino. Deixar Lightlark seria um erro.

— Seria? — ela disse, parecendo entediada.

— Lightlark é a base das suas habilidades. Se sair e Lightlark for destruída, seu povo não vai durar.

Cleo quase sorriu. Surpreendentemente, não parecia cruel. Sua expressão, mais do que tudo, parecia triste.

— Você sabe tão pouco — disse ela, com a voz vazia de qualquer desprezo. — Presume que conhece minhas motivações. Presume que seus fatos são a verdade.

Isla estreitou os olhos.

— Você descobriu algo, antes do último Centenário. Foi por isso que não compareceu. Foi por isso que andou construindo navios. É por isso que está considerando evacuar seu povo de Lightlark. Não é?

Cleo não respondeu. A Lunar apenas inclinou a cabeça para Isla, como se estivesse avaliando uma pedra sem brilho, procurando por qualquer lampejo escondido.

Isla deu um passo à frente.

— Responda — gritou, e espinhos cresceram ao redor de seus pulsos, do nada, chegando ao chão.

Uma dúzia de guardas Lunares a cercaram em segundos. Avel e Ciel estavam ao seu lado, cada um com as mãos em seus braços, prontos para levá-la voando para um lugar seguro. Ela estava com sua varinha estelar, apenas por precaução. Sentia-se invencível.

A Lunar franziu a testa para os espinhos caindo das palmas das mãos de Isla.

— Que desperdício — disse Cleo, e então se virou na direção das enormes portas congeladas de seu palácio.

— Poderíamos trabalhar juntas — disse Isla.

Isso fez a Lunar parar. Ela se virou, a barra de seu vestido branco farfalhando sobre a pedra congelada.

Isla aproveitou a chance.

— Selvagens e Lunares são mais semelhantes do que você gostaria de imaginar. Você tem terras congeladas e inférteis. Nós começamos a reaprender como cultivar colheitas. Poderíamos ajudá-la, para que não precise depender da pesca. Podem variar sua dieta.

Ultimamente, os Lunares não eram vistos nos mercados. Eles haviam se isolado quase completamente dos outros reinos.

A expressão da Lunar permaneceu tão gelada quanto o chão sob seus pés. Indiferente.

— Também somos curandeiros — prosseguiu Isla. — O elixir que eu mostrei durante o Centenário... sabemos como fazê-lo. Entre as habilidades naturais de cura do seu povo e as que podemos extrair da natureza, poderíamos curar quase qualquer coisa.

Cleo a encarou por um momento. Outro. Então se virou novamente.

— O que aconteceu? — perguntou Isla. — O que aconteceu um século atrás? Por que você não compareceu ao quarto Centenário?

Com isso, o gelo varreu a ilha. Espalhou-se em todas as direções e endureceu sob os pés de Isla. Ela teve que brotar vinhas de suas mãos para se enraizar no lugar e não escorregar. Ciel e Avel se firmaram ao lado dela, o vento circulando ao redor de seus corpos para mantê-los imóveis.

Cleo se virou.

— Você ousa me fazer uma pergunta dessas?

Isla deu um passo à frente, para além de seus guardas Etéreos, suas raízes afundando no gelo, mantendo-a no lugar.

— Eu ouso. Algo aconteceu. O que foi?

Por uma fração de segundo, Isla captou um lampejo de emoção real que passou pela máscara normalmente gélida da Lunar. *Sofrimento*.

Cleo era capaz de sofrer?

— Nós duas queremos a mesma coisa. Que nossos reinos sobrevivam. Podemos nos ajudar. — Cleo parecia cética, e Isla rosnou. — Eu sei que você me odeia, mas ama o seu povo. Faça isso por eles.

Para sua imensa surpresa, a Lunar sorriu.

— Eu não te odeio — disse ela. Então se virou e o gelo ao seu redor retraiu, voltando à sua origem.

Só quando ela estava quase na frente do palácio, a governante Lunar disse, antes de entrar:

— Vou pensar no assunto.

Grim ia destruir Lightlark em vinte e nove dias.

Pela visão, ela havia percebido que um ataque era inevitável, mas isso não diminuía o sofrimento de saber que alguém de quem já gostara estava determinado a destruir tudo o que ela agora amava.

Oro estava irrevogavelmente ligado a Lightlark, como rei. Se a ilha perecesse… ele também morreria.

Todos os representantes foram convocados para uma reunião na manhã seguinte. Isla não tinha contado a Oro sobre sua visita a Cleo na noite anterior. Enquanto observava a porta, sua esperança de que a Lunar ficasse se acabou.

A declaração de Grim sobre um ataque era a desculpa perfeita para Cleo deixar Lightlark de uma vez por todas, em seus navios. O novo território Lunar estava bem estabelecido e não estava sob ameaça. Seria muito fácil para Cleo levar seu povo e fugir.

Eles não podiam partir. Se os outros reinos entrassem em guerra com os Umbra, precisariam dos Lunares e de seus curandeiros mais do que nunca.

Enya estava ao seu lado, entrelaçando e separando os dedos. A ansiedade se espalhava pela sala. As mesmas pessoas do jantar estavam presentes agora, mas daquela vez não havia comidas flutuantes ou cálices enfeitados com chamas, nem peixes presos no gelo.

Daquela vez, em vez de sussurros, havia apenas silêncio.

O relógio começou a soar, marcando a hora.

Logo antes do último toque, Cleo entrou na sala do trono e Isla se esforçou para não cair da cadeira de surpresa. A governante Lunar tinha ouvido.

Ela tinha ficado.

A bengala de Soren estalava contra o rastro de gelo de Cleo enquanto ambos se dirigiam para seus assentos.

Oro não perdeu tempo.

— Temos vinte e nove dias antes de Lightlark ser sitiada. Vinte e nove dias para descobrir como deter Grim.

O silêncio se quebrou e as perguntas transbordaram.

— Ele pode mesmo fazer isso?

— Ele controla as criaturas aladas do ataque na coroação?

— São cinco reinos contra um; podemos proteger a ilha, não é?

— O que ele quis dizer com "novo futuro"?

Um dos colares de Isla pesava em seu pescoço quando ela engoliu em seco, tendo flashes de sua visão.

Grim era capaz daquilo. Poderia destruir todos eles.

Ela piscou e encontrou Cleo observando-a atentamente. A Lunar não estava focada no animado debate ao seu redor. Ela apenas olhava para Isla, com o espectro de um sorriso nos lábios, a expressão de alguém que sabia um segredo.

— Sim? — disse Cleo de repente, respondendo a Oro. Aparentemente, ela estava de fato prestando atenção. Mas seus olhos permaneceram fixos nos de Isla.

— A oráculo está acordada? — perguntou Oro.

Ela balançou a cabeça.

— Visitei-a assim que retornei à ilha, e ela se recusou a descongelar.

Houve murmúrios. O calor fluiu de Oro, mas ele passou para a próxima pergunta.

— Quantos curandeiros vocês têm?

— Quase cem em Lightlark. Três vezes mais nas novas terras — respondeu Cleo.

Isla interveio.

— Combinados com nossos elixires de cura, seremos capazes de curar quase qualquer lesão. Começaremos a produzir mais imediatamente.

Sua postura era ereta. Ela olhou para Soren, desafiando-o a questioná-la da mesma forma que havia feito no último jantar. Ele não disse nada.

— Ambos serão imprescindíveis — disse Azul, então deslizou seus dedos cobertos de pedras preciosas pela mesa e balançou a cabeça. — Se Grim vai enfrentar todos os outros reinos, ele deve estar bem

equipado e determinado. E certamente quer algo. Não deseja apenas destruir a ilha, ou ele teria feito isso durante as maldições, quando estávamos mais vulneráveis.

Por um momento, os olhos de Oro se voltaram para Isla. Ela sabia o que ele estava pensando.

Grim queria ela.

Não. Se fosse essa a questão, ele poderia ter aparecido naquele exato momento e a levado. Ela concordava com Azul. Havia um propósito para os planos de destruição de Grim. Se soubessem qual era, talvez pudessem detê-lo.

O olhar de Oro era puro fogo.

— Seja qual for seu objetivo, a intenção é clara. Ele está vindo para nos destruir. Precisamos usar todos os recursos que temos, cada pedaço de habilidade. — Ele se dirigiu a todos. O calor queimava a sala. — Esta é a nossa casa. É nosso futuro. Nossa força reside aqui. Sem a ilha, nossos reinos morrerão. Temos vinte e nove dias para salvar Lightlark… ou perdê-la para sempre.

Naquela noite, Isla se enroscou no peito de Oro e tateou por ele na escuridão. Suas bochechas. Seus lábios. Ela o tocou gentilmente, apenas o mais leve roçar da ponta de seus dedos, e o sentiu tremer.

— Oro. Na infância, eu não experimentei as estações. Estava sempre quente. Mas havia algumas semanas no meio do ano em que tudo parecia mais vivo. Eu chamava isso de verão, e costumava desejar que durasse para sempre. — Ela franziu a testa, tentando bloquear a memória de sua visão. — Você e eu… construímos um verão sem fim. E eu não vou deixar ninguém o destruir.

Na manhã seguinte, ele já havia partido quando ela acordou. O relógio começara a contagem regressiva, e o caos se instalou. A notícia do aviso de Grim se espalhou, e as pessoas invadiram o castelo, desesperadas, em busca de respostas.

Todos os adultos dispostos e capazes eram esperados para iniciar o treinamento.

Já haviam se passado séculos desde a última guerra. Muitos dos melhores lutadores haviam morrido durante as maldições. Oro foi para a Ilha do Sol, com Enya, para preparar seu exército. Azul reuniu sua força aérea, uma legião no céu.

Isla hesitou em pedir aos Estelares que lutassem, uma vez que a maioria mal havia deixado a infância. Algumas pessoas nas novas terras Estelares se voluntariaram para lutar, e os demais que conseguiam manipular poder fariam armas e forneceriam energia para um escudo que poderia ser usado para proteger partes da ilha.

Naquela noite, antes de ir para o quarto de Oro, ela foi ao próprio. Não chegou a entrar, parando antes.

Viu um lampejo de tecido branco em sua varanda.

Cleo.

A governante Lunar estava ali, as mãos agarrando o parapeito, de frente para o mar. Seus cabelos brancos cortavam a noite em mechas afiadas. Seu vestido era uma poça pálida no chão de pedra.

Isla engoliu em seco. Ela se perguntou se deveria ter medo. Esperou que o medo viesse… mas não veio.

Um perigo maior estava chegando. *Grim* estava chegando. Ela percebeu que os medos eram relativos. Podiam parecer menores quando comparados aos maiores.

Ela não tinha medo de Cleo. Não mais.

A porta rangeu ao se abrir. Naquele ângulo, a lua cheia parecia um halo ao redor da cabeça de Cleo. Iluminava seu vestido branco e sua pele; ela era como uma vela sem pavio. A governante Lunar nem se virou quando disse:

— Foi uma noite exatamente como esta. — Isla observou a poça de água ao redor do vestido de Cleo. — A pior noite da minha vida. Era lua cheia… exatamente como esta.

Isla apoiou-se na porta.

— O que você quer, Cleo?

Cleo quase sorriu. Foi uma expressão triste.

— Esta noite? Pode ser uma surpresa… mas eu quero te ajudar.

Isla estreitou os olhos.

— Isso realmente me surpreende.

Vinhas rastejaram pelo penhasco até alcançarem sua varanda. Elas não pararam até se enrolarem ao redor dos braços de Isla e descerem pelas palmas de suas mãos.

— Considerando que você tentou me matar.

Cleo olhou das vinhas escorrendo pelos dedos de Isla para seu rosto e sorriu.

— Selvagem, se eu quisesse te matar, você estaria morta.

Uma onda gigante se chocou contra a varanda e Isla sentiu a força dela em seus joelhos. A água congelante encharcou suas pernas e ela fez o possível para não tremer.

— Ouvi dizer que você foi trancada em uma sala de vidro. Isso é verdade? — perguntou Cleo. Aonde ela queria chegar com aquilo? Como ela sabia? Isla assentiu com cautela e viu Cleo se virar novamente para a lua enquanto dizia: — Você é uma jovem tola, mas me lembra muito ele. — Isla chegou a pensar que estava imaginando a voz de Cleo falhando de emoção, afastando-se de sua habitual frieza. — Meu filho.

O mar que se infiltrou entre os pilares da varanda congelou. Quase atingiu Isla, mas ela não moveu um músculo.

Filho? Cleo tinha um herdeiro…? Isso não podia estar certo; herdeiros não eram permitidos no Centenário...

— Ele morreu. A maldição o levou. — Cleo olhou para o mar, que agitava e espumava, e Isla viu ódio em seus olhos. — Fiz de tudo para protegê-lo. Eu o prendi, assim como você foi presa, e falhei.

Isla teria pensado ser impossível sentir algum tipo de empatia por Cleo, embora seus olhos ardessem enquanto pensava no filho dela, trancado em seu quarto, e a mãe que só queria mantê-lo em segurança.

— Foi por isso que você não compareceu ao quarto Centenário — disse Isla. — Você tinha um herdeiro.

— Nossa maldição estava bem gerenciada naquela época. Era mais importante garantir o futuro do meu reino. Eu tive um herdeiro porque, como você disse, *eu faço tudo pelo bem do meu reino*.

Não era apenas Isla quem pensava assim. Ela se lembrou de Oro durante o Centenário, dizendo que Cleo era a governante mais dedicada. Embora ela tivesse tido relacionamentos com homens e mulheres antes das maldições, não se relacionara com ninguém desde que se tornara a líder dos Lunares. Ela colocava a segurança de seu reino acima de tudo.

— No entanto, algo inesperado aconteceu — disse Cleo. — Eu… senti amor por ele. Tinha esquecido como era… amar tanto alguém, a ponto de parecer que está se afogando.

Ela se virou para encarar Isla e o gelo ao seu redor se tornou líquido antes de endurecer mais uma vez. Cleo sempre usava vestidos com golas altas, mas naquela noite ela vestia algo mais casual. Por causa disso, Isla pôde ver um colar: uma fita simples com uma pedra azul-clara que cintilava ao luar.

— Eu fui ao último Centenário por ele, para que ninguém mais fosse pego pelas maldições. — Ela olhou Isla de cima a baixo, sua expressão ainda cheia de pesar. — E, por causa dele, estou te ajudando.

Isla não sabia por que Cleo tinha contado tudo aquilo agora, quando havia sido tão defensiva apenas alguns dias antes.

Cleo queria algo. Ela só precisava descobrir o que era.

— A oráculo — disse Cleo finalmente. — Ela está acordada e tem uma mensagem para você. É melhor você visitá-la em breve.

A oráculo estava acordada. Eles precisavam dela agora mais do que nunca. A esperança brotou, mas estava tingida de suspeita.

A oráculo estava na Ilha da Lua. Cleo poderia impedi-la de vê-la, se quisesse.

— Por que… por que você está me dizendo isso?

Cleo disse que era por causa de seu filho, mas isso não fazia sentido. Ele estava morto.

— Você está concordando em ser leal a Lightlark? — perguntou.

Ela precisava de confirmação antes de poder levar a sério qualquer coisa que a Lunar dissesse.

Cleo olhou para ela e franziu a testa.

— Eu sou leal apenas a mim mesma.

Ela não tornou a olhar para Isla antes que uma onda a levasse embora.

Daquela vez, Isla contou a Oro sobre sua conversa com Cleo. Eles estavam descendo as escadas do castelo, na manhã seguinte, a caminho da oráculo, evitando as fissuras e crateras do ataque dos dreks, quando Azul apareceu na frente deles com a força de um raio. Ele aterrissou agachado, uma mão coberta de joias apoiada na sua frente.

Ciel e Avel desceram logo depois, ladeando Isla.

Azul se endireitou e, pela primeira vez, ela pôde ver vestígios de sua verdadeira idade na seriedade de sua expressão.

— O que aconteceu? — perguntou Oro, dando um passo à frente.

Ele estendeu quase distraído a mão em direção a Isla, em um gesto protetor, e ela notou que Azul percebeu o gesto.

— Veja por si mesmo — disse o Etéreo com a voz grave.

Num instante, Ciel e Avel ergueram Isla e os cinco voaram para o céu. A expressão de Azul era séria, mas ele olhou para baixo, para ela, enquanto voava acima de maneira intencional. Cautelosa. Em seguida, seu olhar voltou para o horizonte.

Isla viu antes de aterrissarem, e sua boca ficou seca.

Uma frota de dezenas de embarcações, posicionada na forma de um diamante, cortava o oceano, navegando contra a correnteza. Aqueles navios não tinham nem necessitavam de velas. Eles criavam as próprias correntes. O mar abria caminho.

Aqueles que controlavam os conveses moviam-se em uníssono, em movimentos ensaiados. Tinham se preparado para aquilo. Treinado, assim como ela.

Cleo estava no navio mais à frente. Seu vestido branco flutuava, inflado, a única coisa naquela embarcação que se assemelhava a uma vela. Ela se virou, olhando diretamente para eles.

O grupo de Isla não era o único observando. Ela ouviu os habitantes da ilha nas praias abaixo e próximas ao Porto Quebrado testemunhando a história se desenrolar. Os Lunares estavam deixando Lightlark.

— Estão fugindo — disse Azul, sua voz ainda quase incrédula.

— Não — respondeu uma voz, e todos se viraram para encontrar Soren parado ali, observando os Lunares desaparecerem. — Eles estão se juntando aos Umbra.



PROFECIA

A Ilha da Lua estava derretendo. O antigo labirinto de gelo e neve havia perdido seu frio. As esculturas de gelo que haviam ladeado o caminho até o palácio por séculos eram nada mais do que poças. As florestas estavam expostas, sem neve para esconder seu funcionamento interno. Era como se os Lunares tivessem levado o frio com eles, embalado em seus navios.

Cleo tinha dito a ela na noite anterior para visitar a oráculo. Agora, com Oro ao seu lado, Isla precisava descobrir o motivo.

A oráculo já estava descongelada. Ela flutuava na água em seu glaciar, as bordas se desfazendo.

Isla se lembrou do que a oráculo havia dito a ela e a Oro, meses antes. *Tantos segredos. Presos entre vocês dois. Mas, assim como esta parede, eles também vão ceder um dia, e vão se desfazer e cair… deixando para trás caos e loucura.*

Naquela época, havia três mulheres presas na geleira. Três irmãs. Oro havia dito que as outras duas tinham se aliado aos Umbra e não descongelavam há mais de mil anos. Agora, haviam desaparecido.

— Você está morrendo — disse Isla. O poder do oráculo, uma força no ar que Isla quase podia sentir, agora que sabia o que procurar, estava diminuindo. — Cleo te feriu.

— Não fique tão soturna, Selvagem. Sou antiga. Tendemos a morrer lentamente. Ela me deixou viva o suficiente para te contar o que precisa saber.

Não fazia sentido. Por que Cleo a ajudaria e depois se juntaria ao inimigo? O cabelo branco da oráculo flutuava ao redor de seu rosto, enrolando-se na água. Falava com o som de mil vozes entrelaçadas em uma só, ecoando, levemente abafada pela parede de gelo entre eles.

— Embora… você seja a pessoa com a maioria das respostas, desta vez. Não eu.

— Como assim? — questionou Oro.

Isla não estava certa se podiam confiar na oráculo, mas ele saberia se ela estava dizendo a verdade.

— As memórias dela são a chave. Elas desbloqueiam o mundo. Tudo... O motivo pelo qual estão vindo, o que farão com Lightlark, a arma que eles já têm, como detê-los, tudo está na mente dela. Tudo o que ela precisa fazer é lembrar. *Tudo*.

Não. As memórias haviam parado novamente e ela estava mais feliz do que nunca. Isla engoliu em seco.

— E se eu não conseguir?

— Então Lightlark será destruída. Para sempre.

Oro franziu a testa.

— O futuro não está definido?

O vestido da oráculo flutuava na leve corrente da água, suas mangas se estendendo muito além de seus braços.

— Não, não está. Não por inteiro. — Ela olhou além deles, para a floresta que estava muito mais branca da última vez que haviam visitado. — Uma coisa é certa: eles estão vindo. Se vencerem, não restará nada. E, quando eles pisarem na ilha, eu já terei ido embora.

O gelo começou a endurecer novamente e Isla pressionou a mão contra ele.

— Eu preciso saber. Minha visão é real?

A oráculo assentiu.

— Muito real.

Calafrios percorreram sua espinha. Aquele nível de destruição… A morte em sua mente…

Ela tinha mais uma pergunta.

— O cofre — disse Isla. — É importante?

Mesmo que a tivesse rejeitado, ela sabia que era crucial. Sentia que ele a chamava, a conexão mais forte à medida que seus poderes se intensificavam.

— Mais do que imagina — disse a oráculo. — O cofre mudará tudo… se você encontrar a força para abri-lo de vez. — A mulher inclinou a cabeça para Isla por apenas um momento e, naquele segundo, de alguma forma, ela falou diretamente em sua mente. — Antes da chegada do Umbra, você me visitará. Sozinha. Somente então darei minha última profecia.

Isla não estava certa se era uma ordem ou apenas mais uma visão do futuro, mas não importava.

Assim que assentiu, com um movimento quase imperceptível de seu queixo, a oráculo recuou para o último gelo restante e congelou.

— Eu não quero lembrar — disse ela a Oro enquanto estava sentada na beirada de sua cama.

Eles compartilhavam a cama há mais de uma semana agora. Durante aquele tempo, sua mente ficara maravilhosamente livre de qualquer memória de Grim. Oro havia banido sua presença. Ela estava feliz.

Deveria saber que a felicidade era apenas temporária.

Oro balançou a cabeça.

— Deve ter outro jeito.

— Não tem. A oráculo foi clara. Eu tenho que me lembrar de tudo… e de alguma forma encontrar uma maneira de abrir o cofre.

Seus joelhos estavam encolhidos contra o peito. As lembranças que tinha até agora eram inúteis. Ela havia sido tola o suficiente para se transportar para Umbra. Esfaquear Grim no peito. Grim quase a sufocou. O duelo deles.

— Eu odeio ele. Não apenas por tirar as lembranças, mas nas próprias memórias... nas que já lembrei.

Isla já havia tomado sua decisão. Claro que lembraria. Claro que não colocaria sua própria felicidade acima da segurança de toda Lightlark.

Isso não significava que estivesse feliz com isso.

Lágrimas escorreram por seu rosto.

— Eu odeio ele, e me odeio por ter essas memórias.

Os braços de Oro a envolveram por trás e ele a puxou para perto.

— Isso não é culpa sua, Isla. O que quer que tenha acontecido um ano atrás… você não era a pessoa que é agora. Não se julgue. Não se odeie.

Depois que Oro adormeceu, Isla se esgueirou para o próprio quarto. Encontrou um pergaminho e uma pena e escreveu um bilhete para si mesma. Não importava o que lembrasse. Não importava o que tivesse acontecido no ano antes do Centenário…

Você o odeia.
Você o odeia.
Você o odeia.
Você o odeia.
Você o odeia.
Você o odeia.

Naquela mesma noite, Isla usou sua varinha estelar para se transportar até a única pessoa capaz de devolver suas memórias mais rapidamente.

Remlar não pareceu surpreso em vê-la. Ele estava do lado de fora de sua colmeia. Isla não sabia se ele dormia.

— Bem-vinda de volta, Selvagem — disse ele, ronronando a última palavra.

Ele estava cercado por outras criaturas aladas que viviam na colmeia. Sua pele era azul-clara e suas asas, finas e sedosas. Antes, elas não funcionavam. Agora, estavam estendidas sobre seus ombros.

— Se minhas memórias foram retiradas por um Umbra, como posso me lembrar? Você tem como devolvê-las?

Os outros voaram para longe, entrando em buracos na colmeia de madeira gigante atrás deles, claramente sem querer se envolver na conversa.

Remlar apertou os lábios.

— Não. Memórias são difíceis de desvendar. Um Umbra habilidoso poderia devolvê-las… mas fazer isso de uma só vez pode ser perigoso. A mente se quebra muito facilmente… — Ele suspirou. — A melhor opção é que elas sejam restauradas por você.

Isso, pelo menos, explicava por que Grim não simplesmente devolvera suas memórias no final do Centenário. Ele parecia tão confiante de que ela lembraria… e ela lembrava.

— Como faço isso?

— Supondo que elas não tenham sido apagadas para sempre, quanto mais forte seus poderes Umbra se tornarem, mais o véu que foi colocado sobre elas irá enfraquecer.

Isla franziu o cenho.

— Então, quanto mais eu dominar o poder Umbra, mais eu vou lembrar.

Ele assentiu.

Ótimo. Agora ela precisava aprender mais uma habilidade? Não queria usar a morte e as sombras. Vinha reprimindo aquilo. Ela não tinha tempo.

Mas se essa fosse a maneira de salvar Lightlark… tinha que tentar.

— Está bem. Me ensine.

Remlar levantou uma sobrancelha.

— Por favor.

Ele deu de ombros e apontou para a grama diante deles.

— É simples. Invoque, Selvagem.

— Como?

— Apenas tente. Concentre-se. Busque, assim como faz com as outras habilidades. Mas desta vez… procure as sombras.

Isla estendeu a mão. Podia sentir a habilidade de Selvagem, vibrante, pronta para ser usada. Familiar.

Em seguida, vinha a umbra. Era mais difícil de compreender, escorregadia, temperamental. As raízes de seu cabelo ficaram suadas enquanto ela se concentrava, usando todos os rituais e truques habituais. Sua boca era uma linha reta. Ela buscou o poder, uma vez, depois outra, até que, finalmente, ela o agarrou, por apenas um segundo.

Sua mão pressionou o chão. Tudo o que sua pele tocou morreu. Quando ela a retirou, só restava sua impressão, escura e crepitante.

— Isso basta? — ela perguntou.

Remlar não respondeu.

Isla se virou, mas não estava mais na floresta da Ilha do Céu.



ANTES

Ela estava em um mercado.

Já fazia um mês desde que Isla havia duelado com o Umbra na floresta. Claro que ela não esperava vê-lo novamente. Ele sentia repulsa por ela.

Ela sentia repulsa por *ele*.

Seus dias eram passados treinando com Terra e Poppy e se encontrando secretamente com Celeste.

Ela tinha um milhão de coisas em que pensar, mas às vezes seus pensamentos vagavam para o governante Umbra.

Grimshaw. Em sua mente, ela o chamava de Grim. O nome combinava com o terror que sua lembrança causava. Perder o duelo significava que Grim poderia matá-la na primeira chance que tivesse no Centenário. Doía pensar que uma visita errada ao Umbra poderia custar anos de treinamento e preparação. Especialmente porque ela estava trabalhando com Celeste.

Isla havia passado as últimas três semanas procurando um objeto central para o plano dela e de Celeste de sobreviverem ao Centenário: um par de luvas feitas de carne que permitiria a elas absorver um sopro de poder. Ela havia procurado em todos os mercados clandestinos de todos os territórios, sem sucesso.

Exceto pelo Umbra.

Eles tinham um famoso mercado noturno que agora operava durante o dia. Um lugar onde coisas inimagináveis eram vendidas e negociadas. Ela ouvira rumores sobre isso nos cantos mais escuros das outras praças, como monstros sussurrando sobre monstros ainda maiores.

Luvas de pele tinham que ser feitas enquanto a pessoa estava *viva*, não podiam ser retiradas de um cadáver, o que tornaria a obtenção delas um pouco menos complicada. De acordo com os poucos comerciantes em quem ela confiava o suficiente para perguntar, as luvas costumavam ser muito mais comuns anos antes, quando era possível absorver mais poder. Atualmente, após as maldições, a quantidade de habilidade que as luvas poderiam reunir era inútil.

Na maioria dos casos, ao menos.

Se ainda existisse algum par de luvas restante, estaria em Umbra. Ela tinha prometido a si mesma que nunca mais voltaria, mas…

Isla desenhou sua poça de estrelas e, pronto, estava feito.

Com domínio, um dia, talvez, ela pudesse se transportar para qualquer lugar que quisesse. Por enquanto, só podia voltar a lugares onde já estivera antes. No momento em que aterrissou no castelo de Grim, imaginou que ele fosse sair de uma parede e colocar sua enorme espada no queixo dela. Mas o corredor estava vazio.

Ela não se demorou nem explorou, porque foi pega fazendo isso da última vez. Com passos silenciosos, ela saiu do palácio e entrou nas ruas movimentadas. As mulheres usavam roupas que ela nunca tinha visto em terras de outros reinos: botas que alcançavam as coxas, vestidos de cota de malha, calças brilhantes e reluzentes. Comparada a elas, Isla estava vestindo muito mais roupas. Ela manteve a cabeça baixa e o casaco preto com capuz, que havia adquirido em outro mercado, abotoado na frente, para não mostrar o que vestia por baixo, a única outra peça de roupa escura que possuía, um vestido de seda ameixa usado para dormir.

Pegue as luvas e caia fora, disse a si mesma.

O mercado noturno cheirava a carne em decomposição e sangue fervente. Seu capuz preto lhe cobria tanto o rosto que quase obstruía sua visão enquanto ela se movia entre a multidão. Ninguém prestou atenção nela. Ela era a coisa menos interessante no mercado.

Um estande vendia exclusivamente dentes. Havia barris deles, a maioria claramente humanos.

Outro tinha crânios amarrados em cordas. Alguns eram pequenos como unhas, outros tão grandes como rochas. *Que tipo de criatura poderia ter uma cabeça tão grande?*

— Nightbane — sussurrou alguém de uma barraca. Ela diminuiu o passo na frente do estande, curiosa. Havia pequenos frascos de algo escuro. O vendedor ficou animado com a atenção dela. — Tira todas as preocupações e dores…

Nightbane. Ela nunca tinha ouvido falar.

O vendedor estendeu o braço para ela, como se quisesse colocar o frasco em sua mão, olhando para as pedras que ela usava nos dedos, e Isla seguiu em frente.

Um caldeirão estava cheio de vinho vermelho, e uma mulher com dedos que pareciam garras mexia o líquido com algo que, de forma ainda mais suspeita, aparentava ser um fêmur. Veneno. Tinha que ser veneno. A mulher encontrou seus olhos, e Isla rapidamente desviou o olhar.

Luvas, luvas.

Ela procurou por pele e, engolindo em seco, a encontrou bem rapidamente.

Uma barraca tinha pele espalhada por prateleiras, algumas ainda precisando de uma limpeza mais completa. Isla ficou nauseada. Ela afastou as cortinas da loja e entrou, afundando o rosto nas dobras de sua capa para tentar abafar o cheiro de decomposição. Nojento. Ela não conseguia entender o tipo de pessoas que visitava regularmente o mercado noturno, muito menos que trabalhava nele.

Luvas. Luvas. Ela procurou, torcendo para encontrá-las. Se nenhuma loja as vendesse, teria que encontrar alguém a quem pudesse

pagar para *fabricá-las*. Essa possibilidade fez bile subir pela sua garganta. Não, a melhor coisa seria encontrar algumas já prontas, de preferência feitas da pele de um assassino de crianças, ou alguém igualmente merecedor de uma morte cruel e torturante.

Ela afastou outra cortina. A loja era como um labirinto, e algumas de suas paredes pareciam muito grossas — *pele?* De repente, ela estava suando sob seu manto. Tentou segurar a respiração o máximo que pôde enquanto vasculhava as prateleiras e araras em busca de algo que se parecesse com mãos humanas…

Até que encontrou mãos humanas.

Ou, melhor dizendo, as mãos a encontraram.

Antes que Isla pudesse gritar, alguém colocou os dedos sobre sua boca e a puxou para trás, direto através de outro conjunto de cortinas.

Até um beco.

Ela foi empurrada contra a parede, seu capuz caindo, a parte de trás de sua cabeça colidindo com tijolos molhados. Algo pingou em sua testa de muito acima e escorreu pela sua bochecha.

Um homem cuja pele pendia de seus ossos como as peles na loja assomava diante dela. Ele parecia velho, o que significava que tinha gerações de filhos ou estava vivo por mais de um milênio.

Ou… pelo olhar enlouquecido e o leve amarelado de sua pele, ele havia se envolvido com algo sombrio o suficiente para ter sugado sua vida.

Com um movimento mais rápido do que sua aparência sugeriria que ele fosse capaz de fazer, ele envolveu o cabelo dela no outro pulso e puxou.

Isla gritou sob sua mão suja. O homem a ignorou, inspecionando seu cabelo como se fosse um tesouro.

— Sim… — disse ele, olhos brilhando. — Isso valeria um bom preço… Cabelo de Selvagem. Madeixas tentadoras e brilhantes. Preciso pegar a raiz… Essa é a melhor parte. O couro cabeludo inteiro, isso servirá bem.

Ele tirou uma longa faca curva do bolso. Isla afundou uma lâmina em seu peito antes que o velho pudesse apontá-la em sua direção.

Isso a chocou. A única outra pessoa que ela tinha esfaqueado era Grim.

A boca do homem tomou uma forma curiosa, e seus olhos não estavam nela, mas em seu cabelo, ao desmoronar no chão.

Um grupo de guardas escolheu exatamente aquele momento para passar pela entrada do beco. Um deles parou. Olhou para o homem sangrando a seus pés. Aquilo não pareceu o perturbar muito.

Ele talvez não a tivesse perseguido se ela não tivesse fugido, empunhando a lâmina de rubi que havia acabado de retirar do meio das costelas do homem. Foi uma admissão de culpa. Mas ela não conseguiu se conter.

Isla saiu correndo, e ele a seguiu.

O resto do grupo se juntou a ele.

Isla voltou para o mercado em disparada. Ela se abaixou e se enfiou na multidão, sem olhar para trás para ver quão perto eles estavam de pegá-la. Tirou sua varinha estelar do bolso e viu que ela estava levemente brilhante.

Graças às estrelas.

Tudo o que ela precisava era se esconder tempo suficiente para desenhar sua poça, e iria embora, que se danassem as luvas.

Ela passou por baixo de uma fileira de machados suspensos, pulou por cima de um emaranhado de cobras na frente de uma loja — que sequer tivera as presas removidas — e tentou encontrar um lugar para se esconder.

Àquela altura, todos a encaravam.

Arriscando um olhar para trás, ela percebeu o porquê. Muitos, muitos guardas haviam se juntado à perseguição.

Eles não tinham ninguém melhor para perseguir neste mercado miserável?, pensou.

Então, ela lembrou do que o velho homem a havia chamado. *Selvagem*. Ele ainda estava vivo quando ela o deixou. Será que contara

aos guardas?

Selvagens não deveriam estar ali. Não havia leis contra isso, mas quem seria tolo o suficiente para viajar para as terras infames de Umbra? Ela. Ela era tola o suficiente.

Isla correu mais rápido. Eles estavam em seus calcanhares.

O sangue fervente — ela derrubou o caldeirão nas ruas, e ele crepitou enquanto queimava os pés deles. Os Umbras praguejaram, e ela seguiu em frente.

Isla virou a esquina, entrou em outra parte do mercado e procurou desesperadamente por outro caminho, mas eles eram rápidos demais, estavam bem atrás dela.

Com sua lâmina em uma mão e a varinha na outra, ela se perguntou qual delas teria que usar enquanto virava e escalava um muro baixo. Ela correu o mais rápido que pôde, virou novamente e encontrou uma parte do mercado quase vazia, meio abandonada. Sem arriscar um olhar para trás, caiu de joelhos.

Felizmente, embora sua varinha parecesse temperamental em Umbra, ela funcionou. Foi um movimento simples e treinado. Desenhar o portal, vê-lo ondular, se preparar para pular…

Antes que se estabilizasse completamente, ela ouviu passos na sua frente. A poça encolheu e desapareceu.

Ela olhou para cima e deu de cara com Grim, parado no centro da rua.

— Você — disse ele.

Você.

Os guardas a alcançaram. Ela foi brutalmente arrastada, jogada para um deles, que cheirava a fumaça e suor. Antes que pudesse alcançar seu punhal, uma dúzia de lâminas estavam em sua garganta.

Os olhos de Grim não saíram dos dela quando ele acenou com a mão e disse:

— Levem-na para as celas.

Seus pulsos foram acorrentados ao teto. Já haviam se passado horas e seus braços doíam. Os guardas haviam tirado seu manto, como se estivessem revoltados por ela ousar usar a cor deles. Também haviam pegado sua varinha estelar.

Grim apareceu na frente de sua cela e franziu a testa.

— Isso deveria se passar por preto?

Ele estava olhando para o vestido de seda dela.

Isla não tinha a intenção de que fosse visto. Não estava usando nada por baixo. Suas mãos não estavam disponíveis para cobrir as partes que ela não queria que ele visse, mas Grim nem se deu ao trabalho de notar, olhando apenas de relance para o corpo dela antes de encontrar seus olhos.

— Demônio — foi tudo o que ela disse.

— Tola — respondeu ele.

Isso ela não poderia contestar.

Ela era a maior tola dos reinos por retornar àquele lugar quando algo ruim acontecia toda vez que ia ali.

Com apenas um movimento do dedo, as correntes que a seguravam no teto se transformaram em cinzas.

Ela caiu no chão, toda desajeitada.

Grim a observou enquanto ela segurava os pulsos, ambos vermelhos, em carne viva.

— Você jurou não voltar.

Isla olhou para ele.

— Não.

— Não?

— A promessa do duelo era que eu não voltaria *aqui*, o que, naquele momento, significava seu *banheiro*. O que eu não tenho a menor intenção de fazer de novo, fique tranquilo.

Ele a olhou com desprezo, sem disfarçar.

— O que está fazendo em Umbra?

Ela não disse nada.

Grim virou-se para ir embora, e ela se levantou.

— Você vai me deixar aqui?

Ele olhou por cima do ombro.

— Você aparece no meu reino, usando uma relíquia roubada. Você me apunhala no peito. Você volta e se esconde em meus aposentos. Então, retorna mais uma vez e ataca um homem inocente no meio da rua.

Ela fez um som de indignação.

— Inocente? Ele queria me escalpar e vender meu cabelo fio a fio!

Os olhos de Grim se estreitaram.

— Que tipo de pessoas você esperava encontrar no mercado noturno, Devoradora de Corações? — perguntou ele. Aquele termo emanava zombaria.

— Meu nome é Isla — disse ela entre os dentes, aproximando-se para encará-lo através das grades de sua cela.

— Eu nunca vou te chamar assim.

— Por quê?

Ele olhou para baixo, para ela.

— Chamar alguém pelo primeiro nome é um sinal de familiaridade. De respeito.

As narinas dela se dilataram.

— Você não me respeita?

— Você não parece respeitar a própria vida. Por que eu deveria?

Ela bufou.

— Tudo bem. Não me respeite. Eu não me importo. Não foi por você que eu vim.

— É claro. *Por que* foi, então?

Isla cruzou os braços, tanto por irritação quanto para cobrir os seios, que enrijeceram de forma inconveniente na prisão congelante.

— Por que *você* está aqui? — perguntou ela. — É claro que você adoraria me ver apodrecer. E isso te beneficiaria no Centenário.

Assim que ela disse as palavras, se arrependeu. E se ele fosse embora e nunca mais voltasse? O que ela faria? A fuga era impossível sem sua varinha estelar. Ela definharia bem abaixo do reino Umbra.

Nem mesmo Celeste seria capaz de libertá-la. Ela nem sabia que Isla estava se aventurando ali em busca das luvas, não sabia que ela tinha conhecido o governante Umbra…

— Acredito que… podemos nos ajudar mutuamente — disse Grim.

A surpresa a deixou em silêncio.

— Estamos procurando a mesma coisa.

Isla franziu a testa.

— Você está procurando luvas de pele?

Ele a olhou de forma estranha.

— Não. Você está procurando uma maneira de sobreviver ao Centenário, não está?

Claro que estava. Ela não disse nada.

— Então tenho um acordo para oferecer.

— Um acordo?

Ele assentiu.

— Estou procurando uma espada. Acredito que você pode me ajudar a consegui-la.

— Que espada?

E por que ele achava que ela poderia ajudá-lo?

— Uma poderosa, que poucas pessoas sabem que existe — foi tudo o que ele disse.

— O que exatamente ela faz? Como é?

Ele mostrou os dentes.

— Acha que vou contar a você, para que possa correr e tentar encontrá-la por conta própria?

— Eu não faria isso. — Era exatamente o que ela estava planejando fazer. — Então eu o ajudo a conseguir a espada. O que eu ganho com isso?

Grim olhou diretamente para as barras.

— Para começar, você não congela até a morte nesta cela, nesse vestido fino. — Isla tinha baixado os braços, mas cobriu o peito novamente. — E, se puder me ajudar, não apenas concordarei em não a matar no Centenário, mas também serei seu aliado.

— Você… você decidiu comparecer?

— Apenas se você me ajudar a encontrar a espada.

A ajuda dele seria inestimável. Com Grim ao seu lado, junto com Celeste, ela realmente teria uma chance de sobreviver aos cem dias na ilha.

Ainda assim, Grim não era confiável. Ela e Celeste tinham um plano. Ela encontraria uma maneira de conseguir as luvas.

— Não.

As sombras de Grim se inflamaram ao redor dele.

— Não?

Ela deu de ombros.

— Não.

Os dedos dele se contorceram, como se estivessem desesperados para transformá-la em cinzas, assim como ele tinha feito com as algemas. Em vez disso, ele disse:

— Muito bem. — E se virou para sair.

Ele já estava no final do corredor quando ela disse:

— Espere. Você não vai mesmo me largar aqui, vai?

— Vou.

Os olhos dela saltaram. Não, não, ele não faria isso.

Ela estava se enganando? Ele era o governante Umbra. Famoso por sua crueldade. Ele tinha matado milhares durante a vida.

Seus passos recuaram mais uma vez, e ela se apressou em dizer:

— Está bem! Está bem. Mas apenas se você devolver minha varinha estelar.

O lábio dele se curvou de desdém.

— O quê?

— Meu dispositivo de portal.

Com um gesto, a varinha apareceu na mão dele.

— Sinto fortemente que vou me arrepender disso — disse ele, os olhos estreitos, enquanto entregava a varinha a ela.

Isla sorriu, segurando-a nos braços. Era sua posse mais valiosa.

Grim apenas fechou a cara.

Foi assim que ela fez um acordo com um demônio.



REVELAÇÕES

— Existe uma espada.

Isla relatou sua memória para Oro. Foi a primeira que pareceu remotamente útil.

— Ele disse que eu poderia ajudá-lo a encontrá-la. Disse que era poderosa.

As sobrancelhas de Oro se contraíram um pouco.

— Você sabe mais alguma coisa sobre isso?

— Ainda não. Mas pode ser a arma que a oráculo diz que ele tem.

Oro assentiu.

— Então precisamos descobrir o que ela faz.

Até o final do dia, Oro tinha dezenas de pessoas em todas as bibliotecas e arquivos, procurando registros de espadas importantes.

Isla sabia que as respostas não seriam encontradas em livros, mas em sua própria mente.

Ela só precisava lembrar.

Os Selvagens não pareceram surpresos com a ideia de uma guerra.

— É para isso que sempre treinamos — disse Wren.

Outros ao seu redor concordaram.

— Vocês… querem lutar? — perguntou Isla, fazendo o possível para retirar a surpresa de seu tom.

Aquela batalha não era realmente deles. Fazia quinhentos anos que os Selvagens não iam a Lightlark. Ninguém de seu povo estava vivo antes das maldições. Eles nunca tinham sequer pisado na ilha.

Pedir a eles para potencialmente morrer protegendo-a parecia um exagero.

— Você está nos dando uma escolha? — perguntou Wren.

Isla hesitou. *Escolha*. Ela era a governante deles. Poderia ter ordenado. *Deveria*, provavelmente. Agora, Grim tinha os Lunares. Cleo andara construindo uma legião. Ela mesma vira isso durante o Centenário, esgueirando-se pelo castelo da Ilha da Lua.

Para derrotá-los, eles precisariam de quantos guerreiros conseguissem reunir. Ainda assim…

— Estou — disse rapidamente. Uma vez que a palavra saiu de sua boca, ela não pôde mais voltar atrás. — Vocês têm uma escolha. — Isla observou seu povo. Alguns pareciam determinados. Outros, desconfiados. — Eu nunca estive em Lightlark até alguns meses atrás. Poderia ter retornado para cá e ignorado a ameaça na ilha, mas sei que, se Lightlark cair, nós também cairemos. Algum dia, sem esse poder… deixaremos de existir. Eu vejo um futuro em que retornamos e reivindicamos nossa ilha novamente. Vejo um futuro em que usamos o poder da ilha para ajudar a recuperar tudo o que perdemos. — Ela fez uma pausa. — Quem irá lutar ao meu lado por esse futuro?

Por um momento, ninguém se moveu, e o coração de Isla afundou. Não era segredo que os Selvagens estavam entre os melhores guerreiros. Sem eles…

Uma mulher deu um passo à frente. Ela tinha os cabelos compridos presos em uma trança e usava pulseiras feitas de vinhas espinhosas.

Outra.

Outra.

Então um grupo inteiro.

Isla quis sorrir, quis chorar, mas não fez nada disso. Ela assentiu com firmeza e agradeceu a todos.

— Para aqueles que não lutarão, peço algo crucial. — Ela foi honesta com eles. — Os Lunares se uniram aos Umbra. — Houve alguns murmúrios. — Eles levaram seus curandeiros com eles. Para evitar que essa guerra nos destrua, precisamos de todos os elixires de cura possíveis.

— Não é algo que dê para fazer correndo — disse Wren. — Temos apenas um pouco da flor.

Isla sabia disso.

— Precisamos encontrar mais. Precisaremos vasculhar cada centímetro da ilha em busca disso. — Ela suspirou. — O elixir será a diferença entre a vida e a morte. Precisamos que todos estejam dispostos a aprender como extraí-lo.

Wren assentiu.

Isla se virou para o restante de seu povo.

— Grim está vindo para destruir Lightlark. — Sua visão ecoava em sua cabeça, e seu coração começou a bater mais rápido, cada batida como o som de um relógio. — Estamos em uma corrida para salvar milhares de vidas.

Lynx a esperava na floresta do lado de fora do palácio dos Selvagens quando ela terminou. Agora que parte da Ilha Selvagem tinha sido restaurada por ela e por Oro, ela tinha contemplado levá-lo para Lightlark.

No entanto, com a aproximação dos Umbra, ela não sabia se era a melhor ideia.

— A guerra está se aproximando — disse Isla a ele, perguntando-se se Lynx realmente podia entendê-la. — Eu… eu tive uma visão, há algum tempo. De alguém de quem eu costumava gostar destruindo o mundo… — Ela engoliu em seco. — Ele é Umbra, como o meu pai.

O olhar de Lynx se aguçou.

— Você deve tê-lo conhecido, certo? Meu… pai?

O leopardo piscou e Isla não soube se aquilo era uma confirmação.

— A oráculo disse que eu sou a chave. Sou a única que pode lembrar por que ele quer destruir Lightlark e como. Eu sou a única que sabe sobre a misteriosa arma que ele possui. Uma espada. — Ela suspirou. Era bom falar com alguém, mesmo que não tivesse certeza se ele estava ouvindo. — Eu sou a única que pode abrir uma porta que já me rejeitou, que aparentemente é muito importante em tudo isso. — Ela riu e Lynx apenas a encarou. — Sabe de uma coisa? Depois do Centenário, eu realmente acreditava que as coisas não poderiam piorar. Eu estava errada. Eu… eu estava errada sobre muitas coisas.

Lynx não se importava. Ela sabia disso. Fez menção de se virar, de deixá-lo com seus afazeres, quando ele a deteve com uma rápida cabeçada que quase a fez perder o equilíbrio.

Ela se virou e encontrou a cabeça dele baixa. Estendeu os dedos com cuidado, e ele permitiu que ela o acariciasse no nariz. Seus olhos se fecharam e ele emitiu um som vibrante no peito.

Seu elo não a odiava. Isso era um alívio. Pelo menos hoje ele não a odiava.

Talvez, Isla pensou, isso significasse que ela havia se provado como Selvagem. Talvez isso significasse que finalmente conseguiria abrir o cofre.

Isla estava diante da porta secreta. Vozes ecoavam lá dentro. Isso a lembrou de estar na floresta quando seus poderes foram liberados pela primeira vez, mil bocas a chamando. Elas estavam quase nítidas, mas abafadas, como se estivessem falando debaixo d'água. Ela deu mais um passo e tentou escutar. As vozes ficaram mais altas, mais insistentes.

Uma faísca percorreu sua coluna, e ela não ousou se mover muito rapidamente, com medo de romper a conexão. Era aquilo que deveria ter feito desde o início, pensou. Tudo o que ela precisava fazer era se conectar ao cofre, da mesma forma que Oro a tinha ensinado a estabelecer uma conexão com suas habilidades. Da mesma forma que ela tinha começado a formar uma conexão com Lynx.

Algo nela reconheceu algo na porta oculta. Isso a puxou para a frente, uma mão agarrando um fio atrás de seu umbigo. Tudo pareceu tão natural, tão certo, tão apropriado, assim como a coroa encaixando na fechadura, cada curva e reentrância se alinhando. Assim como girá-la e puxá-la…

Trancada. A porta permaneceu fechada. Não se moveu nem um centímetro, nem mesmo uma fresta, como antes. Nenhuma força a jogou pelo quarto.

Apenas… nada.

Isla arrancou a coroa da fechadura e quase a atirou pelo cômodo. Eles tinham vinte e seis dias. Vinte e seis dias antes que…

A visão reluziu diante de seus olhos, e ela quase pôde sentir o cheiro do fogo queimando. Ela quase pôde sentir as cinzas pousando em seus braços nus enquanto choviam sobre ela em torrentes. Ela tossiu como se as cinzas estivessem em sua garganta novamente, sufocando-a. Gritos soaram em seus ouvidos, seguidos por uivos de dreks.

Dreks. Aquilo era novidade. Ela não os tinha visto antes. Tinham suspeitado que o ataque dos dreks viera de Grim, mas agora tinham a confirmação.

— Estávamos certos. Ele tem dreks — disse Isla para Oro. Ela ainda conseguia ouvir os uivos deles em sua cabeça. — Da última vez, foi um massacre. Como poderíamos enfrentar tantos? A pele deles é quase impenetrável.

Oro suspirou.

— Desde o primeiro ataque dos dreks, minha melhor equipe tem procurado um tipo especial de minério. Ele era extraído um milênio atrás e requer o poder dos Solares e dos Estelares para ser transformado em metal. Dizia-se que, quando armas eram feitas dele, conseguiam perfurar até as peles mais grossas.

— Alguma dessas armas sobreviveu?

Ele balançou a cabeça.

— Se sobreviveram, nenhum de nós sabe onde estão. Já verificamos os arsenais do castelo.

Então teriam que fabricar novas.

— Quem está procurando o minério? Tiveram algum progresso?

Ele a olhou. Parecia… quase nervoso.

— Você conheceu Enya. Agora, é hora de conhecer o resto dos meus amigos.

Uma hora depois, Oro levou Isla a uma sala localizada em uma torre nos fundos do castelo do Continente, com janelas enormes e curvas com vista para o mar. Uma mesa redonda estava no centro, feita de ouro maciço. Era uma sala de estratégia de guerra. Oro foi até as janelas e olhou para o horizonte, na direção do reino Umbra.

Enya entrou naquele momento. Sua expressão era de grande concentração.

Dois homens que não poderiam parecer mais diferentes entraram atrás dela. A única coisa que compartilhavam era a altura significativa.

O maior dos dois era um Lunar. Tinha a pele marrom e o cabelo branco. Seus olhos eram azuis brilhantes, moldados por cílios escuros e espessos. Ele usava uma túnica branca sem mangas e tinha os braços mais musculosos que Isla já tinha visto.

O outro era um Etéreo. Ele era alto, embora ainda mais baixo do que o Lunar, e esguio. Tinha cabelos escuros que adquiriam um tom azulado contra a luz, pele clara e maçãs do rosto marcantes.

Ele estreitou os olhos para Isla e disse:

— Então. Você é a razão pela qual Oro não nos vê mais.

Enya o olhou.

— Não, a razão pela qual ele não nos vê mais é porque da última vez que nos reunimos, você o chamou de rabugento e perguntou quando foi a última vez que ele tinha dormido com alguém.

Isla levantou uma sobrancelha. Ela olhou para Oro, que estava encarando seus amigos.

O Lunar se sentou na primeira cadeira disponível.

— Bem, ele *estava* morrendo — disse ele, encolhendo os ombros. — Podemos perdoá-lo parcialmente por ser rabugento.

— Que generoso de sua parte — respondeu Oro, então suspirou e se virou para Isla. — Este é Calder.

O Lunar se manifestou.

— Cal, na maioria das vezes.

Apesar de parecer que poderia quebrar a mesa com as mãos, havia algo de gentil em sua maneira de ser. Ele tinha o rosto mais amigável que Isla já tinha visto.

— E Zed.

O Etéreo a encarava de forma muito intensa. Muito suspeita.

Calder sorriu.

— Fico feliz em finalmente conhecê-la.

Isla apertou a mão que ele estendeu, seus dedos parecendo risíveis ao lado dos dele, e sorriu fracamente.

Ela balançou a cabeça.

— Eu não entendo. Pensei…

— Que todos os Lunares fossem como Cleo?

Ela deu de ombros.

Ele riu, e foi um som agradável.

— Não posso culpá-la, depois de tudo que aconteceu, mas… alguns se opuseram a ela. Somos poucos, mas alguns de nós permaneceram.

— Como Soren.

Houve um gemido coletivo ao ouvir o nome.

— Cleo nunca confiou em mim, é claro. Eu me mudei para a Ilha do Sol pouco antes de ela derrubar a ponte.

Isla olhou para o grupo e quase franziu o cenho. Enya era Solar. Ela entendia como ela e Oro se tornaram amigos. Mas pelo que vira, os reinos não costumavam confraternizar entre si. Como…

— Está se perguntando o que todos nós temos em comum? — perguntou Enya casualmente.

Ela assentiu.

— Ele. — Enya apontou para Oro.

Isla se virou para ele enquanto Oro caminhava para a frente da mesa.

— Você sabe que fui enviado para treinar por anos em cada ilha. — Ele acenou para Calder. — Ele era o melhor da turma, pelo menos na maioria das matérias. — Oro olhou para Zed. — E ele era o pior.

Zed sorriu como se apreciasse o fato.

— Ele teria sido o melhor, se as lições fossem sobre qualquer coisa que o interessasse remotamente — murmurou Enya.

— O que… Pelo que você se interessa? — perguntou Isla a Zed, quase com medo de ouvir a resposta.

— Por roubar, por exemplo — respondeu ele.

Isla franziu a testa.

— De quem você rouba?

Zed acenou para Oro.

— Dele, na maioria das vezes.

Oro suspirou.

— Zed gosta de provar a suposta incompetência dos meus guardas a cada poucos anos. Ele começou a invadir o castelo quando era criança. Meu pai teria banido ele da ilha, se não fosse meu amigo.

— Não — falou Zed de forma arrastada. — Ele teria me banido se tivesse realmente conseguido me pegar.

Enya revirou os olhos.

— Ele é o Etéreo mais rápido de que se tem notícia, e tenha certeza de que vai encontrar uma desculpa para mencionar isso pelo menos três vezes durante esta conversa.

Isla levantou uma sobrancelha para Oro.

— Mesmo com quinhentos anos a mais de prática, você ainda não consegue vencê-lo?

Os olhos de Zed cintilaram.

— Talvez ele consiga. Vamos conferir, Oro, vamos?

Cal se inclinou para trás em sua cadeira, fazendo a madeira ranger.

— Você vai ver por conta própria, mas eles são irritantemente competitivos.

Enya balançou a cabeça.

— Os dois são irritantes, mas o Cal aqui sempre preferiu agir como pacificador em vez de bater nos dois, mesmo quando eles definitivamente mereciam.

Zed levantou uma sobrancelha.

— Para me bater, Enya, ele teria que…

— Pegar você, já entendemos — disse ela, murmurando algo mais baixo, depois lançando um olhar para Isla. — Está vendo? Não estou exagerando.

Quando Zed se virou para encará-la, qualquer traço de diversão em seu rosto havia desaparecido.

— Então. Você é Umbra.

O ar pareceu sumir da sala. Isla se voltou para Oro, que estava olhando para Zed como se ele fosse um inimigo e não um dos seus amigos mais antigos.

— Zed — disse ele sombriamente, a palavra soando como um aviso.

— Ele não me contou — continuou Zed, ignorando Oro. — Uma floresta se transformou em cinzas na Ilha do Céu. O lugar ao lado dela parecia um jardim amaldiçoado. Não foi difícil juntar as peças.

— Zed… — disse Oro.

— Eu sou Umbra — respondeu Isla.

A sala ficou em silêncio.

Zed recuou em sua cadeira e a encarou. Por um momento, ele quase pareceu impressionado.

— Eu não esperava que você admitisse.

Isla se sentou mais ereta.

— É o que eu sou. Não posso controlar isso mais do que você pode controlar o cabelo azul-escuro, ou ele — Isla apontou para Calder —, o fato de que nasceu em um reino governado por uma bruxa.

Enya assentiu.

— É verdade — disse ela, olhando para Zed como se o repreendesse. — Todos nós nascemos diferentes, de uma forma ou de

outra. É o que nos uniu.

Calder balançou a cabeça e tentou sorrir para Isla.

— Ignore-o. Ele está de mau humor porque Oro não tem participado dos nossos jogos semanais. Os times não estão equilibrados.

— Jogos? — perguntou Isla.

O sorriso de Calder aumentou. Ele abriu a boca, empolgado, mas Oro o interrompeu.

— Chega de interrogar Isla e falar sobre jogos — disse ele, colocando as mãos na mesa e olhando com determinação para os amigos. — Estamos em guerra, ou todos vocês esqueceram por que pedi que nos encontrassem?

Isso trouxe seriedade à sala.

A expressão de Enya voltou a ficar focada.

— Oro e eu organizamos as forças dos Solares. A maioria está enferrujada, mas nossos números são fortes, e eles estão treinando no momento.

— Eles precisam de armas? — perguntou Zed.

— Não — respondeu Enya. — Todos sabem usar poder. É melhor que não estejam sobrecarregados com espadas ou armaduras.

— O mesmo vale para a força de voo — disse Zed, e olhou para Oro. — Azul está vindo?

Oro assentiu.

— Ele está em uma reunião representativa, mas se juntará a nós em breve.

Ele olhou para Isla.

— Os guerreiros Selvagens se voluntariaram. Todos conseguem usar poder e estão treinando agora. Temos nossas próprias armas — disse ela, então olhou para Calder com esperança. — Você é um curandeiro?

Enya fez um som de engasgo e Calder olhou de relance para a amiga, depois sorriu timidamente ao se virar para Isla.

— Atualmente, o melhor em Lightlark.

— Porque todos os outros curandeiros estão no reino Umbra — disse Zed com naturalidade.

O sorriso de Isla vacilou. Ótimo.

— Temos elixir de cura e estamos tentando produzir mais. Estelares se voluntariaram para lutar, mas achamos que a melhor contribuição deles será na criação de um escudo ao redor de partes do Continente.

Zed assentiu.

— Inteligente — admitiu ele.

— Ainda estou tentando descobrir quantos manipuladores de poder talentosos existem na Ilha da Estrela, mas acredito que são poucos. — Ela havia pedido a Maren que lhe fornecesse uma lista dos melhores, mas até o momento não a havia recebido. — Portanto, o escudo será pequeno, mas pode nos ajudar a reduzir o espaço onde os Umbra podem atacar.

Calder assentiu.

— Posso congelar partes do mar ao redor da ilha para limitar onde os navios deles podem atracar também.

— Ele não está vindo por mar — disse Isla, o estômago revirado de medo.

Calder franziu a testa.

— Você acha que ele vai chegar pelo ar?

— Não.

Foi então que ela lhes contou sobre a habilidade de teleporte de Grim. Ele e seu exército poderiam aparecer em qualquer lugar, a qualquer momento. Não haveria nenhum aviso, exceto aquele que já dera.

Silêncio.

Zed ficou ainda mais pálido e soltou um palavrão que resumiu quase perfeitamente a situação.

— Exatamente — disse Oro. — Para ter qualquer chance de vencer, precisamos ser espertos. Precisamos estar prontos.

— Em primeiro lugar, precisamos descobrir por que ele está vindo para destruir Lightlark — disse Zed.

Isla concordou. Tudo o que precisava fazer era lembrar.

— Até descobrirmos isso, os Selvagens podem trabalhar com a topografia da ilha — disse ela. — Podemos cobrir o Continente de espinhos, ou de plantas venenosas, para que eles sejam forçados a aparecer exatamente onde queremos. — Ela se lembrou de algo útil de suas memórias. — Até mesmo areia de pântano... que aprisiona qualquer um que pise nela.

Oro assentiu, parecendo impressionado.

— Podemos encurralá-los.

— Exatamente.

Zed recostou-se na cadeira.

— Mas isso não vai impedir as bestas aladas. Temos que supor que Grim as trará.

Dreks. Seu olhar encontrou o de Oro.

Ela sabia que provavelmente deveria contar a eles sobre sua visão, mas ainda não os conhecia bem. Não podia confiar a eles sua história com Grim, ou suas memórias…

Foi bom que Zed tivesse mencionado as criaturas primeiro. Ele estava certo. Ela e o resto dos Selvagens poderiam usar a natureza para tornar o Continente o mais inabitável possível, mas nada disso impediria criaturas que podiam voar.

— Você ainda não conseguiu localizar o minério? — perguntou Oro.

Zed balançou a cabeça.

— Estamos trabalhando nisso, mas as Minas Esquecidas são difíceis de navegar e os minérios, quase impossíveis de extrair. Porém, devemos conseguir obter um pouco em breve.

— Precisamos desse metal — disse Enya. — A prioridade deve ser fabricar flechas para os Etéreos. Eles serão cruciais no ar, para que aquelas criaturas não nos apanhem.

Sim. Os Etéreos seriam cruciais. Sem eles na coroação, muito mais pessoas teriam morrido.

Nesse momento, Azul entrou apressado, com o vento às suas costas.

— Peço desculpas. A reunião demorou mais do que o esperado. — Isla percebeu que o tom normalmente jovial de Azul estava completamente ausente. Sua expressão era séria. Ele nem se incomodou em sentar-se antes de dizer: — Temos um problema.

— Meu povo quer deixar Lightlark — contou Azul.

O mundo pareceu parar. Ninguém moveu um músculo. Isla lembrou-se de como os representantes Etéreos tinham ficado em silêncio durante a reunião deles.

Não. Já tinham perdido os Lunares. Não podiam perder outro reino. Selvagens e Estelares eram os menores; mesmo com seu povo lutando, não era suficiente…

— Já está decidido? — perguntou Calder.

— Ainda não. Mas haverá uma votação em breve, e não parece favorável.

Os olhos de Oro eram chamas âmbar.

— Precisamos de vocês nos céus. — As mãos dele estavam firmemente pressionadas em cima da mesa.

— Eu sei — disse Azul. — Quero lutar. No entanto, a escolha não é minha. Meu reino…

— A ilha vai perecer — disse Oro, seu tom de voz aumentando. — Você entende que isso será o fim do seu povo. Uma geração, talvez duas, e então a fonte do seu poder irá secar.

Azul suspirou. Seus olhos estavam avermelhados. Ele parecia cansado, como se tivesse passado a noite toda discutindo com seus representantes.

— Eu sei disso, Oro. Eu sei. Mas, no final, a decisão será deles.

— Como podemos mudar isso? — perguntou Enya. — Tem que haver algo que eles queiram. Algo de que seu reino precise.

Azul balançou a cabeça.

— Falei com eles por horas. Acho que não tem como mudar a decisão. Haverá debates. Depois, uma votação. — Ele não parecia esperançoso. Os olhos de Azul estavam ardentes, cheios de intenções que ele não havia expressado em palavras, enquanto ele os observava. — Sinto muito.

Ele saiu da sala, e houve apenas silêncio.

O calor dominou a todos. A testa de Oro estava franzida. Ele passou a mão pelo rosto.

— Se perdermos os Etéreos, perderemos a guerra — disse Enya, reclinada na cadeira, seus olhos na mesa. — As criaturas aladas vão nos dizimar, se Grim as trouxer, mesmo que consigamos encontrar o metal especial.

— Então não podemos perder os Etéreos — respondeu Zed.

Ela jogou as mãos para o alto.

— Você o ouviu, os Etéreos não podem ser comprados ou subornados. Nada do que temos pode convencê-los.

Oro pressionou dois dedos na têmpora.

— A votação dos Etéreos vai demorar. Temos que operar sob a suposição de que perderemos a força de voo e uma grande parte de nossa legião.

— Então precisamos de mais soldados — disse Zed. Ele se inclinou ainda mais para trás na cadeira. — Calder e eu já fomos aos cantos de Lightlark. Reunimos todas as comunidades externas. A maioria concordou em lutar. Sem Lunares e Etéreos, ainda não é o suficiente, no entanto, e esgotamos nossos aliados.

Um pensamento ocorreu a Isla. Os olhos de Oro encontraram os dela quando ela disse:

— E se formos atrás dos nossos inimigos?

— Quais inimigos? — perguntou Enya.

— Os Vinderens. — O grupo violento que tinham encontrado em sua busca pelo coração de Lightlark.

— De jeito nenhum — disse Oro.

— Estamos desesperados, Oro — rebateu Isla. — Acabamos de perder outro reino.

— Não estamos tão desesperados assim — disse ele entre dentes.

— Precisamos de mais guerreiros. *Eles* são guerreiros.

Oro balançou a cabeça, incrédulo.

— Preciso lembrar a você que eu vi *quando eles enfiaram uma flecha no seu coração?*

Ele não precisava lembrá-la. Ela via a marca no espelho toda vez que se vestia. Se não fosse pelo poder do coração de Lightlark e por Grim tê-la salvado, estaria morta.

Isla deu de ombros.

— É passado. Precisamos deles agora. E temos um inimigo em comum. Eles já odeiam os Lunares, certo? Provavelmente os odiarão ainda mais agora que se uniram para destruir sua casa.

— Quem eles odeiam mais são os *Selvagens* — disse Oro com ênfase.

Isla sabia disso. Oro havia contado a ela durante o Centenário que os Vinderens costumavam ser Selvagens, muito antes de as maldições existirem. Ela se levantou da cadeira sem desviar o olhar dele.

— Mas eu não sou apenas Selvagem — disse ela.

Também era Umbra. Os Vinderens não eram as únicas pessoas que viviam nas sombras da ilha. Eles tinham encontrado outras criaturas noturnas durante o Centenário. Talvez Isla pudesse convencê-las a lutar.

Remlar já dissera uma vez: *ela é uma de nós*. Isla havia suprimido sua escuridão. Talvez pudesse usá-la.

— Não — disse Oro.

Isla permaneceu firme.

— Você está me proibindo?

Um músculo na mandíbula dele se contraiu.

— Você é livre para fazer o que quiser, mas isso é imprudente. — Seu rosto se suavizou. — Temos tempo. Ainda não sabemos se vamos mesmo perder os Etéreos.

No final da reunião, Enya ficou para trás com Isla. Quando Oro estava fora de vista, ela disse:

— Ele é cego quando se trata de você. Esquece seu dever. — Ela colocou uma mão em seu ombro. — Se você decidir ir até aos Vinderens em busca de ajuda, vou com você.

Com os Etéreos provavelmente fora da jogada, as memórias de Isla se tornaram mais importantes do que nunca. Ela treinava com Remlar sempre que tinha a chance e ele a ensinava a usar suas sombras.

Naquele momento, ele estava parado em frente a uma árvore tão larga que cinco homens não seriam capazes de formar um círculo ao redor dela com os braços.

— Este é um jacarandá — disse ele. — Leva centenas de anos para ficar tão grande. Este aqui assistiu a todos os Centenários, ao reinado de Egan e até ao do pai dele.

Isla apoiou a mão na árvore. O fio entre ela e a árvore estava claro. Brilhante.

— Mate-a.

Ela hesitou.

— O quê?

A expressão de Remlar não mudou.

— Use seus poderes de Umbra e mate-a.

— Não. — A resposta foi imediata. Ela era a governante dos Selvagens. Sua lealdade era com a natureza, não com a escuridão. Estava ali apenas para arrancar as memórias de sua mente.

Remlar ergueu uma sobrancelha.

— Já matou pessoas antes, Selvagem?

Ela pensou nos nobres Lunares, sangue se acumulando nos cais abandonados. Inúmeras outras pessoas de cuja lembrança estava enevoada… quase oculta. Pelo tempo. Por *ele*.

— Sim.

— Mas não aceita matar uma árvore?

Isla o encarou.

— As pessoas que matei mereceram. Esta árvore não fez nada. Quem sou eu para acabar com ela? Só para… treinar?

Remlar franziu o cenho.

— Treinar? Eu pensei que você precisasse de respostas. Respostas sobre como salvar milhares de pessoas. Uma árvore é apenas um pequeno sacrifício.

— Não — disse ela novamente.

Remlar sorriu.

— Você já matou inúmeras plantas. Quando destravei seus poderes, você destruiu uma floresta inteira.

— Foi um acidente!

— Isso muda o fato de que você é responsável por matar a floresta?

Isla fechou os olhos com força. Não. Aquilo não fazia sentido.

Remlar suspirou.

— A natureza é uma força em movimento. Você destrói uma árvore, você cria outra. Colhe uma flor, planta outra. As cinzas em que ela se transforma se tornam fertilizante para outra. É um giro constante da roda, e não há fim nem começo, apenas um giro constante, girando, girando.

— Você não está fazendo sentido.

— A árvore não se importa se você a matar — disse ele. — Ela vai retornar como algo melhor, diferente. Tudo o que é destruído, especialmente pela sua mão, especialmente *aqui*, é reivindicado, refeito.

Aquilo era verdade?

— Mate a árvore. Sugue a vida dela... e então crie algo novo.

Crie algo novo. Se Remlar estivesse certo, ela não estava realmente matando a árvore… apenas transformando-a em algo diferente.

Isla colocou a mão no tronco.

Sombras se desenrolaram em seu peito, fluindo através dela, tornando-se líquidas. Elas se desdobraram e se expandiram, até que Isla sentiu gosto de metal na boca, e então, através de seus dedos…

energia. Não apenas fluindo para fora… mas também para dentro. Algo vital, saindo da árvore e entrando nela.

Era delicioso.

Como beber água depois de um dia no deserto, e Isla de repente estava desesperadamente sedenta. A casca rachou sob seus dedos, partiu, encolheu. Galhos e folhas caíram e viraram cinzas antes de tocar o chão. Quando ela terminou, tudo o que restava da árvore era um esqueleto.

Isla estava ofegante. Estava muito cheia, um copo transbordando. Deu um passo antes de cair de joelhos.

A vida explodiu dela.

Dezenas de pequenas árvores, apenas mudas, na verdade, irromperam do solo, rompendo a terra.

Ela virou de costas, respirando como se ainda não conseguisse ar suficiente. Um instante depois, a cabeça de Remlar e as pontas de suas asas bloquearam sua visão do céu.

— Eu estava certo, Selvagem — disse ele, parecendo bastante satisfeito consigo mesmo. Ela ouviu sua voz antes de mergulhar em outra lembrança. — Você é a única pessoa viva capaz de transformar a morte… em vida.



ANTES

Então era para valer. Ela realmente ia trabalhar com… ele. O Umbra apareceu no canto de seu quarto, como se emergisse de seus pensamentos, sombras se fundindo em um governante vestido inteiramente de preto.

Ele não disse uma palavra. Apenas a olhou, franzindo a testa, como se achasse todas as partes dela decepcionantes.

Isla o encarou.

— Sabe que foi *você* quem pediu para trabalhar comigo.

Grim franziu ainda mais a testa. Ela não sabia que uma carranca daquela magnitude sequer era possível.

— Estou ciente — disse ele bruscamente.

Com toda a aversão possível, ele estendeu a mão. Desta vez, usava luvas, como se não suportasse que sua pele tocasse a dela.

Ele a odiava. Isla realmente não entendia por quê. Seria porque ela era Selvagem? Porque o havia ferido seriamente naquele primeiro encontro?

Não importava. Ela também tinha sido criada para odiá-lo. Os Umbra eram vilões. O reino deles era o único que obtinha poder das trevas. Suas habilidades eram misteriosas, intrusivas, vis. Tinham o

poder de lançar maldições. A maioria das pessoas pensava que *ele* era responsável por elas.

Isla se lembrou de que trabalhar com Grim significava que ele não se tornaria seu inimigo durante o Centenário. Ele poderia ser a única razão pela qual ela, na verdade, sobreviveria.

— Espere — disse ela. — Se minhas guardiãs entrarem e virem que não estou aqui…

Elas geralmente davam privacidade a Isla depois do treinamento, mas ainda não era noite. As duas poderiam muito bem ir dar uma olhada nela enquanto Isla estivesse fora.

— Vou criar uma ilusão no seu quarto.

Ah. Ela imaginou que ele tivesse pensado em quase tudo. Então, por que precisava dela? Não fazia sentido.

— Ótimo. Vamos logo com isso — disse ela, pegando na mão dele.

Antes de a última palavra sair de sua boca, eles haviam desaparecido.

Aterrissaram na beira de uma falésia feita de rochas negras lustrosas, mal-encaixadas umas nas outras. O oceano se elevava a centenas de metros de altura, tão perto que ela podia sentir gotículas vindas do mar. A chuva grudou seu cabelo no rosto em mechas bagunçadas. Ela ficou encharcada até os ossos e começou a tremer imediatamente.

Isla ouviu o som implacável de ferro batendo contra ferro, lá em cima. Eles estavam em uma saliência na encosta.

— Onde estamos? — perguntou ela, ofegante devido ao vento e ao frio.

Não tinha certeza de onde esperava que Grim a levasse primeiro durante a busca, mas não era ali.

— Antes de procurarmos a espada, preciso fazer uma pequena visita ao criador da arma — disse ele. — O ferreiro.

Na boca de Grim, o título parecia antigo.

— Teremos que subir o resto do caminho até a forja — disse Grim antes de se colocar na frente dela, voltado para a encosta de rochas

escuras. Ele não ofereceu uma explicação. Não conseguia usar suas habilidades naquela área? Não queria que o ferreiro percebesse que estava chegando? Com uma mão enluvada nas rochas, ele se virou de repente, como se tivesse pensado melhor, e disse: — Não deixe as rochas cortarem você.

Grim começou a subir pela encosta. Isla o seguiu, relutante.

As rochas estavam escorregadias sob a chuva. Isla agarrou uma e teve que forçar os músculos dos dedos apenas para segurar. Quando tinha se movido só alguns metros, olhou para cima e viu que Grim já estava quase na metade do caminho. Demônio. Ele a deixaria para trás se não fosse rápida o suficiente.

Ela apertou os olhos na chuva enquanto se esforçava para segurar a rocha seguinte. E a seguinte. Pelo menos seus sapatos eram feitos com uma sola especial que tinha boa aderência. Ela escalou mais alto. Mais alto.

Enquanto movia os pés para as próximas posições, seus dedos de repente escorregaram e seu coração pareceu entalado na garganta no piscar de um segundo que levou para encontrar outro apoio. Ela o agarrou desesperadamente, sem se importar com as pontas afiadas.

O sangue escorreu por sua mão, quente sob a chuva congelante. Lá se fora o conselho sobre não se cortar. As pedras eram afiadas como facas. Ela arriscou um olhar rápido para baixo e engoliu em seco. Daquela altura, só raspar contra a encosta a desentranharia antes que a queda a matasse.

Ela voltou o olhar para cima. E para cima. Estava em menos da metade do caminho. Não havia como conseguir, não sem escorregar novamente.

Isla fechou os olhos. Sua mente estava descontrolada de medo, mil cenários estressantes passando por sua cabeça, então ela se concentrou em sua respiração. Aquele era um terreno desconhecido, mas ela tinha experiência em escaladas. Terra teria dito que qualquer escalada podia ser dividida em passos menores. Recomeçou, concentrando-se apenas no caminho bem à sua frente. E na respiração.

Isla se arrastou pela rocha, os dedos evitando cuidadosamente os pontos mais afiados das pedras, que eram longas e estreitas, milhares de cristais gigantes esmagados para formar uma parede. Sua mão latejava de dor e o sangue continuava a escorrer, mesmo depois de a chuva limpá-lo repetidamente. Ela precisaria usar seu elixir Selvagem de cura quando voltasse para o quarto.

Quase lá.

Antes que pudesse alcançar as últimas pedras, braços fortes a puxaram pelo resto do caminho, tomando cuidado para não a arrastar pela encosta. Então, ela foi jogada sem cerimônia no chão. A lama espremia-se debaixo dela. Isla imaginou que agora estivesse toda suja.

Lançou um olhar furioso para Grim, que assomava sobre ela. Seu cabelo escuro estava grudado na testa, sobre seus olhos, até a metade do nariz. Mesmo sem sua armadura, ele parecia aterrorizante. Ela pensou no boato de que ele havia matado milhares com sua lâmina, e que aquela poderia ter sido a última visão de suas vítimas. Uma sombra imponente.

— Você é uma escaladora excepcionalmente lenta — disse ele. — Eu deveria tê-la deixado para trás.

Ele se virou nos calcanhares e seguiu caminho.

Isla murmurou palavras que Poppy e Terra certamente não sabiam que ela usava enquanto o seguia.

O barulho de aço agora ecoava pela chuva, tão alto que Isla fez uma careta ao se aproximarem. Um trovão ribombou acima, como se estivesse em guerra com o som. O chão parecia tremer.

Eles subiram uma inclinação íngreme, até que, enfim, no topo do morro, uma estrutura surgiu à vista. Grim parou, sua capa negra chicoteando violentamente ao vento.

A casa do ferreiro não passava de um barracão. Era feita da mesma pedra que havia cortado a mão de Isla, e ela só podia imaginar o tipo de ferramentas necessárias para não apenas cortar aquelas rochas… mas construir com elas.

A porta estava aberta e lampejos de vermelho brilhavam pela entrada. Faíscas das chamas incandescentes.

De repente, o barulho parou.

Grim se virou lentamente para encará-la. Seus olhos encontraram a mão dela, ainda pingando sangue.

— Você é uma tola — murmurou Grim. — Ele vai tentar matá-la.

Então Grim desapareceu.

Isla estava sozinha. Ela olhou para a mão. Já havia pingado uma pequena poça de sangue abaixo dela. O ferreiro podia sentir o sangue?

Ele era algum monstro?

Seus olhos vasculharam pela chuva, mas ela não conseguia ver nada. Havia apenas um pensamento em sua mente, esculpido a partir de instinto básico e treinamento.

Corra.

Ela partiu pelo lado do morro, em direção a uma floresta. Não sabia se a natureza era perigosa em todos os lugares, mas preferia correr o risco de ser ferida pela floresta do que enfrentar um ferreiro que farejava sangue.

Seu coração batia nos ouvidos enquanto lutava para atravessar a mata fechada. Os galhos cortavam suas roupas. Ela usou os braços como escudos, abrindo caminho.

Sentiu o momento em que a criatura entrou na floresta. Todos os seus sentidos pareceram se aguçar em alerta. A própria floresta pareceu ficar quieta. Calafrios percorreram sua espinha. Era como se seu corpo soubesse que havia um predador. E ela estava sendo caçada.

Houve um estalo de casca se partindo quando uma flecha se alojou um centímetro à sua direita, na árvore ao lado. Era de metal pontiagudo. Com uma mira melhor, teria passado direto por seu pescoço. Ela ofegou e voltou a correr.

Outra flecha assobiou e Isla nem se deu ao trabalho de olhar onde acertou. Ela apenas correu e correu, chocando-se em galhos e pulando sobre cipós sinuosos.

Então a floresta começou um declive, e ela perdeu o equilíbrio.

De repente, estava caindo. Gritou quando seu ombro estalou dolorosamente, o cotovelo raspou em uma pedra, a perna se moveu em uma direção desajeitada. Seu corpo rolou muito rápido, parando apenas quando atingiu uma árvore.

Então, silêncio à medida que o mundo se acalmava e a dor a alcançava. Ela gritou em silêncio contra as costas da mão. Terra e lama cobriam cada centímetro de seu corpo. Seu ombro... havia algo de errado com ele. Seu corpo inteiro parecia um hematoma.

Levante-se, dizia o instinto em sua mente.

Era tarde demais.

Passos soaram perto. Passos pesados que ela ouviu mesmo sob a chuva. Isla não ousou mover um músculo enquanto o predador se aproximava. Mais perto.

Ele parou bem na frente dela.

O ferreiro se inclinou, agachado para olhar a pilha que era seu corpo quebrado.

Foi quando ela atacou. Agarrou a adaga que sempre carregava e a cravou no olho do ferreiro.

Ele rugiu, e Isla se levantou às pressas. Levou apenas um passo para perceber que algo havia acontecido com seu tornozelo. Ela não conseguia se mexer…

Mas *tinha* que sair dali.

Isla avistou uma cerca e avançou mancando. Era alta. O portão estava aberto. Se conseguisse apenas passar por ele, talvez pudesse fechá-lo. Talvez conseguisse pensar em um plano.

Ela podia ouvir o ferreiro se levantando. Ele rugiu sob a chuva palavras que ela não compreendia. Isla não ousou se virar.

O assobio de uma flecha e ela se abaixou rapidamente. Passou raspando bem acima de sua cabeça. Ela saltou para o lado, o ombro e o tornozelo gritando de dor, foi para trás de uma árvore, e outra flecha passou zunindo.

Ela correu os últimos passos, arrastando o pé atrás de si, até que ultrapassou a cerca. Suas mãos trêmulas fecharam o portão e ela desabou contra ele.

Isla cerrou os dentes para suportar a dor. Fechou os olhos enquanto seu corpo tremia encostado no portão. Com sorte, o portão aguentaria. Suas mãos percorreram o estranho padrão dele. Era tão liso. Feito de peças descombinadas. Tão…

Ela abriu os olhos. Olhou para trás, para o portão. E descobriu que toda a cerca era feita de crânios e ossos fundidos.

Um grito baixo escapou de sua garganta e ela recuou pelo chão enlameado, os dedos afundando nele. Suas costas bateram em algo sólido e ela gritou novamente.

Naquele momento, o portão inteiro foi arrancado de suas dobradiças.

O ferreiro surgiu, a adaga dela ainda cravada no olho.

Ele era o homem mais musculoso que Isla já tinha visto. Seus braços eram enormes. Ele segurava um martelo maciço que parecia capaz de atravessar seu corpo. Ele tinha cabelos negros longos e esvoaçantes. A pele pálida como a de um cadáver.

Isla recuou contra a parede na qual tinha batido, um grito entalado em sua garganta.

A parede falou. Parecia entediada.

— Você não pode ficar com ela, Baron. Pelo menos… ainda não.

Ela olhou para cima e viu Grim franzindo a testa em sua direção. Não era uma parede. Ela tinha se chocado contra as pernas dele. Grim ergueu uma sobrancelha.

— Eu disse para não se cortar, Devoradora de Corações.

A avassaladora vontade de enfiar uma adaga no olho *dele* a dominou, mas ela não conseguiria se levantar nem se tentasse.

O ferreiro, *Baron*, assobiou e retornou o martelo para um coldre em suas costas.

— Governante — disse ele, fazendo uma reverência. — A que devo a honra?

— Diamante negro no cabo. Lâminas gêmeas. Você conhece a espada.

O ferreiro sorriu com orgulho. Isla se perguntou se ele tinha a intenção de tirar a lâmina do olho.

— Conheço. Uma arma muito especial, de fato. Um dos meus melhores trabalhos.

Grim fez um gesto em direção a Isla.

— Você sentiu o sangue dela. Ela pode me ajudar a encontrar a espada?

O ferreiro apertou os lábios, pensando.

— Pode.

Era por *isso* que ele precisava dela. Isla estava tremendo no chão, mas encontrou sua voz por tempo suficiente para dizer:

— Por que ele não pode encontrar a espada sozinho?

Ela se perguntou se o ferreiro lhe responderia depois de ela ter esfaqueado seu rosto, ou mesmo se Grim permitiria.

O ferreiro encontrou o olhar dela com seu único olho, e um arrepio percorreu a espinha de Isla. Após um momento, ele disse:

— A espada foi amaldiçoada para que nenhum governante Umbra pudesse reivindicá-la. Se a espada sequer sentir a habilidade dele, desaparece.

Portanto, Grim não podia usar seus poderes para encontrá-la. Por isso precisava dela… embora aquilo não fizesse sentido.

Por que ele não forçava um de seus seguidores a procurá-la? Por que escolher um de seus rivais no Centenário?

Antes que Isla pudesse fazer mais perguntas, Grim disse:

— Você sabe onde ela está?

— Décadas atrás, ouvi dizer que ela tinha sido roubada de um mercado Etéreo. Eu a senti voltar para cá, para Umbra. Desde então, nada. — Ele franziu a testa. — Não consigo mais senti-la. Onde quer que esteja… está adormecida.

— Tem algo mais que devemos saber?

O ferreiro abriu a boca novamente. Seus olhos se voltaram para Isla.

Então ele a fechou.

— Nada mais.

— Muito bem. Agora, devolva a adaga. Vamos embora.

O ferreiro retirou a adaga de Isla de seu olho com brutalidade. O que restou… Isla desviou o olhar para não vomitar.

Ele se abaixou para devolvê-la. Isla estendeu a mão com os dedos trêmulos. O sangue escuro cobria sua lâmina. A chuva só o limpou parcialmente.

Antes de devolvê-la, o ferreiro disse:

— Você não deveria ter sido capaz de fazer isso.

Então voltou pela floresta em direção à sua forja, e Isla foi deixada com perguntas urgentes.

E com raiva.

Ela se virou no chão para encarar Grim.

— Seu *demônio*. Você quase me matou. Você…

Ele revirou os olhos.

— Eu estava lá. Você nunca esteve em perigo.

O corpo inteiro de Isla tremia de fúria.

— Nunca estive em perigo? Meu tornozelo... aconteceu algo com ele. E meu *ombro*. — Ela balançou a cabeça. — Por quê? Por que você deixou ele me caçar?

Grim deu de ombros.

— Eu queria ver como você se sairia sem mim. Chame de curiosidade.

— Curiosidade? Curiosidade?

Isla tentou se levantar, a adaga agarrada firmemente na mão, mas seu tornozelo cedeu e ela quase caiu. Grim a segurou pelos braços. Ela tentou se soltar, mas foi inútil. Sua pegada era firme como mármore.

— Por que você não usou seus poderes de Selvagem na floresta? — perguntou ele.

A mentira veio facilmente.

— Você não usou um portal para ir diretamente até a casa. Não usou os próprios poderes. Eu imaginei… que houvesse uma razão.

Ele apenas a encarou.

Isla tentou se afastar novamente, então fez uma careta quando a dor invadiu seu ombro. Grim a segurou firme e franziu a testa.

— Está deslocado. Tenho que colocá-lo de volta no lugar. — Grim a virou, para que suas costas ficassem voltadas para ele, então se inclinou e disse: — Vai doer.

Antes que ela pudesse se opor, as mãos dele se contorceram, e Isla gritou tão alto que incomodou os próprios ouvidos.

— Pronto — disse ele. — Agora, não tem nada que eu possa fazer quanto ao tornozelo.

— Só… só me leve para o meu quarto.

O elixir de cura Selvagem cuidaria do inchaço, mas levaria semanas antes de poder andar normalmente de novo. Teria que inventar uma desculpa para Terra e Poppy. Fingir que tinha torcido o tornozelo durante o treinamento ou algo assim.

Ela cerrou os dentes contra a dor que rugiu novamente quando aterrissaram. Olhou para si mesma. Estava uma bagunça. Coberta de terra e lama. Precisaria de cerca de mil banhos e um quarto de frasco de elixir de cura.

Lágrimas ardiam quando ela fechou os olhos. Será que era assim que seria trabalhar com o demônio Umbra? Se machucar? Fugir para não ser morta por uma criatura ancestral por mera *curiosidade*?

Ela abriu os olhos de novo e ficou surpresa ao ver o Umbra ainda no meio do quarto, emanando escuridão.

— Você não pode parar com isso? — esbravejou ela, observando as sombras se desenrolarem, espalhando-se por suas coisas, apenas para retornar e repetir o processo.

As sombras se contorceram, como se a tivessem ouvido e estivessem ofendidas.

Idiota. Não dá para magoar uma sombra.

Grim pareceu chocado.

— Você não me dá ordens, bruxa.

Ela o encarou.

— Pensei que eu fosse *Devoradora de Corações* — disse, com o tom mais meloso que conseguiu.

Ele a encarou de volta.

Aquela era a sua chance de obter respostas.

— Por que ele tinha tantos ossos?

— O ferreiro mata pessoas com habilidades únicas e faz armas com seu sangue e ossos. Ele fareja sangue por perto e mata qualquer um que encontre, na remota possibilidade de que sejam úteis.

Então, por que ele parecera desesperado para ter o sangue dela?

Isla engoliu em seco. Passara muito perto de se juntar à cerca de ossos e crânios. Seu povo teria sucumbido. O ferreiro era antigo e parecera surpreso por ela ter sido capaz de feri-lo. Ela nunca havia ficado tão grata por ter sua adaga.

— Então você não pode usar suas habilidades durante a nossa busca. Terá que agir sem poderes.

Grim não disse nada.

Por que estaria procurando aquela espada? Não usar seus poderes parecia um incômodo enorme. Ninguém poderia ir atrás da arma por ele? Não tinha coisas melhores a fazer? Isla fez todas essas perguntas, uma depois da outra, e a irritação de Grim aumentou.

— Você fala demais — rosnou ele, e, por alguma razão, isso a magoou.

Sentiu um peso enorme no peito.

— Normalmente eu não tenho ninguém com quem conversar — murmurou.

O tom dele não ficou mais gentil ao responder:

— Essa busca é importante demais para eu contar a alguém da minha corte. Não posso arriscar enviar outra pessoa ou revelar a ela as informações que tenho. — Ele hesitou antes de completar: — Já fui traído durante a busca pela espada antes.

Alguém o traíra? Por quê?

E Grim a trairia?

Isla virou-se para ele, uma sobrancelha erguida.

— Mas você confia em mim?

— Claro que não. — Ele deu um passo em sua direção. Outro. — Se você deseja sobreviver ao Centenário, não contará para ninguém em sua corte também.

Sua corte. Ela nem sabia o que era isso. Celeste não tinha uma corte, apenas seu grupo de guardiões que morriam a cada poucos anos e eram substituídos, um ciclo interminável. Terra e Poppy eram as únicas pessoas que Isla via regularmente.

Como se ela fosse contar a uma delas... Chamariam-na de tola por trabalhar com um Umbra. Certificariam-se de que nunca mais saísse de seu quarto até o Centenário.

— E o ferreiro? Ele sabe que estamos procurando — perguntou Isla.

Grim balançou a cabeça bruscamente.

— Ele não vai lembrar.

Ela inclinou a cabeça.

— Por quê?

— Para começar, poucas pessoas são tolas o suficiente para visitá-lo. Mas, por precaução, retirei as memórias dele.

Isla hesitou.

— Você… tem como fazer isso?

Ele assentiu, como se não fosse o poder mais cruel do mundo.

— É… permanente?

— Se eu quiser que seja.

Ela estremeceu. Ainda havia tantas perguntas sem resposta. Se Grim precisava tanto da espada, por que não a procurara antes? Por que agora? O que havia mudado?

Isla se perguntou se deveria desistir. Estava claro que Grim a estava usando. Agora, ela nem sequer tinha certeza se o que ele prometera valia o risco.

Ela e Celeste tinham um plano para o Centenário. Isla não tinha conseguido encontrar as luvas de pele, mas ainda havia tempo. Quase um ano.

Isla olhou ao redor de seu quarto. A gaiola de vidro. Grim era insuportável, mas a busca pela espada prometia algo por que ansiava desde criança. Liberdade. Uma fuga, mesmo que temporária.

— Então… — disse ela, se perguntando se estava cometendo um erro enorme. O ferreiro dissera que a espada fora roubada e, pela última vez, sua presença fora sentida no território de Grim. — Quem são os melhores ladrões Umbra?



PREMONIÇÃO

Ainda não havia notícias sobre a votação dos Etéreos, que havia sido adiada após muito debate. A maioria dos Selvagens estava treinando para a guerra, enquanto o restante trabalhava sem parar para produzir mais elixires de cura. Os Estelares nas novas terras estavam criando armaduras especiais, infundidas com energia.

Agora, Isla precisava se concentrar no escudo. Maren havia prometido uma lista dos maiores mestres da Ilha da Estrela para determinar seu tamanho.

Dias haviam se passado sem que seu pedido fosse atendido. Um comportamento estranho para Maren, que havia gerenciado todos os outros aspectos da preparação para a iminente guerra e a evacuação com facilidade. Enya havia assistido Isla no fornecimento de ajuda direta para a Ilha da Estrela e, nas últimas semanas, no envio de alimentos, recursos e guardas para a ponte, e Maren havia cuidado de tudo aquilo sem problemas.

Maren ficou surpresa ao vê-la quando Isla pisou na Ilha da Estrela.

— Isla. Não estava esperando você hoje. Podemos começar…

— Quem são os melhores Estelares no uso dos poderes? — perguntou Isla. — Apenas me leve até eles.

Seu tom era ríspido, mas Grim estava chegando em apenas vinte dias. Eles não podiam perder tempo. Maren não encontrou seus olhos. Levou vários segundos para dizer qualquer coisa.

— Tem alguns que são habilidosos. Posso te levar até eles.

— Não. Quem é o melhor? — Ela franziu a testa. — É… é você?

Era por isso que Maren estava sendo evasiva?

A mulher balançou a cabeça.

— Então, quem?

A Estelar encontrou o olhar de Isla. A intensidade ali a surpreendeu.

— O rei não mudou de ideia sobre recrutar combatentes que não sejam voluntários?

— Não. Ninguém será forçado a lutar. Só precisamos de energia para o escudo.

— O acúmulo de energia pode ser anônimo?

Anônimo? Isla estava ficando irritada.

— Acho que sim. Por quê?

A expressão de Maren ficou mais intensa do que o normal.

— Prometa. Se eu te contar, prometa que não vai dizer a ninguém.

Isla franziu a testa. Ela era a governante. Não precisava fazer promessas em troca de informações. Ainda assim, viu a determinação no rosto de Maren e assentiu.

— Não vou contar a ninguém além do rei.

Maren pensou um pouco, depois fechou os olhos.

— Vou te mostrar.

Ela levou Isla para um campo de crateras. Eram buracos na ilha, como se estrelas tivessem caído do céu e deixado suas marcas. Alguém estava no centro de uma das crateras.

Correntes de prata jorravam de suas mãos em fitas cintilantes que chicoteavam contra as laterais da cratera, perfuravam a rocha, cortavam-na como se fosse manteiga. Criaturas se formavam a partir das faíscas e serpenteavam, pulavam, voavam ao redor daquele

buraco, contidas apenas por seu perímetro. Era uma deslumbrante demonstração de poder.

Era Cinder.

Isla ficou boquiaberta enquanto observava. Cinder manipulava o poder como uma mestra. Suas posturas, os movimentos líquidos de seus braços, tudo parecia tão natural, como se ela tivesse muitas vezes sua verdadeira idade.

Ela pulou na cratera e a menina a olhou. Um sorriso transformou seus traços.

— Isla!

— Quem foi seu professor? — perguntou ela, em vez de cumprimentar a menina. — Ele ainda está vivo?

Cinder a olhou de forma estranha.

— Professor?

A menina olhou para Maren, que havia cuidadosamente descido por uma das bordas da cratera. Maren apenas deu de ombros.

— Quem te ensinou a manipular dessa forma? — Isla balançou a cabeça, incrédula. — Me disseram que não havia mais mestres Estelares. Quantos conseguem manipular como você? Você deve ter começado a treinar antes de conseguir andar! Deve treinar o tempo todo.

Cinder riu.

— Que nada. Acho que sou apenas boa nisso.

Acha?

Isla olhou para Maren, que parecia cautelosa. Ela se afastou para o lado oposto da cratera, para longe de Cinder, e Isla a seguiu.

— Quando ela tinha dois anos, eu a ouvi rindo sozinha em um quarto. Entrei e a encontrei brincando com uma bola perfeita de faíscas, que ela mesma havia criado.

As sobrancelhas de Isla se uniram.

— Mas isso… não deveria ser possível, certo? Alguém que não é uma governante ser tão poderoso?

— Certamente é incomum. Ela é a melhor manipuladora na ilha. — Maren baixou a voz. — E ela é a única razão pela qual nós sobrevivemos ao incêndio que destruiu nossas casas.

Cinder ria enquanto criava um animal com uma galhada de chifres feita de faíscas. Ele se empinou nas patas traseiras, dando voltas ao redor dela em um círculo. Isla então compreendeu.

— Por isso você nunca a deixa sair daqui. Não quer que ninguém mais saiba.

Maren assentiu.

— Eu a considero mais uma irmã do que uma prima. Ter qualquer relação de parentesco é raro para os Estelares. Ela é minha responsabilidade. É tudo para mim.

Cinder voou acima delas, impulsionada pela energia Estelar das palmas de suas mãos.

— Sua vez, Isla! A cratera está tão sem graça. Decore ela com flores!

Maren a olhou.

— Ela é nossa governante, Cinder. Você não dá ordens a ela.

— Está tudo bem — respondeu Isla, sorrindo. Ela ergueu a mão e flores desabrocharam pelo chão.

— Lindo! Faça uma criatura agora! Faça uma igual à minha, mas de plantas e galhos e coisas assim!

A expressão de Isla vacilou um pouco.

— E-eu acho que não consigo, Cinder.

Cinder franziu o cenho.

— Por quê?

— Ainda estou aprendendo a manipular. Não sou uma mestra. Ainda não.

Cinder inclinou a cabeça, seus cabelos escuros caindo na testa.

— Você não consegue manipular o poder completamente? — Uma pequena ruga apareceu entre suas sobrancelhas. — Mas… é tão fácil.

— Cinder — censurou Maren.

— Principalmente para uma governante. Certo?

— *Cinder.*

— E você tem *tanto*, você…

— Cinder! — Maren pegou sua mão e começou a levá-la embora. — Já chega. E pare com isso.

Isla teve a impressão de que Maren tinha restrito Cinder a usar seu poder apenas durante certos intervalos de tempo e dentro dos limites daquela cratera.

— Maren — disse Isla em voz baixa, dando um passo à frente enquanto Cinder recolhia suas coisas. — Precisamos que ela forneça energia para o escudo.

E talvez para transformar o minério no metal essencial, se Zed e Calder conseguirem extraí-lo, pensou Isla. Desconfiada, Maren olhou de Cinder para Isla.

— Vamos cobrir a maior parte do Continente com espinhos e areia de pântano, mas as barreiras de energia serão essenciais para limitar onde os Umbras poderão atacar.

Maren fechou os olhos.

— Você promete manter isso anônimo?

— Eu te dou minha palavra. Ela pode fazer a parte dela do escudo sem ninguém por perto.

— Está bem — disse Maren. Em seguida, chamou Cinder com um tom áspero. — Estamos indo.

Enquanto era levada embora, Cinder olhou por cima do ombro e sorriu. Com um gesto rápido de sua mão pequena, ela enviou um turbilhão de faíscas para Isla, que caíram do céu como glitter.

Antes de dormir, Isla contou a Oro sobre Cinder. Ela andava pelo quarto, gesticulando com as mãos, tentando demonstrar o que a menininha havia feito.

— O que você acha disso? — perguntou ela, virando-se para encará-lo quando terminou.

— Acho que Cinder parece uma criança muito especial.

— Já existiram outras assim?

— Algumas, ao longo dos séculos. Existiram pessoas que não eram governantes, mas tinham grandes dons. Infelizmente, suas histórias muitas vezes terminam em tragédia. Maren está certa em mantê-la escondida.

Isla franziu a testa.

— Mas você é o rei. Não pode protegê-la?

— Eu poderia ordenar que um exército a cercasse o tempo todo. Poderia mandar buscá-la para vir morar aqui, no castelo. Você gostaria disso?

— Não — respondeu Isla.

A vida de Cinder parecia difícil, mas de muitas maneiras ela era livre. O castelo ou a legião seriam apenas uma prisão mais reforçada.

Isla deu um passo em direção à cama, exausta, quando sua visão de repente ficou escura. Seus membros ficaram dormentes e seu corpo se contorceu. Antes de atingir o chão, estava nos braços de Oro. Fisicamente, o calor a envolvia.

Mentalmente, tudo o que ela sentia era frio.

Era a visão novamente, mais clara do que nunca.

A escuridão caindo do céu, a noite despedaçada envolvendo sua pele, colando seus cílios. Uivos. Dreks.

Gritos. Pessoas morrendo ao seu redor.

No meio de tudo aquilo, viu Grim. A escuridão tocava tudo, exceto ele. Ele era a fonte.

Grim estava olhando para ela; não encarava os que estavam morrendo ao redor, olhava diretamente para ela e se aproximava com uma concentração que a cortava feito uma lâmina.

Corra, uma voz dentro de sua cabeça disse. *Fuja. Salve-se.*

Ela não conseguia, ou não queria. Ficou lá enquanto a escuridão abria seus lábios e forçava Isla a bebê-la.

Ela provou a morte no fundo da garganta.

Depois, no peito.

Algo estava errado. Algo estava muito errado.

Isla tentou relutar, mas foi inútil. Em sua visão, seus órgãos começaram a falhar, um por um.

Ela conseguia sentir à medida que cada parte sua definhava.

Ela se sentiu morrer.

Oro segurava Isla em seus braços. Aparentemente, ela tinha gritado. Lágrimas engasgaram suas palavras enquanto ela tentava explicar o que tinha visto. Sua visão, mas algo mais. Estava mais clara agora. Maior. Antes, ela só tinha visto a escuridão e a destruição de Grim.

Agora, sabia como terminava.

— Ele me mata — disse ela. — No futuro, ele me mata.

O calor quase incendiou o quarto. Oro crispou os lábios, mostrando os dentes. Ela nunca o tinha visto mais mortal do que naquele momento.

— Então nós o mataremos primeiro.

Os olhos de Isla reviraram quando ela caiu em outra lembrança.



ANTES

Poppy e Terra tinham selado o vidro solto em seu quarto. Isla teve que contar a elas uma história elaborada para explicar seu tornozelo torcido. Por horas, Terra gritou com ela sobre como era tola.

Poppy envolveu seu tornozelo em casca medicinal e, como punição, Terra a treinou com mais rigor de maneiras que não exigiam que apoiasse peso nas pernas. Levou dez dias para que Isla pudesse andar quase normalmente de novo. Ela se perguntou se Grim procuraria a espada sem ela, mas ele esperou até que estivesse quase completamente curada.

Isla sabia que ele não fazia isso por bondade; era porque precisava dela. Ela era fundamental para sua busca; só precisava descobrir como se encaixava no plano dele.

Grim apareceu em seu quarto, seus poderes sob controle; as sombras que normalmente escapavam de seus pés tinham desaparecido. Não estava usando sua coroa e sua capa. Ele podia não portar seus emblemas de governante, mas ainda era inconfundivelmente aterrorizante.

O ferreiro dissera a eles que a espada tinha sido roubada, e, segundo Grim, havia um grupo de ladrões notórios em suas terras.

Eles tinham uma base nos limites de Umbra. Grim pegou o braço dela sem dizer uma palavra.

Eles se transportaram para as margens de uma cidade de pescadores. O cheiro de sal e peixe podre tomava conta do ar. As ruas estavam desertas. Todas as cortinas estavam fechadas. Claro, era noite…

Isla ficou tensa. O pânico apertou seu peito.

— *Sua maldição* — disse ela, as palavras saindo tensas. Ela apontou para a lua, como uma tola, e depois para ele. — Você não pode…

Grim esboçava uma expressão entediada.

— Sair à noite?

Ela assentiu.

— Isso não é um problema. — Então ele se virou novamente.

Não é um problema?

— Nem *você* é poderoso o suficiente para escapar das maldições.

Ele suspirou, claramente irritado por ela continuar insistindo na conversa.

— Não. Mas uma pessoa era, e fez isso aqui para mim.

Ele pegou algo sob a gola de sua camisa, um tipo de amuleto, e logo depois parou de dar atenção a Isla.

Aquilo não saciou em nada sua curiosidade e confusão. Como era possível que um simples objeto permitisse que Grim fosse imune à maldição? Não fazia sentido. Deveria ser impossível…

— Ainda que eu esteja lisonjeado com sua preocupação com o meu bem-estar — disse ele no tom mais arrogante possível —, concentre-se em encontrar a espada. Não em mim.

Ela fechou a boca, mas ficou pensando sobre o amuleto. Por que ele não fizera um para cada Umbra? Era raro? Ele queria que seu povo permanecesse amaldiçoado?

Um pequeno barco a remo flutuava no cais, esperando por eles. Grim não podia transportá-los até os ladrões, já que a espada poderia

estar lá e sentir seu poder. Isla havia perguntado se poderia usar sua varinha estelar, e ele dissera que não.

Ela tentou pegar um dos remos, mas ele o arrancou de sua mão. Isla se sentou atrás dele, observando suas costas enquanto os músculos se moviam. A imagem deveria ter causado repulsa.

Ela desejou que tivesse causado repulsa.

Eram quilômetros até a ilha. As remadas dele não diminuíram de ritmo nem uma vez.

— É surpreendente — disse ela, olhando para ele.

O oceano estava escuro como tinta ao seu redor. A lua era um mero crescente. Ela achou que Grim fosse ignorá-la, mas, depois de alguns minutos, ele perguntou em um tom irritado:

— Me diga, o que é tão surpreendente?

Ele estava de costas para Isla, que não conseguia ver sua expressão, e talvez isso a tenha deixado ousada.

— Seu dom é se transportar. Você pode ir para qualquer lugar sem mover um dedo. Ainda assim… você escala rapidamente. Você rema bem. Você é… musculoso.

— De olho no meu corpo, Devoradora de Corações?

As bochechas de Isla ficaram vermelhas. De repente, ela ficou muito grata por não estarem se encarando.

— Nos seus sonhos — respondeu.

Ele suspirou.

— Tem alguma pergunta?

— Sim. Passaram-se centenas de anos desde a guerra. Você pode se transportar para qualquer lugar com um mero pensamento. Por que continuar com suas… rotinas de condicionamento físico? Por quê? Quando você tem tanta habilidade?

— Eu nunca dependi apenas dos meus poderes. O caráter de uma pessoa é determinado pelo que existe além deles. — Grim se virou para olhá-la, o lábio curvado em desprezo. — E apenas um tolo começa a se preparar para uma guerra só quando ela é declarada.

Isla ficou em silêncio depois disso, até que o barco atracou bruscamente nas pedras da ilha.

Ele se virou para encará-la.

— Não vou te salvar. Entre você ou a espada, não será uma escolha difícil. Vou encontrar uma maneira de consegui-la sem você.

— Estou ciente — disse ela entre dentes.

— Ótimo.

A base dos ladrões era um edifício alto, com janelas longas e retangulares, todas cobertas com tecido grosso, o que facilitou a aproximação deles.

— Procuramos a espada. Se não a encontrarmos, obtemos informações — disse ele.

A primeira janela da qual se aproximaram não estava trancada nem vigiada. Grim a abriu e eles passaram sem problemas. Isla supôs que os ladrões não estavam preocupados com um Umbra visitando a ilha deles à noite. Quem estaria?

Lá dentro, só havia silêncio.

— Vou procurar nos andares de cima — comunicou Grim.

Ele passou por Isla, deixando-a sozinha. O cômodo era comum. Parecia apenas um lugar para guardar suprimentos. Ela removeu a tampa de um barril e encontrou algum tipo de álcool. Antes de sair, parou e prestou atenção.

Não havia nenhum barulho no corredor também. Talvez os ladrões estivessem dormindo?

Ela avançou pelo primeiro andar, indo de cômodo em cômodo. Um parecia ser uma cozinha. Outro tinha algumas mesas. As paredes eram de pedra. O vento assobiava por grandes rachaduras. Estava gelado.

Isla finalmente chegou a um corredor revestido de janelas e puxou cuidadosamente parte de uma das cortinas. Ali perto, o mar batia contra as pedras. A fatia de lua iluminava a água, refletindo nas ondas.

Ela puxou a cortina de volta para o lugar e recuou, admirando o teto alto. Imaginando se Grim já estava terminando de procurar nos

andares de cima.

Nem os ouviu se aproximar até que uma lâmina já estivesse contra sua garganta.

— Me pergunto o que você vai fazer — disse a voz em seu ouvido.

O treinamento superou o pânico. Em um piscar de olhos, ela agarrou os braços do homem com as duas mãos e puxou, abrindo uma distância entre a lâmina e seu pescoço. Isla ergueu um ombro, curvou-se sob o braço do atacante, mãos ainda agarradas ao pulso dele, chegou para o lado dele e o esfaqueou com sua própria adaga, duas vezes. Terra a havia treinado para aquele exato cenário.

O homem desabou no chão, parecendo surpreso ao ver o sangue se acumulando ao seu lado. Ainda estava vivo, apenas em estado de choque. Ela não podia se dar a esse luxo. Isla deu um passo e mais dois Umbras foram para cima dela.

Ela pegou sua lâmina e eles pegaram as deles.

Os homens atacaram primeiro. Isla se desviou dos golpes do primeiro, o som do aço ecoando pela sala. Mais viriam. Ela sabia disso.

Onde estava Grim? Já havia terminado de procurar nos andares de cima? Tinha encontrado problemas também?

Ela se lembrou das palavras dele. Grim não a salvaria. Ela precisava se salvar.

O segundo homem atacou e Isla correu para se defender dos dois lados. Suor escorria por sua têmpora. Ela nunca havia lutado assim antes. Treinar era uma coisa… lutar de verdade era outra. Um dos Umbras mirou a cabeça dela e por pouco não acertou.

Ela tateou pela lateral da própria calça, encontrando os bolsos feitos especialmente para suas lâminas de arremesso. Não era sua mão dominante, mas Terra tinha garantido que ela fosse proficiente em ambas. Isla segurou as lâminas entre os dedos e as lançou em direção a um dos homens, no exato momento em que ele se preparava para outro golpe.

Uma delas o acertou no meio do peito, a outra atingiu o meio de sua garganta. Ele olhou brevemente para baixo antes de cair para a frente, empalando-se acidentalmente na própria espada.

Náusea invadiu o estômago de Isla. Ela acabara de matar alguém pela primeira vez… Deveria se sentir culpada? Ele a atacara. Mas ela havia invadido a casa dele…

O golpe veio do nada. O outro homem atingiu a lateral de sua cabeça com o cabo da espada e ela imediatamente caiu no chão. Seus ouvidos zuniram. Sangue escorreu pela têmpora.

Ele poderia tê-la matado, mas não fez isso. O que significava que planejava outras coisas para ela. Raiva e medo tornaram sua respiração irregular.

Na queda, soltou a espada. O Umbra se aproximou e chutou a arma dela para fora do alcance, o metal ressoando contra o chão de mármore. Ele sorriu ao caminhar na direção dela. Seus olhos percorreram o corpo de Isla de uma maneira que a fez querer vomitar.

— Acho que vou ficar com você pra mim — disse ele. — Gosto quando elas lutam um pouco.

Grim. Onde ele estava? Estaria a caminho?

O homem deu um passo à frente. Naquele ângulo, ficava enquadrado pela cortina da janela atrás dele e sorria enquanto se aproximava. Queria ficar mais perto dela. Apertar o corpo contra o dela.

Isla decidiu dar a ele exatamente o que queria.

Antes que pudesse mudar de ideia, lançou-se de pé e se atirou contra ele com um rugido, a lâmina do homem cortando seu braço no processo. Ele se retraiu, confuso. Ela tomou todo o impulso que pôde...

E lançou ambos pela janela. A cortina rasgou. O vidro se espatifou.

O homem gritou por meio segundo antes de seu corpo inteiro se transformar em cinzas abaixo dela. Isla ofegou e inalou um pouco sem querer. O resíduo grudou no sangue em seus braços e rosto.

Isla ficou de pé com pernas trêmulas, coberta pelo que restava do homem. Ela se virou muito lentamente para ver Grim de pé no corredor, olhando para ela através do que sobrara da janela.

Ela se curvou e vomitou.

Grim apenas a observou enquanto ela passava pelo buraco na parede e usava uma das outras cortinas para tentar se livrar das cinzas.

— Encontrou? — perguntou ela antes de vomitar novamente.

— Não. Mas encontrei ele.

Foi quando ela notou o Umbra no chão, amarrado e amordaçado.

— Já perguntei três vezes sobre a espada — disse Grim. — Eu a descrevi em detalhes. Você sabe a que estou me referindo. Agora, pela última vez. Onde ela está? Está aqui? — Ele arrancou o tecido da boca do homem.

O Umbra fez um som semelhante a um gemido e balançou a cabeça.

Grim suspirou.

— Eu realmente não queria sujar minha espada — disse ele, então cortou a mão do homem.

O Umbra gritou de forma selvagem. Isla observou os espasmos da mão decepada e sentiu que ia vomitar novamente.

— Agora já está suja — disse Grim, franzindo o cenho para a espada. — Seus membros são os próximos.

Ele ergueu a lâmina, então o homem disse:

— Espere. Espere. — Ele tremia. — Se eu contar, você me deixa ir?

Grim pensou, depois assentiu.

— Você jura?

— Nós juramos — disse Isla, os olhos desviando para o ferimento do homem. Ele precisava cauterizar a ferida em breve, ou sangraria até a morte na frente deles.

O homem engoliu em seco e suas palavras saíram como um sussurro.

— Há décadas que a espada não está aqui. Nós a roubamos, mas um colega nos traiu. Ele pegou a espada e a passou para outra pessoa. Só ele sabe onde está agora.

— Onde podemos encontrá-lo? — questionou Grim.

— O nome dele é Viktor. Ele foi visto perto do Penhasco de Creetan.

— Como vamos reconhecê-lo? — perguntou Isla.

O homem emitiu um som engasgado; estava pressionando o ferimento no corpo para tentar conter o sangue que se espalhava por todo o lugar.

— Ele tem… ele tem uma cobra, que leva consigo onde quer que ele vá.

Uma cobra?

— Obrigado por ser tão prestativo — disse Grim, parecendo genuinamente sincero.

Então cortou a garganta do homem.

Isla soltou um grito, assistindo o homem se engasgar com o próprio sangue antes de desabar no chão.

— Você prometeu — disse ela, virando-se para ele.

Grim franziu a testa.

— Não, Devoradora de Corações. Você prometeu.

Lágrimas ardiam nos cantos de seus olhos e escorriam por suas bochechas. Ele a olhou com desprezo.

— Não me diga que está chorando pela morte daquele lixo.

— Lixo? — perguntou ela, incrédula. — Ele é parte do seu povo. Um Umbra.

— Não fale do meu povo quando você não sabe nada sobre o seu. Trancada em um quarto com vidro pintado… — Grim rosnou para ela. — Ele era um ladrão e vendia muito mais do que objetos raros. Ele merecia morrer, e fiquei feliz em ser o responsável por isso.

Isla engoliu em seco e se virou para o outro corpo na sala. E então para o homem a quem tinha esfaqueado com a própria adaga. Ele

agora estava morto também. E o homem que agora não passava de cinzas… Um soluço arranhou o fundo de sua garganta.

— Eu nunca…

Grim apenas a encarou. Sua expressão não amoleceu nem um pouco em resposta às lágrimas dela. Ele a observou chorar por mais alguns segundos, antes de dizer:

— Fica mais fácil.

Então pegou o braço dela e os transportou de volta para o quarto de Isla.

Ela teve que fechar os olhos para controlar a súbita onda de náusea. Não queria vomitar de novo. Não queria pensar no que tinha acabado de *fazer*…

— Haverá uma celebração no Penhasco de Creetan daqui a duas semanas — disse ele. — É quando vou voltar.

Os olhos de Isla ainda estavam fechados quando ele partiu.



EU NÃO MORRO HOJE

O resultado da batalha não estava definido, era o que a oráculo dissera. Essas eram as palavras às quais Isla se apegava enquanto a própria morte se desenrolava em sua mente, sem parar, e enquanto assistia a Oro esbravejar contra a porta.

Ele tinha tentado usar seu poder para abri-la, mas ela permanecia fechada.

— Oro — disse ela enfim, colocando a mão nas costas tensas dele.

Só então Oro parou, a puxou para seus braços e disse:

— Ele não vai te matar. Vou despedaçá-lo membro por membro antes que ele te machuque.

O chão pareceu tremer com a promessa dele. Ela nunca o tinha visto tão desalinhado, tão…

Assustado.

Ela também estava com medo.

— Eu preciso saber. Você e eu… nós temos um vínculo de amor. Isso significa que, se eu morrer… você pode receber minhas habilidades? Pode salvar os Estelares e os Selvagens?

Os olhos de Oro brilharam de medo.

— Você não vai morrer, Isla. Mas sim, deve ser possível.

Seu alívio devia ter sido visível, porque Oro ficou mais angustiado. Ela segurou o rosto dele.

— Você não vai me perder. Eu não vou morrer. — Ela se certificaria de cumprir essa promessa.

O que significava que precisavam garantir que ganhariam a guerra.

— Vou ver os Vinderens com Enya — disse Isla. — E você precisa ficar bem com isso.

A Solar estava esperando por ela; partiriam imediatamente.

Mais medo e sofrimento endureceram nos olhos de Oro, e ela compreendeu, realmente compreendeu. Se ele estivesse prestes a fazer algo imprudente, ela se sentiria da mesma maneira. Então pensou em suas guardiãs e em Cleo com seu filho.

Era possível amar alguém com intensidade demais. Era possível transformar o amor em uma prisão.

Por fim, ele assentiu.

— Você está certa.

Ele a conduziu até Enya, que estava esperando além da floresta do Continente. Antes de partirem, Oro colocou a mão em seu braço. Faíscas irromperam de seu toque, cintilando, cobrindo todo o seu corpo do pescoço para baixo, formando uma camada tão rente quanto suas roupas. Além do leve brilho, era quase invisível.

— É um escudo Estelar. Como o que você está criando para a batalha, mas menor. Consegue assumir a magia?

Ela concentrou-se na energia. Respirou fundo. Lentamente, sob seu comando, o poder escorreu por seus dedos, passando pela pele. Manter o escudo exigia esforço, mas ela estava grata pela proteção.

— Não é invencível — disse Oro —, mas pode te proteger de uma flecha.

— Obrigada — respondeu ela , antes de ficar na ponta dos pés para beijá-lo.

No começo, foi suave, mas depois Oro a agarrou como se tivesse medo de que ela não conseguisse cumprir sua promessa, como se Isla pudesse partir a qualquer momento. Os dedos dele correram pelo

cabelo dela, inclinando sua cabeça, posicionando-a em um ângulo melhor. Seu outro braço envolveu a cintura de Isla, que sentiu seu escudo ondular ali. Ela o puxou para mais perto.

Enya pigarreou e Isla se afastou. A Solar balançou a cabeça para eles enquanto Isla criava sua poça de estrelas e as transportava até as pessoas que haviam partido seu coração ao meio.

O vento uivava em seus ouvidos. Suas bochechas ficaram dormentes. O ar estava branco, coberto por uma fina camada de neve. Elas estavam em terreno plano, mas lutar contra a tempestade de neve fazia com que cada passo à frente parecesse uma escalada.

— Que lugar encantador para se viver — resmungou Enya antes de seu corpo ser coberto de um dourado-avermelhado que a envolveu como o escudo dos Estelares de Isla e se espalhou além, aquecendo o ar ao redor delas até que Isla pudesse sentir seu nariz novamente. — Assim está melhor, não está?

A neve sob os sapatos da Solar derreteu e chiou.

Isla olhou para o horizonte branco. Havia algumas montanhas monstruosas, cobertas por placas afiadas de gelo que pareciam escamas.

— Não sei como eles sobreviveram aqui — comentou.

Ela se lembrou de ter ido ao território dos Vinderens com Oro, durante a busca pelo coração. Era difícil imaginar, mas, naquela época, tinha estado ainda mais frio. Desde que os Lunares partiram, a Ilha da Lua ficara cada vez mais quente.

— Você… você está com medo? — questionou Isla, se perguntando se parecia uma tola.

Enya apenas olhou para ela.

— Não. Nem um pouco.

— Por que não? Os Vinderens são guerreiros. Eu vi o quanto lutam bem. — Por isso precisavam tão desesperadamente deles na batalha. — Eles não apenas matam seus inimigos… eles os *comem*.

E não por causa de uma maldição. Simplesmente por prazer.

Enya a encarou por um longo tempo.

— Vou te contar algo que só Oro, Cal e Zed sabem.

Isla hesitou, surpresa por Enya compartilhar algo pessoal com ela. Não eram exatamente amigas. Ficou claro desde o início que Enya era como um escudo ao redor de Oro, protegendo-o a todo custo. Sua lealdade era a ele, não a ela.

Esperou.

— Eu sei exatamente quando vou morrer — disse Enya.

Isla parou e instantaneamente foi banhada pelo frio, agora fora da cúpula de calor que Enya havia criado.

Ela pensou em sua visão. Na própria morte.

— O quê? Como… como você poderia saber disso?

Enya fez um gesto para que ela continuasse a andar, e Isla obedeceu.

— No dia em que nasci, um Lunar enviou uma mensagem para minha mãe. A oráculo queria vê-la. Ela não descongelava há um tempo, então foi considerado importante. Ela a visitou, me levando no colo. A oráculo disse à minha mãe que tinha visto minha morte.

Isla percebeu que tinham mais em comum do que ela imaginava. Por um momento, se perguntou se deveria contar a Enya sobre sua visão. Quem mais entenderia?

Por fim, tudo o que ela disse foi:

— Isso é… terrível.

Enya deu de ombros. Pedacinhos de neve caíam sobre elas e derretiam a poucos centímetros de distância, pingando em suas cabeças.

— A maioria das mães poderia pensar assim, mas a minha não. Ela disse: "Bem, você vai me contar?" A oráculo contou. Quando eu tinha idade suficiente para entender, minha mãe me deu a escolha. Saber como e quando vou morrer… ou não. Dizem que sou muito parecida com ela… e você já sabe qual escolha fiz.

— Oro sabe?

— Quando eu vou morrer?

Isla assentiu.

— Não, mas ele me perguntava sem parar quando éramos mais jovens. Acho que ele queria saber para que pudesse de alguma forma impedir que acontecesse. Ele é como você, nesse sentido. Carrega culpas que não pertencem a ele. — Ela deu de ombros. — Eu considero uma bênção. Sei quando vou morrer, então posso passar todos os dias até lá vivendo ao máximo. Você e Oro parecem se perder em suas mentes, pensando no passado, no futuro… eu passo a maior parte do meu tempo no presente. — Ela suspirou. — Estou te contando isso para explicar por que não tenho medo. Nem um pouco.

Assim que as palavras saíram de sua boca, uma legião de Vinderens apareceu no horizonte, vestindo elmos de metal com presas enormes, peles em volta do pescoço e armaduras intricadas. Seguravam espadas e machados mais compridos que seus membros.

Enya virou-se casualmente para Isla, piscou e disse:

— Eu não morro hoje.

Uma saraivada de flechas atingiu Isla e ricocheteou do escudo Estelar brilhante em sua pele, que zumbia com energia. Foi preciso toda a sua concentração para mantê-lo intacto, e ela fez caretas a cada impacto. As flechas podiam não ter perfurado sua pele, mas com certeza deixariam hematomas.

Ao seu lado, Enya formou uma parede de fogo, carbonizando as flechas antes que chegassem a ela. Seus movimentos eram suaves, até casuais, enquanto ela derretia todo o gelo e a neve ao seu redor e transformava as armas em cinzas.

Houve um grito de guerra e Isla pulou para o lado quando um machado foi lançado diretamente em sua direção. A lâmina passou a poucos centímetros dela, e então os guerreiros avançaram.

Eles berraram palavras que ela não entendia e vieram correndo, movendo-se surpreendentemente rápido com as pesadas armaduras que usavam. Peles espessas apareciam pelas aberturas no metal.

— Cabelo ruivo — gritou um deles, olhando para Enya. — Você vai virar um ótimo guisado. Tostado e picante.

Ele sorriu, revelando dentes que tinham sido afiados nas pontas para rasgar melhor a carne.

— E você vai virar uma ótima pilha de cinzas — respondeu Enya, seu fogo irrompendo, queimando a barba dele.

O homem gritou quando o resto de seu corpo pegou fogo e começou a rolar na neve.

Uma espada veio em direção ao pescoço de Isla, e ela se esquivou e em seguida acertou o homem na têmpora, fazendo-o desmaiar. Precisavam daqueles guerreiros; seriam inúteis na batalha se estivessem mortos.

Bastava daquilo.

Ela abriu os braços e árvores brotaram da terra árida, rompendo o gelo.

Os Vinderens ficaram imóveis. Se não a tinham reconhecido antes, com certeza a reconheciam agora.

Um homem imponente deu um passo à frente, sua armadura fazendo barulho. Ele tirou o capacete com chifres, revelando um rosto bonito atravessado por uma cicatriz.

— Como você se atreve a vir aqui, depois de matar tantos de nós?

Isla mostrou os dentes.

— Vocês quase me mataram. Tentaram me comer. Enfiaram uma flecha no meu coração.

Os olhos dele se estreitaram.

— Ainda assim, aqui está você. Acha que terá a sorte de escapar da morte uma terceira vez?

Ela quase sorriu. *Escapar da morte*. Isso era exatamente o que ela estava tentando fazer.

— Com a sua ajuda, espero que sim.

O homem riu, um som rouco que fez a pele dela se arrepiar. Os outros o acompanharam, suas risadas ecoando sob os elmos.

— Preferiríamos morrer a ajudar qualquer um de vocês.

— Então morrerá mesmo — disse ela, avançando. — Os Umbras estão vindo para destruir Lightlark. Não restará nada. Cada centímetro será dizimado. Todos irão perecer, incluindo você.

Os olhos do homem se estreitaram.

— Lightlark sobreviveu por milhares de anos, a várias guerras.

— Não uma guerra como esta. Eu sei o futuro, e é destruição.

— A oráculo…

— Ela diz que o destino de Lightlark está no equilíbrio. Todos devem protegê-la. — Isla apertou os lábios com repulsa. — Odeio vocês. E vocês me odeiam. Mas temos um inimigo em comum, que é qualquer pessoa que queira destruir Lightlark. Tenho certeza de que você percebeu que os Lunares partiram.

Ele assentiu.

— Eles se juntaram aos Umbras.

Os guerreiros atrás do homem começaram a conversar entre si.

— Precisamos de vocês — disse Isla. — Precisamos de cada guerreiro nesta ilha para defendê-la. Diga que vai lutar ao nosso lado. Se conseguirmos fazer as pazes, haverá esperança para o futuro de Lightlark.

O homem pensou. Ela esperou. Finalmente, ele colocou o elmo de volta e disse:

— Não.

Então segurou seu machado de batalha e mirou na cabeça dela.

A concentração de Isla vacilou; o escudo caiu. O tempo pareceu desacelerar enquanto ela assistia ao machado se aproximando de seu rosto. Instintivamente, ergueu a mão para se proteger, dedos a meio centímetro do metal. Em sua mente, ela sabia, claro, que sua mão seria cortada ao meio e que o machado se cravaria em seu cérebro. Ela morreria.

Mas não foi isso que aconteceu.

No momento em que Isla tocou a lâmina, o machado se transformou em cinzas.



ANTES

Isla contava os dias até a visita ao Penhasco de Creetan. Ficava acordada até depois da meia-noite com frequência, para o caso de Grim fazer uma aparição. Talvez houvesse uma mudança em seu plano, outro lugar para ir.

Ele não apareceu. Ela começou a repassar sua última conversa. *Não fale do meu povo quando você não sabe nada sobre o seu.*

Ele estava certo. Tudo o que ela sabia sobre os Selvagens era o que Terra e Poppy haviam contado. Seu povo era um desconhecido. Ela só os via durante as cerimônias.

Naquela noite, tão tarde que ela estava certa de que Poppy e Terra estavam dormindo, Isla pegou sua varinha estelar e fez um portal para o outro lado das novas terras dos Selvagens. Nunca ousara fazer aquilo antes. O custo de ser pega era muito alto.

Naquela noite, só queria vê-los. Entendê-los.

Ela já tinha estado em uma das aldeias antes, em uma visita curta e monitorada de perto. Foi para lá que viajou.

A floresta arranhou sua pele quando ela pousou, tentando marcá-la de propósito. Isla permaneceu nas margens, de olho na aldeia. Dali, podia ver a parte de trás das casas. Estavam velhas e envergadas umas nas outras, como um grupo de velhos amigos.

Algo nela ardia. Sua única amiga era Celeste, que atualmente estava brava com ela. Desde que Isla começara a trabalhar com Grim, suas visitas se tornaram menos frequentes. Celeste percebeu. Isla dera desculpas, claro. Mentiras. A cada uma que contava, tornava a próxima mais fácil. Assim como Grim disse sobre matar.

Uma luz brilhava à frente. Alguém estava acordado. Isla se perguntou se poderia caminhar pelas margens da aldeia, só para escutar uma conversa. Apenas para observar. Ela imaginou se conseguiria se misturar. Talvez não a reconhecessem. O vestido que usava não era elaborado. As únicas vezes em que a viram estava com trajes completos, difícil de ser reconhecida como uma pessoa debaixo de tantas pétalas de flores.

Apenas um passo para fora da floresta. Apenas alguns minutos andando pela aldeia. Não poderia fazer mal, certo?

Ela estava prestes a dar um passo para fora da floresta quando a escolha foi feita por ela.

— Agora. — Ouviu alguém dizer, e virou-se a tempo de ver o cabo de uma espada atingir sua testa.

Quando Isla acordou, estava presa. Suas mãos estavam amarradas às costas e seus tornozelos unidos.

Havia vozes.

— Eu não a reconheço. E você?

— Não.

— Bom. Pegue sua adaga.

Houve uma pausa. Depois:

— Ela é Selvagem.

— E daí? Estamos morrendo de fome. Não arrumamos corações há semanas.

A visão de Isla ainda estava embaçada, mas ela recuperou a consciência rapidamente. *Morrendo de fome*.

Não entendia. Terra e Poppy não tinham mencionado escassez de corações. Ela sabia que seu povo estava enfraquecendo desde que ela

nascera sem poderes, mas tinha a impressão de que ainda possuíam um suprimento razoavelmente constante.

As mulheres deixaram a sala em que ela estava presa e Isla viu sua chance. Ela lutou com as amarras, mas estavam muito firmes. Com um movimento da coluna, percebeu que não tinham encontrado sua varinha estelar. Ela ainda estava escondida na parte de trás de seu corpete.

Esticou os dedos o máximo que pôde, torcendo os pulsos dolorosamente, tentando alcançá-la, mas não conseguindo por alguns centímetros.

Então as mulheres voltaram.

— Ela acordou — disse uma delas, hesitante. Havia pesar em seu tom.

— Não importa — respondeu a outra.

A mulher receosa era sua última chance.

— Você não precisa fazer isso — disse Isla. Sua visão ainda estava embaçada pelo golpe, a testa latejava de dor, mas ela conseguia distinguir as características da Selvagem. Olhos grandes e escuros. Nariz pequeno. Membros longos e cabelos até a cintura. — Eu sou Selvagem. Por favor.

A mulher hesitante se virou para a outra, como se dissesse "*Está vendo?*", mas a colega simplesmente enfiou algo firmemente na boca de Isla. Uma mordaça.

Não.

Então ela sacou uma adaga.

Que tola. Deveria ter usado suas poucas palavras para dizer a elas que era a governante. Então as mulheres entenderiam que sua morte mataria todas elas. Isla estivera preocupada demais em revelar sua identidade.

Tarde demais agora. Sem muita cerimônia, a mulher rasgou seu corpete ao meio, então ela começou a cortar seu peito.

Isla gritou, um som animalesco que passou até mesmo pela mordaça e arranhou o fundo de sua garganta como unhas afiadas. Ela

estava pegando fogo. A dor era uma chama que a consumia, devorando-a de dentro para fora. Podia sentir o cheiro do próprio sangue, e a Selvagem continuou serrando, através da pele e do tecido…

Quando a lâmina penetrou mais fundo, Isla se contorceu ferozmente, e foi nesse momento que seus dedos amarrados tocaram a varinha estelar. Ela gritou para os céus, imaginando se seu grito poderia atravessar os reinos até Grim, sem nem saber se isso era possível.

Com esperança renovada, ela lutou contra as restrições, a corda queimando seus pulsos, até finalmente conseguir agarrar o dispositivo. Conseguiu libertar uma das mãos e desenhou a poça atrás de si, então se lançou da mesa e desapareceu em um instante.

Não podia ir para casa. Terra e Poppy não podiam saber do acontecido. Com aquela dor, seria quase impossível ficar quieta. Em um momento, ela estava sendo apunhalada. No outro, estava sangrando no meio do quarto de Grim. Ele estava parado no canto do quarto, sem camisa, claramente se preparando para dormir.

Sombras correram pelo chão. Ele retirou a mordaça de sua boca e os olhos se arregalaram com o estado de seu peito.

— Desculpe. Eu não deveria ter… Eu não sabia mais aonde ir, não podia voltar para casa — disse ela, e então os braços dele a ergueram do chão. — Minhas guardiãs, eles não podem saber que eu…

Ele fez um som como um rosnado e disse:

— Você é uma tola.

— Estou muito ciente disso.

— Quem vou matar hoje à noite?

— O quê? Ninguém.

Ele a encarou.

— Eu não sei como você ainda não desmaiou — disse Grim, como uma acusação. Depois, quase para si mesmo, acrescentou: — Por que você não para de sangrar?

A corda que ainda restava nos pulsos dela se transformou em cinzas.

— Só preciso que você faça uma coisa por mim — disse Isla. — Bem, duas. — Sua respiração estava difícil. — Preciso que pegue o elixir de cura no meu quarto.

Ela o descreveu para Grim e ele partiu. Um momento depois, voltou com o elixir. Com uma mão trêmula, ela derramou o líquido sobre o peito.

Seu grito teria acordado todo o castelo dos Selvagens. Ela tremeu enquanto aplicava mais, até que a pele começou a se regenerar lentamente. Não ajudava nada com a dor. Grim silenciosamente lhe ofereceu um rolo de bandagens, que ela pegou e envolveu em si mesma, fazendo um top improvisado. O curativo imediatamente se encharcou de sangue, então ela colocou mais. Quando olhou por cima do ombro, viu que o Umbra tinha ido embora.

Tudo bem. Ela sabia que Grim não se importava com sua lesão, desde que ela vivesse.

Ele voltou pouco depois e colocou uma caneca em suas mãos.

— Aqui. Beba isso.

Ela fez uma careta ao pegar a caneca.

— Remédio?

— Não. Está com açúcar, o que vai te manter consciente. Isso… ajuda.

Isla baixou os olhos e viu que o líquido era marrom-escuro e espesso. Será que ele estava mentindo?

Isla abaixou o nariz para cheirar.

— Eu poderia te matar de mil maneiras diferentes, Devoradora de Corações — disse ele sem emoção. — Veneno não seria uma delas.

Verdade. Ela deu um gole, e Grim estava certo. A dor ainda a consumia, mas aquilo a fazia se sentir um pouco melhor.

Chocolate. Era chocolate derretido e tinha um gosto divino, um milagre em uma caneca de pedra. A melhor coisa que ela já tinha provado. Isla comera chocolate algumas vezes na vida, adquirido com

os cozinheiros no palácio dos Selvagens durante festividades, ou no mercado dos Etéreos. Mas não assim. Não em uma *bebida*.

— Então, pelo visto, você gosta de chocolate.

— Sim — respondeu ela, com a voz saindo como um grunhido. — Você tem algo mais para a dor? — perguntou, desesperada. — Que tal aquela substância Umbra? — Ela se lembrou dos frascos no mercado noturno. O vendedor havia dito que tiraria toda a dor. — Nightbane?

Grim ficou imóvel. Com uma voz que gelou o quarto, ele disse:

— Você nunca vai provar nightbane.

— Por que não?

Por que ele ficou tão chateado com isso?

— É uma droga.

— O que ela faz?

Ele franziu a testa.

— Faz de você a pessoa mais feliz do mundo e tira todo sofrimento.

Ela hesitou.

— Eu quero.

Ele a olhou com desdém.

— Ela te mata lentamente, metodicamente, de forma eficiente, até que você morra com um sorriso na boca. Com o uso contínuo, o nightbane é uma sentença de morte, e todos que o tomam sabem disso.

Deixa pra lá.

— Então por que eles tomam?

Grim deu de ombros.

— Nunca vou entender. Suponho que sintam prazer… Por mais breve que seja… acham que vale a pena.

Isla se remexeu e a dor rasgou suas entranhas.

— Álcool. Você tem… álcool? — Ela nunca tinha experimentado, mas diziam que ajudava com a dor.

Em um instante, uma garrafa estava em suas mãos, e ela deu um grande gole. Imediatamente se engasgou. Sua garganta queimava. Era

como se o líquido a estivesse corroendo. Aparentemente, o álcool tinha um gosto exatamente igual ao cheiro.

— Por que a única coisa que você tem para ajudar com a dor é álcool?

— A dor é útil — disse ele baixinho, e não se explicou.

— Não parece muito útil agora — murmurou ela.

Grim a olhou e pareceu estar tão surpreso quanto ela ao dizer:

— Quando eu tinha sete anos, meu treinamento consistia em ser cortado e esfolado até que mal restasse carne nas minhas costas.

O queixo de Isla caiu. Seu treinamento podia ser doloroso… mas fazer aquilo com uma criança?

— Isso é bárbaro.

Ele apenas deu de ombros.

— Foi um costume aqui, por muito tempo. Destinado a fortalecer o corpo e a mente no auge de seu crescimento. O lugar onde treinei como guerreiro… Éramos punidos pelas menores infrações. Em público. As sombras podem se transformar nas lâminas mais afiadas e finas.

— Isso é humilhante.

— Não era. Era uma chance de provar que não reagíamos à dor. Ficar lá, sendo cortado, e não mover um músculo do rosto… era visto como força. — Seus olhos não estavam nela quando ele disse: — Meu pai ia assistir. Era uma honra mostrar a ele que eu não tinha reação à dor.

Ela franziu o nariz.

— Você sabe como isso soa terrível, não é?

Grim assentiu.

— É por isso que não acontece mais. Nosso treinamento ainda é implacável… mas não tão cruel.

Isla engoliu em seco. O que ele tinha dito sobre o castigo…

— Mas… você não tem cicatrizes. — Ele só tinha uma, causada por ela. —Você tem um curandeiro Lunar, não tem? Ou suprimentos Lunares de cura?

Não fazia sentido.

— Por que Cleo está te ajudando?

Grim apenas a olhou. Depois de alguns momentos, tudo o que ele disse foi:

— Você deveria ir embora.

Isla sentiu uma pontada de dor e não soube por quê. Ele estava pedindo a ela que saísse de seus aposentos quando estava ferida. Por que ainda se surpreendia? Grim não se importava com ela.

A segunda coisa que ela precisava dele. Isla pegou sua blusa rasgada do chão e disse:

— Você pode… destruir isso? Não posso levá-la para casa. Todo o sangue…

Um segundo depois, a blusa era apenas cinzas. Ela pegou sua varinha estelar e, sem dizer mais uma palavra, retornou ao seu quarto.

No meio da noite, ela acordou e quase gritou.

Grim estava sentado do outro lado de sua cama, observando-a.

— O que você está…

— Estou me certificando de que você não vai sangrar até a morte enquanto dorme — resmungou ele.

Isla olhou para suas bandagens. O sangue já estava começando a aparecer de novo. Ela pegou alguns panos que usava para limpar suas espadas e os pressionou contra si, para não manchar os lençóis. Teria que pedir a Grim para destruí-los antes de ir embora.

— Estou bem — disse ela, embora certamente não estivesse. Tudo o que podia fazer era esperar que o sangramento parasse a tempo de seu treinamento começar. — Você pode ir.

Grim a olhou de um jeito nitidamente desconfiado, então se inclinou para trás no sofá em que havia decidido se sentar. O móvel estava decorado com rosas e era pequeno demais, mas ele se acomodou e esticou suas longas pernas.

— Sua morte seria muito inconveniente. Vou ficar um pouco mais.

— Inconveniente? — zombou Isla.

Ele não pareceu desconcertado.

— Inconveniente. Você é um investimento.

Sua voz subiu a um tom agudo.

— Um investimento?

Ele continuou, como se ela não tivesse falado nada:

— Meu tempo é valioso. Tenho muito o que fazer. Escolher trabalhar com você… encaixá-la no meu plano... Você é um investimento. Morta não serve para nada.

Isla o encarou.

Tudo bem. Que ele ficasse. Se quisesse velar seu sono, o problema era dele.

Ela suportou a situação por mais dez minutos, desejando que o sono voltasse. Não voltou, e a única coisa mais desconfortável do que tê-lo sentado a observando era a dor pulsando como um segundo batimento cardíaco em seu peito.

Quando ela se sentou cuidadosamente e puxou os joelhos contra o peito, encontrou-o ainda a observando.

— Não consigo dormir.

O queixo dele repousava na mão.

— Estou vendo. — Ele a encarou. — Se não ia dormir, suponho que eu poderia tê-la deixado ficar no meu palácio. Deixá-la se curar lá.

— Eu odeio o seu palácio.

Isso pareceu surpreendê-lo.

— Por quê?

— Além do fato de que você vive lá? — Grim pareceu achar graça. — Não tem cor. É tão… escuro. Eu nunca poderia viver em um lugar assim.

Ele não disse nada.

— Sabe — continuou Isla, olhando para sua parede de vidro —, minhas guardiãs fecharam minha janela por sua causa.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Havia… um painel solto. Você viu quando duelamos. Era a única maneira de escapar. Tive que contar a elas sobre isso para explicar minha lesão no tornozelo.

— Você não pode usar seu dispositivo de portal para sair?

Isla baixou os olhos.

— Eu… eu sou péssima em viajar curtas distâncias com ele. Só posso ir de forma confiável para lugares onde já estive antes.

O dispositivo de portal fora criado a partir do poder de Grim, sobre o qual ele claramente tinha total domínio. Isla se perguntou se ela cairia ainda mais no seu conceito.

— Desculpe — disse ele de repente. Seus olhos encontraram os dela novamente. — Sobre a janela.

Isla fez uma pergunta que tinha vontade de fazer há um tempo.

— Se você criou meu dispositivo, como ele veio parar no reino dos Selvagens?

— Não tenho certeza.

De repente, um pensamento apertou sua mente e seu peito.

— Você… você conheceu minha mãe?

Grim franziu a testa.

— Não. Não encontro um Selvagem desde as maldições.

Então como sua mãe veio a possuir a varinha estelar?

Eles apenas se encararam. Isla o observou observá-la e se perguntou se ele seria o primeiro a desviar o olhar.

— Você sempre brinca com o cabelo quando está desconfortável?

Só então ela percebeu que estava passando os dedos pelo cabelo úmido como se fossem pentes. Imediatamente, colocou as mãos no colo.

— Não.

— Mentira. Já te vi fazer isso em pelo menos três ocasiões.

Ela estreitou os olhos. Sem desviar o olhar, se moveu para a beirada da cama, de modo que ficou sentada bem na frente dele.

— Eu pensava que você nem conseguia olhar para mim, mas pelo visto você tem analisado cuidadosamente os meus hábitos.

A expressão de Grim não mudou.

— Você é minha inimiga. Claro que observo você com cuidado.

— Certo. Me diga, Umbra: o que *você* faz quando está desconfortável?

— Raramente fico desconfortável.

— Você pareceu bem desconfortável quando eu te esfaqueei no peito.

Grim fez uma expressão entediada.

— Estou acostumado a ser esfaqueado.

— Por alguém que você estava tentando seduzir?

Isso provocou uma reação dele. Sua mandíbula se contraiu.

— Você me enganou. Se eu soubesse quem você era, nunca teria te tocado.

A repulsa em seu tom era evidente. Isla riu.

— Se *eu* soubesse o que estava prestes a acontecer, nunca teria entrado naquela fila.

— Então, por que estava lá?

Ela recuou, surpresa com seu repentino acesso de raiva.

— Eu fui parar lá com a varinha estelar, por acidente. Então ela parou de funcionar e eu fui perseguida por seu grupo de guardas idiotas. Aí me deparei com a organizadora e, quando vi, estava naquela fila.

Grim cruzou os braços.

— Eu deveria tomar aquela varinha de você. Ela só te coloca em perigo.

— Você pode tentar — respondeu Isla, sua voz o mais ameaçadora que conseguiu.

Grim a olhou e nada disse.

— Então. Você tem um harém?

Desde aquela noite, ela tinha se perguntado quem eram aquelas mulheres. Sua função estava clara.

— Não.

Isla riu, incrédula.

— Então as mulheres simplesmente fazem fila para dormir com você? Elas se voluntariam para a honra?

Grim a olhou com raiva. Ele tinha a reputação de ser um assassino experiente. Não havia como as mulheres não saberem disso.

— Quem iria querer dormir com você?

Grim se levantou do sofá e parou bem na frente dela, assomando sobre Isla, sua sombra ainda maior atrás dele, preenchendo a parede.

— Eu não sei, Devoradora de Corações. Você parecia bem disposta.

Isla engoliu em seco. Ele estava tão perto. Ela estava respirando muito rápido, e isso só tornava sua ferida mais dolorosa.

— Não. Eu estava com nojo.

Grim sorriu.

— É mesmo?

Ela assentiu, mesmo quando ele colocou as mãos em seu colchão, uma de cada lado de seu corpo, e se inclinou para que seu rosto estivesse bem na frente do dela.

— Eu consigo sentir flashes de emoções — disse Grim.

Consegue mesmo? Agora que ela pensava no assunto, era uma habilidade dos Umbra muito comentada, possuída apenas pelos mais poderosos. O sangue sumiu de seu rosto.

— E as suas estavam muito, *muito* claras…

Ela parou de respirar.

— … assim como estão agora.

Seu coração batia descontroladamente. Ela disse a si mesma que era porque podia sentir o poder emanando dele em ondas. Disse a si mesma que estava com medo.

— Seus poderes estão equivocados.

Ele inclinou a cabeça para ela. Isla viu os olhos dele se moverem de seu colo para seu pescoço, e então para os lábios.

— Não. Acho que não.

Então ele voltou para o sofá.

— Vá dormir — disse Grim.

Isla rastejou de volta para seu lugar na cama e se cobriu para que ele não visse o rubor em seu rosto.



A LINHA ENTRE A VIDA E A MORTE

Isla piscou. Tinha acabado de ter uma lembrança. No entanto, parecia que o tempo não havia passado.

Seria porque suas habilidades Umbra estavam ficando mais fortes? Sempre tinha sido assim?

O guerreiro Vinderen estava congelado na frente dela, que acabara de destruir sua arma com um simples toque.

— O que você é? — perguntou ele. — Você é… Selvagem.

— Eu sou mais do que isso — respondeu Isla, dando um passo à frente.

De repente, tinha a confiança de Enya. Ela também tinha visto a própria morte.

E não morreria hoje.

— Vocês vão se juntar a nós na batalha, ou todos pereceremos — afirmou, sua voz dura. — Simples assim.

Ele olhou para o monte de cinzas que já fora sua arma. As cinzas se misturaram com a neve e depois se dissiparam em uma rajada. Os guerreiros ao seu lado conversavam baixo, os olhos arregalados. Pareciam atordoados.

— Uma Selvagem que também é Umbra — disse o homem na sua frente, seu tom completamente diferente agora… quase reverente.

Ele pareceu considerar a descoberta antes de alcançar outra arma, uma espada desta vez, e a erguer no ar. Isla poderia ter ficado com medo de que ele tentasse decapitá-la, mas reconheceu a posição da espada dele. Ela ergueu a própria e as espadas se chocaram ruidosamente, um cumprimento de guerreiro.

— Singrid — disse ele, embainhando a arma.

Isla lançou um olhar para Enya, que deu de ombros.

— Vocês… vão lutar conosco? — perguntou Isla.

Ele balançou a cabeça.

— Não. Nós vamos lutar com *você*.

Isla deveria ter comemorado, ou parado enquanto estava vencendo, mas ela não entendia.

— Vocês… tentaram me matar. Poucos minutos atrás.

Sua condição de Selvagem e Umbra realmente significava tanto assim?

— Peço desculpas — disse ele, parecendo genuinamente arrependido. — Eu deveria ter imaginado. Você sobreviveu a uma flechada no coração… Temos histórias sobre pessoas como você. Aquelas que estão na linha entre a vida e a morte.

Isla se remexeu na neve. Se ao menos ele soubesse que ela tinha visto a própria morte...

Ela não pretendia contar a ele. Em vez disso, disse:

— Quantos vocês são?

Na última vez que os encontrara, seus números não pareciam significativos, mas ela não tinha visto a base deles ou toda a população.

— Centenas — respondeu Singrid, e a esperança cresceu. — No entanto, a maioria não pode lutar.

A esperança murchou.

— Por quê?

— Eles estão doentes. Nas últimas décadas, a doença se espalhou. Deixou a maioria de nós incapacitados.

Uma doença? Isla quase perguntou por que eles não tinham procurado um curandeiro, mas se deteve. Nenhum Lunar jamais trataria Vinderens. Eles eram conhecidos por sua ferocidade e apetite por carne humana.

— E se pudéssemos curá-los? — perguntou Isla.

Ela sentiu o olhar de Enya nela.

Singrid deu um passo à frente.

— Vocês têm um curandeiro?

— Sim — respondeu, evitando o olhar de Enya. — Se eles conseguissem se recuperar a tempo… poderiam lutar?

Singrid assentiu.

— Todos nós somos treinados.

Bom.

— Eu volto, então — disse ela.

Isla ergueu sua espada e a colidiu com a arma de todos os Vinderens na sua frente. Tinha uma legião, pensou. Se pudesse encontrar uma maneira de curá-los.

— Por favor, me diga que você pode ajudar — disse Isla a Calder. O Lunar franzia a testa enquanto ela contava sobre a doença. — Você… *é* um curandeiro, certo?

Ele deu um sorriso fraco.

— O pior — disse Zed. — Ele é o *pior* curandeiro que existe.

Enya olhou para ele, depois se virou para Calder.

— Sabemos que você não é o melhor… mas é a única opção. E Isla talvez tenha exagerado ao falar das suas habilidades.

Ela teve um pensamento.

— Oro é um curandeiro, não é? Ele já me curou, durante o Centenário.

Enya acenou com a mão.

— Ele pode curar ferimentos físicos, mas apenas os mais simples. Pelo que eu sei, ele nunca tentou curar doenças. — Ela olhou para Calder novamente. — Você já tentou, Cal. Não é?

Calder engoliu em seco.

— Eu… eu *tentei*, mas…

— Eu vou te levar para as terras Selvagens — disse Isla. — Nossa poção de cura é feita de uma flor. Talvez, se for fervida e transformada em chá, possa ajudá-los também. Eu vou te mostrar.

Calder concordou, e foi quando ela contou a ele e Zed sobre sua varinha estelar. O olhar que o Etéreo lançou a ela só podia ser descrito como mordaz.

Os três passaram pela poça de estrelas.

A pedido de Isla, Wren os levou até o campo de flores de onde vinham os elixires de cura.

— Elas são magníficas — disse Calder.

Isla nunca as tinha visto em sua forma original antes. Eram de um violeta profundo, com pétalas pontiagudas. Lindas. Ferozes.

— As flores são tão raras que só as usamos em emergências. Nunca as testamos para doenças — explicou Wren, e voltou os olhos para Isla. — Nós… nós só conseguimos encontrar algumas poucas em outros campos.

Eles não tinham muitas disponíveis.

Isla suspirou. Essa era a parte difícil de governar. Seria melhor usar uma parte das flores agora, para garantir a ajuda dos guerreiros Vinderens, sabendo que haveria menos elixir de cura depois, quando poderia salvar vidas na guerra?

Embora… ter mais guerreiros também fosse salvar vidas, certo?

Ela fechou os olhos com força e decidiu.

— Vamos testar com apenas algumas flores. Se virmos resultados significativos… podemos calcular de quantas precisaríamos para curar todos.

Calder assentiu. Wren começou a colher as flores. No momento em que eram arrancadas do chão, a cor ficava mais escura, quase negra.

Houve um murmúrio nos bosques perto do campo e Zed congelou. Ele olhou para cima, e mais para cima. Sua mão se aproximou da arma em seu cinto.

— Não ouse — disse Isla, séria, antes de abrir um sorriso.

Lynx. Sentira falta dele. O animal abaixou a cabeça, como que admitindo que talvez também tivesse sentido falta dela.

Isla saltou o mais alto que pôde e passou os braços ao redor de seu pescoço. Isso aparentemente foi um exagero, pois o imenso leopardo a sacudiu para longe.

Quando ela se virou, Enya, Calder e Zed estavam olhando para ela espantados.

— Este é o maior gato que já vi — disse Enya.

Lynx emitiu um som que deixou claro que ele não gostava de ser chamado de gato. Isla pousou a mão nele.

— Ele é um leopardo, para sua informação.

Lynx nem lhe deu atenção.

Zed estreitou os olhos para a criatura.

— Eu… eu não acho que seja um leopardo.

— Claro que é. Olhe. Se prestar atenção, pode ver os padrões.

Calder deu um passo à frente para ver de perto e Lynx mostrou seus dentes enormes. O Lunar ergueu as mãos.

— Deixa pra lá. Posso ver daqui. Muito bonito.

Zed apenas sacudiu a cabeça.

— Há mais deles? — perguntou.

— Mais do quê?

Ele apontou para Lynx.

— Do seu *leopardo*.

Ela olhou para Lynx, cujos olhos deslizaram para os dela. Em algum lugar no fundo de si, ela soube que aquilo significava “não”.

Seria parte da conexão entre os Selvagens e seus elos?

— Não. Por quê?

Zed deu de ombros.

— Poderíamos usar criaturas como essa. A votação Etérea será em alguns dias. Eu não estou criando muitas expectativas.

Ele tinha razão. Isla queria levar Lynx a Lightlark para a batalha. Se conseguisse montá-lo, isso representaria uma vantagem considerável.

Quando voltaram para Lightlark, Calder se juntou a Isla para visitar os Vinderens, com as flores. Se funcionasse, ela estaria adicionando centenas de guerreiros habilidosos e implacáveis ao seu exército.

No dia seguinte, visitaria Cinder na Ilha da Estrela para começar a praticar as paredes de energia que manteriam a batalha contida. Já havia começado a aprender a criar a natureza defensiva que cobriria outras partes do Continente. Enquanto estivessem confinados, os soldados Umbra seriam mais fáceis de derrotar.

Tinham um plano.

No entanto, naquela noite, enquanto Isla mergulhava em mais uma memória, ela não pôde deixar de pensar que talvez ainda não fosse o suficiente.



ANTES

Grim havia desaparecido pela manhã. O peito de Isla ainda queimava de dor, mas o elixir de cura tinha funcionado. Sua pele estava quase completamente curada.

Naquela noite, depois do treinamento, ele apareceu em seu quarto novamente. Qualquer vestígio de humanidade que ela houvesse visto nele na noite anterior tinha desaparecido. Ele parecia furioso.

— Se você insiste em ficar com meu dispositivo e se transportar para onde quiser, vou te ensinar a não ser uma idiota.

Isla o encarou.

— Ou o quê?

— Ou vou pegá-lo de volta — respondeu ele, os olhos se movendo para o assoalho onde ela guardava sua varinha estelar.

As mãos de Isla se fecharam em punhos. Sabia que ele não estava brincando.

— Tudo bem. Quando vai me ensinar?

— Agora. — Ele agarrou seu braço e o mundo girou. Quando se endireitou, eles estavam em um longo corredor.

— Aqui… é o seu palácio — disse Isla, olhando ao redor.

— É uma sala de treinamento.

— Eu não trouxe nada.

Grim fez um gesto e sua varinha estelar caiu do céu, direto na mão dela.

— Como você…

— A primeira coisa que você deve saber é que seu dispositivo é pouco confiável. Eu não botei muita energia nele. Perto de outras habilidades de portal, nem sempre vai funcionar. — Isso explicava por que tinha falhado durante o primeiro encontro deles. — O poder de portal é todo sobre visualização. É por isso que você acredita que não pode ir a lugares onde ainda não esteve.

— Então como faço para ir a um lugar que não posso visualizar?

— Mapas ajudam. É mais fácil ir a lugares quando você tem uma noção da distância e da relação com outras localizações. — Grim claramente não dependia mais de mapas. Centenas de anos de domínio pareciam significar que ele podia viajar para quase qualquer lugar que quisesse. — Agora... sobre curtas distâncias.

Grim estava ali. Então sumiu. E apareceu bem atrás dela.

— Isso requer muito mais controle. E o controle é desenvolvido com a prática. — Ele balançou a cabeça na direção da varinha. — Tente se transportar para o outro lado da sala.

Isla fixou firmemente os pés no chão, fez sua poça e concentrou-se na curta distância. Visualizou o outro lado do cômodo.

Pousou em uma areia vulcânica escura. A maré veio, encharcando suas mãos e joelhos. Ela ouviu um som acima. Olhou para o alto e viu Grim parado ali, franzindo a testa. Seu castelo era uma monstruosidade acima, com vista para a praia.

— Você passou do ponto — disse ele e os transportou de volta. — De novo.

Daquela vez, ela apareceu no mercado noturno. Grim a tirou de lá antes que alguém a notasse.

Na vez seguinte, Isla apareceu no quarto dele. Estava imaculado.

Grim suspirou.

— Surpreendentemente, você está chegando mais perto.

Depois de mais cinco tentativas desastrosas, ela apareceu em uma sala do trono. Era grande como um campo. O trono era composto do que parecia ser sombras calcificadas, derretidas, em movimento.

— A sala de treinamento fica na próxima porta — disse ele atrás dela.

Isla se virou para encará-lo.

— Onde estão as pessoas? Seus servos? Seus nobres?

— Em outras partes do castelo. A maior parte é restrita apenas a mim.

Grim estava livre, mas parecia quase tão enclausurado quanto ela.

— Com que frequência você os vê?

— Sempre que eu ordeno. — Ele fez um gesto atrás dela. — Feche os olhos.

Isla obedeceu. Ele deu um passo à frente. Estava tão perto que ela podia sentir a respiração dele em sua bochecha.

— Concentre-se.

Era difícil se concentrar em qualquer coisa com ele tão perto, mas ela tentou. Isla fez um mapa em sua mente de todos os lugares para onde havia se transportado de forma equivocada. A distância entre ela e a sala de treinamento ficou mais clara. Manteve os olhos fechados enquanto pegava a varinha estelar e formava a poça. Caiu através dela.

— Bom — disse Grim, sua única indicação de que ela havia conseguido. Isla abriu os olhos. Estava no centro da sala de treinamento. — Eu estava começando a pensar que era impossível te ensinar alguma coisa.

Isla o encarou.

— Agora... — Grim fez um gesto e uma das espadas favoritas de Isla caiu pelo ar. Ela a pegou. — Você é razoável no manuseio de espadas, mas precisa trabalhar na sua defesa.

Ela fez uma careta.

— Minha guardiã é uma excelente professora.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Ela já esteve em alguma guerra? Já encontrou criaturas que poderiam engoli-la inteira?

Isla apertou os lábios. Terra e Poppy tinham nascido depois das maldições. Pelo que ela sabia, nunca saíram das novas terras dos Selvagens.

— Não — respondeu entre dentes.

— Então parece que tenho algumas lições a mais para te ensinar.

Em um instante, ele tinha a própria espada em mãos e estava sobre ela, sua lâmina se movendo tão rapidamente que Isla mal conseguia acompanhar. Ele grunhia comandos enquanto lutava, criticando sua técnica, repreendendo cada movimento.

— Morta — disse ele, fazendo o mais fino dos cortes em seu peito com a espada. Cortou o tecido de sua camisa, mas não penetrou a pele. Aquele tipo de controle era extraordinário. Um centímetro a mais e suas entranhas estariam para fora. Ela estendeu a mão para bloqueá-lo novamente.

A lâmina cortou sua barriga, formando outro rasgo em suas roupas.

— Morta — repetiu ele.

Ela se esforçou para cortá-lo, mas não importava o quanto lutasse, o quanto tentasse enganá-lo, a espada dele sempre aparecia para parar os golpes dela.

Isla ofegou quando a espada de Grim percorreu seu pescoço. Dessa vez, ele a cortou. Uma pequena gota de sangue escorreu.

— Muito morta — disse ele, sua voz apenas um sussurro, bem perto.

Um rosnado soou fundo em seu peito. O demônio poderia tê-la matado por acidente. Furiosa, ela lutou com mais intensidade, avançando, cortando o ar entre eles em pedaços. Ela queria *cortá-lo* em pedaços.

Grim bloqueou cada golpe, mas surgiu uma abertura. Ela a viu, a aproveitou e fez um pequeno rasgo em sua camisa.

Isla sorriu e foi derrubada de costas sem cerimônia. Ele tinha dado uma rasteira nela.

Fez um som horrível enquanto se esforçava para conseguir respirar. Grim se inclinou sobre ela.

— Outra lição. Às vezes, seu oponente vai deixar você acertar, como distração. — A lâmina dele subiu pelo peito dela, parando bem no centro. Ele a tocou uma vez com a espada e disse: — Morta.

Isla o encarou.

— Entendi. Você poderia me matar de várias maneiras, inclusive com uma espada. Ensine-me a ser melhor.

Ele ensinou. Passaram o restante da noite duelando naquele quarto. Grim lhe ensinou movimentos engenhosos. Ele mostrou a ela como lutar sem uma espada também.

— Sempre tente acertar o nariz — disse ele.

Quando o sol nasceu, e Isla teve que voltar para seus aposentos para ainda mais treinamento, estava encharcada de suor.

— Obrigada — disse ela, embora soubesse que ele não a estava treinando por qualquer outro motivo além de precisar que ela encontrasse a espada.

Você não serve para nada morta, ele tinha dito.

— A celebração no Penhasco de Creetan é daqui três dias — comunicou Grim e se aproximou, estreitando os olhos. — Até lá, faça-me o favor de não morrer.



CRIATURAS NA FLORESTA

Grim havia ensinado Isla a se defender. Ela piscou, afastando as lágrimas, enquanto se perguntava se ele algum dia imaginara que se tornaria sua maior ameaça. No futuro, ele a matava. Ela vira claramente.

Por que ele a machucaria, depois de tomar tantos cuidados para mantê-la a salvo? Isso ia contra tudo o que sabia sobre ele.

Embora, talvez, nunca o tivesse conhecido de verdade.

Quando Isla cruzou a ponte da Ilha da Estrela, o ar estava impregnado de energia. Cheirava levemente a metal. Como quando Celeste ficava preocupada e chateada.

Ela correu o resto do caminho até as ruínas onde os Estelares viviam, e lá também sentiu o cheiro de sangue.

— O que aconteceu? — quis saber Isla.

— As criaturas — disse Maren. — Uma menininha… da idade de Cinder…

Sua voz falhou no final.

Leo estava lá, com um pedaço de cana na boca, mastigando com fervor.

— Ela entrou na floresta, e isso foi tudo o que encontramos.

Uma capa estava no chão, encharcada de sangue. Alguém gritou. Uma irmã ou amiga, ela não sabia.

Isla fechou os olhos com força. Havia prometido protegê-los.

Ela olhou ao redor para os Estelares. Eram jovens. Estavam assustados. Eles a encaravam, e ela se lembrou do que Ella havia dito. *Você nos deu uma chance de viver. Para a maioria de nós, você é uma deusa. Uma salvadora.*

Era seu dever tentar salvar a menina.

Com mais firmeza do que sentia, Isla perguntou:

— Onde posso encontrar essas criaturas?

Nenhum dos Estelares ousava caminhar além do primeiro córrego de água prateada que cortava a ilha ao meio, parecendo uma fita brilhante sob o sol.

Tudo estava em silêncio.

Ciel e Avel circulavam acima, mas ela mandou que mantivessem distância. A surpresa seria uma vantagem.

— Se os vir, já estará morta — disse um dos Estelares, e ela esperou que o medo se apoderasse de seu estômago.

Mas isso não aconteceu. Ela vislumbrara a própria morte em sua mente. Já havia enfrentado muitos perigos. Esses pensamentos a mantiveram seguindo em frente pelo silêncio da Ilha da Estrela.

Um pássaro com asas prateadas cortou o céu como um par de espadas. Ela o reconheceu imediatamente. Celeste — Aurora — havia contado a ela sobre o bicho. Alguns deles haviam chegado às novas terras dos Estelares. Era um pássaro cardeal, e tinha esse nome porque eles sempre viajavam em pares e frequentemente encostavam os bicos de maneira que lembrava um coração.

Aquele estava sozinho.

Os dedos de Isla deslizaram pelo cabo da espada na cintura, por hábito. A habilidade em seu peito pulou como um aviso, e ela a deixou aquecer, como tomar um gole de chá quente.

O muro desmoronado é a sua última chance de dar meia volta, Leo havia dito a ela com a cana na boca. *Depois disso… você pertence a eles.*

Eles pareciam nervosos por Isla ir confrontar as criaturas. Ela mostraria que era capaz de protegê-los.

O muro consistia em nada mais do que algumas pedras prateadas esparsas, com um arco parcialmente destruído. Havia uma poça de algo em sua entrada. Ela se inclinou e mergulhou um dedo.

Não precisou cheirar para saber que era sangue. Já estava frio.

Assim que ela se endireitou, olhando para trás para ver Ciel e Avel circulando à distância, começou a chover.

Claro, ela pensou, olhando para o céu com raiva e desejando ser uma Lunar para pelo menos conseguir desviar a água de si. Mas não era, então balançou a cabeça e se conformou em ficar encharcada. A água respingou na poça de sangue, fazendo-a transbordar e escorrer sobre as pedras de calçamento cobertas de musgo, através das lacunas entre elas, como veias. Ela estudou aquilo por um momento, o estômago revirando, e então atravessou a metade restante do arco.

Isla caminhou por quase uma hora sem incidentes. Ela havia chegado à floresta onde se dizia que as criaturas viviam. Não era nada parecida com a outra floresta da Ilha da Estrela que havia visitado durante o Centenário. A primeira fora escassa, e aquela ali era densa, selvagem. As árvores prateadas tinham folhas afiadas como lâminas. Seus troncos estavam entrelaçados em nós espessos, e as raízes tinham a largura de seus braços. Plantas espinhosas compunham grande parte do espaço entre elas. Isla pensou que teria que usar seu poder para abrir caminho, mas não precisou. Encontrou uma trilha larga e limpa cortando diretamente a floresta, como se fosse feita para ela. Não havia raízes, flores ou ervas daninhas no caminho. Estava liso. Tinha sido usado recentemente.

Aquilo não fazia sentido. Havia uma comunidade vivendo ali? Eles eram como os Vinderens? Párias que haviam renunciado a todos os

reinos há mil anos?

Isla segurou o cabo de sua espada novamente.

Ela sentia pouca conexão com aquele lugar. Parecia defensivo, uma fortaleza. Raios cortaram o céu, dividindo-o ao meio. Trovões ecoaram e mais chuva caiu, castigando-a por entre as copas das árvores.

Ela se virou.

Pelo canto do olho, jurou ter visto movimento lá no alto. Sua espada fez um som agudo enquanto ela a desembainhava e se posicionava.

Passaram-se segundos. Nada se moveu. O lampejo de movimento que ela tinha visto estava bem acima dela, além das copas das árvores… Olhou através da chuva, mas as árvores estavam vazias. As folhas eram muito afiadas, pensou. Nenhuma pessoa ou animal poderia escalar confortavelmente. Eles se cortariam. Certo?

Ela não embainhou a espada enquanto dava um passo à frente, entrando em uma clareira. Um lago enorme ficava no centro, uma camada de prata em forma de olho. Sua superfície vibrava com um milhão de gotas de chuva, pequenos círculos por toda parte, se sobrepondo.

Enquanto se aproximava, ela tropeçou. Uma raiz; como podia não ter visto? Não. Após uma inspeção mais próxima, viu que não era uma raiz. Era uma cobra. Suas escamas metálicas brilhavam intensamente. Ela se contorcia abaixo, erguendo a cabeça como se fosse atacá-la. Isla deu um passo para trás e notou uma nova sombra, projetando-se na frente dela, atravessando todo o lago. Era muito grande para ser uma árvore.

Não estava lá antes.

Tensa, Isla virou-se lentamente.

Outro raio caiu, refletindo nas escamas de uma serpente enrolada a trinta metros de altura.

Isla resistiu ao desejo de gritar.

Ali estava a criatura. Pelo menos uma delas. Era grande o suficiente para engoli-la sem nenhum problema. Poderia engolir uma *torre* sem nenhum problema. Ela deu um passo para trás...

A criatura atacou.

No último momento, Isla rolou para o lado e suas presas afundaram na terra molhada e salpicada de prata.

Mexa-se. Ela precisava se mexer. Avel e Ciel não estavam longe, mas até que chegassem até ela, seria tarde demais.

Antes que pudesse reagir, a serpente se recuperou e se ergueu novamente, pronta para atacar. Ela saltou em sua direção, jogando Isla no lago.

Por um momento, houve silêncio enquanto ela caía na água gelada, mil agulhas perfurando seus membros. Bolhas explodiram na superfície.

E então, ali estava a cabeça da serpente. Isla cortou a mão ao segurar as duas extremidades da espada na frente de seu corpo, para impedir que a cobra a engolisse inteira. A enorme mandíbula da serpente só se abriu mais. Os braços de Isla tremiam enquanto ela lutava contra a força do animal, empurrando-a cada vez mais para baixo na água.

Sua visão começou a perder nitidez. Suas mãos e pés começaram a ficar dormentes. As opções eram claras. Ou a serpente ia comê-la, ou ela ia se afogar. Talvez as duas coisas. Chamou seu poder, mas não havia vegetação ali, no centro daquele lago. Ela tentou suas sombras e as viu se dissolverem na água, inúteis.

Sem aviso, a serpente recuou e ela ouviu um rugido abafado pela água.

Com a cabeça girando, o peito latejando de dor, os pulmões suplicando por ar, Isla irrompeu através da superfície e viu que Ciel tinha fincado sua espada no espaço entre as escamas grossas da serpente. Ela rugia enfurecida, atacando os Etéreos no céu, enquanto eles lutavam com rajadas de ar.

Isla correu para fora da água, pingando, congelando, a tempo de ver a serpente girar e atingir Avel com o rabo. Ela caiu do céu e pousou embolada no chão. Seu irmão gritou, distraído, e a serpente aproveitou a oportunidade para atacar.

Em vez disso, atingiu uma parede de espinhos.

Lentamente, muito lentamente, a serpente se virou. Isla ficou ali, ofegante, o braço erguido. Ela tinha poder.

Ela o usaria.

Isla tirou os sapatos, enfiou os pés fundo na terra enlameada e se concentrou. Encontrou seu centro. Clareou seus pensamentos. A conexão se estabeleceu.

Ela andara treinando.

Seus olhos se abriram e a floresta rugiu. Árvores se ergueram ao redor da serpente, tão rapidamente que ela ficou presa antes de poder se mover um centímetro. Raízes grossas atuaram como correntes, troncos de árvores se enrolaram em torno de seu corpo, cipós a prenderam. Quando Isla terminou, ela não conseguia se mexer nem um centímetro em sua prisão. Esperava que a serpente rugisse novamente ou tentasse atacar, mas ela apenas a observou.

Isla estava ofegante. Seu peito parecia vazio. Muito poder havia sido usado em um curto período. Seu olhar se voltou para Ciel, que estava segurando a cabeça de Avel. O alívio correu por sua espinha. A Etérea estava acordada.

Isla estava prestes a dizer a Ciel que ele deveria buscar ajuda para sua irmã quando, de repente, a serpente escapou de suas restrições. Ela observou, congelada, enquanto a serpente encolhia, se virava e se desenrolava...

Até que se tornou uma mulher.

Ela passou facilmente pelas restrições que Isla havia feito, inclinou a cabeça e disse:

— Selvagem?

Isla não respirou enquanto a mulher se aproximava. Ela estava usando um longo vestido que arrastava pelo chão, feito das mesmas

escamas que tinha acabado de usar em seu corpo.

Como uma *serpente*.

— O que você é? — questionou Isla.

Nunca tinha ouvido falar de alguém capaz de se transformar em um animal antes. Era uma habilidade impossível.

A mulher inclinou a cabeça para Isla, o movimento puramente serpenteante.

— Você não reconhece seu próprio povo?

Ela… costumava ser uma Selvagem? Ela, de alguma forma, como os Vinderens, abandonara seu reino?

Como aquilo era possível? Claramente não era mais, ou a maioria das pessoas teria abandonado seus laços com seus reinos durante as maldições.

A mulher assentiu.

— Você está juntando as peças, posso ver… Seu rosto é muito expressivo… Não é uma qualidade muito boa como governante, não é? — Ela deu um passo à frente e Isla se esforçou para não recuar.

— A menininha — disse Isla, a voz tremendo. — Ela está…

— Ela se foi — disse a mulher rapidamente. — Não fui eu… mas… mesmo assim, não sobrou nada.

O lábio inferior de Isla tremeu. Seus olhos arderam. Pobre garota… Ela deveria ter estado lá para protegê-la.

— Você… você mata crianças — disse, a voz cheia de repulsa.

O lábio da mulher se curvou, revelando dentes afiados demais.

— Ah, e os outros Selvagens não? — Ela deu um passo à frente. — Fizemos o que precisávamos para sobreviver. Precisávamos de comida. Não somos diferentes de você.

Nós. Havia mais como ela? Pessoas-serpente? Ou as outras criaturas antigas e mortais eram diferentes?

— Isso termina agora — disse Isla. — Eu governo o reino Estelar, e você vai parar de matá-los.

A mulher apenas a olhou.

— Diga a eles para pararem de vir para esta parte da ilha. Nós nunca caçamos; apenas pegamos o que aparece vagando por aqui. Sabe, poderíamos ter matado todos eles.

Matado todos eles.

Isla queria matar a mulher-serpente naquele momento… mas pensou nas palavras de Zed. Poderiam usar seres como ela na batalha.

— Os Umbras estão vindo destruir a ilha — disse Isla. — Você vai lutar conosco. — Era uma ordem.

A mulher a olhou. Então riu. Era alto demais, como o rugido da serpente, como o estrondo do trovão que soou acima.

— Agora… ao fazer esse pedido, realmente acreditou que eu diria sim?

Isla deu um passo à frente e colocou todo o comando em sua voz.

— Você é uma Selvagem. Eu sou sua governante, e estou ordenando.

A mulher mostrou os dentes. Diante dos olhos de Isla, seu vestido se transformou em uma cauda. Levaria meio segundo para estar em cima de Isla, crescendo e crescendo, erguendo-se, a parte serpente enrodilhada embaixo dela.

— Eu *era* Selvagem. Não vou lutar por você ou por qualquer outra pessoa nesta ilha. — Ela se inclinou para trás como se estivesse prestes a atacar novamente. — Eu vou deixar você viver hoje, e deveria considerar isso um presente.

Avel estava de pé. Sangue escorria pelo lado de sua cabeça, mas ela parecia capaz de voar. Antes que Avel e Ciel a erguessem para o céu, Isla disse:

— Você não vai matar outro Estelar.

Ela pôde ouvir a risada da mulher enquanto eles a erguiam no ar e partiam.

Apenas quando estava na cama, naquela noite, foi que Isla se lembrou de um encontro muito diferente com uma serpente.



ANTES

Música ecoava pelo ar. Tambores soavam por toda parte. Risadas. Provocações. O cheiro forte de álcool, tão concentrado que queimava as narinas.

Algumas pessoas caminhavam seminuas pelas ruas, cobertas apenas por uma tinta corporal usada de forma escassa. Havia desenhos pintados em seus peitos, pernas e barrigas. Outros estavam nas laterais da rua, gritando. Todos tinham lâminas em seus cintos e bebidas nas mãos.

Todos estavam usando máscaras.

A dela estava presa ao rosto, mas Isla estendeu a mão para ajeitar o cabelo atrás da orelha, apenas como uma desculpa para tocá-la e se certificar de que sua máscara estava segura. Grim tinha jogado a máscara e um pedaço de tecido para ela no momento em que apareceu em seu quarto.

— Hoje é a noite mais longa do ano. Haverá uma celebração no Penhasco de Creetan. Durante o dia, é claro.

Ela a pegou e franziu a testa.

— Máscaras?

— Todo mundo usa.

Isla fez careta enquanto deixava o vestido se desenrolar na sua frente.

— Todo mundo usa *isso*?

Era preto, e Isla não sabia dizer quais roupas eram mais indecentes, as dos Selvagens ou aquele vestido. Tinha duas alças finas que pareciam a um passo de arrebentar, o maior decote que ela já havia visto e uma fenda tão alta que havia muito pouco tecido no meio para manter tudo junto.

Grim não encontrou seus olhos.

— A maioria das pessoas escolhe usar roupas leves, sim. Pelo menos, em celebrações como essa. Alguns usam apenas tinta. — Ele a encarou, uma sobrancelha erguida. — Prefere que eu pegue um pote de tinta e um pincel?

Isso a fez ir para trás de seu vestiário sem mais reclamações. Ela não tinha um espelho de corpo inteiro ali, então foi apenas quando estava na frente de Grim que ela se viu claramente.

Seus seios estavam apertados e o decote deixava parte deles à mostra. A fenda estava tão alta que ela teve que dispensar a roupa de baixo por completo.

Grim olhou para ela e pareceu, mais do que qualquer coisa, horrorizado.

— Eu pareço uma Umbra? — perguntou Isla, com um tom de pânico em sua voz.

Ela passou tinta brilhante nos lábios da mesma forma que havia feito da primeira vez que o conhecera, o que parecia ser moda em Umbra. Em seguida, colocou sua máscara. Ele não tinha respondido, então ela se virou para Grim, apenas para encontrar seus olhos ainda nela.

— Humm?

— Vai servir — disse ele com rispidez, estendendo a mão.

Agora, enquanto caminhavam pelo Penhasco de Creetan, Grim olhava diretamente à frente. Mesmo que não estivesse olhando para ela, outros estavam. Isla sentia os olhares sobre ela e resistia ao

impulso de pressionar a mão na fenda, para garantir que não expusesse mais do que sua perna.

Grim parecia mais tenso do que o habitual. Ele não podia usar seus poderes, na remota possibilidade de que a espada estivesse por perto. Eles tiveram que se transportar para longe e caminhar por quase uma hora como precaução.

— Como está se sentindo? — ela sussurrou.

Ele a encarou.

— Como assim?

— Não sendo mais o todo-poderoso e assustador governante Umbra em uma multidão como essa.

Grim a olhou.

— Eu ainda poderia matar todos aqui com minha espada.

— Não eu.

Seus olhos voltaram para a rua.

— Você esqueceu o resultado do nosso duelo?

— Eu não te odiava tanto quanto odeio agora. Tenho certeza de que esse fato ajudaria muito na minha vitória.

— É mesmo?

— Com certeza.

Falando em multidão…

— Como você sabe que uma celebração como esta o fará aparecer?

Estava se referindo ao ladrão misterioso. Aquele com a cobra, que fora visto nos arredores.

— Não sei. Mas se ele estiver aqui, toda essa… distração será útil.

Distração era um jeito de definir...

Milhares de pessoas percorriam as ruas e enchiam cada loja até transbordar, tanto que ela viu alguém cair por uma janela aberta de um bar e pousar em um monte de vômito.

Estavam ocorrendo demonstrações, shows e rodadas de apostas. Alguns jogavam cartas. Pelo barulho vindo das vielas, todos os tipos de desejos estavam sendo satisfeitos.

— Sabemos que ele tem uma cobra. Mas como vamos encontrá-lo? — Ela olhou para Grim. — Você sabe como obter informações sem cortar mãos?

Grim devolveu o olhar. Menos de um minuto depois, ele parou na frente de uma mulher que tinha cinco bebidas nas mãos e parecia prestes a tomar o pedido de um grupo de pessoas sentadas do lado de fora de um bar.

Isla assistiu ao rosto inteiro da mulher mudar enquanto ela o observava. Seus largos ombros, sua altura. Sua expressão passou de irritada para curiosa em um instante. Mesmo estando a apenas alguns passos de distância, Isla não conseguiu ouvir o que eles estavam dizendo por conta da música e dos gritos bêbados. A mulher estava dizendo algo, então colocou a mão no braço dele, e Grim *permitiu*. Algo desconfortável que ela não queria nomear embrulhou seu estômago.

Quando Grim voltou, parecia muito presunçoso.

— Eu sei onde encontrá-lo.

Isla não deu a ele a satisfação de parecer surpresa ou impressionada.

— Ótimo. Mostre o caminho.

Eles não tiveram que andar muito. Minutos depois, entraram em uma enorme tenda.

— É ele.

O "ele" era um homem com a camisa completamente aberta, revelando um peito musculoso. Tinha a pele clara, cabelo cortado rente à cabeça e, mais notável de tudo, uma víbora enrolada nos ombros.

O ladrão estava com um grupo de pessoas, sem dúvida seus colaboradores, na primeira fila de um espetáculo muito… interessante.

Pessoas envoltas em tecidos frouxos — e usando pouco mais do que isso por baixo — dançavam diante de luzes brilhantes, tornando os lençóis que seguravam completamente transparentes. Cada centímetro de seus corpos era visível. Alguns não usavam nada por

baixo; outros vestiam roupas íntimas. O homem os observava intensamente, os cotovelos apoiados nos joelhos.

Certo, lá estava ele. De alguma forma, teriam que obter informações.

— Ele parece distraído. Como vamos…

Grim olhou das dançarinas para Isla. E depois de novo.

Ela fez um som de escárnio.

— De jeito *nenhum*, seu demônio amaldiçoado…

Ele deu de ombros.

— Então encontraremos outro jeito. Só achei que, já que você é uma sedutora, poderia usar *seus* poderes, já que não posso usar os meus.

Poderes. Ela deveria ser uma devoradora de corações amaldiçoada, capaz de seduzir uma pessoa com um simples olhar. Capaz de fazer qualquer um se ajoelhar com sua sedução. De alguma forma, ele não parecia ter notado sua ausência de poderes, para além de algumas declarações pontuais. Ele não podia descobrir que ela não tinha habilidades. E se fosse por isso que estava trabalhando com ela, em primeiro lugar? Ele retiraria sua oferta de ajudá-la durante o Centenário?

Um latejar começou a encher seus ouvidos. Elas não tinham encontrado as luvas de pele. Ela e Celeste precisavam dele. *Seu* povo precisava dela. Estavam sofrendo.

— Você não pode simplesmente torturá-lo para conseguir as informações?

De repente, essa opção parecia muito mais atraente.

Grim pareceu achar graça.

— Claro que posso, Devoradora de Corações. Mas um dos ladrões mais infames, que também é uma das únicas pessoas que sabe sobre a espada, aparecer morto de forma tão violenta? Seria suspeito… — Ele deu de ombros. — Suponho que, se você não for capaz de *usar* realmente seus poderes…

— Claro que sou — disse ela rapidamente.

Grim não parecia convencido.

— Tudo bem. Encontraremos outro…

— Não. — De repente ela estava determinada a apagar aquela expressão do rosto dele. Enfiou a mão de volta no vestido e empurrou sua varinha estelar para ele. — Tome isso de mim e verá minhas *outras* maldições de Selvagem em ação.

Então Isla se virou em direção à tenda atrás do palco.

Toda a bravata anterior havia desaparecido. Ela havia trocado com uma das garotas do show um rubi de seu colar por um conjunto de roupas. Agora, estava nos bastidores, tremendo. Seus seios estavam cobertos apenas por uma faixa grossa de tecido preto. Outras partes de seu corpo eram cobertas por nada além de uma saia que, na verdade, não merecia essa descrição, pois mal escondia qualquer coisa.

O lençol estava sobre ela, mas Isla o tinha visto em ação na luz. Tudo seria revelado. *Ela* seria revelada.

Mantenha a calma, ela disse a si mesma. Seu povo estava morrendo de fome. A marca acima do seu coração agora era apenas uma cicatriz, mas o encontro havia deixado mais do que carne rasgada. Ela tinha visto o desespero das mulheres. Elas pareciam se sentir culpadas, mas estavam famintas. Isla era a governante delas. Era sua responsabilidade fazer o que podia para sobreviver ao Centenário e quebrar a maldição.

Com seu povo em mente, uma dança boba na frente de um ladrão parecia fácil. Ela tinha um plano. Seduzi-lo, levá-lo para um lugar privado e fazê-lo beber a garrafa de licor que ela também havia comprado da dançarina.

— Um gole disso e qualquer homem cairá de bruços — dissera a mulher. — Nos permite aceitar pagamento sem fazer a maioria dos atos mais desagradáveis.

Finalmente, Isla pediu conselhos.

— Você conhece o homem com a serpente?

Ela revirou os olhos.

— Infelizmente, todas nós conhecemos.

— Como faço para atrair ele?

— Fácil. Ele gosta de atenção.

Tudo o que ela tinha que fazer era dançar na frente dele.

Quão difícil poderia ser?

Ela estava usando uma máscara. Anônima. Ninguém a conhecia ali, exceto pelo demônio maldito, que ela duvidava que estaria prestando atenção.

Com um impulso de confiança, Isla subiu no palco, envolta no tecido que ela sabia ser completamente transparente devido às luzes atrás, projetando seu corpo em plena sombra.

Olhares queimavam sua pele. No começo, ela resistiu, sentiu repulsa, mas depois…

Era uma escolha. Ela não estava sendo forçada. Eles estavam ali para assistir, e ela havia concordado em fazer parte do entretenimento.

Posicionou-se bem na frente do homem com a serpente, certificando-se de dar um sorriso só para ele, e começou a dançar.

A música era um turbilhão de tambores e cordas, tão rápida e intoxicante que seu corpo se movia no ritmo, acompanhando os outros. Seus quadris balançavam, desciam, seus braços se estendiam acima da cabeça, ela passava os dedos pela barriga, tocando o corpo através do tecido…

E encontrou o olhar dele. *Ele*.

Grim.

Ele a estava observando como se ela realmente tivesse poder e pudesse seduzir um homem com um olhar. Ele parecia enfeitiçado, imóvel como um predador. Isla encontrou os olhos dele, e ele não desviou o olhar — não, pelo contrário, olhou com mais intensidade. Seus olhos deslizaram por todo o corpo dela, se demorando, e ela o sentiu em seu sangue, em seus ossos, *ele*…

Ela afastou o olhar, focando algo bem na frente dela, apenas meio segundo antes de sentir um puxão em seu tecido.

Ela ouviu um assobio.

O ladrão. A serpente em volta de seu pescoço esticou a língua. O homem estendeu a mão, que estava cheia de moedas que ela nunca tinha visto.

— Posso ter um show privado? — perguntou ele.

Um gosto amargo subiu pela garganta de Isla. Ela deu seu sorriso mais convincente.

— Claro.

O homem a ajudou a sair do palco, e ela o conduziu até o fundo da tenda, para onde havia observado outras dançarinas levarem seus clientes. Antes de entrar em uma das áreas privadas, ela pegou sua garrafa de licor.

— Para você — disse ela com reverência, e ele sorriu. A serpente sibilou novamente, e ele acariciou sua cabeça.

— Desculpe, ela é ciumenta — disse ele sobre a serpente.

As cortinas fizeram um som arranhado quando ela as abriu. Agora estavam em um prédio, com paredes de pedra. Os sons da música e dos gritos eram abafados ali. Na sala, havia apenas uma cadeira, algumas velas e uma mesa com copos.

Ela tirou a rolha da garrafa e serviu um copo.

Ele aceitou imediatamente, e Isla pensou que era um tolo por não ter sequer cheirado antes de beber. Ele não devia considerá-la uma ameaça.

Talvez tivesse sido assim que ele perdera a espada.

— Mais — disse ele, estendendo o copo. Ela o serviu alegremente, e ele bebeu outra vez, depois pousou o copo com força na mesa. — Agora — disse ele, sorrindo, os dentes brilhando na luz limitada das poucas velas espalhadas. — Dance.

Isla dançou. Ela dançou na frente dele, sorrindo de forma acanhada quando ele tentou tocá-la, virando-se estrategicamente para que não pensasse que ela o estava recusando.

Quando se virou novamente, viu que os olhos dele estavam se fechando. Ele lutava para se manter acordado, balançando a cabeça, endireitando-a de novo e de novo.

Aquela era a sua chance.

— Venha aqui — disse ele, dando tapinhas na perna. Ela sentiu um acesso de náusea, mas obedeceu, sentando-se em seu colo, mas longe de onde ele a queria.

A serpente se lançou em sua direção e Isla deu um salto, mas o homem apenas riu, balançando a cabeça para o lado.

— Não se preocupe, ela não morde. Mandei tirar suas presas.

Embora ela estivesse grata por isso agora, Isla achou muito triste. Por um momento, sentiu pena da serpente.

— Estou procurando uma coisa — sussurrou ela.

— Está? — disse ele, a voz arrastada.

— Uma espada. A que seu grupo roubou do mercado dos Etéreos e que você roubou deles. Onde está?

Ele riu, os olhos revirando.

— Aquela espada arruinou minha vida. Quase matou todo mundo que tentou usá-la. Acho que nenhum de nós era poderoso o suficiente para ela. — Ele riu um pouco mais.

Isla se aproximou, agarrando os lados de sua camisa aberta com as mãos.

— Onde está?

O homem sorriu. Seus olhos estavam quase fechados agora. Suas bochechas muito pálidas agora estavam coradas. Talvez a bebida tivesse funcionado bem demais.

— Uma ladra roubou de mim. Irônico, não é? Alguns a chamam de a melhor ladra de todos os reinos.

— Qual o nome dela?

— Ninguém sabe.

— Onde posso encontrá-la?

Ele deu de ombros.

Aquilo não estava ajudando. Ela o sacudiu pela camisa.

— Onde você acha que a espada está agora? Ela teria trocado? Vendido?

— Ah, eu *sei* onde a espada está.

Isla parou de sacudi-lo.

— Você sabe?

Ele acenou com a cabeça o tanto que conseguiu.

— A ladra tem um esconderijo favorito.

— Onde?

— Aqui, em Umbra.

A esperança floresceu.

— Perto?

Ele balançou a cabeça.

— Não, não. Longe.

— Onde?

— Nas Cavernas de Irida.

Isla parou de respirar. Era um local muito específico. Ela não sabia onde ficava, mas Grim saberia.

De repente, sua esperança começou a desaparecer.

— Espera. Se você tem tanta certeza de onde está, por que não a roubou de volta?

Ele riu, mas soou fraco. Estava prestes a adormecer.

— Além do fato de que ninguém chega perto de lá? Porque é impossível — resmungou ele. — A ladra tem um monstro.

— *Monstro?*

— Ele guarda seu tesouro.

— Que tipo de monstro?

Mas o ladrão tinha sucumbido à bebida. Ela o soltou e ele se encolheu na cadeira, emitindo um som de ronco. A cobra deslizou pelo rosto dele, como se estivesse tentando acordá-lo.

Isla só percebeu que, em sua ânsia por obter informações, havia montado no colo do homem quando Grim abriu a cortina. Ela se levantou rapidamente, sorrindo, abrindo a boca, pronta para contar tudo o que agora sabia, então a fechou abruptamente.

Grim parecia furioso. Ele olhou para o homem, dormindo pacificamente, e depois para ela.

— Não mate ele — disse ela.

Grim lhe dirigiu um olhar.

— Você está com cara de que quer matá-lo.

— Eu quero matar muita gente — respondeu ele, como se isso tornasse as coisas melhores, e a encarou. — Eu *mato* muita gente.

Isla engoliu em seco, e o olhar dele foi direto para a garganta dela.

Grim se aproximou, e Isla recuou. Suas costas bateram na parede. Seu coração parecia pronto para saltar do peito, mas ela sorriu.

— Consegui a informação. Sei exatamente onde está a espada. Parece que sou uma ótima sedutora. — No tom mais zombeteiro que conseguiu naquele momento, ela provocou: — Diga, Umbra nada-poderoso. Consegui seduzir você? — Ele a olhou com uma careta. Ela sorriu e lançou a ele um olhar sensual. — Fiz você se apaixonar perdidamente por mim?

Isla ofegou quando ele a prendeu contra a parede. As mãos de Grim eram ásperas em seus quadris. Os dedos dele viajaram por sua cintura até as costelas, e então até os seios. Ela arqueou as costas, gemendo quando ele os tocou com os polegares. Ela sabia que ele podia sentir suas emoções, seu desejo.

— Não — disse ele contra seus lábios entreabertos. — Você não é especial para mim. Você não é algo que eu quero amar. — Grim estendeu a mão para os lábios de Isla e limpou o batom vermelho com o polegar. — Você é algo que eu quero arruinar.

Então ele baixou a cabeça até o pescoço dela e a mordeu.

Foi uma mordida leve, apenas um raspar dos dentes, mas Isla arfou, o que se transformou em um gemido quando a língua dele passou pelo mesmo lugar. Ela o queria tanto... Ela queria tudo.

Em um único movimento, ele a virou, então seu peito foi pressionado na parede. As mãos dele percorreram suas coxas, até que ele agarrou seus quadris.

Antes que ela pudesse resistir ou fazer qualquer uma das milhões de coisas que estavam passando pela sua cabeça, Grim criou um portal com a varinha estelar na frente dela e a empurrou através dele.



DIVIDIDA

Ela acordou ao lado de Oro e não conseguia nem olhar para ele. Quando estava em suas memórias, era como se tudo estivesse acontecendo *de novo*, e…

Parecia uma traição.

Oro diria que não era culpa dela. Que essas coisas já tinham acontecido, meses antes de Isla conhecê-lo.

Mas agora, revivê-las… dormindo ao lado de outra pessoa…

Era um veneno do qual ela estava se alimentando. Forçando-se a engolir mesmo que isso a estivesse matando por dentro.

Ela sentiu como se estivesse sendo dividida. A Isla do passado, uma pessoa que ela mal reconhecia. A Isla atual, que voltou a sofrer, a sentir ansiedade, mágoa, devido às lembranças.

Era difícil aguentar tudo aquilo.

Meia-noite era um horário confortável para agir. Talvez fosse o silêncio, ou o fato de que eram baixas as chances de alguém esbarrar com ela, ou a indulgência de dar um tapinha nas próprias costas dizendo que ela estava fazendo tudo o que podia, incluindo ficar acordada até aquela hora, trabalhando, ou talvez fosse tudo isso junto.

Talvez fosse porque ela era parte Umbra.

Usou a varinha estelar para se transportar para a Ilha Selvagem. Lá, ela revisou as ações do seu povo. Começou o treinamento de como formar os tipos de plantas defensivas e espinhosas que faria surgir em todo o Continente. Criou áreas com areia do pântano.

Isla visitou seu quarto antes de voltar para a cama e se observou no espelho. Havia círculos escuros sob seus olhos. Os lábios dela estavam machucados e rachados. Sua pele estava áspera em alguns lugares onde costumava ser macia. Estava muito magra.

Seus olhos deslizaram para o pescoço. Parecia vazio.

Não estava.

Ela tocou o colar, que só ela podia sentir, e teve raiva. Claro que Grim daria a ela um colar impossível de se tirar. Claro que ia garantir que ela não pudesse esquecê-lo, mesmo que *quisesse*.

Ela se lembrou das palavras dele quando a presenteou, no baile. *Se precisar de mim, toque nisso. E irei até você.*

Bastava. Isla pegou uma de suas lâminas e a posicionou precariamente contra o colar. Um deslize e ela estaria morta, mas ela não ia errar. Começou a tentar cortar a maldita coisa.

A lâmina nem deixou marca. Ela tentou puxar, a ponto de quase se sufocar, mas o colar permaneceu firme, imaculado.

Ela tentou envolver o poder Selvagem em torno dele. Tentou serrá-lo. Queimá-lo com seu atiçador de lareira. Até mesmo convocou um punhado de sombras Umbras tão afiadas quanto armas.

Nada funcionou.

Treze dias antes de Grim destruir a ilha, os Etéreos finalmente realizaram sua votação. A reunião na Ilha do Céu estava acontecendo. Durante horas, diferentes lados debateram a questão. Isla, Oro, Enya, Calder e Zed ficaram sentados observando enquanto eles discutiam as boas razões pelas quais todos os Etéreos deveriam deixar Lightlark.

Ela tinha visto em sua visão: os dreks estavam chegando. Sem Etéreos no ar para combatê-los, seria outro banho de sangue.

Centenas de soldados Etéreos tinham sido treinados na força de voo. Eles compunham grande parte de sua força.

— Não podemos perdê-los — sussurrou Enya, quase para si mesma.

Os lados estavam quase equilibrados, apenas alguns votos estavam indecisos. Ainda assim, parecia claro que isso levaria à saída da ilha.

Antes que o voto final fosse proferido, Oro se levantou para falar.

— Todos nós conhecemos o valor de sua força de voo e seus números nesta batalha. Vocês podem acreditar que são capazes de fugir do perigo, mas ele os seguirá. Se Grim eliminar Lightlark, o que o impedirá de atacar também a nova terra dos Etéreos? Pelo que sabemos, ele quer apagar o mundo. — Houve sussurros. Algumas pessoas assentiram. — De qualquer forma, sem Lightlark, o reino dos Etéreos irá perecer. Cada geração ficará mais fraca. Pessoas morrerão. O poder diminuirá. A habilidade do seu governante e a de vocês deriva do poder que está profundamente enterrado em Lightlark. Se a ilha for destruída… todos nós seremos também.

Oro se sentou. Foi um bom discurso. Houve murmúrios. Ainda assim, algo no peito de Isla dizia que não era suficiente. Algo lhe disse como a votação se desenrolaria...

Ela se levantou, e os sussurros pararam. Olhou para Azul, que havia organizado a reunião.

— Posso falar? — perguntou ela.

Azul assentiu.

— Não se trata apenas da batalha — disse Isla. — É sobre o *depois*. O futuro que construiremos depois de salvar a ilha. Sobre construir uma Lightlark melhor.

Ela olhou para o comitê, incluindo Bronte e Sturm. Depois, para os Etéreos sentados na sala, a observando. Precisava oferecer algo a eles. Eram um povo que não valorizava muita coisa... exceto uma, acima de tudo.

Ela hesitou antes de dizer:

— Se sobrevivermos a este ataque, planejo implementar uma democracia para os Estelares. — Murmúrios. Zed lançou um olhar a ela, que endireitou a coluna e continuou: — Realizarei uma votação e, se outra pessoa for mais capaz de ser governante, vou renunciar.

Ela estava falando sério. Sempre admirara o governo de Azul e, na verdade, os Estelares mereciam ser governados por um deles. Por Maren, por exemplo.

— Todos que ficarem e lutarem estarão batalhando por um futuro melhor. Um em que mais pessoas tenham escolhas e direitos. Precisamos dos Etéreos, ou perderemos, e esse futuro melhor terá sido apenas um sonho, extinto.

Oro colocou a mão sobre a dela por um breve instante enquanto ela se sentava, e Isla se sentiu melhor, sabendo que ele concordava com o que tinha feito.

Ela não achava que aquilo mudaria a votação, mas poderia encorajar alguns Etéreos a permanecerem e lutarem. Ela só sabia que tinha que tentar.

A voz de Azul ecoou pela sala quando ele disse:

— Agora realizaremos nossa votação.

Isla esperou pelos resultados com Enya e Calder na sala de guerra. Oro estava assistindo à votação. Zed estava votando.

Inicialmente, o grupo usou o tempo para atualizar uns aos outros sobre seu progresso. Enya determinou que os civis de Lightlark teriam que ser evacuados entre as novas terras dos Etéreos e Estelares. Ela estava preparando infraestrutura e suprimentos para que eles pudessem viver confortavelmente lá, independentemente de quanto tempo durasse a guerra.

Calder tinha visitado os Vinderens todos os dias, acompanhando o progresso deles. Até o momento, a flor não estava funcionando. Talvez a preparação estivesse errada. Eles teriam que encontrar outra maneira de curá-los.

Então houve horas de silêncio, enquanto esperavam.

No momento em que Oro entrou pela porta, Isla soube que era uma má notícia. Ela podia sentir em seu âmago. Zed estava logo atrás dele.

— Perdemos Azul — disse Oro. Enya arfou. — Os Etéreos votaram para não permitir que ele lutasse. — Seus olhos encontraram Isla. — No entanto, parte da força de voo tomou a própria decisão. Se você se comprometer a transformar o reino Estelar em uma democracia, eles ficarão.

— Quantos? — perguntou Enya.

— Cem.

Um misto de sentimentos travou uma batalha dentro de Isla. Azul era o mais forte dos Etéreos, um governante. Ele detinha a maior parte do poder em seu reino. Perdê-lo os deixaria significativamente enfraquecidos.

Zed balançou a cabeça.

— Não é o suficiente. Está longe de ser suficiente.

Azul entrou em seguida. Parecia devastado. Fechou os olhos e disse:

— Eu não concordo com essa escolha. Eu… eu sinto muito.

Zed se virou para ele.

— Eu vou ficar aqui. Já fiz a minha escolha. Mas você está nos deixando. Por quê? Democracia? Ela realmente importa, se todos estivermos mortos?

— Zed — disse Oro, firme. O Etéreo se sentou, mas seu olhar não mudou.

Azul balançou a cabeça.

— Eu sinto muito.

Ele olhou para Isla e ela se lembrou das palavras que ele havia dito uma vez: *É uma honra governar, mas nem sempre um prazer.*

Não queria ficar com raiva dele. Concordava com a maneira como ele governava. Como poderia culpá-lo por cumprir os desejos de seu povo?

No entanto, os desejos deles significavam que ela e as pessoas que mais amava poderiam morrer.

Mais tarde naquele dia, ela se transportou para uma parte deserta da nova terra dos Selvagens e permitiu que suas sombras queimassem a terra, deixando sua raiva abrasar o mundo, até que desabou em outra lembrança.



ANTES

Já fazia um mês desde que Grim a havia empurrado pelo portal, junto com sua varinha estelar. Ele não a tinha seguido até o quarto, então ela presumiu que ele havia se transportado de volta para o castelo depois de apagar as memórias do ladrão sobre o encontro.

Ela tinha sido deixada febril, ansiosa, consumida pela vontade...

Agora, apenas se sentia vazia.

Por que ele havia ido embora? Justo quando ela mais queria que ficasse?

Isla poderia ter presumido que ele tinha saído para procurar a espada sem ela, se ele não tivesse ido embora antes que ela pudesse dizer onde a arma estava. Agora, sabia exatamente onde encontrá-la. Ele *sabia* que ela sabia.

Então por que passou semanas sem procurá-la?

Sua confusão e raiva logo se transformaram em apreensão. E se Grim tivesse… morrido? A notícia sobre a morte do Umbra não chegaria aos Selvagens por semanas. Talvez meses.

Foi esse pensamento que a fez fazer algo imprudente. Naquela noite, finalmente pegou sua varinha estelar, determinada a encontrar Grim por si mesma.

O quarto dele estava vazio e exatamente como ela lembrava.

Parte dela estava se coçando para desenhar a poça de estrelas e partir novamente, mas decidiu esperar. Já fazia um *mês*. Ela estava cansada de ficar acordada até tarde da noite, pensando em sua ausência.

Uma hora se transformou em duas. Depois em três.

Finalmente, a porta do quarto se abriu.

Não era Grim.

Era uma mulher.

Isla se levantou da cadeira em que estava relaxando e a mulher congelou. Em seguida, seus olhos se estreitaram.

— Quem é você? — indagou ela.

Quem era *ela*?

A mulher, felizmente, fechou a porta, como se tivesse entrado em uma situação privada, e Isla se transportou para longe.

Sentiu uma raiva inexplicável. Grim tinha decidido começar a procurar a espada com outra pessoa? Ele a havia excluído de seu plano? Não. Ela não permitiria. Precisava que ele cumprisse sua parte no acordo.

Ela sabia onde estava a espada, a encontraria por conta própria, e ele seria forçado a ajudá-la no Centenário.

Isla vestiu a única roupa preta que tinha — o infelizmente frágil vestido do Penhasco de Creetan — com sua capa preta por cima, cobrindo a espada presa em suas costas de forma conveniente, e se transportou.

As lições de Grim haviam sido úteis. Ela precisava de um mapa para encontrar as Cavernas de Irida. Então poderia tentar se transportar até lá.

Foi assim que acabou no mercado noturno.

Faltava menos de uma hora para o pôr do sol e o lugar ainda estava surpreendentemente movimentado. Alguns carrinhos começaram a fechar para a noite. Algumas pessoas se aventuravam dentro de grandes edifícios que pareciam quase todos abandonados.

Eles eram um bom ponto de observação. Tudo o que ela precisava fazer era avistar uma loja de mapas de cima e esperar até o pôr do sol para entrar escondida e achar o que estava procurando. Dessa forma, não correria o risco de encontrar problemas novamente.

Ela deixou o mercado e entrou no prédio mais próximo. O andar térreo parecia ser uma extensão das lojas, um lugar para negociar quando o sol se punha. Estava cheio de sons de carrinhos sendo empurrados, pechincha e sussurros.

Porém, nenhum mapa estava sendo vendido ali. Mais alto. Ela precisava subir mais e obter uma visão melhor do mercado do lado de fora.

As escadas rangeram, mas estavam vazias. O segundo andar também estava vazio. Havia apenas algumas caixas e barris alinhados na grande sala, por todo o espaço até as janelas cobertas de poeira. Isla esfregou uma delas com a capa e olhou para fora. As lojas estavam fechando.

No canto de sua visão, avistou o que procurava. Uma barraca com elixires à venda na frente e pergaminhos no fundo. Um grande mapa ocupava toda a parede de trás.

Passos soaram atrás dela.

E então:

— O que temos aqui?

Isla se virou e notou que a sala agora estava bastante ocupada. Uma dúzia de Umbras estavam ao seu redor. Eles tinham estado invisíveis quando ela entrou? Ou a tinham seguido silenciosamente?

Ela sacou a espada. Um deles riu. A sombra da própria Isla chicoteou como uma víbora atrás dela e derrubou sua lâmina.

Manipuladores de sombras. Ela ficou apreensiva.

Isla rapidamente se virou, decidindo arriscar a janela. Estava apenas no segundo andar.

Antes que pudesse quebrar o vidro, sombras envolveram seu tornozelo e a arrastaram pelo cômodo.

Ela bateu com a bochecha em uma saliência no chão e se cortou. Vidro quebrado perfurou suas mãos e seu vestido fino.

Quando foi forçada a ficar de joelhos, o sangue pingava em seu queixo e peito. Ela nem conseguia mexer os dedos.

Sua capa foi arrancada por mãos invisíveis e ela ofegou com o frio. O homem a estava circulando agora, um predador olhando com avidez para sua presa.

— Quem é você? — perguntou ele.

Ela cuspiu aos pés dele e uma de suas sombras a esbofeteou no rosto. Sangue escorreu do canto de sua boca.

— Vou perguntar de novo. Quem. É. Você?

Por que ele se importava? Por que estava fazendo isso com ela?

Isla não disse uma palavra e gritou quando outra sombra a atingiu. Era afiada como uma lâmina. Sangue pingou em seu ombro. Se ela não curasse sua bochecha em breve, viraria uma cicatriz. Outro golpe a fez cair apoiada nas mãos cheias de vidro. Ela gritou quando um caco se alojou mais profundamente. Outro lampejo de sombras e ela ofegou por ar.

O homem se inclinou e agarrou seu rosto brutalmente com uma das mãos. Seu corpo inteiro tremia. Ela ia morrer. Era uma tola. Não tinha aprendido a lição com as Selvagens que tinham tentado arrancar seu coração? Por que acreditara que poderia fazer aquilo sozinha?

Lágrimas embaçaram o rosto dele à sua frente.

— Você não deveria conseguir cruzar o limite — disse ele muito cuidadosamente. — Vai me dizer quem é, ou vou arrancar sua pele.

Sua espada estava do outro lado da sala. Ela não tinha trazido nenhuma de suas adagas ou estrelas de arremesso. As sombras do homem estavam se aproximando novamente pelo chão.

Ela se lembrou do que Grim tinha dito — acerte o nariz — e o atingiu com a testa no rosto.

Ele recuou e a xingou, mas Isla não olhou para ver se tinha quebrado o nariz dele. Puxou a varinha estelar do bolso e desenhou a poça de estrelas. Segundos antes de ela poder se jogar, o homem a

arrastou pelos cabelos. Isla gritou. Ele arrancou o dispositivo de sua mão e a empurrou na parede.

A poça estava ali, ondulando, no centro da sala. Alguns dos outros Umbras se aproximaram, sussurrando.

— É… um portal — disse um dos Umbras, maravilhado. Mais deles se aproximaram, apressados.

O homem franziu o cenho. Sangue entrava em sua boca. Ela tinha quebrado o nariz dele.

— Vá ver para onde ela estava indo — ordenou ele.

Um dos Umbras caiu através da poça, que se fechou atrás dele.

Sua única saída, apagada.

O único consolo era que ela não estava tentando se transportar de volta para as novas terras dos Selvagens. Não… ela estava tentando ir para um lugar completamente diferente.

— O resto de vocês, peguem suas lâminas — gritou o homem. — Vamos ver o quão rapidamente podemos arrancar essa pele. Certifiquem-se de que ela fique viva. Quero que sinta cada centímetro.

Isla tentou fugir, mas as sombras atrás dela se transformaram em cordas ao redor de suas pernas e tornozelos. Uma se amarrou em sua boca, abafando seus gritos.

Alguns dos Umbras riram ao vê-la se debatendo. Ela ouviu o som metálico enquanto eles tiravam as adagas das bainhas. Algumas estavam cobertas de ferrugem. Outras, de sangue seco.

O homem na frente dela retirou ainda mais sombras da sala. Elas subiram pelo seu pescoço, depois se afiaram em facas.

— Vamos começar pelo rosto, que tal? — perguntou ele.

Isla fez uma careta. Preparou-se para o primeiro golpe de dor.

As sombras desapareceram.

O homem franziu o cenho. Tentou suas sombras novamente, mas elas não cooperaram. Os Umbras ficaram subitamente em silêncio.

Eles se viraram lentamente. Isla olhou pelos vãos entre eles.

Grim estava lá, segurando pelo pescoço o Umbra que tinha passado pelo portal dela, mantendo-o bem acima do chão. O portal levava

para o quarto de Grim. Houve um estalo e ele o soltou. O homem caiu como um monte aos seus pés, morto.

Ele tinha um olhar assassino.

Diante dela, as calças do homem ficaram escuras, pingando pela perna.

Grim usava sua coroa e armadura. Parecia um demônio ganhando vida, com espinhos em seus ombros cobertos de metal. Sombras escapavam dele, serpenteando pela sala. Alguns dos Umbras se ajoelharam na mesma hora. Outros tentaram fugir.

Imediatamente, todos eles foram suspensos no ar, pés balançando, segurando suas gargantas.

Os olhos de Grim nunca deixaram os dela enquanto ele se aproximava. Ele examinou o corpo de Isla. Os cortes em seu peito. A bochecha rasgada. As marcas longas em seus ombros. Suas mãos cobertas de vidro.

A voz de Grim estava mortalmente calma quando ele perguntou:

— Qual deles?

Ela abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu. Seus olhos se moviam pela sala. Com todos flutuando naquele ângulo, ela não conseguia ver seus rostos claramente. Qual deles era? Lágrimas borraram sua visão.

— Isla — disse ele com cuidado, como se estivesse tentando muito se conter. Ele tinha usado seu primeiro nome. — Qual deles fez isso com você?

Ela não sabia o que ele faria, ou se queria ser a responsável.

— Está bem. Todos eles, então.

Houve um coro de estalos quando todos os pescoços foram quebrados em conjunto. Todos caíram no chão. Grim abriu a mão e a varinha estelar voou para a palma dele.

— Sua idiota — disse ele antes de se abaixar e tomar Isla em seus braços.

Grim estava furioso. Ele a tinha transportado para o quarto dele, a colocado em um sofá e rosnado “Já volto” antes de desaparecer. A

cabeça de Isla caiu contra o encosto do sofá e ela gemeu. Tinha realmente acreditado que poderia encontrar a espada por conta própria. Como estava errada.

Ele reapareceu, segurando cerca de uma dúzia de bandagens e uma tigela. Fez um gesto para que ela se deitasse, depois começou a trabalhar, colocando a gaze sobre seus ombros, onde ela tinha sido ferida. Elas estavam frias como gelo. Isla se contraiu com o contato, praguejando.

Grim a manteve quieta com uma mão firme na parte de baixo de seu abdômen, o que a fez se sentir febril.

— São lunares — disse ele. — São bons em curar cortes.

Ela estava certa. Cleo estava ajudando-o. Ou, no mínimo, ele estava roubando dos Lunares.

— Você… negocia com eles?

Grim não respondeu.

Ele franziu as sobrancelhas com concentração enquanto tirava pedaços de vidro de seu peito. Ela fechou os olhos com força devido à dor.

— Deixe-me ver suas mãos.

Estavam um desastre. Ela nem queria ver, e se manteve parada.

Ele arrancou um caco e praguejou por entre os dentes.

— Isso vai levar um tempo — disse ele. Isla imaginou que havia dezenas de pedaços enterrados profundamente em sua palma e dedos.

Sem aviso, ele a levantou nos braços novamente. E a colocou em seu colo.

Isla enrijeceu. Ela ainda estava em seu vestido Umbra, que era muito revelador.

— O que está fazendo?

— Você precisa ficar quieta ou o vidro vai se mover enquanto eu estiver trabalhando e tornar a remoção de tudo quase impossível. Eu posso fazer você desmaiar, se preferir.

Isla recuou.

— Com certeza não prefiro. — Ele a olhou, esperando aprovação para continuar. Ela cerrou os dentes e disse: — Tudo bem.

— Tão encantadora — disse ele friamente. Então passou os braços ao redor dela, prendendo-a no lugar, enquanto gentilmente abria seus dedos.

Isla não estava respirando. O corpo dele, frio como ossos, a envolveu. Ela tremeu.

Grim arrancou o primeiro pedaço de vidro de sua mão e ela se contorceu novamente. Desta vez, no entanto, os braços dele a mantiveram no lugar, duros como ferro, impedindo-a de se mover. Ela respirava rápido demais, a dor subindo pelo braço, enquanto o via remover os cacos com habilidade.

Ela ofegou com uma incisão especialmente profunda. Ele era alto o suficiente para que seu queixo repousasse no topo da cabeça dela, e disse:

— Tem pelo menos uma dúzia de cacos só nesta mão, então, se fosse você, encontraria uma maneira de ignorar a dor.

Ela olhou para cima, para ele. Grim lhe deu uma olhada por meio segundo antes de voltar a focar a mão dela.

— Onde você estava? — indagou Isla.

Um músculo tremeu em sua mandíbula. Já fazia um mês desde que ela o tinha visto.

— Eu estava ocupado — disse ele finalmente.

— Com o quê?

Ele não respondeu.

Ela bufou. Inacreditável.

— O que poderia ser mais importante do que encontrar a espada?

— Não mais importante, apenas mais… urgente.

Ele tinha insinuado problemas em seu reino. Era a isso que estava se referindo?

— Você poderia ter me dito. Poderia ter me visitado pelo menos uma vez… Me deixado contar o que eu descobri.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Sentiu saudades, Devoradora de Corações?

Ela bufou.

— Não. Toda vez que eu te vejo, saio machucada ou insultada.

Grim franziu o cenho, só um pouco. E se concentrou apenas em sua mão.

— O que estava pensando? — disse ele, ríspido.

Ela suspirou, franzindo a testa com outro golpe de dor.

— Eu estava pensando que poderia encontrar a espada sem você — disse com sinceridade.

Isla se apoiou no peito dele, cerrando os dentes enquanto Grim retirava o vidro. Alguns fragmentos eram pequenos, mas outros pareciam facas sendo puxadas de suas palmas. Ela tentou respirar mesmo com a agonia. Sentir a mesma dor, repetidas vezes, fez com que quase se acostumasse. Tinha aprendido isso durante as horas que passou se preparando para cerimônias específicas do Centenário.

— Eu vim te procurar, antes — disse ela, a voz apenas um sussurro.

— Eu sei.

A mulher devia ter falado com ele. Suas bochechas aqueceram repentinamente de constrangimento. E... algo mais. Sua próxima pergunta escapou.

— Quem era aquela mulher?

— Ela é minha general.

Sua general.

— Ela suspeita...?

— Eu disse a ela que você era alguém de outro reino que eu tinha encontrado para compartilhar a cama.

Isla engoliu em seco. Ele disse as palavras tão casualmente... Era isso que ela era? Uma garota de outro reino que, no Penhasco de Creetan, ele quis levar para a cama?

Por dentro, ela se sentia como vidro quebrado, mas fechou os olhos e disse o mais suavemente que conseguiu:

— Eu sei onde a espada está. O ladrão do Penhasco de Creetan me contou.

— Onde?

— Nas Cavernas de Irida.

— Eu sei onde ficam.

Ela esperava que ele ficasse mais contente com aquele desenrolar; eles estavam muito mais perto de encontrar a espada, mas o foco dele ainda estava em sua mão. A última peça de vidro naquela mão tilintou na tigela. Ele se inclinou e sussurrou bem perto de seu ouvido, antes de derramar álcool sobre sua mão:

— Isso vai doer.

Grim pressionou a palma contra o grito dela. Isla ficou grata. Era uma âncora no mar de dor.

Foi ofuscante. Ela se contorceu contra ele, que pigarreou. Uma de suas mãos pressionou o quadril dela, a segurando no lugar.

— Se puder evitar, por favor, pare com isso — pediu ele, tenso.

Ah.

Ela congelou.

De repente, ficou muito consciente do corpo dele pressionado no dela enquanto Grim alcançava sua outra mão e recomeçava.

Debaixo dela, Grim tinha ficado completamente tenso. Seus olhos estavam fixos na palma de Isla. Ele parecia concentrado em sua tarefa.

Isla não estava. O que havia de errado com ela? A dor foi diminuindo lentamente à medida que se concentrava em cada toque dos dedos calejados dele nos dela. Cada parte sua estava muito sensível. Agora estava muito consciente de cada lugar em que estavam se tocando. O queixo apoiado no alto de sua cabeça. O torso musculoso atrás dela, duro como uma rocha. Debaixo dela…

Ela deu um suspiro trêmulo.

Grim pareceu se apressar, pois apenas alguns momentos depois, ele disse:

— Pronto.

Desta vez, ele a ergueu facilmente antes de derramar álcool em sua mão. Ela fechou os olhos com força e não os abriu novamente até que os remédios Lunares começaram a diminuir a dor.

Ele estava olhando para ela.

— Obrigada.

Grim não respondeu.

— Quando podemos ir para as cavernas?

— Assim que você puder segurar adequadamente uma espada de novo.

Não demoraria muito. Até a manhã, com os elixires dos Selvagens, a maioria de seus ferimentos estaria curada. Ainda doeriam, mas não o suficiente para fazê-la querer adiar a busca.

— Amanhã — disse. Ele assentiu. Grim se preparou para levá-la de volta para seu quarto, quando ela disse: — Espere. Tem um problema.

— Problema?

Ela contou sobre o monstro que supostamente guardava a espada.

Os olhos de Grim se estreitaram.

— Que tipo de monstro?

— Não sei.

Grim não pareceu muito preocupado. Monstros não tinham medo de outros monstros, certo? Ele estendeu a mão novamente para levá-la de volta para o quarto.

— Então acho que teremos que descobrir.



PEDINDO AJUDA

— Encontramos o minério — anunciou Zed durante a reunião seguinte.

Ele havia passado dias procurando com Calder nas Minas Esquecidas, navegando por seus túneis perigosos. A maioria dos corredores havia desabado com o tempo. Seu rosto passou de satisfeito para preocupado quando olhou para Isla.

— Precisamos da sua ajuda — disse ele.

Enya estava descascando frutas cítricas, o cheiro perfumando o ambiente. Ela arqueou uma sobrancelha e Zed lançou um olhar para ela.

Ele não gostava muito de Isla. Isso estava claro.

— Com a mineração? — perguntou. Ele assentiu.

— Tentei usar o ar, mas os minérios são quase impossíveis de mover. Mas você…

Controlar pedras. Isla quase sorriu, pensando o quanto havia evoluído desde quando encarara a pedra que Oro havia colocado na frente dela na Ilha Selvagem.

— Mostre o caminho.

Respirar era difícil na mina. Zed precisava manter um fluxo de ar fresco para os túneis profundos, o que apenas amenizava o cheiro de terra, poeira e enxofre.

Ela segurava o tecido de sua camisa sobre o nariz. Zed caminhava na frente, segurando uma esfera de fogo que havia conseguido com Enya.

— Eu diria que você se acostuma, mas não é o caso — disse Zed. — Apenas sinta-se sortuda por não ter ficado presa aqui por semanas.

Isla subitamente se sentiu muito sortuda.

Ficaram em silêncio na maior parte do tempo enquanto caminhavam. Era um silêncio mútuo, e ambos estavam felizes por não terem que falar um com o outro. Depois de vários minutos, no entanto, ela pensou em uma coisa.

— Por que todos odeiam Soren? — Ela se lembrou de como ele a havia questionado na frente dos outros, aparentemente determinado a provar que Isla não era digna de ser uma governante. — Quero dizer, além dos motivos óbvios.

Zed riu suavemente e olhou para ela. Isla apostava que estava ridícula, metade do rosto escondido na camisa.

— Ele acredita que os Lunares são superiores a todos os outros reinos e age de acordo. Sob sua orientação, os curandeiros fecharam suas lojas no mercado. Menos Lunares começaram a visitar o Continente. Eles se tornaram mais fechados e reservados. Soren usou as maldições como desculpa para isolar seu reino dos outros.

Ele era pior do que ela havia imaginado.

— Se ele acredita nisso, por que ficou? Não ficaria feliz em partir?

— Talvez ele odeie o reino Umbra mais do que todos nós — ponderou Zed, então deu de ombros. — Ou ele ficou como espião de Cleo.

Ela não confiava em Soren nem um pouco, mas algo lhe ocorreu.

— Soren… é curandeiro?

Zed assentiu e a esperança pareceu entorpecer seu peito. Ele franziu a testa.

— Você não vai pedir a ele para ajudar com os Vinderens, vai?

— É isso mesmo o que vou fazer.

Zed finalmente parou e apontou para uma parede; a rocha parecia toda igual, exceto por um pequeno lampejo de cor. Isla pressionou a mão contra ela e fechou os olhos. Lá dentro, podia sentir — minério enterrado profundamente na parede. Seria necessária concentração para garantir que não derrubasse a mina inteira sobre eles, mas se sentiu confiante de que conseguiria extraí-lo.

— Talvez seja melhor criar um escudo com seu vento — disse ela, antes de sua mão romper a parede de pedra.

O túnel inteiro tremeu, pedras caíram do teto e foram desviadas por um fluxo de vento acima deles. Ela buscou dentro da parede pelo acúmulo de minério. Seus dedos talharam a pedra como uma faca cortando manteiga. Ela finalmente o pegou e recolheu a mão.

— Acho que é isso que você está procurando.

Era o primeiro de muitos. Não parecia nada especial, mas Zed tinha explicado que, com a energia Estelar e as chamas Solares, poderia ser transformado em metal para destruir dreks.

Zed a encarou, encarou a parede e, em seguida, o minério, com a sobrancelha levemente erguida.

— Seu método vai servir.

Isla encontrou Soren na Ilha da Lua, parecendo muito à vontade perambulando pelo palácio. Ela não sabia se ele era um espião ou se tinha os próprios interesses, mas logo descobriria de que lado ele estava.

Soren pareceu satisfeito em vê-la, o que a deixou ainda mais desconfiada. Sua bengala de gelo batia no chão com um som que perfurava o cérebro de Isla. Ela foi direto ao ponto.

— De que lado você está? Do nosso? Ou dos Umbras?

Soren ficou atônito.

— Achei que era óbvio, pela minha presença aqui em Lightlark.

— Ótimo. Então você não teria nenhum problema em curar possíveis guerreiros para nosso esforço de luta?

Os olhos de Soren se estreitaram. Ela tentou parecer o mais inocente possível.

— Eu… suponho que não.

Ela sorriu de forma doce.

— Que bom. Porque, se você tivesse dito não, eu teria que pensar que você era um espião da Cleo, ou que de alguma forma está trabalhando contra nós.

Soren sorriu da maneira menos amigável possível.

— Quem vou curar?

Isla sentiu um prazer particular em observar sua expressão depois de responder:

— Os Vinderens.

A parte mais difícil de persuadir Soren a curar os guerreiros acabou sendo convencer os Vinderens a não o matar.

Ele mostrou a ela como preparar corretamente a flor Selvagem para chá sem perder suas propriedades de cura, depois começou a tratar a doença deles em conjunto com o elixir. Os resultados não foram imediatos, mas Isla estava esperançosa de que um número suficiente de guerreiros se recuperaria a tempo de se juntar a ela na batalha.

Tinha extraído muito minério para Zed. Mais tarde naquela noite, Isla visitou as novas terras dos Selvagens e encontrou Lynx esperando por ela nas margens da floresta.

Seus lábios se contorceram.

— Se eu não te conhecesse tão bem, pensaria que está preocupado comigo.

Lynx fez um som de espirro que pareceu ser uma negação.

Ela ficou na frente da criatura e ofereceu um pedaço de carne que havia conseguido na cozinha.

Ele cheirou… e, pela primeira vez, aceitou o presente. Progresso, Isla pensou. Era um progresso.

Quando Lynx terminou de comer, ela perguntou:

— Eu te disse que estamos indo para a guerra. Você vai lutar comigo?

Ela procurou uma resposta em seus olhos.

Ele baixou a cabeça, quase até o chão, e algo dentro de seu peito se contraiu com um claro *sim*.

Tantas vezes ela tinha sido traída. Depositado confiança em lugares perigosos. O fato de que Lynx, que gostava de fingir que não se importava muito com ela, estava disposto a ir para a batalha ao seu lado… significava muito.

Ela jogou os braços em volta do pescoço dele, que a deixou pendurada ali. Ele ergueu a cabeça, e Isla se segurou, as pernas balançando.

— Vamos fazer uma armadura para você. — Ela estava pendendo a apenas alguns centímetros do olho de Lynx quando disse: — Mas antes preciso aprender a montar em você.

À medida que a guerra se aproximava, ficou claro que não havia o suficiente de nada, nem tempo, nem soldados, recursos ou energia.

Eles se sentaram novamente à mesa redonda e planejaram como agir. Tinham recursos limitados, o que significava que precisavam descobrir como ser estratégicos — como forçar Grim e seus soldados a lutar exatamente onde queriam.

Haviam criado um mapa do Continente com as cinzas misteriosas que Isla havia usado antes, na Ilha do Sol.

Oro e Zed estavam discutindo há horas sobre onde teriam a melhor vantagem.

— Aqui, sobre as minas — disse Zed. — Podemos botar guerreiros nos túneis. Poderia funcionar como uma trincheira.

— Funcionaria bem para os Umbras, que poderiam demolir o solo e enterrar nossas forças ainda vivas — respondeu Oro.

— E que tal entre as Montanhas Cantantes? Os Umbras não sabem como lutar em terrenos montanhosos.

— Os Solares também não.

No final, concordaram que o melhor lugar para lutar era no lado oeste do Continente, no espaço entre o mercado e o castelo. Dessa forma, as matas do Continente enquadrariam naturalmente a área de luta, juntamente com as muralhas de escudo dos Estelares e a natureza defensiva dos Selvagens.

— Você consegue cobrir tanto território? — perguntou Zed. — Em nove dias?

— Consigo — respondeu Isla, porque não havia outra opção.

À noite, Isla praticava montar em Lynx. Ela caía muito, então eles começaram a mover suas lições para o rio. O leopardo era alto o suficiente para atravessar facilmente até mesmo as partes mais profundas do rio, e Isla não arriscava uma lesão séria toda vez que caía.

Ela caía muito.

Toda vez, Lynx olhava para ela de uma maneira que só podia ser interpretada como desinteressada, e então a pescava da água com seus grandes dentes e a colocava de volta em suas costas.

Se ao menos tivessem mais tempo, ela pensava. Os dias estavam escapando por entre seus dedos.

Precisava levar os Selvagens para Lightlark, para começar a cobrir o território com plantas venenosas. Precisava começar a levar civis através dos portais para os novos territórios. Isso por si só gastaria dias e grande parte de sua energia.

Ela precisava de um atalho.

Precisava se lembrar de algo útil.



ANTES

Monstro era uma palavra gentil para a criatura que vivia na caverna, abrigada à sua entrada.

Era um dragão.

Quando Isla era criança, Poppy costumava contar histórias sobre bestas tão grandes quanto montanhas, com escamas feito cascas e garras nas pontas das asas, tão grandes que bloqueavam o sol. Isla costumava temer que uma delas encontrasse o caminho para o palácio dos Selvagens e destruísse seu quarto com um único grito ensurdecedor.

Não se preocupe, passarinha, dizia Poppy. *Todos os dragões já se foram.*

Não. Não se foram. Estavam apenas se escondendo.

— Ele está dormindo — sussurrou Isla.

O dragão estava enroscado na boca da caverna, com a cabeça voltada para dentro. Seu corpo subia e descia em um ritmo constante. Ela franziu os olhos. A caverna não era profunda. Havia uma fresta que o dragão não estava cobrindo, e ela podia ver atrás dele, lá dentro.

— Não — disse, piscando rapidamente. — Não pode ser. Não, é muito fácil, não pode…

— É a espada — disse Grim.

Logo atrás do dragão, a espada estava apoiada em cima de uma pilha de outros artefatos. Era feita de duas peças de metal, trançadas como amantes até se juntarem na ponta.

Ela fez um som de alívio.

— Só precisamos passar por ele sem acordá-lo. Isso é tudo.

Grim não pareceu convencido.

— E, se ele acordar, vai nos transformar em cinzas — murmurou.

Eles se aproximaram da caverna lentamente, em silêncio, mantendo-se na beirada.

Vai ser fácil, pensou Isla.

O dragão estava dormindo profundamente. A espada estava *bem ali*; ela podia *vê-la*.

No momento em que Isla colocou os pés dentro da caverna, algo voou pelos céus. Ela sentiu um uivo de dor na perna.

Grim agiu rápido como um relâmpago. Ele a derrubou e a prendeu no chão, com a mão atrás de sua cabeça para amortecer a queda. Menos de um segundo depois, meia dúzia de flechas atravessaram o corpo dele.

Isla abriu a boca para gritar, mas, antes que pudesse emitir um som, a outra mão de Grim abafou seus lábios. Ela permaneceu ali, fria e sólida como gelo. Os olhos dela se arregalaram e encontraram os dele, os rostos dos dois a centímetros de distância, enquanto mais flechas o atingiam nos braços e pernas. Seu corpo se sacudia a cada novo impacto, até finalmente acabar.

Houve um momento de silêncio tenso, ambos esperando para ver se tinham acordado o dragão. Ela ofegava, seu peito quase se encontrando com o dele.

Nenhum movimento.

Seus olhos se voltaram para os ferimentos. Doze flechas. Era um milagre que nenhuma delas tivesse atingido o coração. Sangue encharcava suas roupas, pingando sobre o corpo dela.

Ele a protegera do ataque, sem hesitação alguma.

Isla puxou a mão dele para longe de seus lábios.

— Nos leve embora por um portal — murmurou Isla, os lábios tremendo ao dizer as palavras.

Grim negou com a cabeça.

Se usassem o poder dele ou a varinha estelar, a espada desapareceria. Eles poderiam nunca mais encontrá-la.

De alguma forma, Grim tinha que sair da caverna.

Isla não sabia nem como *ela* sairia. A flecha que a havia atingido antes de Grim se tornar seu escudo havia atravessado sua perna.

Mais forte do que ela podia imaginar, Grim de alguma forma conseguiu ficar de pé. Ela se levantou silenciosamente, mas teve que morder a mão para não gritar de dor. Tentou dar um passo e quase desabou de volta no chão.

Com um movimento rápido, ela foi erguida do chão. Grim, com doze flechas ainda perfurando seu corpo, segurou Isla nos braços e de alguma forma caminhou firmemente para fora da caverna e através do campo até que pudessem sair dali por um portal.

Quando pousaram em seu quarto, Grim desabou, derrubando Isla no chão. Ela ofegou enquanto se levantava, indo em direção a ele. Não. Para os armários. Ela abriu todos, procurou freneticamente por suprimentos médicos e encontrou ataduras Lunares. Usou sua varinha para voltar ao seu quarto, pegou um frasco inteiro de elixir de cura e retornou.

Antes de poder ajudá-lo, sua própria perna precisava ser tratada, ou ela perderia muito sangue e desmaiaria. Se preparando por apenas um segundo, ela quebrou a ponta da flecha e a retirou. Gritou contra as costas da mão. A ferida ardeu quando o elixir curativo gotejou sobre ela. Seus dedos tremiam enquanto ela enrolava rapidamente a perna com a atadura.

Sem tempo para lamentar a dor, ela mancou até onde Grim mal conseguira se sentar e se ajoelhou diante dele.

— Eu vou…

— Faça — disse ele, sua respiração pesada.

Ela quebrou a primeira flecha e ele praguejou. Ela a retirou e, quando derramou elixir curativo sobre a ferida, ele rugiu.

— Bem, você tem cerca de mais uma dúzia delas, então é melhor aguentar — disse ela, repetindo parcialmente as palavras dele, apenas porque sabia que isso o incomodaria o suficiente para permanecer acordado. — Ou você esqueceu que a dor é *útil*?

— Não zombe de mim — disse ele, dentes à mostra. — É verdade.

Ela revirou os olhos.

— Vou te contar um segredo, Devoradora de Corações. — Ele deu um solavanco quando ela retirou a próxima flecha. — A dor te torna poderoso.

Isla deixou escapar um som de aborrecimento.

— Não, não torna. Embora eu suponha que isso seja algo bem típico dos Umbras.

— Não — respondeu ele, a boca se curvando como se estivesse achando graça, mesmo enquanto sofria. — Não é um ideal. É verdade. A emoção alimenta o poder. E a dor é a mais forte delas.

Isla franziu a testa. Aquilo não podia ser verdade.

— É verdade — disse ele, provavelmente sentindo sua dúvida.

Se *fosse* verdade…

— Você já… já se causou dor de *propósito*…

— Sim — respondeu ele rapidamente. — Já me causei dor de propósito para acessar níveis mais profundos de poder. Isso foi há muito tempo. Agora, não é tão necessário. E… há muitos tipos diferentes de dor.

Isla ainda não conseguia acreditar que fosse real. Todos os governantes sabiam disso? Por que não era amplamente utilizado, então?

Não. Não poderia ser.

Grim sacudiu a cabeça, lendo sua expressão ou suas emoções. Ele fez um som de reprovação e, em seguida, se preparou quando ela retirou outra flecha.

— Ainda duvidando de mim — disse ele, olhando-a nos olhos. — Como, Devoradora de Corações, você acha que sou tão poderoso?

Isso fez suas mãos pararem por um momento em volta de uma das flechas. Ele tinha experimentado uma dor profunda. Era isso que ele estava dizendo.

Isso a surpreendeu, mas… ela queria saber o que o havia deixado daquele jeito. Quem ou o que o havia machucado.

Ele a encarou. Ela o encarou de volta.

Isla removeu uma das flechas de seu peito e ele rugiu.

Quando a última flecha foi retirada, ela já tinha ouvido todos os palavrões que conhecia e mais de uma dúzia que não conhecia. Ele ajudou Isla a tirar sua camisa para que ela pudesse aplicar o elixir de cura. Ela avistou o pequeno amuleto sob a roupa dele. Aquele que o mantinha imune à maldição dos Umbras. Quando o peito dele ficou nu, ela fez careta diante das dezenas de feridas.

Grim riu de forma sombria.

Riu.

— Nunca uma mulher fez careta para o meu corpo nu.

Ela balançou a cabeça.

— Deve ser exaustivo carregar um ego tão magnífico.

Ele riu levemente enquanto ela começava a aplicar o elixir. Ao primeiro toque do líquido em sua pele, ele sibilou. Seu corpo normalmente frio estava febril.

— Sua perna — disse ele, mesmo sangrando de uma dúzia de lugares.

— Já está enfaixada — respondeu Isla antes de passar para a próxima ferida.

Ela trabalhou rápida e diligentemente, a testa franzida em concentração enquanto garantia que todos os estilhaços fossem retirados de sua pele e que cada ferida estivesse completamente limpa. Em todo o processo, pôde senti-lo a observando.

— O que foi? — ela finalmente perguntou.

Mesmo provavelmente sentindo uma dor debilitante, o demônio ainda conseguia parecer satisfeito. Ele deu um sorriso de canto.

— Acho irônico que a Devoradora de Corações que me esfaqueou no peito agora esteja cuidando dos meus ferimentos.

Ela o encarou.

— *Eu* acho irônico que o demônio que afirma não ter mais nenhum traço de humanidade tenha agido como escudo contra um exército de flechas para me salvar.

Ele não disse nada.

Quando terminou com o último ferimento, metade do elixir de cura tinha acabado. A gaze estava nas últimas voltas.

Agora que havia cuidado de Grim, Isla olhou para a bagunça à sua frente: a camisa encharcada de sangue, a pilha de flechas quebradas. Ela jogou as mãos para o alto.

— Sério. Por que você fez isso? — perguntou ela, exasperada.

A cabeça de Grim estava pendendo. Ele parecia a meio segundo de desmaiar.

— É uma maneira interessante de dizer obrigado — murmurou ele.

Uma de suas bandagens já estava encharcada de sangue, então ela se moveu para apertá-la, de modo a parar o fluxo. Depois de posicioná-la corretamente, fez menção de afastar as mãos, mas uma das mãos dele pousou sobre as dela, pressionando seus dedos no peito dele.

— O frio, Devoradora de Corações — disse ele antes de fechar os olhos. Sua cabeça caiu para trás, contra a parede. — Ele alivia a dor.

Ela permaneceu parada por alguns minutos, o único movimento a batida constante do coração de Grim em algum lugar perto de sua mão. Os olhos dele permaneceram fechados o tempo todo. Depois que sua mão aqueceu encostada na dele, Isla a retirou e sentou-se ao seu lado, encostada na parede.

— O que aconteceu? — perguntou ela. As flechas tinham vindo do nada. — Não vi ninguém, nem mesmo de onde vinham…

— Não foi uma pessoa; era uma arma. Um mecanismo projetado para disparar contra intrusos. Já vi antes.

— Onde?

— No meu próprio castelo.

Isla virou-se para olhá-lo. Seus olhos ainda estavam fechados e sua cabeça permanecia encostada na parede.

— Você acha que a ladra a roubou do seu castelo?

Grim deu de ombros.

— Se ela fez isso, é realmente a melhor.

— Então não tem jeito de contornar a situação.

Ele balançou a cabeça.

— Infalível, infelizmente.

Ela suspirou.

— O que fazemos agora?

A distância era grande entre eles e a espada. Mesmo que pudessem atrair o dragão para fora da caverna, quem sabia quantos outros encantamentos a ladra tinha colocado para proteger seu espólio?

Grim gemeu quando se endireitou.

— Esta noite? Bebo toda a minha reserva de álcool. Depois? Suponho que vá continuar a servir de escudo até passarmos por todas as proteções.



DOR

O poder era metal em sua boca, em suas narinas, descendo pela garganta, em seu estômago. Iluminava cada centímetro dela, de cima a baixo; ela era um farol brilhante, uma lâmina de poder esculpindo o mundo com a forma e as medidas que desejava.

Em suas lembranças, Grim lhe ensinou algo que ninguém mais se preocupou em fazer. Para vencer, ela precisava de mais poder.

Grim afirmava que a *dor era a emoção mais forte*.

A dor pode ser útil.

Árvores brotavam do solo em explosões de terra. O solo quebrava e se erguia até formar o início de montanhas. Flores se espalhavam diante dela, tantas, tão rapidamente, que caíam para o lado da ilha.

Mais. Ela precisava de *mais*.

Plantas espinhosas, as mesmas que a haviam esfaqueado por toda parte durante o Centenário, surgiram em espessas moitas. Plantas com folhas envenenadas brotaram. Ela pintou o Continente com ambas, todas as partes que precisavam bloquear.

Isla afundou as mãos na terra, os dedos em formas selvagens, e urrou até que o solo se rompeu e mais plantas se formaram ao seu redor. Plantas monstruosas cobertas de espinhos que lutariam de volta e se defenderiam.

Não soube se minutos ou horas depois, ela o sentiu, um raio de sol pousando atrás dela.

— Isla? — chamou ele. Seu nome era uma pergunta.

— Terminei — disse ela. Parecia quase impossível criar tanta natureza em nove dias, mas ela fez em uma única noite. — Olha. Eu construí muros para bloquear os caminhos deles. Cobri todos os espaços abertos. Grim só vai poder transportá-los para onde você e Zed decidiram. — Ela estava radiante.

Ele não parecia orgulhoso.

Ele parecia… horrorizado. Isla pensou que nunca se esqueceria do jeito como ele a olhou naquele momento. Como se ela fosse… errada.

Como se ela fosse um monstro.

— O que você fez?

Ela seguiu a direção do olhar dele e viu. Sangue pingava na frente do seu vestido; ela levou as mãos ao líquido vindo de seus olhos, seu nariz, dos lados de sua boca, suas orelhas.

Poder… tinha gosto de sangue.

Tinha gosto de sangue.

Ela repetiu a frase sem parar, ou talvez fosse apenas em sua cabeça, talvez ela vivesse em sua cabeça, talvez nunca precisasse sair, talvez devesse se abrir completamente para o mundo e deixar tudo o que havia nela finalmente se derramar…

— *Isla.* — Oro tocou seus ombros com mãos ásperas e a sacudiu. Parecia zangado. Chateado.

Decepcionado.

Ela recolheu seu poder de volta para dentro de si mesma e o mundo se estabilizou diante dela.

As vozes pararam.

Era apenas ela e Oro. E mesmo assim… ele parecia descontente.

— O que você fez? — perguntou ele novamente, com a voz brusca. Era a voz do rei, não do homem que dormia ao seu lado, que acariciava suas costas para ajudá-la a pegar no sono.

— Encontrei um atalho. E o testei.

Oro analisou a mão dela, e Isla fez uma careta ao observar o que tinha feito ali. Esculpira uma linha espessa no meio da palma. Era o atalho. Fizera o que Oro a havia alertado meses antes a não fazer.

Usara emoção para estimular o poder.

A dor pode ser útil.

A dor deixa você poderoso.

— Está tudo bem — disse ela, pegando seu elixir de cura do bolso. Ela colocou uma gota em sua ferida e viu a pele se regenerar. — Olha. Como se nada tivesse acontecido.

— Isla — disse Oro com cuidado. — Eu te disse. Usar o poder através da emoção é perigoso. O poder pode ser imediato e forte, mas tem um custo. — Suas mãos estavam fechadas; ele estava quase tremendo. — Eu te disse que isso poderia te matar! *É* um atalho — ele disse, cuspindo as palavras. — Um atalho para a morte.

O calor envolveu o ar. De repente, estava sufocante. Em seguida, se foi.

A compreensão o fez ficar predatoriamente calmo.

— Ele te ensinou isso. Nas suas lembranças.

Isla não negou.

Oro a olhou… e balançou a cabeça. Ele estudou o rosto dela, coberto de sangue, depois sua mão agora curada, e disse:

— Não te reconheço, meu amor.

Suas mãos tremiam. Ela também não se reconhecia. Ela não reconhecia a garota em sua mente, aquela que tomara decisões que não entendia…

— Eu sei que você quer entrar no cofre. Sei que quer derrotar Grim. Sei que quer salvar a si mesma e a todos... Mas esse não é o caminho. — Ele a olhou. — Prometa que não vai tentar isso de novo. Por favor, me prometa.

— Eu prometo — disse ela, porque ele parecia tão preocupado. Porque ele só estava tentando protegê-la.

Ela não queria contar que, embora estivesse sangrando, se sentia mais forte do que nunca. Ela se sentia no controle. Transcendente.

O sangue tinha gosto de poder, ela queria dizer. Poder…

Tinha gosto de sangue.

Nos dias seguintes, Isla não dormiu. Ela começou a transportar todos os civis para as novas terras e reconheceu alguns deles.

Nenhum zombou dela ou a xingou. Não quando ela era o único meio rápido de sair da ilha antes do ataque.

Ela estava prestes a deixar a nova terra dos Estelares pela décima vez naquele dia quando fez algo que vinha evitando há muito tempo.

Ela entrou em um quarto que era quase tão familiar quanto o próprio. Ela quase esperou que Celeste — *Aurora* — estivesse lá, trançando seu cabelo prateado, apenas para fazer alguma coisa com as mãos.

O quarto estava vazio.

Memórias estavam por toda parte. A pilha de cobertores prateados no canto, que costumavam usar para se enrolar. A tinta descascada que revelava outra cor por baixo, remanescente de uma era anterior. O chão de pedra em frente à lareira, desgastado pelo tempo, liso o suficiente para se deitar. Costumavam brincar que os Estelares antes de Celeste amavam aquele lugar tanto quanto elas. Agora, Isla supunha, sempre tinha sido Aurora, sentada diante daquela lareira. Mudando a cor do quarto. Sozinha, até que Isla apareceu.

As chamas haviam sumido. Restavam apenas cinzas.

Uma coleção de globos estava em uma prateleira. Eram algumas das posses mais preciosas de Celeste. Cada um continha algo misterioso. Celeste alegava que haviam sido passados de geração em geração e que ela não sabia o que havia em cada um.

Mentirosa.

Isla pegou o maior e o jogou no chão. Ele se espatifou, vidro se espalhando por toda parte. Lágrimas de raiva pinicavam os cantos de seus olhos.

— Você deve ter pensado que eu era uma idiota.

Ela atirou outro na parede.

— Você ria quando eu saía do seu quarto? Quando te contei meus maiores segredos, e tudo o que você me deu foram mentiras?

Outro globo atingiu a porta.

— Alguma coisa era real? — Ela jogou outro.

Pensou na garotinha Estelar que foi morta pelas criaturas. Todas as pessoas que morreram nos últimos cinco séculos. Sua voz tremia enquanto dizia:

— Eu te matei, e não foi o suficiente. As maldições não morreram com você. Elas ainda são sentidas. — Isla fechou as mãos em punhos. — Você sabia que ia matar milhares de pessoas? Você sequer se importava?

Sombras explodiram dela em formato de garras. Cortes percorreram as paredes, atravessando a tinta. Havia um halo preto ao redor de seus pés.

Isla ofegou, a raiva e a tristeza presas em seu peito. Ela fechou os olhos com força enquanto as lágrimas corriam por suas bochechas. Lançou o braço para o lado e as sombras destruíram o restante dos globos.

Todos estavam vazios, exceto um. Quando ele se despedaçou na parede, algo flutuou lentamente até o chão.

Uma única pena prateada.

Isla deu um passo à frente. Ela se inclinou para pegá-la entre os dedos. Tinha a ponta afiada, quase como uma pena para escrever.

Por que Aurora colocaria uma pena em um globo?

Não havia tinta em sua base, mas, de toda forma, Isla tentou escrever em um pedaço de pergaminho. Nada.

O quarto estava em ruínas. Parecia que uma besta gigante tinha entrado e tentado sair usando as garras. Algo em seu interior se deleitou ao vê-lo destruído.

— Eu te odeio — disse Isla ao que restou do quarto.

Ela levou a pena consigo.

Era final da tarde, as sombras se alongando. As sombras que as árvores projetavam eram uniformes e maleáveis sob seu comando. Remlar estava sentado em um galho alto enquanto Isla girava em círculos, amarrando todas elas juntas. Quando estavam amarradas, ela moveu o pulso e as estalou como um chicote. Suas bordas afiadas cortaram uma fileira de árvores.

— Você aprendeu isso em uma de suas memórias? — perguntou Remlar lá de cima.

Isla o ignorou. Substituiu as árvores que tinha destruído por novas. Essa era a sua regra. Substituir tudo o que estragasse.

— Agora que a guerra está quase chegando, sinto a necessidade de lembrar que nem toda vida pode ser restaurada — avisou Remlar. — Pelo menos, não em Lightlark.

Ela trincou os dentes; estava ciente desse fato, e isso a corroía.

Se Oro estivesse certo e Grim realmente estivesse declarando guerra por causa dela… isso significaria que cada uma das mortes estaria em suas mãos. Ela não suportaria isso, não conseguiria viver com isso.

Ainda não entendia. Em suas memórias… eles não se amavam nem um pouco.

A escuridão jorrou dela quando estendeu a mão e atravessou a floresta, destruindo tudo em seu caminho. Havia algo terapêutico em usar suas habilidades de Umbra. Era como deixar a pior parte de si mesma extravasar.

Remlar flutuou para baixo da árvore, pousando firmemente na frente dela. Ele parecia satisfeito.

— Sua escuridão está florescendo — disse ele, os olhos percorrendo o caminho que suas sombras haviam feito. Ela tinha destruído parte da floresta.

— Está — concordou Isla. Ela tinha sentido isso por dentro. Se desenrolando. Despertando. Ela estava se lembrando de cada vez mais. — É disso que tenho medo.

— Você não deveria ter medo. Deveria usá-la.

— Usar como?

— A guerra será em poucos dias. Eu e meu povo — ele acenou para a colmeia — planejamos lutar. Há outras criaturas em Lightlark tocadas pela noite que se juntariam a você, se pedisse.

Ela balançou a cabeça.

— Não, não se juntariam. Eu *já* pedi. — Ela pensou na mulher-serpente na Ilha da Estrela.

— Você pediu a todas elas?

Não, ela não tinha pedido.

— Como convencê-las? O que eu ofereceria a elas?

— Você — disse ele. — Você oferecia a si mesma.

— Eu?

Remlar acenou com a cabeça.

— Passaram-se milhares de anos desde que uma única pessoa empunhou tanto o poder dos Umbras quanto o dos Selvagens. Você nem imagina o que isso significa.

Isso a lembrou da reverência com que os Vinderens a tratavam.

— Me diga o que isso significa — ela quase implorou.

— Você não precisa que eu te diga. Verá por si mesma. — Ele fez um gesto ao redor. — As criaturas tão antigas quanto eu na ilha se juntarão a você. Elas entenderão imediatamente o que você é.

— E o que eu sou?

Ele a encarou, e ela viu um brilho em seu olhar.

— Esperança.

— Esperança? — perguntou Isla, antes de se voltar para um som de gotejamento repentino.

Havia uma estranha coluna de água caindo do céu.

Ela piscou, e o restante da floresta desapareceu.



ANTES

A banheira estava quase cheia. A água estava turva, mais escura que um pântano. Ela podia ver a coluna de água do quarto dele.

— Medicinal — disse Grim, a voz rouca. — Ajuda na cicatrização.

Ele começou a tirar as roupas, revelando cortes profundos que teriam sido mortais para qualquer pessoa sem o poder de um governante.

Eles tinham visitado a caverna cinco vezes. Em cada visita, descobriam mais um encanto projetado para manter ladrões afastados. Grim sempre recebia a maior parte do impacto, mas naquele dia, quando um milhão de fragmentos de gelo haviam caído do teto, alguns tinham cortado os braços, rosto e costas dela antes que ele a puxasse para longe.

Isla fez uma careta ao se mexer para puxar a varinha estelar de onde ficava, em suas costas. Sua pele estava coberta de sangue. Seu frasco de elixir de cura estava acabando lentamente. Ela teria que entrar sorrateiramente no quarto de Poppy enquanto ela dormia se quisesse conseguir mais.

— Fique.

A palavra foi seguida pelo silêncio. Foi dita de forma objetiva. Com um tom monótono.

— Ficar?

Grim agora vestia apenas as calças. Seu peito era uma tela de cortes, sangue e, claro, a marca perto de seu coração.

— A banheira é grande o suficiente para dois. Isso ajudará a não deixar você com cicatrizes.

Isla apenas o encarou.

Ele não a olhou nem fez qualquer comentário sugestivo. Parecia que estava cansado demais para dizer algo que valesse a pena ser repreendido.

— Vou ficar de costas.

Isla percebeu que estava cansada demais para recusar a oferta de um banho quente com propriedades curativas. Mas…

— Não posso. Lembra? — Parecia que haviam duelado há anos.

Antes que Isla pudesse dizer mais uma palavra, Grim disse:

— Retiro minha vitória. Você é bem-vinda em todas as partes do meu palácio.

Isla disse a si mesma que foi o choque que a fez entrar no banheiro. Fiel à sua palavra, pelo menos daquela vez, Grim virou-se de costas. Ela também.

O som de suas calças sendo retiradas pareceu ecoar por todo o amplo banheiro. Em seguida, o som da água se abrindo, permitindo que ele entrasse, acomodando-se ao redor dele.

Ela não verificou se ele estava de costas quando tirou as próprias roupas. Foi um processo doloroso. O tecido grudava em suas feridas, e o sangue funcionava como um adesivo bastante inconveniente. Ela emitiu um pequeno gemido de dor e torceu para que ele não tivesse ouvido, embora soubesse que ele ouvia tudo. O barulho de suas calças sendo roladas para baixo até os tornozelos. Seus dedos desfazendo a trança.

O gemido quando ela colocou uma perna na banheira, calafrios percorrendo sua panturrilha e a coluna, até o topo da cabeça.

Grim ficou completamente imóvel quando ela entrou de vez. Tudo o que ela via eram as costas dele, tensas em sua postura rígida, os ombros quase tão largos quanto a própria banheira. Todo o resto estava oculto sob a água escura, girando com um encanto de cura.

— Você pode se virar — disse ela. Ele não se moveu. — A água… ela cobre tudo.

Era verdade. A única parte visível dela era a cabeça, enquadrada por cabelos molhados, os ombros e as clavículas.

Segundos passaram. Desconfortáveis. Finalmente, no entanto, ele se virou. Ela estava recostada contra um lado. Ele estava recostado contra o outro. A banheira era enorme; eles poderiam muito bem estar em lados opostos do quarto. Apenas ficaram olhando. Não trocaram palavras, mas ela viu uma compreensão ali. Duas pessoas que tinham lutado lado a lado por algo que ambos desejavam mais do que quase qualquer coisa. Uma chance de salvar seu povo.

A água ficou cada vez mais clara, o medicamento se dissolvendo, até que Isla cruzou as pernas, encolheu-as contra o peito e desviou o olhar quando Grim não fez o mesmo.

Ainda estava olhando para o outro lado quando o ouviu se levantar, a água se dispersando como sempre acontecia com tudo no caminho de Grim, e ele saiu.



ARMADURA

Era hora de fazer uma armadura para Lynx. Ela havia treinado montá-lo na floresta, subindo colinas, descendo penhascos íngremes. A cada sessão, o desdém dele por ela diminuía, pouco a pouco. Ele quase parecia satisfeito por Isla agora ser capaz de se manter presa a ele, não importava quão rápido corresse.

— Viu isso? — disse ela na última vez. — Agora consigo me segurar.

Ele imediatamente fez uma curva acentuada, o que a fez cair direto em um riacho.

Desde que ele não estivesse tentando derrubá-la de propósito, Isla se sentia confiante de que poderia levá-lo para a batalha.

Wren estava treinando com os outros guerreiros Selvagens quando Isla a encontrou.

— Quero mandar fazer uma armadura para ele. Gostaria de um conselho sobre como poderia ser.

Wren franziu a testa.

— Você não precisa mandar fazer.

— Eu…

— Lynx já tem uma armadura.

Isla se virou lentamente para olhar para o leopardo, que apenas piscou para ela.

— Tem?

Wren assentiu. A luz em sua expressão de repente diminuiu.

— Ele lutou bravamente. Com… sua mãe.

— Ele lutou contra quem? — perguntou ela, perplexa.

A Selvagem sorriu.

— É uma história bastante interessante. Ficaria feliz em contá-la.

Ela queria ouvir mais do que qualquer coisa… mas não naquele momento. Não quando cada hora importava. Menos de uma semana antes da batalha.

— Outra hora, eu ficaria muito grata em ouvi-la — disse Isla. — Você sabe onde está a armadura?

Wren a conduziu até um depósito de armas. Havia dezenas de espadas, conjuntos de armaduras e escudos. No fundo estavam enormes folhas de metal que só poderiam servir a uma criatura muito específica e facilmente irritável.

Isla teve que se concentrar por vários segundos antes de conseguir, com dificuldade, usar sua energia Estelar para mover a armadura até Lynx. Ela incluía placas de ferro para os flancos, o peito e o pescoço. Tinha até pequenos buracos para suas orelhas pontudas e um lugar para ela se sentar. Wren a ajudou a montar a armadura e, quando terminaram, Isla deu um passo para trás.

— Você parece ameaçador — comentou ela.

Lynx emitiu um som de aprovação. Ele parecia gostar de estar de volta em sua armadura. Ele abaixou a cabeça, indicando que ela subisse em suas costas, e Isla montou nele.

— Obrigada! — disse ela a Wren enquanto Lynx partia.

Ele saiu correndo do castelo para a floresta. Isla se segurou à estranha sela, achando que aquilo tornava muito mais fácil se manter firme.

Ela abaixou a cabeça quando atravessaram a vegetação. Nas primeiras vezes, tinha medo de estar tão no alto, mas agora se sentia segura. Protegida.

Lynx diminuiu a velocidade no meio de uma clareira. Ele abaixou a cabeça, seu silencioso pedido para que ela saltasse. Ela obedeceu.

Não havia nada por perto. O que ele queria mostrar a ela?

Normalmente, Lynx já teria se endireitado, mas sua cabeça ainda estava baixa. Ela tocou entre seus olhos, perguntando silenciosamente o que ele queria, e ficou rígida.

Sua visão foi tomada. Não, substituída. Ela estava na mesma clareira, mas parecia diferente. Havia mais árvores. A grama parecia mais saudável.

Havia uma garota. Ela? Parecia muito com ela. Mas não estava usando aquelas roupas… ela raramente andava com as mãos nos quadris.

A imagem ficou mais clara e sua voz tremia enquanto ela disse:

— Aquela é… é…

Sua mãe.

Ela nunca tinha visto a mãe antes. Não havia pinturas dela. Terra e Poppy não lhe deram uma descrição para além de um comentário sobre terem o mesmo rosto.

Agora, ela via claramente. Lynx estava *mostrando* a ela.

Sua mãe era muito mais bonita. Tinha a pele mais bronzeada e cabelos mais espessos. Mais brilhantes. Seus olhos eram mais verdes. Tinham os mesmos lábios, no entanto. Mesmas maçãs do rosto. Narizes ligeiramente diferentes.

— Lynx, vá logo — disse sua mãe. — Terra vai arrancar nossas cabeças.

A imagem desapareceu e Isla começou a protestar, até que foi substituída por outra.

Era a mãe dela de novo, mas dessa vez havia outra pessoa também. Um homem com cabelos pretos e pele mais clara. Ele estava olhando

para a mãe dela da mesma maneira que Oro olhava para Isla. Como se estivesse pronto a dar sua vida pela dela.

A imagem mudou, e havia choro. Seus pais seguravam um pequeno embrulho, parecendo prestes a explodir de felicidade.

Isla caiu de joelhos. Lágrimas escorriam por suas bochechas, caindo na grama à sua frente. Ela mal conseguia falar.

— Você, você me conheceu... — disse ela finalmente.

Lynx a tinha visto quando bebê.

Isso foi antes de os pais dela serem mortos. Ele não devia estar presente quando isso aconteceu, porque Isla sabia com certeza que Lynx teria feito de tudo para proteger sua mãe.

Ele sentia vergonha? Culpa? Será que culpava Isla pela morte da mãe? Ou culpava o pai dela?

Lynx emitiu um som suave ao se inclinar e limpar as lágrimas de Isla com a pelagem, nas partes que não estavam cobertas de ferro. Ele acabou passando o nariz úmido pelo rosto dela, que arfou.

— Obrigada por me mostrar — disse finalmente. Isla não tinha certeza de como exatamente funcionava a conexão do elo, mas sentia gratidão. — Nunca a conheci, mas… acho que isso a teria deixado feliz. Nós… nos encontrando.

Lynx fechou os olhos por um longo tempo e ela pôde sentir a tristeza dele como se fosse dela. Encostou a bochecha na dele e, por um tempo, ficaram apenas os dois, na clareira, compartilhando uma memória.

Quando o sol se pôs, Isla os transportou de volta para seu quarto.

Lynx ficou encolhido em seu canto favorito enquanto ela encarava suas espadas, contemplando quais levar para a batalha. Houve um farfalhar de movimento atrás dela, que se virou no meio de uma frase.

E então ela viu que Lynx tinha sido completamente substituído por outra pessoa.



ANTES

Grim estava parado na frente dela. Isla estava pronta para ir para a caverna novamente, mas ele disse:

— Esta noite, não.

— Por que não?

— Tenho um compromisso.

Ela franziu a testa.

— O que é?

— Um baile — disse ele com desprezo.

Isla riu.

— Um *baile*?

— Acha isso engraçado?

Ela deu de ombros.

— *Você* organizando um baile? Decorações? Vestidos? Taças de vinho tilintando?

Isla nunca tinha ido a um baile de fato, mas era a imagem pintada por Celeste e pelos livros que havia lido.

— Longe disso — disse ele friamente. Por sua reação, ele fazia um baile parecer uma sentença de morte. — Eu cancelaria, mas é uma boa distração.

— Do quê?

Ele não respondeu, mas ela imaginou que se referisse a qualquer perigo que estivesse ameaçando o reino Umbra. A ameaça que misteriosamente podia ser resolvida pela espada. A razão pela qual muitas vezes havia longos intervalos entre suas visitas. O assunto *mais urgente* que ele com frequência precisava resolver.

— Posso ir?

Ele a olhou como se ela tivesse pedido seu trono.

— Claro que não.

Então ele desapareceu.

Naquela noite, Isla estava entediada na cama, lendo seu livro mais recente pela décima vez. Ela já tinha preenchido as margens com anotações.

Com um suspiro tão dramático quanto possível, virou de costas e jogou o livro para o outro lado da cama. Ela se perguntou como seria o baile. As mulheres se atirariam em Grim? Claro que sim. E ele provavelmente as receberia de braços abertos. A ideia a deixava mais do que um pouco nauseada.

Já tinha colocado o pijama e estava pronta para dormir quando sua varinha brilhou por debaixo do assoalho. Era quase como um convite.

Um convite que ela aceitou.

Depois de uma rápida e furtiva viagem ao mercado noturno, estava vestida com a menor quantidade de tecido possível para ainda ser considerada vestida.

Ela duvidava que Grim sequer a visse. Seria discreta. Mesmo que ele a visse, e daí? Teria que fingir que não a conhecia, para manter as aparências. Era tarde da noite e a maioria das pessoas no baile provavelmente estaria muito embriagada para perceber. Eles não podiam sair até o amanhecer. A festa duraria até a manhã, ela se deu conta.

Isla transportou-se para o castelo de Umbra.

Se a palavra *devassidão* fosse um lugar, seria aquele. Os corredores do castelo estavam cheios de música tão alta e rápida que abafava os

gemidos que ela só ouvia quando passava pelos corredores escuros, com pessoas se movendo freneticamente nas sombras. Dentro do salão de baile, toda pretensão de decência era abandonada.

Pessoas dançavam com longas fitas de seda preta em plataformas que pontilhavam a sala, entremeadas por armaduras completas. Nos cantos mais escuros, casais estavam atracados, parecendo não se importar nem um pouco em ter centenas de pessoas como testemunhas.

Isla estivera constrangida pela quantidade de pele à mostra, mas agora via que usava a maior quantidade de tecido do salão. Seu vestido era preto, com uma trama fina e um decote profundo feito de duas tiras que cobriam os seios antes de se juntarem no meio. Tinha uma fenda até o quadril.

Os olhares se voltaram para ela imediatamente. No início, entrou em pânico, perguntando-se se de alguma forma a reconheciam.

Não, os olhares não eram ameaçadores. Eram famintos.

Naquela noite, ela os recebeu de bom grado. Sentia-se bem em ser vista e desejada.

Isla presumiu que a festa estaria lotada e barulhenta o suficiente para que ela nem visse Grim, mas…

Ele a encontrou imediatamente.

Ela sentiu o olhar dele como uma marca e, quando a multidão naturalmente se afastou ao som de uma nova música, um caminho direto através da sala abriu-se de Grim até ela.

Mesmo de longe, ela podia ver que ele estava furioso. Mulheres lutavam por sua atenção, quase sem roupas, mas ele a observava, olhos flamejantes de tanta raiva, parecendo pronto para declarar uma guerra.

Isla fez a coisa mais tola possível em resposta à sua raiva, que foi sorrir e soprar um beijo zombeteiro.

Imediatamente, ele se levantou, derrubando algumas das taças que as mulheres haviam colocado ao redor de seu trono. Ele nem olhou para baixo; tudo o que fez foi dar um passo à frente, como se estivesse

prestes a transportá-la até ele e mandá-la direto de volta para os Selvagens.

Não. Ela sabia que não adiantaria muito, se ele realmente quisesse encontrá-la, mas se enfiou na multidão. No meio de tanta gente, Grim não ousaria aparecer e arrastá-la. Ela era desconhecida na corte, e isso chamaria muita atenção e causaria muitas perguntas que Grim evitava a todo custo.

Pelo menos foi o que ela disse a si mesma.

A música pareceu ficar mais alta, e Isla dançava, apenas mais uma pessoa na multidão. Ela encontrou olhares que a examinavam de cima a baixo e pareciam gostar do que viam. Um par de olhos nunca a deixava enquanto se movia, até que a música terminou e o homem se aproximou.

Ele era alto, tinha uma cicatriz no rosto e cabelos curtos. Não era tímido em demonstrar seu interesse.

— Você é a criatura mais linda que já vi.

"Criatura" parecia um termo estranho, mas ela nunca havia sido abordada de maneira tão ousada, e sentiu a pele arrepiar.

— Sou?

Ele deu um passo para mais perto dela.

— Nunca vi um rosto como o seu. Nunca.

Isla podia sentir que estava corando. Era tão bobo, mas o elogio a derreteu.

— Dança comigo?

A multidão atrás do homem se moveu e Isla viu Grim claramente, sentado de volta em seu trono. Seu olhar estava fixo nela, com uma expressão de fúria. Seus olhos se estreitaram, como se a desafiassem, *a desafiassem* a dizer sim.

Ela sorriu.

— Adoraria — respondeu ela, observando os nós dos dedos de Grim se apertarem no trono.

A dança começou bem inocente. O homem se manteve a uma distância respeitável e a conduziu por uma série de movimentos que

correspondiam ao ritmo acelerado dos tambores. Em seguida, o Umbra ofereceu uma bebida, e ela a engoliu de uma vez só, na esperança de ganhar coragem para ter a melhor noite de sua vida enquanto ainda podia. Em questão de minutos, se sentiu leve como uma pena, e o ritmo da música parecia estar sincronizado com o ritmo de seu coração, ambos acelerando.

Mantendo o olhar no governante Umbra, ela se posicionou na frente do homem e dançou. Os nós dos dedos de Grim ficaram esbranquiçados de tanto apertar as laterais de seu trono.

Ele a observava como se pudesse vê-la com clareza, como se estivesse prestes a transformar toda a multidão diante dela em cinzas.

Ainda assim, ele não se moveu para impedi-la. Quando o homem perguntou se ela queria ir para o salão, e Isla havia visto *exatamente* o que acontecia lá, ela disse sim e deixou que ele a levasse.

Isla esperava que Grim os seguissem, mas ele não fez isso. Apenas alguns passos fora do salão de baile, ela desviou o foco para o homem que a guiava.

Decidiu que iria beijá-lo. Grim era a única pessoa que já havia beijado. Toda vez que estava perto dele, sentia-se coberta de faíscas. Mesmo quando estavam separados, ela se sentia um pouco vazia, como se ele tivesse levado consigo uma parte dela.

Talvez fosse assim com todos os homens. Talvez ela beijasse aquele ali e visse que era igual. Melhor, até.

Isso seria um alívio. Grim era seu inimigo. Ela *não deveria*, não podia, se sentir atraída por ele.

Encontraram um corredor vazio e o homem não perdeu tempo. Ele a pressionou na parede, e sua boca foi direto para a dela.

Nada. Sua pele não formigou. Ela não sentiu o calor percorrendo seu corpo. Ele tinha gosto de fumaça e álcool, então ela virou o rosto, sem querer continuar a prová-lo. Ele interpretou isso como um convite para continuar pelo caminho do seu pescoço.

Talvez ela só precisasse se acostumar com ele. Permaneceu imóvel enquanto ele a explorava, esperando que uma conexão se formasse.

Não foi nada parecido com Grim. O homem apalpou seus seios de uma maneira que deveria fazê-la gemer. Ela não sentiu nada.

Sua mão começou a descer pela barriga de Isla, e ela a observou, sabendo que poderia impedi-lo, mas se perguntando como se sentiria. Ele estava tão perto. Talvez, se ele a tocasse lá…

Assim que ele chegou ao final de sua barriga, congelou. Ele não piscou. Seus ombros se ergueram em choque.

Foi quando ambos olharam para baixo e viram uma espada perfurando-o diretamente no peito, com a ponta a apenas alguns centímetros do peito de Isla. A lâmina foi rapidamente removida e o homem caiu no chão, revelando Grim, parado bem na frente dela.

— Não se preocupe, Devoradora de Corações. Ele não está morto. Eu vou me certificar disso — disse Grim em resposta à expressão de horror dela. Ele se inclinou para sussurrar, muito lentamente: — Porque vou levá-lo à beira da morte mil vezes antes de enfim permitir a ele a misericórdia de morrer.

Isla o encarou em choque.

— Porque… ele me beijou? — perguntou ela, o peito ainda arfando.

A raiva brilhou nos olhos de Grim e depois desapareceu.

— Não, Devoradora de Corações. Porque ele te envenenou.

Ela balançou a cabeça.

— O quê?

— A bebida que ele te deu. Poucos minutos a mais e você se encontraria paralisada, um receptáculo imóvel para o prazer dele.

Mesmo enquanto ele falava, Isla sentiu seus músculos se contraindo, como se cada parte de seu corpo estivesse se transformando em osso.

— Como você sabe?

— Eu não sabia até vocês saírem. Seu rosto e seu peito estão corados. É um sinal. — Ele inclinou a cabeça para ela. — Está sentindo, não está? — Grim lhe ofereceu um pequeno frasco. Um antídoto? Ela o engoliu. — Melhor?

Melhor. A tensão se dissipou.

Toda a suavidade desapareceu da expressão dele, que olhou para ela, para cada centímetro de seu vestido, o tecido enrugado nos lugares que tinham sido agarrados pelo homem que agora gorgolejava no próprio sangue a seus pés.

— Devoradora de Corações — disse Grim, a voz zombeteira —, quem diria que você estava tão desesperada por prazer? — Ela o encarou e ele apenas sorriu. — Se queria alguém tão desesperadamente, tudo o que precisava fazer era pedir.

Ela respirou fundo, tremendo.

— Eu preferiria morrer a deixar você me tocar, demônio.

Ele franziu o cenho.

— É mesmo? — Grim inclinou a cabeça, de modo que sua respiração fria ficou perto da boca de Isla. — Tudo bem. Não vou mais tocar em você até que você me peça. Não vou mais tocar em você até que você me *implore*.

— Isso nunca vai acontecer. Eu te odeio.

— Você pode me odiar, Devoradora de Corações, e ainda me desejar na sua cama.

Ela riu na cara dele.

— Nos seus sonhos, demônio.

— Nos melhores deles — concordou ele. Seus olhos a queimaram enquanto ele a olhava lentamente de cima a baixo. — Fazemos coisas tão depravadas nos meus sonhos...

Isla abriu a boca. Fechou-a.

Grim se aproximou, para que compartilhassem o mesmo ar.

— Quando você finalmente suplicar para eu te tocar, e você vai, nunca mais vai querer que outra pessoa te toque, Devoradora de Corações. — Sua voz era um sussurro sombrio no ouvido dela. — Tarde da noite, você vai pensar em mim te tocando. Com minhas mãos. Minha boca. — O peito de Isla ficou apertado com as palavras dele, a proximidade. Derretia por dentro; estava quente em todos os lugares. — E também vai sonhar comigo.

Isla fechou os olhos com força, tentando se forçar a sentir repulsa pelas palavras dele. Quando os abriu, tanto Grim quanto o Umbra que a havia envenenado tinham desaparecido.



NEXUS

Faltavam cinco dias. Isla havia retornado às novas terras Selvagens. Enya estava ajudando-a a fazer os últimos preparativos para os guerreiros viajarem para Lightlark. Os Solares já haviam encontrado um espaço para eles no castelo, perto de Isla. Catalogaram os elixires de cura que restavam, depois que ela deu uma grande parte deles a Calder e a Soren. Relutantemente, Soren concordou em deixar Calder acompanhá-lo enquanto tratava os Vinderens. Calder era um aprendiz ávido, que fazia anotações, o que parecia apenas irritar Soren.

Cada gota restante de elixir era crucial.

Ambas trabalharam sem falar, exaustas, mas não havia tempo para descansar. Isla terminou suas últimas tarefas e, no final do dia, as transportou de volta para Lightlark.

Nas poltronas de Isla, repletas de coisas, finalmente estavam quietas. Após alguns minutos de silêncio amigável, Isla perguntou:

— Você tem alguém? Alguém com quem… você se preocupa, além de Oro, Zed e Cal?

— Você quer saber se tenho uma companheira?

Ela assentiu.

— No momento, não. Amei muitas mulheres ao longo dos séculos, mas sempre parecia egoísta ter uma esposa, sabendo… o que eu sei.

Sabendo quando morreria.

A Solar inclinou a cabeça para Isla. Seus cabelos ruivos eram vibrantes contra a pele pálida.

— Você é diferente do que eu imaginava. Gosto de você, Isla, de verdade — disse ela, e Isla sentia o mesmo. Quis dizer isso a ela, mas no mesmo fôlego a Solar acrescentou: — Mas eu não gosto de você como par dele.

Dele.

De Oro.

O carinho de Isla pela Solar endureceu como uma rocha.

— Como assim? — perguntou lentamente.

Enya suspirou.

— Posso ser sincera?

Isla assentiu, embora seus dentes estivessem cerrados dolorosamente por trás de seus lábios.

— Oro é o rei de Lightlark. Seu dever, desde o momento em que o irmão dele morreu, foi para com o povo. Não para com ele mesmo. Não para comigo. Não para com ninguém de quem ele goste. Eu costumava odiar isso. Costumava odiar que uma das pessoas que eu mais amava nunca conheceria a verdadeira felicidade. Agora, eu aceito. Porque a felicidade dele, e a minha, não são mais importantes do que a de todas as outras pessoas nesta ilha.

Enya passou as unhas pelas calças.

— Ele te ama, e esse amor o está enfraquecendo. Se ele não tomar cuidado, será a ruína de Lightlark.

Isla sentiu o rosto se contorcer.

— Como pode dizer isso? Como pode pintar o amor como o inimigo?

— Porque eu vi milhares de pessoas morrerem, vi devastação por cinco séculos, tudo em nome do amor.

As maldições.

— É diferente.

Enya sorriu, um sorriso triste. Ela não parecia cruel ou má, o que tornava suas palavras ainda mais dolorosas.

— Acredito que essas palavras foram ditas por todas as pessoas apaixonadas desde o início dos tempos.

Você não sabe nada sobre nós, Isla pensou.

Teria sido fácil, muito fácil, muito *conveniente*, ignorar as palavras de Enya e considerá-las ciúmes ou conselhos equivocados.

Lá no fundo, pensando bem, sabia que Enya estava certa.

Isla estava quase terminando de transportar o restante dos civis. No dia seguinte, apenas os guerreiros ainda estariam em Lightlark.

Ela estava atravessando a ponte da Ilha da Estrela quando sentiu que estava sendo seguida.

Concentrou sua atenção no chão sob seus pés e conseguiu sentir passos bem longe. Alguém estava se aproximando. Esperando.

Ela estava prestes a ser emboscada. Sabia disso, e entendeu que apenas um grupo de pessoas seria tão ousado, tão perto do dia da batalha.

Isla deixou que a capturassem.

Ela se preparou, e as cordas do outro lado da ponte se partiram. A ponte se inclinou como um pêndulo e uma força capturou Isla no ar, levando-a até uma fenda na encosta do Continente. As pessoas que a estavam seguindo entraram atrás dela.

Ela entrou rolando, suas costelas gritando em protesto enquanto Isla atingia o chão antes de quase bater em uma parede.

Quando abriu os olhos, uma dúzia de máscaras vermelhas a encaravam.

Ela sorriu.

— Acho que isso não vai sair como vocês estão esperando.

Ela torceu os dedos e o chão se ergueu como dentes, prendendo todos eles no teto. Isla não os matou.

Ainda não.

— Espere — disse alguém. Um deles lutou para enfiar o braço entre o teto e a rocha, para remover sua máscara. — Antes de nos matar, por favor, apenas escute.

Isla não ouviu. Ela se lançou para a frente, o chão sob ela tremendo...

A pessoa conseguiu tirar a máscara e Isla congelou.

— Maren.

Isla imaginou que devesse estar com uma expressão enlouquecida. Outra Estelar em quem confiara a traíra.

— Como você pôde? — perguntou, a voz tremendo. Maren tinha Cinder. Ela era uma *líder*.

E havia tentado matá-la.

— Não tínhamos a intenção de feri-la, da outra vez — disse a Estelar rapidamente. — O Lunar que a capturou não considerou o fato de que você ia… ser arrastada pela varanda. Deveria ter sido uma simples…

— O que vocês querem? — cortou Isla. — Vocês têm cinco segundos para explicar antes que eu desabe esta caverna sobre nós.

— Você concorda com o sistema de governança, Isla? Vocês todos tomam decisões que nos afetam, quer tenham a intenção ou não. Esse sistema é uma maldição. Nossas vidas estarem interligadas é uma maldição.

— Não. — Sua resposta foi imediata. Ela não achava justo que os governantes nascessem com a maior parte do poder. — Por isso vou implementar uma democracia na Ilha da Estrela.

Maren assentiu.

— Ouvimos falar disso e agradecemos, mas o sistema de governança atual vai além de apenas votos e vozes. Historicamente, todos nós estivemos ligados às vidas dos governantes por causa do poder que somente eles canalizam. Você sabe por que, Isla?

Ela balançou a cabeça.

— Porque, milhares de anos atrás, os antepassados do rei fizeram com que um Umbra criasse uma série de maldições chamadas nexus, projetadas para manter o povo fraco. Todos, exceto sua linhagem, foram amaldiçoados para nascer com apenas uma habilidade. E as pessoas foram amaldiçoadas para estarem ligadas aos seus governantes, de modo que o poder nunca pudesse ser derrubado. Nexus deveria manter todos fracos, subservientes, leais.

Nexus? Ela nunca tinha ouvido falar disso.

— Como vocês sabem de tudo isso?

— A história estava enterrada. Levou séculos para o nosso grupo finalmente reunir essas informações. Começou durante as maldições. Vocês seis eram as estrelas do Centenário, mas nós, ilhéus comuns, também trabalhamos para quebrá-las. Descobrimos que antigamente era possível uma pessoa renunciar ao seu poder e sair de um reino.

Isla pensou nos Vinderens e na mulher-serpente que havia saído do reino Selvagem muitos séculos atrás.

— Nós acreditávamos que, se conseguíssemos descobrir como eles fizeram isso, poderíamos abrir mão de nossos poderes e não estaríamos mais ligados às maldições. Muitos de nós estavam mais do que dispostos a fazer esse sacrifício. Isso nos levou a pesquisar por que os laços entre o povo e seus governantes existiam, em primeiro lugar Não conseguimos descobrir como renunciar adequadamente aos nossos reinos, mas, depois de você quebrar as maldições, percebemos que você poderia ser a resposta para todos os nossos problemas. Poderia quebrar o sistema de governo atual.

Agora, Isla estava perdida.

— Como eu poderia fazer isso?

— Acreditamos que você tem um dom, Isla.

Ela não tinha. Se tivesse, já saberia, certo?

— Acreditamos que você é imune a maldições.

— O quê?

— Você não foi amaldiçoada, embora de fato tivesse poder. E nasceu com duas habilidades, Selvagem e Umbra.

Isla deu um passo atrás. Como eles sabiam…

— Temos membros no reino Etéreo — disse Maren. — Você treina nas florestas.

Ela deveria ter sido mais cuidadosa.

— Se estivermos certos, você já libertou acidentalmente dois reinos de estarem ligados à sua vida. Os Selvagens. E, agora, os Estelares.

Sua morte não significaria a morte de todos que governava.

Ela balançou a cabeça. Desejava mais do que qualquer outra coisa que fosse verdade… mas nada daquilo fazia sentido.

— Então por que não me disseram? Por que me sequestraram? Por que tanto segredo?

Maren olhou para os outros. Eles ainda estavam esmagados contra as rochas e Isla relaxou sua pressão sobre eles, apenas um pouco.

— Porque para libertar todos os reinos do nexus exigiria a morte do rei. Precisávamos falar com você sem que ele descobrisse.

Isla riu. Surpreendentemente, riu.

— Não — respondeu em tom definitivo.

— Nem mesmo dissemos como…

— Eu não me importo — disse ela, mostrando os dentes. — Não farei nada que exija a morte do rei.

Maren apenas a olhou.

— Mesmo que isso signifique salvar milhares de pessoas?

Isla sabia como soava. Como poderia escolher uma vida em detrimento de milhares?

Talvez não fosse tão boa pessoa quanto pensava, porque disse:

— Sim, mesmo assim.

Sem olhar novamente para os rebeldes, ela esculpiu escadas na lateral da montanha com seu poder e saiu da caverna.

Naquela noite, na cama, Isla se perguntou se deveria contar a Oro sobre os rebeldes ou perguntar sobre o nexus. Rapidamente, decidiu contra a ideia. Estavam a poucos dias da batalha. Havia coisas suficientes com as quais lidar.

Isla se moveu na cama e se assustou quando um forte estrondo rompeu o silêncio.



ANTES

O barulho veio do centro de seu quarto. Era o meio da noite e algo pesado tinha acabado de bater no chão.

Ela levantou-se em um instante, a longa adaga que mantinha entre a estrutura da cama e o colchão firme em sua mão.

Piscando através da escuridão, encontrou alguém desabado na frente de sua cama, o sangue tingindo a pedra.

— Devoradora de Corações — disse ele.

Ela jogou a adaga no chão e correu para o lado dele.

— Grim?

Já fazia dias desde o baile. Ele sorriu.

— Acredito que você ficará satisfeita — disse ele, suas palavras saindo com dificuldade.

— Ficarei? — disse ela, seus olhos vasculhando o corpo dele em busca de onde estava sangrando mais intensamente, por sinais do que poderia ter acontecido.

— Algo chegou muito perto de me matar.

A sensação de peso em seu estômago foi como uma pedra caindo em um rio. Essa informação de forma alguma a agradou, e ela sabia que ele podia sentir isso.

— Ah? Que notícia maravilhosa — sussurrou.

Ele assentiu.

— É com grande pesar que informo que não teve sucesso.

Ela deu de ombros.

— Pelo menos não ainda.

Ele soltou uma risada e depois gemeu.

Isla o envolveu nos braços e o pressionou no chão com toda a força que pôde reunir. Mãos trêmulas — de preocupação, claro, de preocupação — começaram a desabotoar a camisa de Grim.

Ele fez comentários meio sem sentido sobre ela despi-lo, mas Isla gesticulou para que ficasse quieto, os olhos examinando a constelação de feridas em seu torso. Elas não se pareciam com nada que ela já tivesse visto antes. A pele dele estava acinzentada; as marcas eram escuras. Veias negras como raízes de uma árvore em decomposição se entrelaçavam por ele.

— O que é isso?

Ele olhou para baixo, para as mãos dela pressionadas contra seu peito, e as retirou lentamente, ignorando a pergunta.

— O elixir, Devoradora de Corações. A flor dos Selvagens.

Então a cabeça dele caiu no colo de Isla e ele parou de falar.

Isla tentou despir Grim adequadamente, mas ele era muito pesado para que o movesse com muita delicadeza. Em vez disso, ela pegou suas adagas e cortou as roupas dele. Só podia imaginar o que ele diria sobre isso.

Ela quase vomitou ao ver seu corpo. As feridas estavam corroendo a pele e os ossos dele, destrutivas e sinuosas. Era como se as trevas ainda estivessem se alimentando, mesmo agora.

— O que é isso? — disse ela para si mesma. E por que Grim não estava se curando rapidamente, do jeito que fazia com ferimentos comuns?

Isla esperava que o elixir ajudasse. Do contrário, as sombras se espalhariam até que Grim não passasse de cinzas? Será que o destino de todo o reino Umbra estava em suas mãos agora?

Determinada, Isla aplicou o elixir em cada ferida. Em seu pescoço. No peito. Na barriga. Nos braços. Nas coxas. Quando terminou, seu frasco continha apenas mais algumas gotas.

Ela se sentou ao lado dele enquanto Grim dormia e estava lá quando ele recuperou um pouco de consciência.

— Isla — chamou ele.

Ela quase deu um pulo, indo ver do que ele precisava. Mas seus olhos estavam fechados.

Foi apenas um pouco depois, com os joelhos encolhidos contra o peito enquanto o observava, que ela percebeu do que ele havia lhe chamado. *Isla*. Ele havia jurado nunca a chamar pelo seu primeiro nome…

Ainda assim, ali estava ele, deixando-o escapar tão facilmente de seus lábios.

Isla levou os dois de volta para o quarto dele, e Grim logo estava cochilando de novo. Felizmente, ela conseguiu transportá-lo para a cama no seu estado sonolento, senão ele teria acordado no chão. Suas roupas destruídas eram um monte de trapos perto dali. Isla brincou com a ideia de vesti-lo novamente enquanto ele descansava, mas se contentou em simplesmente cobrir a maior parte de seu corpo com um dos lençóis escuros.

Lentamente, como nuvens se dissipando após uma tempestade, o elixir tinha corroído as feridas. A pele dele havia se regenerado. Grim ainda não estava em perfeitas condições, mas sobreviveria, e Isla percebeu que estava grata por isso.

Estranho. Meses atrás, desejara a morte dele. Agora, a ideia de sua morte…

Ela estava sentada na beirada da cama, pernas cruzadas à sua frente, quando os olhos dele se abriram de repente. Desta vez, estavam mais alertas e logo a encontraram.

— Você me curou.

Então, ele examinou a si mesmo. Ergueu o lençol. Levantou uma sobrancelha.

— Não é a primeira vez. E… você também já me curou.

— Obrigado.

Ele se inclinou antes que ela pudesse detê-lo, fazendo caretas pelo esforço… e fez algo tão inesperado que ela não moveu um músculo. Ele a beijou na testa e depois recostou-se no travesseiro.

Vendo-o se contorcer desconfortavelmente, sua expressão ficou séria.

— O que aconteceu? — perguntou Isla, estreitando os olhos. — Você está… procurando a espada sem mim?

Aquelas eram, de alguma forma, feridas do dragão? Ele o teria despertado?

— Não — respondeu Grim. Ela não devia ter parecido convencida, porque ele acrescentou: — Eu sou o governante de Umbra. Você realmente acredita que trabalhar com você é a única oportunidade que tenho para ser ferido?

— Sim. Porque apenas na caverna você não pode usar seus poderes. Com eles, você só faz… — Ela agitou as mãos diante do rosto dramaticamente.

Grim ergueu uma sobrancelha.

— Eu faço *o quê*?

— Você sabe o que eu quero dizer — disse ela, balançando a cabeça. — Sombras. Morte. Coisas. Você sabe.

Ele suspirou.

— Bem, as criaturas que eu enfrento geralmente são praticamente imunes a *sombras. Morte. Coisas.*

Criaturas?

— Grim. O que está acontecendo em Umbra? O que poderia ser forte o suficiente para feri-lo assim? Por que você precisa da espada?

Havia muitas perguntas saindo de sua boca, mas ela não conseguia mais contê-las. As coisas entre eles tinham mudado. Antes, havia

concordado em trabalhar com ele apenas por causa da promessa de Grim de ajudá-la durante o Centenário.

Agora… ela queria ajudar.

Ele a analisou, depois olhou para as próprias mãos, ainda parcialmente cobertas de marcas do ataque.

— É traição se eu te contar. Um dos maiores segredos de nosso reino.

Isla apenas o olhou.

— Tudo em relação a nós dois é traição.

Ele franziu a testa.

— Acho que tem razão. — Ele mudou de posição e fez uma careta. — Séculos atrás, depois que as maldições foram lançadas, uma fenda se abriu através de Umbra. Bestas aladas começaram a escapar dela. Parecem dragões, mas menores, e suas escamas são quase invencíveis. São chamados de dreks, e já mataram milhares.

Eles pareciam aterrorizantes.

— Pessoas vivem perto dessa fenda?

Ele assentiu.

— Perto das partes que estão inativas. Os ataques têm sido concentrados em uma área nos últimos séculos.

Grim esfregou uma mão na testa. Parecia exausto.

— Os dreks costumavam ser pessoas, milênios atrás. Meu ancestral, Cronan, amaldiçoou seus guerreiros para se tornarem bestas invencíveis. Ele mandou o ferreiro criar uma espada, imbuída com seu poder, para que suas gerações posteriores pudessem controlar o exército de dreks. Além disso… para que pudessem criar novos. Depois de sua morte, um de seus descendentes previu que os dreks levariam ao fim do mundo, então amaldiçoou a espada para ser inutilizável por um governante Umbra.

Como ele planejava vencer essa maldição? Será que estava esperando que ela a usasse por ele?

— Os dreks devastaram Lightlark e Umbra. Após a morte de Cronan, todos foram banidos para as profundezas. Agora… eles

começaram a ressurgir.

— Então… a espada controla os dreks. É por isso que você a quer? Para detê-los?

Grim assentiu.

— Meu pai era obcecado por encontrar a espada — disse ele, parecendo surpreso consigo mesmo, pois franziu a testa.

— Por quê?

— Ele queria usá-la para invadir Lightlark. Seria fácil, com os dreks.

O pai de Grim parecia terrível. Ainda bem que Grim parecia ser bem diferente dele.

Ela se perguntou…

— Como era a sua mãe?

Ele pareceu chocado com a pergunta. Ela também ficou surpresa por tê-la feito. Finalmente, ele disse:

— Eu não sei…

As sobrancelhas de Isla se juntaram.

— Ela… morreu? Durante o parto?

Grim franziu a testa.

— Não. Em Umbra, os governantes não se casam. Nem sequer se deitam com a mesma mulher duas vezes. Ou, pelo menos, não deveriam.

— O quê? Por quê?

— Uma precaução. O amor torna nosso poder vulnerável. É uma fraqueza.

Ela apenas o encarou.

— Você não acredita de verdade nisso, não é?

— Acredito. Se eu amo alguém, a pessoa tem acesso à minha habilidade. É um perigo. Meus antepassados nunca correram esse risco.

As peças começaram a se encaixar.

— É por isso que você tinha a fila de mulheres. As voluntárias. Para ter certeza… para ter certeza de que você nunca vai dormir com a

mesma pessoa duas vezes.

Ele assentiu.

— Não que eu me lembre delas, mas o palácio tem registros. É uma precaução. É assim há gerações.

Isla se deu conta de uma coisa.

— Você está tentando ter um herdeiro, não está?

Ela se lembrou das mulheres falando sobre se envolver com a linhagem governante…

Grim não negou.

Ela engoliu em seco.

— Estou supondo… que não funcionou?

Ele balançou a cabeça.

— Ter filhos como governante pode levar tempo. — Ele a olhou. — Não, não continuei tentando desde que fizemos nosso acordo.

Bom. Se ele tivesse um herdeiro, não poderia participar do Centenário. Ainda assim, ela só conseguia pensar em uma razão pela qual ele queria ter um filho.

— Você acha que em algum momento os dreks vão te matar. Você quer garantir que seu reino irá sobreviver.

Se ele estivesse morto, não poderia ajudá-la no Centenário. Era do seu interesse não apenas ajudá-lo a encontrar a espada… mas também a usá-la.

Grim assentiu levemente.

— É meu dever.

— E se você algum dia tivesse um filho, depois do Centenário, não gostaria de conhecer a mãe? Você não… permitiria que ela ajudasse a criar a criança?

— Não.

Uma precaução. O amor torna nosso poder vulnerável. É uma fraqueza.

— Isso soa… muito solitário.

Grim fez uma careta.

— Nunca me senti sozinho.

A maneira como ele disse isso a fez sentir que Grim realmente acreditava naquilo. Ainda assim, todo mundo se sentia solitário.

— Talvez você simplesmente não saiba como é sentir falta de alguém, então — disse ela baixinho. — Porque você não se abre tempo suficiente para alguém entrar.

Ele deu de ombros.

— Isso não importa. O amor é para tolos, de qualquer forma. Faz as pessoas fazerem coisas idiotas. — Ele a olhou e disse: — Não tenho a intenção de virar um idiota.

Ela era a tola, sabia. Porque ouvir aquelas palavras fez seu coração se partir.



LEALDADE

— Eu sei o que a espada faz — disse Isla a Oro.

Ele imediatamente convocou uma reunião. Azul não iria lutar com eles, mas havia permanecido na ilha, para ajudar da maneira que precisassem.

Ele estava presente na sala de guerra quando Isla contou tudo a eles. Sua história com Grim. As palavras da oráculo. O fato de que ela tinha memórias importantes. Azul pareceu pensativo. Zed pareceu furioso. Enya pareceu curiosa. Calder olhava de Oro para Isla e, em seguida, de volta para Oro.

Eles poderiam ter ficado mais zangados se ela não tivesse imediatamente contado sobre sua última lembrança.

— Os dreks costumavam ser pessoas. Cronan fez uma espada que os controla e pode criar mais deles. — Ela apertou os lábios. — Acredito que Grim agora tenha essa espada.

O calor inundou a sala do trono.

— Está feito, então — disse Zed. — É…

— Espera. — Azul ergueu a mão. — Mas você não se lembra de ter encontrado a espada, certo? Talvez ela nunca tenha sido encontrada.

Era algo a ser considerado.

Zed riu sem humor.

— A oráculo disse que Grim tem uma arma. Os dreks voaram em direção a Umbra após o ataque. É óbvio que ele os controla. E agora, com a espada… talvez ele tenha criado mais. Devemos nos preparar para enfrentar um exército interminável de dreks.

Foi Calder quem disse o que todos deviam estar pensando:

— Como podemos nos preparar para isso?

Mesmo antes de aprender sobre o uso da espada, vencer parecia impossível. Agora, ela se perguntava se era tolice pensar que teriam alguma chance contra Grim.

— Estamos mortos — disse Zed após alguns momentos de silêncio. — Se ele realmente tem essa espada e pode criar dreks a seu bel-prazer… estamos mortos.

Enya se levantou.

— Não. Ainda não. O que estamos agora é desesperados. Precisamos encontrar mais poder. Precisamos encontrar outra maneira de vencer.

— Só temos mais quatro dias, Enya — apontou Calder.

Ela se virou rapidamente.

— Então desistimos? Deixamos que este exército destrua nossa casa? A casa que nossos próprios pais amaram e protegeram? — Ela balançou a cabeça. — Não. Eu me recuso. — Ela deu um passo e asas de chamas irromperam de suas costas e se abriram, crepitando atrás dela. Parecia uma fênix. — Não vivi quinhentos anos na escuridão, sonhando com o dia em que sentiria o sol em minha pele novamente, para ter minha casa tomada.

Enya estava certa. Eles não podiam desistir. E ela estava certa sobre outra coisa também: eles *estavam* desesperados. O que significava que Isla estava prestes a tomar uma decisão muito ruim.

Grim estava chegando com um exército interminável de dreks. A derrota parecia quase certa, mas ela não podia desistir. Devia haver uma maneira de salvar a ilha. Devia haver uma maneira de salvar Oro e a si mesma.

Isla usou sua varinha estelar para ir até a beira da floresta da Ilha da Estrela. Não demorou muito para a serpente encontrá-la.

Ela observou enquanto a cobra se transformava em uma mulher e se aproximava dela, seu longo vestido verde de escamas se arrastando atrás dela.

— Eu te deixei viver da última vez. Parece que você rejeitou meu presente.

Isla não tinha tempo para jogos.

— Precisamos de você. A destruição que se aproxima… Não temos nenhuma chance contra ela. Não sem você e os outros seres antigos.

A mulher a encarou com raiva.

— Somos excluídos, rejeitados. Ninguém jamais se importou conosco. Como você se atreve a pedir nossa ajuda?

Isla soltou suas sombras. Elas varreram o solo prateado, girando como tinta.

— Porque eu também sou uma excluída. — Ela deu um passo à frente. — Eu entendo se você não pode confiar em ninguém nesta ilha. Eu entendo como é ser odiada e abandonada. — Deu mais um passo. — Não confie neles. Não acredite neles. Acredite em mim.

Os olhos da serpente se estreitaram.

— Eu não vou te abandonar. Vou lutar ao seu lado e, quando tudo isso acabar, vou te dar um lugar na Ilha Selvagem. Você não precisará se esconder ou matar pessoas inocentes para se alimentar. Fará parte da ilha novamente. Eu prometo. Estendo essa promessa a qualquer outra criatura que viva nesta floresta.

Ela estava falando sério. Com todas as suas forças, ela estava falando sério.

A serpente a rejeitou mesmo assim.

Isla não deixou a rejeição impedi-la. Havia outras criaturas noturnas na ilha. Ela visitou cada ilha e as procurou.

Remlar estava certo. A maioria, quando ela mostrou quem e o que era, abaixou a cabeça e se juntou a ela.

A ela. Sua lealdade era *a ela*.

Durante todo aquele tempo, Isla tinha rejeitado a escuridão dentro de si. Agora, ela se perguntava se aquela era a sua maior força.

Quando deixou a última ilha, as sombras se inclinaram na direção dela, como se chamadas por sua presença.

Ela pegou uma delas em suas mãos, sentiu-a deslizar pelos dedos. Ela escapou e Isla se virou para pegá-la novamente…

Mas não estava mais em Lightlark.



ANTES

Grim havia criado uma ilusão da caverna para ela. Eles tinham superado cada obstáculo até o último, o dragão. Agora, sua cauda estava entre eles e a espada, com espinhos afiados demais para escalar e impossível de atravessar sem poder. Se não conseguissem passar pelo dragão, teriam que atraí-lo para fora.

Eles estavam pensando em maneiras de fazer isso quando Grim de repente disse:

— Quero te mostrar algo.

Ela pegou a mão dele, e os dois partiram.

Pousaram em um campo de flores tão bonitas que pareciam noite derretida. Roxo-profundo, com cinco pétalas afiadas. Estrelas.

Grim pegou uma e deu a ela. No início, Isla ficou surpresa e comovida, mas ele disse:

— Cheire, Devoradora de Corações. — Ela cheirou e franziu o cenho. — Familiar?

Ela conheceria o cheiro em qualquer lugar.

— Tem o mesmo cheiro do elixir de cura Selvagem — disse ela, cautelosa. O cheiro era doce, como xarope.

— Acho que são a mesma flor.

O quê? Aquilo não fazia sentido. Isla olhou ao redor, os olhos observando tudo com mais atenção. Supostamente, havia apenas um pequeno e cobiçado campo de flores que produzia o elixir de cura nas novas terras Selvagens. Ali, havia colinas inteiras daquelas flores, um mar de céu noturno.

— O que é isso, exatamente? — Ela não sabia o nome da flor que produzia o soro.

— É nightbane.

Nightbane. A droga da qual ele havia falado. Aquela que fazia as pessoas ficarem eternamente felizes enquanto as matava por dentro. Ela se sentiu como uma idiota balançando tanto a cabeça, mas nada daquilo estava se encaixando. Ela sentiu a necessidade de explicar claramente.

— Mas a flor Selvagem não mata… ela *cura*.

— Nós extraímos o mesmo néctar. Nas mãos de Umbras, sob nosso próprio processo de extração, ele se transforma em uma droga que produz euforia — explicou Grim. — Suspeito que, sob o toque de um Selvagem, ele se transforme em um elixir de cura.

Ela olhou para a flor que Grim lhe deu. Seus dedos corriam pelas pétalas. Eram tão macias quanto veludo e não se dobravam sob seu toque.

Tanto um veneno quanto um remédio. Coisas opostas, assim como ela e Grim. A governante da vida e o governante das sombras.

A flor os conectava.

— Podemos fazer um acordo — disse Isla rapidamente. — Nós… não temos muitas dessa flor. Se você puder nos dar um pouco das suas, podemos fornecer elixires de cura — disse Isla, sem muita certeza de como fazer acontecer. Terra e Poppy não tinham ideia de que ela havia passado os últimos meses com Grim. Não era como se ela pudesse contar do nada que estavam fazendo um acordo de comércio com os Umbra, mas seu povo estava morrendo e desesperado. — Em troca, precisamos de corações — acrescentou ela.

— De… de pessoas que você já iria matar. E outras coisas que não consigo pensar agora.

Grim a encarou. O canto de sua boca tremeu, divertindo-se.

— Temos um acordo, Devoradora de Corações — disse ele, estendendo a mão, e ela a segurou.

Eles selaram o acordo com um aperto de mãos. Na terceira sacudida, ele a havia levado de volta para seu quarto.

Grim não soltou a mão dela. Ela não soltou a dele.

Isla engoliu em seco, e o olhar dele desceu por sua garganta. Mais para baixo. Mais para baixo. Ela deu um passo para trás e suas costas bateram na parede. Ele deu um passo à frente.

Na última vez em que Isla o viu, Grim tinha contado mais sobre ele do que jamais antes. Ele havia permitido que ela olhasse por baixo da máscara de morte e escuridão. Por baixo… havia um homem. Alguém que havia passado por sofrimento.

Alguém que ela começava a entender.

Seus olhares estavam fixos. Isla tinha a sensação de que a sala poderia desabar ao seu redor e eles ainda não quebrariam o contato visual. Grim deu passos em direção a ela, até ficar bem na sua frente. Ela teve que inclinar o pescoço para vê-lo.

Ele se aproximou. Inclinou a cabeça lenta, timidamente. Ele era o maior guerreiro de todos os reinos, mas Isla podia jurar que estava tremendo. Ela sentiu a respiração dele contra o rosto. Estava ofegante.

— Por favor — disse ele, parecendo angustiado. — Por favor, me diga que você quer. — Ele esperou que ela assentisse. Ele percorreu o corpo dela com os olhos e disse: — Eu sei que, se eu te tocar de novo, isso vai me matar… mas acho que posso morrer se não tocar.

Ela não se atreveu a se mover enquanto ele a envolvia em seus braços e se abaixava na direção dela.

A um centímetro de seus lábios, ele parou. Maldito.

Ela se endireitou.

— O que foi?

— Houve uma ruptura na fenda — disse ele.

Então desapareceu.



DESAPARECIDO

Quando Isla acordou naquela manhã, pulou da cama. Oro estava ao lado dela em um instante.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Nada de errado — disse ela, franzindo o cenho. — Apenas… uma nova informação. A flor de cura dos Selvagens, a rara?

Ele assentiu.

— É o *nightbane*. — Ela disse isso como se fosse a melhor notícia do mundo, mas Oro apenas a olhou.

— O que é nightbane, amor?

Ah. Às vezes ela esquecia que ele não estava em sua cabeça. Havia toda uma vida que estava vivendo internamente que ele não conhecia. Ela fechou os olhos. Respirou fundo.

— Os Umbras têm campos da flor dos Selvagens. — Isla não sabia o que fazer com essa informação; só sabia que era importante. — Eu…

De repente, sua cabeça começou a latejar. Ela se inclinou e sentiu Oro correr para o seu lado. Ela piscou, mas não estava vendo o que realmente estava à sua frente.

Não. Ela estava vendo uma floresta.

Ela conhecia aquela floresta. Ficava perto da vila de Wren. Havia algo puxando em seu peito, um desespero, um chamado.

Lynx.

De alguma forma, ela estava vendo o que ele estava vendo, exatamente naquele momento.

Quando começou a imaginar como funcionava a conexão entre elos, ela o viu.

Grim.

Ele estava na vila dos Selvagens. *Não*. O medo apertou seu peito.

Lynx saltou para a frente. Correu pelas árvores em direção à vila. Antes que pudesse alcançar qualquer um dos aldeões, porém, a visão desapareceu.

— Eu preciso ir para as novas terras dos Selvagens — disse Isla, sua voz rouca, suas mãos tremendo.

— Eu vou com você.

Ela os transportou para a vila, da mesma maneira que tinha feito quase todos os dias nas últimas semanas.

Silêncio.

Isla se transportou para outra vila menor, que estava cheia de cantoria, risos e o som de tecelagem com madeira e cipós da última vez que a visitara.

Estava vazia.

Ela foi para outra. Vazia.

Todas as casas estavam desertas. As colheitas que já deveriam ter sido feitas naquele dia permaneciam intocadas.

Ela se transportou de volta para as proximidades da vila de Wren, onde o pequeno trecho de flores roxo-escuras tinha sido plantado e extraído. Era onde ela e Enya tinham acabado de terminar de catalogar tudo.

Os elixires de cura que elas tinham passado semanas produzindo tinham desaparecido.

Desaparecido.

— Isla — disse Oro, colocando a mão em seu braço. Lynx irrompeu através da vegetação. Seus olhos estavam arregalados, cheios de raiva.

Não.

Ela finalmente havia enfrentado seu povo, havia começado a *conhecê-los*.

E eles tinham desaparecido.

Foi em seu quarto no palácio dos Selvagens que ela finalmente encontrou uma mensagem. Seu selo era tão escuro quanto o céu noturno, e a bile subiu por sua garganta. Confirmou o que Lynx tinha mostrado a ela.

Eu os trouxe para Umbra, dizia o bilhete. *Eles estão esperando por você, coração. Todos nós estamos esperando por você.*

Um arrepio desceu por sua barriga. A escuridão floresceu.

O papel se desintegrou em suas mãos, explodindo em pequenas porções de cinzas, e ela ficou furiosa. A pedra em seu quarto ondulou com sua raiva. A porta de madeira voou das dobradiças, colidindo contra a parede oposta. O chão sob ela foi tingido de escuridão.

Lynx emitiu um som raivoso quando Isla desmoronou completamente na frente de Oro, soluçando em seu peito.

— Ele os levou. Eles se foram. Todos eles.



ANTES

Grim havia desaparecido. Em um segundo, estava lá, tão perto dela, e no outro ela estava sozinha. Ele disse que houve uma ruptura na fenda.

Como ele sabia? Será que podia sentir?

Já havia se passado horas desde que ele tinha desaparecido, e ela começou a ficar preocupada. Parte dela, um sussurro em sua mente, como um jato de tinta manchando todos os outros pensamentos, imaginava o pior. Sua cabeça girava com possibilidades. E se os dreks o tivessem derrotado? E se ele estivesse preso no campo de batalha, sendo lentamente consumido pela escuridão que apenas seu elixir parecia capaz de curar rapidamente?

E se ele precisasse dela?

Isla disse a si mesma que estava preocupada porque, se ele morresse, não poderia ajudá-la no Centenário. Apenas por essa razão.

A noite virou madrugada e Isla decidiu que não poderia ficar em seu quarto e esperar. Tinha que fazer alguma coisa.

Estava usando uma de suas camisolas. Isla considerou a possibilidade de trocar de roupa e depois deixou para lá. Grim poderia estar morrendo. Ele poderia estar em seu quarto, sangrando, incapaz de ir até ela…

Ela se transportou secretamente para o quarto de Poppy para roubar mais elixir e desenhou sua poça de estrelas.

Isla estava esperando no quarto de Grim havia meia hora, sentada na beira de sua cama, quando ele finalmente entrou.

O alívio a invadiu e depois desapareceu.

Ele parecia um demônio.

Grim usava um elmo com espinhos que se curvavam sobre o nariz e as têmporas. Seus ombros tinham pontas afiadas. Tocar nele em qualquer lugar arrancaria sangue. Sua armadura se assemelhava a dezenas de escamas unidas. Ele parecia uma criatura da noite, um monstro na escuridão. Sombras se acumulavam a seus pés, circulando.

Isla não ousava respirar. Disse a si mesma que deveria ter medo. Se o tivesse encontrado assim pela primeira vez, talvez ela tivesse.

Mas quando o demônio retirou suas camadas, havia um homem por baixo. O elmo se partiu quando ele o deixou cair no chão. Ele se despiu da armadura, com o cansaço de alguém que se sentia sufocado, que desejava estar livre. A camiseta por baixo era preta e justa, o tecido abraçando seu corpo. Isla não sabia como ele ainda não a tinha notado.

Tudo o que ela pôde fazer foi ficar em silêncio enquanto ele tirava a camiseta. Somente quando o tecido estava sobre sua cabeça, suas costas tensionaram.

E ele se virou lentamente para encará-la.

Isla sentiu seu rosto ficar vermelho. Ele estava ileso. Ela se sentiu tola. Claro que ele estava ileso. Da última vez, devia ter sido apenas um acidente. Ele era o governante de Umbra; sabia como se defender. Não precisava *dela*, dentre tantas pessoas, cuidando dele.

Idiota. Ela sentiu seu rosto esquentar. Levantou-se da cama dele — *por que tinha decidido se sentar ali?* — e alisou sua camisola de seda. O olhar de Grim desceu. Ela o sentiu como uma chama, aquecendo-a do pescoço, passando pelo peito, pela barriga, até lugares que fizeram sua roupa subitamente parecer muito fina.

— Eu... eu só queria ter certeza de que você estava bem.

Ele fez um gesto em direção a si mesmo.

— Estou bem.

Isla engoliu em seco.

— Estou vendo.

Ela se endireitou. Abriu a boca. Fechou-a. Seu olhar deslizou pelo peito nu de Grim. Ela já o tinha visto sem camisa antes, claro que tinha, mas nunca se permitira realmente estudá-lo daquela forma. Naquele momento, ela o olhou por completo.

Ele parecia feito de mármore. Cada músculo era definido pelo treinamento, perfeitamente esculpido. Seus ombros eram largos. Ela o observava e uma parte dela ansiava por continuar olhando, por se aproximar, por tocá-lo…

As palavras dele no baile estavam corretas. Às vezes, tarde da noite, ela pensava nele, em suas mãos ásperas nas partes mais macias dela.

Em sua imaginação, ela seguia as linhas musculosas de seu abdome, descendo, descendo, apenas para acordar ofegante.

Agora ele estava bem ali, e a queria. Ela podia ver a evidência disso, bem ali na frente dela.

Isla desviou o olhar. De repente, a parede atrás dele parecia muito interessante. Havia um espelho lá, e ela viu a si mesma, de pé, muito tensa, em sua roupa vermelha. Ela estudou seu reflexo, imaginando o que poderia ter causado aquele efeito nele, quando ela não estava fazendo nada de especial, só estava parada, em uma camisola que frequentemente usava para dormir.

As alças eram finas; o decote era exuberante. A camisola se ajustava a ela. Era mais reveladora do que havia notado.

Isla olhou para Grim. Ele a olhava como se ela fosse o mundo e quisesse conquistá-lo. Por um segundo, ela se sentiu corajosa. Poderosa, de uma maneira estranha e nova.

Ela deu um passo em sua direção.

Grim permaneceu imóvel.

Ela pressionou a mão contra seu peito. Seus dedos tremiam. A pele dele estava fria e dura como pedra. Isla não tinha certeza se ele estava respirando. Seus olhos estavam famintos, devorando-a, absorvendo cada centímetro de pele. Ela mordeu o lábio inferior.

Ele analisou sua boca, e ela não queria que ele continuasse olhando, queria que ele *fizesse* alguma coisa.

Isla deu um passo à frente, até que cada parte dela estivesse contra cada parte dele. Seus dedos não tremiam mais enquanto ela traçava a grande cicatriz no centro de seu peito. Uma lembrança dela. Sua mão desceu. Desceu. Desceu.

Desceu.

— Devoradora de Corações — disse ele, a voz tensa. Era um aviso.

Ela encontrou o olhar dele. Seus olhos continham todo tipo de promessas sombrias, e ela desejava todas.

Ele era alto demais. Muito longe. Isla ficou na ponta dos pés para alcançá-lo, mas ainda assim não conseguiu.

Ela franziu a testa e se abaixou de novo. Ele a desejava, isso estava claro. Ela se sentia como uma chama, como se simplesmente pudesse queimar por dentro se ele não apagasse aquele sentimento que crescia nela, aquele desejo insaciável.

Grim havia dito a ela que não a tocaria a menos que ela implorasse. Naquela época, Isla havia prometido a si mesma que isso não aconteceria.

Agora, estava pronta para se ajoelhar diante dele.

— Me toque — disse ela, a voz quase um sussurro. — *Por favor*.

Grim não se moveu um centímetro. Permaneceu quase imóvel.

Ela franziu a testa. Será que precisava repetir? Ela moveu as mãos para baixo, como se quisesse mostrar exatamente o que queria. Até que pudesse sentir quase tudo dele.

— *Por favor*, Grim, só me…

Antes que a frase terminasse, a boca dele estava na dela. O beijo foi implacável, explorador, ininterrupto. Ele inclinou a cabeça dela para trás, mãos envolvendo o pescoço, os polegares roçando a garganta.

Isla gemeu em sua boca, e ele pareceu gostar, porque rosnou e mordeu o lábio inferior dela antes de passar a língua sobre ele. Ela estava pegando fogo; tudo queimava, alguns lugares mais do que outros, e precisava daquelas mãos, daquela língua, em todos os lugares. Agora.

Ele interrompeu o beijo e olhou para ela. Isla olhou para baixo também. Sua camisola estava tão para baixo que praticamente já se despira. Seu peito estava arfando.

Grim olhou para o corpo dela como se o estivesse gravando na memória.

— Sabe, eu realmente gosto dessa camisola — murmurou ele, traçando a linha do decote. Seus dedos deslizaram sob o tecido e Isla ofegou com o frio, depois gemeu quando ele percorreu cada centímetro de seu peito. — Mas ela está no meu caminho.

Ele segurou o tecido de seda com as duas mãos, parou, olhando para ela como se estivesse buscando aprovação, e, quando ela assentiu, ele o rasgou bem no meio. A costura se rompeu e a camisola se rasgou.

Ele continuou, até que a camisola não passasse de pedaços de tecido no chão.

E ela ficou nua diante dele.

Ninguém nunca a tinha visto daquele jeito. Isla estava queimando, pronta.

Mas tudo o que ele fez foi olhar para ela. Por um tempo muito longo, ele apenas encarou.

Será que algo… estava errado com ela? Ele não estava atraído? Eles já tinham ido longe demais?

Isla começou a cobrir o corpo com as mãos. Ela se sentou na cama e cruzou as pernas, o rosto corando de vergonha.

— Tem… alguma coisa errada? — perguntou ela finalmente.

Grim riu. Isso a fez querer se enfiar em um buraco. Mas então ele disse, em um tom tão sincero e gentil que ela acreditou:

— Não tem nada, absolutamente nada de errado com você, Devoradora de Corações.

Ele removeu as mãos que cobriam seus seios e as substituiu pelas dele. Isla ficou de pé e gemeu quando seus dedos ásperos tocaram as partes mais sensíveis e enrijecidas da pele dela, enquanto suas mãos apertavam e exploravam. Em seguida, ele abaixou a cabeça e fez a mesma coisa com a boca.

A cabeça de Isla caiu para trás. Ela nunca havia se sentido tão sensível, todos os seus sentidos se concentrando nos movimentos da língua dele sobre os bicos dos seus seios, na boca dele sorvendo tudo.

Sua mão desceu pela barriga dela. Antes de chegar ao lugar onde ela queria que ele a tocasse, Grim parou, esperando novamente pela aprovação dela.

Isla abriu as pernas, dando a aprovação, e então gemeu quando os dedos dele finalmente a tocaram *bem ali*…

Ele sentiu o desejo dela e fez um som profundo que ecoou em sua mente.

— Você sempre fica assim perto de mim? — perguntou ele.

Isla gemeu novamente, depois o encarou com raiva. Ele apenas sorriu.

— Você realmente se acha muito — disse Isla, ofegante. Grim a explorou com a mão e ela gemeu.

— É difícil não me achar quando posso sentir o efeito que tenho sobre você. Me diga, Devoradora de Corações, alguém já te tocou assim?

Ele sabia a resposta. Devia saber. O demônio apenas queria ouvi-la dizer. Isla o ignorou. Seus olhos se fecharam quando ele pressionou…

— Só eu provoco essa reação?

Sua cabeça caiu para trás enquanto ele continuava a explorar. Seu peito estava nu para ele.

— Não precisa responder. Os sons que você está fazendo são a confirmação que eu preciso.

Ela fez uma careta.

— Você gosta do som da própria voz, não é?

Os dedos dele deslizaram para baixo de repente, e a respiração dela falhou.

— Gosto. Mas gosto mais do som da *sua*. Então, me diga. — Ele parou abruptamente. Retirou a mão. — Você sempre fica assim perto de mim?

Ela bufou.

— Você é sempre tão desesperado por validação?

— Não. De mais ninguém. Só de você.

Ela hesitou, surpresa com a admissão.

— Se quer que eu continue, responda minha pergunta — disse ele. Grim estava respirando tão rápido quanto ela, o peito ofegante. — Por favor.

Isla sabia que ele não estava acostumado a dizer aquelas palavras. No entanto, já as tinha dito várias vezes para ela.

Parte dela queria se transportar para longe. Deixar a ambos insatisfeitos. Mas no momento, do jeito que ele a estava olhando…

Ela se sentiu verdadeiramente poderosa, talvez pela primeira vez em sua vida.

— Sim — disse ela, e teve grande prazer em ver os olhos dele queimarem ainda mais intensamente. Ela passou os braços em volta de seu pescoço. Inclinou-se até que seus lábios roçaram a orelha dele enquanto dizia: — Sempre.

Grim foi libertado.

Suas mãos agarraram a cintura dela, levantando-a no ar com pouco esforço e a carregando para a cama. As costas dela tocaram os lençóis e a mão dele retornou ao lugar onde estava. Seus peitos estavam pressionados, assim como quando ele a tinha protegido das flechas. Ele se inclinou e olhou nos olhos dela, como se quisesse que ela escutasse cada palavra.

— Da próxima vez, vou usar minha boca. E depois…

Ela precisava senti-lo. Sua mão se moveu para baixo, até encontrar a evidência do desejo dele, e todos os pensamentos se desvaneceram.

Ele a enchia com todo tipo de desejo, e ela não sabia o que fazer, não sabia como dar tanto prazer a ele quanto ele dava a ela, mas apenas tê-lo na mão o fez perder o fôlego.

Pelo menos, até que ele gentilmente removeu sua mão e entrelaçou seus dedos, então segurou sua mão acima de sua cabeça.

— Me deixa me concentrar em você. Não quero perder um segundo disso.

Ele a satisfez mais do que ela jamais imaginou ser possível, e Isla correspondeu aos movimentos, os olhos fechados.

— Isso mesmo, Devoradora de Corações. Aproveite ao máximo.

— *Grim* — chamou ela. O nome ficou preso em sua garganta e ela segurou os ombros dele.

Ele olhou nos olhos dela e disse:

— Lembre-se disso da próxima vez que quiser me esfaquear no peito.

Grim engoliu seus gemidos finais em um beijo e a puxou para perto, deitando-a em seu peito com uma das mãos em suas costas. Ele a abraçou apertado, bem apertado. Apenas minutos depois ele a soltou.

Ela havia perdido o fôlego, perdido a sanidade, mas conseguiu dizer:

— Vou me lembrar.



REENCONTRO

Isla não queria se lembrar de mais nada. Ele havia roubado seu povo. Forçado-o a ir para o território dele. As pessoas deviam estar com medo. Deviam ter partido contra sua vontade.

Era hora de dar um fim àquilo.

À meia-noite, Isla voltou furtivamente para seu quarto. Oro a odiaria se soubesse o que ela estava prestes a fazer. Todos odiariam. Nenhum deles confiaria nela novamente, porque o que ela estava planejando era tão traiçoeiro, tão tolo…

Isla parou no meio de seu quarto, a lua brilhando como um olho que a julgava através da janela em frente.

Ela puxou seu colar.

Se temera que ele não viesse, que ele não fosse abandonar o que estava fazendo e correr para ela, estivera errada.

Menos de um segundo após seus dedos deixarem o diamante negro, ela ouviu um passo atrás de si. Depois:

— Devoradora de Corações.

Ela se virou e imediatamente ele a envolveu nos braços. Grim parecia enlouquecido, faminto, aliviado, *tão* aliviado. Ele estava a um passo de pressionar os lábios nos dela, e ela estava a um passo de permitir —

estou confusa, ela disse a si mesma, *as memórias estão mexendo comigo* — quando ele viu sua expressão. Sentiu suas emoções. Não havia mais conexão entre eles. Pelo menos, não do lado dela.

Ele ficou imóvel.

— Seu *demônio* sem coração — disse ela.

Os olhos de Grim antes estavam satisfeitos, deliciados, mas agora ele parecia devastado.

— Você não lembra.

— Eu me lembro de muitas coisas — disse ela, tropeçando para longe dele. Seus olhos brilhavam com lágrimas. Lágrimas de raiva. — Como você pôde?

— Você recebeu minha mensagem.

— Sim, eu *recebi sua mensagem* — disse ela, cuspindo as palavras com nojo. — Como pôde levá-los? Como pôde *obrigá-los* a ir com você?

Grim levantou a mão.

— Eu não os *obriguei* a nada. Eles escolheram ir comigo.

Não. Mentiroso.

— Por que iriam com você?

Com isso, Grim ficou em silêncio.

Tinha alguma coisa que ele não estava contando. Mas nem precisava. Peças se juntavam, perguntas encontravam respostas.

Ela balançou a cabeça, incrédula. Esperando que estivesse errada.

— Você está com Poppy e Terra — disse ela, sua voz um sussurro. — Você as acolheu.

Grim assentiu e as lágrimas de Isla caíram livremente. A traição…

— Você sabe o que elas fizeram comigo. O que fizeram com meus *pais*…

— É imperdoável. Mas você precisa delas. Você precisa…

— Eu não preciso de ninguém!

As palavras explodiram dela. As vinhas em sua varanda correram pela porta aberta, espalhando-se como dedos, devorando o quarto. Sombras vazaram de seus pés, de suas mãos.

O rosto de Grim formou um sorriso enorme.

— Coração, você é radiante.

Suas sombras avançaram sobre ele, mas ele as deteve com um simples gesto de mão.

A voz dela tremeu.

— Você é um monstro.

Grim franziu a testa.

— Sou? — Ele deu um passo à frente. — Me diga por que sou um monstro. Porque eu levei seu povo para um lugar com mais conforto, mais opções, mais chances de sobrevivência? Porque os deixei esperando pelo seu retorno?

Seu retorno. Ele fez parecer uma certeza, e ela quase riu na cara dele.

— Porque eu os ajudei a esquecer o que fizeram?

Isla congelou.

— Você… o quê?

— Alguns de seu povo estavam sofrendo com uma culpa interminável. Não conseguiam superar as ações que cometeram durante as maldições. Eu… tirei suas memórias.

Sombras explodiram dela. Isla ouviu os espelhos em seu quarto se quebrarem, mas eram apenas ruído branco em comparação com a raiva que a percorria.

— Como você pôde? Não aprendeu nada?

— Elas me pediram. Está negando a elas uma escolha?

Isla balançou a cabeça.

— Por que alguém pediria a você para fazer isso?

O rosto dele endureceu. Parecia que queria contar algo a ela, mas, em vez disso, mudou de assunto.

— Nós fizemos um acordo… lembra? Os Selvagens ajudariam com o nightbane em troca de uma variedade muito vaga de coisas de que seu povo precisava. — Ele deu de ombros. — Estava apenas cumprindo minha parte.

Isla torceu o lábio em repulsa.

— Suponho que você ache que isso o torna generoso, não é? Ajudar meu povo? Você não é. Você é um monstro. Trouxe os dreks aqui. Eles mataram *dezenas* de pessoas, inocentes…

Grim mostrou os dentes.

— Eu não fiz isso. Já disse que os dreks estavam enterrados embaixo de Lightlark e Umbra. Eles devem ter começado a surgir aqui da mesma forma que fizeram em Umbra.

— Eles foram para sua terra, como se tivessem sido chamados…

— Eu não os chamei. Eles devem ter sentido a presença da própria espécie.

— Você os controla — disse Isla. — Eu sei que a espada está com você.

Com isso, Grim a estudou.

— Está. Mas eu não ordenei que atacassem Lightlark. Eu juro.

Sua boca ficou seca. Lá estava. A confirmação de que Grim conseguira a espada. E, de alguma forma, ele encontrara uma maneira de usá-la. Mesmo que não tivesse ordenado o ataque, ela tinha inúmeras razões para odiá-lo.

— Você está vindo para matar todos na ilha. Vai assassinar milhares de inocentes apenas para tomá-la. Você enviou uma mensagem de ruína, de destruição…

— Não. Nada disso. Eu avisei a todos aqui, o que é mais do que eles merecem. Eles podem sair… ou se juntar a nós. É escolha deles. Ninguém precisa morrer.

Era quase comovente como ele realmente acreditava nisso. Se ao menos ele soubesse o que ela tinha visto. Toda a morte que resultaria das mãos dele. A morte *dela* própria.

— Você realmente acha que alguém abriria mão do seu lar sem lutar?

— Quando a luta é inútil… Eu acho.

Isla estava cheia de raiva. Magoada.

— Coração — disse ele gentilmente. — Se eu quisesse tomar a ilha pela força, eu poderia. Agora. Destruir tudo e todos em questão de

segundos. As maldições acabaram.

Ela podia sentir o poder dele, especialmente agora. Cada gota dele, tanto poder esperando para ser libertado. Seus olhos desceram para o pescoço dela, onde seu colar havia se tornado visível, aonde seus dedos tinham instintivamente ido, e ela afastou a mão.

— Tire isso — disse ela.

Um sorriso malicioso se espalhou pelo rosto de Grim.

— Você lembra, não é? Não… Não — disse ele, se aproximando. Mais perto. — Se você lembrasse, saberia que não posso.

Falar com ele não estava funcionando. Ela podia ver na curva de sua boca, em seus olhos, que ele estava determinado a invadir Lightlark. Ela balançou a cabeça.

— Grim, *por favor*. Se você se importa um pouco comigo, por favor, não faça isso.

Grim sorriu suavemente e estendeu a mão.

— Coração — disse ele, sua voz no tom mais suave que ela já ouvira. Seus dedos traçaram a bochecha dela, da têmpora aos lábios. Isla estava tremendo... Por que ela estava tremendo? — É porque eu me importo com você que estou fazendo isso.

E então ele desapareceu.

Isla sabia o que precisava fazer.

Remlar estava tomando chá em sua colmeia. Uma árvore cresceu debaixo dela, levando-a ao andar mais alto, e ela atravessou as lacunas, indo direto para o trono improvisado dele. Vinhas rastejavam em seu rastro, misturando-se com sombras.

— Parece determinada, Selvagem — disse ele, colocando a xícara de chá de lado. — Você parece destrutiva.

— Quero que me ensine algo errado. Algo traiçoeiro.

— É mesmo?

— Quero que me ensine como cortar o poder de alguém por meio de um vínculo de amor. Pelo menos, por alguns momentos.

Os lábios de Remlar se curvaram em um sorriso largo, muito largo.

— Será um prazer.

Grim tinha os Selvagens. Restavam três dias. Ela convocou todos na sala de guerra mais uma vez.

— Eu o chamei — disse ela, e Oro se virou para olhá-la. Sua expressão era indecifrável.

Zed se levantou bruscamente.

— O quê?

— Pensei que poderia negociar com ele.

Ela sabia que era arriscado. Estúpido. Ainda assim, a qualquer momento, ele poderia ter se transportado para o quarto dela e a levado. Ele não fez isso, o que significava que Grim queria que ela se lembrasse de tudo. Que voltasse para ele por vontade própria.

E ele precisava de algo de Lightlark, além dela. Isla só precisava descobrir o que era.

O olhar de Zed era incrédulo.

— Isso… isso é traição. Você chamou nosso inimigo para o castelo do Continente. A pessoa determinada a destruir todos nós.

Ele olhou para Oro, cuja expressão havia endurecido.

— Deixe-a falar — disse ele, embora sua voz não tivesse nenhum traço do calor que desenvolvera nos últimos meses com ela.

— Quando eu estava com ele, pude sentir… pude sentir que ele ainda me ama.

Azul se inclinou para a frente.

— Você sentiu a conexão?

Ela assentiu.

Zed ainda a encarava. Ele nunca confiaria nela, Isla sabia disso. Se fosse ele, também não confiaria.

Ainda assim, ele estava errado. Ela amava Oro. Era leal a Lightlark. Ela fechou os olhos e disse:

— Eu sei como podemos vencer. — Eles esperaram. Ninguém se mexeu. — Grim é poderoso demais. Isso o torna praticamente impossível de derrotar. Especialmente com a espada. Mas ele me ama

e posso usar o vínculo e tirar os poderes dele tempo o suficiente para que possamos dominá-lo.

Silêncio.

Enya foi a primeira a falar.

— Você já tentou fazer isso antes?

Isla balançou a cabeça. Pelo que ela lembrava, não. Ainda não.

— Você ao menos já tentou… acessar os poderes dele?

Novamente, ela balançou a cabeça. Não que ela lembrasse.

Ainda não.

Ela se virou para Oro.

— Mas eu já fiz isso antes… Acessei poderes através da ligação.

Não era fácil. Especialmente para alguém como ela, que havia começado a usar poderes recentemente.

— Isso requer uma… conexão intensa — disse Oro. Ele não estava olhando para ela. Balançou a cabeça. — Seria um risco muito grande. Se você não conseguisse roubar os poderes dele imediatamente, ele saberia o que você estaria tentando fazer e se transportaria.

— Oro — disse Calder. — Isso poderia mudar tudo. Poderia mudar o curso da guerra. Embora… fôssemos estar condenando todos os Umbras à morte.

— Talvez não — disse Enya. — Se Isla tirasse todos os seus poderes, isso pouparia o povo dele, não é?

— Em teoria, sim, embora algo assim nunca tenha sido testado por meio de um vínculo de amor — disse Azul. — Esta é uma circunstância muito… única. — Azul a observou. — Você estaria disposta a matá-lo?

As palavras atingiram Isla como uma pedra no peito, mesmo que tenha sido ela quem deu a ideia.

Matar Grim.

O pensamento soou venenoso em sua mente, mas ela se lembrou de sua visão na frente do cofre. Se não impedisse Grim, ele mataria pessoas inocentes. Ele a mataria. Oro estava certo. As palavras de

Grim em seu quarto as confirmaram. *É porque eu me importo com você que estou fazendo isso.*

Grim realmente estava indo para a guerra por causa dela. Isla não sabia o seu principal motivo para destruir Lightlark, mas seu propósito estava claro. O que significava que cada morte seria culpa dela.

Ele tinha roubado o seu povo. Suas memórias. Sua felicidade, nos últimos meses.

Ela não permitiria que ele roubasse mais nada.

— Sim — respondeu.

Oro encontrou seu olhar. Ela esperava ver alívio, mas tudo o que sentiu foi preocupação. Ele estendeu a mão através da mesa para ela. Isla viu Azul observando a troca. Àquela altura, ele já devia saber. Oro parecia não se importar que todos estivessem assistindo quando disse:

— Você não precisa fazer isso.

Isla se lembrou das palavras de Enya. Agora entendia claramente o que ela queria dizer. Oro estava priorizando o bem-estar dela acima do bem-estar de toda a ilha.

Ela não permitiria isso.

— Preciso, sim.

Ela ia matar Grim.

Remlar ensinou a ela o básico sobre como tirar poder. Isso exigia um controle completo. Apertar o fio entre ela e Grim entre os dedos e ser forte o suficiente para interromper o fluxo de poder dentro dele.

— Vai ser doloroso — ele a advertiu. — E difícil. Grimshaw é um manipulador habilidoso.

Isla se perguntou se Remlar já o tinha conhecido.

Era quase tarde demais. Restavam apenas dois dias. Estava claro que Grim precisava de algo em Lightlark. Se ela pudesse se lembrar do que era, poderiam ajustar seu plano para garantir que ele não o obtivesse.

Ela só precisava de um atalho.

— Eu preciso que você me ajude a acelerar isso — disse ela a Remlar.

Ele tinha avisado de que seria perigoso forçar as lembranças. Poderia afetá-la mentalmente. Àquela altura, ela não se importava.

— Você tem certeza? Mesmo sabendo dos riscos?

— Tenho certeza.

Remlar começou a preparar chá.

A mente de Isla era um campo de batalha.

Ela não queria lembrar, *ela tinha que lembrar*. Não queria sentir nada além de desprezo pelo Umbra, *mas havia sentido tudo com ele*.

Quanto mais ela via, mais ela sabia…

— Qual é o oposto da noite, Selvagem? — perguntou Remlar enquanto servia o chá em sua xícara.

Isla franziu o cenho. Ela estava convencida de que Remlar apenas gostava de ouvir a própria voz.

— Dia?

Remlar deu de ombros.

— Se você diz.

Isla estreitou os olhos para ele.

— Como assim? Qual é a resposta?

Remlar deu um gole em seu próprio chá. Parecia escaldante.

— Poucas perguntas neste mundo têm apenas uma resposta.

Isla se perguntou qual era o objetivo da conversa.

— Qual é a *sua* resposta? — perguntou ela, observando enquanto a cor do chá ficava mais saturada.

Ele não disse nada. Em sua maioria, aquelas conversas eram unilaterais.

— Qual a sensação do poder para você?

Ela deu de ombros.

— É como uma semente. No fundo do meu peito.

Remlar assentiu, animado com a resposta dela.

— Uma maneira muito bonita de ver. Muito adequada para uma Selvagem.

— Como é a sensação para você?

Desta vez, ele respondeu.

— Nenhuma. Eu estou vivo há tanto tempo que meu poder é tão parte de mim quanto o meu sangue e ossos.

Ela ousou fazer uma pergunta que queria fazer desde o primeiro momento em que o viu.

— Você realmente é Umbra?

— Rótulos são tão improdutivos... Mas acho que você me chamaria de Umbra. Em termos de meu poder.

— Você controla a escuridão? Como não foi banido pelos ilhéus?

— Eles têm muito medo de mim.

— Por quê?

— Porque meu conhecimento supera o deles. Eu sobrevivi enquanto reis já surgiram, caíram e morreram. Eu permaneci. Nós, as criaturas antigas, permanecemos. E alguns de nós se lembram.

— Lembram de quê? — perguntou ela.

Finalmente, deu um gole em seu chá. Foi o suficiente. Em questão de segundos, sua mente começou a escapar do controle. O passado se fundiu com o presente. Ela piscou e viu Remlar desaparecer no horizonte.

A última coisa que ela o ouviu dizer foi:

— Do nosso lar.



ANTES

Eles tinham um plano para passar pelo dragão. Grim atrairia o monstro para fora da caverna e Isla cruzaria todas as proteções sozinha antes que o dragão retornasse. Ela praticou passar por cada uma delas, com a ajuda das ilusões de Grim. Ele observou enquanto Isla completava todo o circuito com sucesso pela décima vez. Ela se virou para encará-lo quando terminou, e ele parecia realmente impressionado.

Eles estavam na sala de treinamento. Isla se apoiou em uma parede de pedra e escorregou até o chão.

— Estou exausta.

— Posso imaginar.

Grim tinha acabado de vir da fenda dos dreks. Estava coberto de cinzas.

— Você está com uma aparência terrível.

— *Isso* é mais difícil de imaginar, mas vou acreditar em você.

De fato, um ego magnífico. Ela suspirou.

— Estou pronta. Que tal celebrarmos?

Ele levantou uma sobrancelha.

— Hoje é a noite do Lançamento dos Globos nas novas terras Etéreas — comentou Isla, que tinha comparecido ao evento no ano

anterior, mas apenas de forma discreta. Ela tinha se escondido nas sombras, observando. Desejando fazer parte de tudo. — É para celebrar os novos balões de ar quente sendo revelados.

Grim fez uma careta.

— Eles sempre encontram uma desculpa para celebrar. Aposto que comemoram até mesmo amarrar os próprios sapatos.

— Eu sempre quis andar em um — disse ela, olhando fixamente para Grim.

Os olhos dele encontraram os dela. Ele parecia preferir fazer absolutamente qualquer coisa no lugar de ser lançado ao céu em um balão.

— Não tem mais ninguém para ir com você?

Isla se levantou e lançou a ele um olhar mordaz.

— Sabe de uma coisa? Tenho certeza de que consigo encontrar outra pessoa para passar a noite comigo.

Ela virou de costas, mas, antes que pudesse dar um passo, ele se levantou rapidamente, segurando seu pulso e a detendo.

— Nem pense nisso — disse ele, sua voz um rosnado no ouvido dela.

Isla se virou para encará-lo e o encontrou mais próximo dela. Suas sombras estavam se espalhando por toda parte. Ela ergueu o queixo em desafio.

— Me solte.

— Jamais.

Isla respirava rápido demais. Ele estava muito perto. Sua voz saiu frágil.

— Preciso lembrá-lo de que não há nada entre nós? Não pertenço a você. E você não pertence a mim. Se decidirmos nos divertir… então é só isso. Entretenimento momentâneo. Nada mais.

O sorriso de Grim era perverso.

— Ah, Devoradora de Corações. — Ele se inclinou até que seus lábios estavam pressionados contra a orelha dela. — Se realmente decidirmos nos divertir, não haverá nada de momentâneo nisso.

Isla engoliu em seco. Ele seguiu o movimento. Seus lábios estavam perigosamente próximos do pescoço dela.

— Me leve para o festival — disse ela, a voz tremendo.

— Está bem. Vá se arrumar.

Grim estava certo. Os Etéreos pareciam inventar qualquer desculpa para celebrar. Ela adorava isso.

Na festa do Lançamento dos Globos, todos usavam glitter. No cabelo, nas roupas, espalhado pelos ombros. Ela pediu a Grim para comprar algumas coisas no mercado e, com mais reclamações do que o normal, ele surpreendentemente concordou.

Ela se arrumou em seu banheiro e, depois de uma hora, houve uma batida forte na porta.

— Você está se preparando para uma batalha ou para uma festa boba, Devoradora de Corações?

— As duas coisas, se você continuar sendo tão insuportável — respondeu ela antes de abrir a porta.

Grim ficou em silêncio.

Seu vestido era minúsculo, azul-celeste e sem alças. Ela tinha colado pequenas pedras ao redor dos olhos. Glitter cobria seu colo e ombros. Grim havia comprado cada um desses itens para ela, com instruções muito específicas, mas ainda parecia surpreso.

Eles eram opostos completos. Ela estava brilhante e cheia de cor, e ele usava seu típico traje preto, com capa e botas incluídas.

— Como estou? — perguntou ela, sorrindo, virando-se para se ver no espelho.

Grim franzia a testa.

— Você parece uma Etérea.

— Ótimo. Era exatamente isso que eu queria.

O céu estava cheio de balões. Bolhas azul-claras flutuavam perto das estrelas, como se o céu diurno estivesse espiando a noite.

— É lindo — disse Isla, sorrindo.

Ela podia sentir os olhos de Grim nela, em seu rosto, não no céu.

— Não, não é — respondeu ele.

Ela franziu a testa e fez menção de virar o rosto dele na direção do que estavam ali para ver, mas Grim não se moveu nem um centímetro.

— Quando você já viu algo realmente bonito, tudo o mais começa a parecer dolorosamente comum.

Isla pegou na mão dele. Seus dedos ficaram tensos na mesma hora, como se ele estivesse prestes a se afastar. Em seguida, depois de um momento, ele envolveu cuidadosamente a mão dela.

— Vamos — chamou Isla. E ele foi.

Multidões estavam paradas, ouvindo algo. Um discurso. Isla ouviu uma voz forte e agradável, ecoando pelo ar através da multidão, como se tivesse criado asas. Quando se aproximaram, ela viu um homem de pele escura vestido com milhares de joias cintilantes. Ele usava uma coroa.

— Azul? — questionou ela, e Grim grunhiu em resposta.

De repente, ela ficou grata por ele ter criado uma ilusão ao redor dos dois, disfarçando-os, mesmo que ela tivesse passado uma hora se arrumando.

O que Azul, o governante dos Etéreos, pensaria ao ver o governante dos Umbra e a governante dos Selvagens ali, em seu território… *de mãos dadas*?

Na verdade… o que ela estava fazendo?

O pensamento fez com que soltasse a mão dele. Grim franziu a testa e imediatamente a segurou de novo, entrelaçando os dedos nos dela. A ação fez com que Isla sentisse calor, lembrando como ele a tinha tocado…

Grim olhou para ela, que soube que ele podia sentir suas emoções. Ela engoliu em seco e mudou rapidamente de assunto.

— O que você acha de Azul?

— Ele governa seu reino como uma democracia. Todo mundo tem voz. É tolice.

As sobrancelhas de Isla se uniram.

— Não me parece tolice.

Antes do discurso de Azul terminar, Grim os conduziu até onde os balões estavam decolando. Havia um campo inteiro deles, todos pintados ligeiramente diferentes. Todos magníficos.

— Escolha — disse Grim.

Isla franziu o cenho.

— Acho que não podemos escolher e acho que tem uma fila…

Ele seguiu a direção do olhar dela até o balão que Isla achava o mais bonito. Parecia um ovo azul-claro, com um redemoinho branco no centro.

Em menos de um segundo eles estavam dentro de sua gôndola. De alguma forma, Grim colocou o balão em movimento. E então estavam voando.

Isla deu um suspiro, vendo o chão se afastar repentinamente, e deu um passo para trás. Direto para o peito de Grim.

Ele passou um braço ao redor de sua cintura, ancorando-a. Isso a fez se sentir mais segura. Grim, apesar de ter afirmado que não tinha interesse em andar de balão, estava olhando por cima da beirada, observando a nova terra com interesse. Isla olhou também, mas de repente sentiu medo.

— Acho que não gosto de altura.

Seu estômago se remexeu, desconfortável. O coração estava na garganta.

Grim emitiu um ruído calmante atípico. Ele inclinou a cabeça para baixo, de modo que seu queixo repousasse onde a coroa estaria, se Isla a usasse.

— Lembre-se de que posso criar portais para nós a qualquer momento.

Isso fez com que ela se sentisse melhor. Deu um passo em direção à borda e se inclinou, apenas um pouco. O mundo era lindo. Era montanhoso e amplo, e ela se sentiu subitamente livre. Por quase meia hora, eles apenas observaram o mundo em um silêncio confortável.

Quando ela se afastou novamente, seu pé bateu em algo que não tinha notado antes. Devia ter sido incluído em cada uma das gôndolas para a noite. Uma garrafa, com líquido transparente cheio de bolhas. Água?

— Vinho Etéreo — disse Grim, franzindo a testa. — Horrível.

Isla abriu a garrafa e tomou um gole hesitante. Sorriu.

— É a melhor coisa que já provei.

Grim suspirou.

Era doce e efervescente na língua e…

Grim arrancou a garrafa de suas mãos depois de seu segundo gole.

— Você talvez queira esperar um pouco antes de beber mais. A menos que não queira se lembrar da noite. — Ele ofereceu a garrafa, deixando a escolha para ela.

Isla balançou a cabeça. Não. Ela não queria esquecer nada. Queria se lembrar de tudo.

Isla se virou para Grim e inclinou a cabeça.

— Posso ser sincera?

Ele pareceu surpreso. Assentiu.

— Você é a pessoa mais desagradável que já conheci.

Grim arqueou uma sobrancelha.

— E você é uma desgraça na minha vida.

Ela deu um passo em direção a ele.

— Fiquei decepcionada quando não te matei.

Grim deslizou a mão pela coxa dela, levando seu vestido junto. Ela ficou arrepiada com o frio, com o fato de que em breve, se ele continuasse, qualquer um ao redor seria capaz de ver suas roupas íntimas… mas eles estavam no céu. A gôndola mais próxima estava a metros de distância.

— E estou desapontado por você não ter tentado de novo.

A mão dele se curvou ao redor de sua cintura. Os lábios dele traçaram seu pescoço. As costas dela se arquearam e ela gemeu enquanto ele começava a beijar e lamber a pele cintilante de seus ombros, do peito.

— Acho que isso não é comestível — disse ela.

— Eu não me importo.

E então ela o beijou. Seus lábios se apertaram e, de repente, as mãos dele estavam em todos os lugares. Grim deslizou a língua pela boca dela, e Isla gemeu. Com um movimento brusco, ele a levantou no ar e a colocou na beira do cesto. Os olhos de Isla se abriram rapidamente, o vento dançava atrás de suas costas, rugindo em seus ouvidos.

— Relaxe, Devoradora de Corações — disse ele, e sua respiração estava irregular.

As pernas dela se abriram, e ele se acomodou entre elas. A mão dele a segurou por baixo do joelho, e ela queria mais, mais…

— Me leve para o meu quarto.

Grim a apertou totalmente contra seu peito e a empurrou para fora da borda.

Antes que ela pudesse gritar, o mundo se inclinou e ela pousou em Grim. Ele estava em sua cama. Ela estava montada nele.

Mil palavras violentas brotaram em sua garganta, mas todas murcharam e morreram quando ela o sentiu — cada centímetro dele — contra si. Seus quadris balançaram para a frente e para trás, bem levemente, e o atrito a fez inclinar a cabeça para trás, os ombros tensos.

Grim riu sombriamente embaixo ela.

— A visão de você em cima de mim…

Ele a deteve, com ambas as mãos na bunda dela, e a levantou.

Isla estava desesperada pelo toque dele, ansiando…

Grim a colocou gentilmente ao lado. Parecia se divertir com a confusão dela.

— Esta noite, não, Devoradora de Corações — disse ele, ajeitando atrás da orelha os cabelos que tinham caído sobre o rosto dela. — Durma.

Isla estava corada de desejo, de vontade…

Ele também estava.

Grim riu para a escuridão e a puxou para perto, aconchegando-a ao seu lado.

— Lembre-se de sonhar comigo — disse ele levemente, e Isla se perguntou se ele sabia com que frequência isso acontecia.



ANTES

Eles estavam a uma pequena distância da caverna.

— Está pronta? — perguntou Grim.

— Sim. E você?

Ele assentiu. Enquanto ela treinava, ele havia pesquisado o dragão, e tinha um plano para distraí-lo.

Tudo o que Isla tinha que fazer era garantir que conseguiria atravessar os desafios e chegar até a espada sem morrer. Ela se aproximou silenciosamente da entrada da caverna. O dragão estava enrolado, dormindo. Ela esperou, à margem, que Grim o acordasse.

Houve um barulho do lado de fora. O dragão abriu um olho e rugiu.

Uma perna enorme apareceu primeiro. Ela nem olhou para Grim ou para o que ele estava fazendo. Concentrou-se na fina fresta de abertura que o dragão ofereceu.

Outra perna.

Então o dragão disparou para fora da caverna como um raio.

Agora, sua mente disse, e ela pulou para a caverna.

Primeiro, as flechas. Aquelas que tinham ferido Grim em uma dúzia de lugares. Assim que ela acionou a armadilha, se moveu, lançando-se

para o lado oposto. Ela viu as flechas perfurarem o chão, exatamente onde estivera.

Isla engoliu em seco. Tão perto. Mas não havia tempo para medo. O dragão ainda estava distraído, mas quem sabia quanto tempo levaria para perceber que estava sendo enganado?

Pedras caíram de cima e Isla rolou para fora do caminho delas. Milhares de fragmentos de gelo vieram em seguida, demais para evitar, então ela levantou sobre a cabeça o escudo de metal que havia levado. O barulho foi torrencial, e Isla fez uma careta, sabendo que o dragão ouviria.

Mais rápido. Ela precisava ser mais rápida. Enquanto se encolhia, esperando o fim da chuva de granizo, pousou o olhar na espada.

Ela estava largada em um monte de espólios. Apenas uma das centenas de relíquias. Isla nem olhou para o resto; apenas se concentrou na lâmina, que brilhava como se piscasse um olá.

Apenas mais alguns passos.

Isla saltou para o lado, escapando por pouco de um monte de espinhos escondidos.

Uma lança voou, mirando seu flanco, mas ela foi mais rápida e se abaixou, evitando-a.

Apenas mais dois passos.

A um pé do monte, um túnel de vento irrompeu repentinamente pela caverna, uma tempestade soprando. Disso ela não poderia se esquivar se abaixando. Ela o enfrentou, o escudo na frente do corpo, mandíbula cerrada, lutando contra sua correnteza, mal avançando um centímetro. Depois mais um. Ela rangeu os dentes, gemeu, lutou para seguir.

Até que o vento parou e ela foi lançada para a frente. A espada estava ao seu alcance.

Apenas mais um passo.

Ela ouviu um grande rugido atrás dela.

Agora. Tinha que ser agora.

Estendeu a mão para a espada. No momento em que a tivesse em suas mãos, eles poderiam se transportar. O dragão estava chegando. Seus dedos tocaram a empunhadura. Sentiu-a fria sob seu toque, então ela esquentou. Acordando. Ela se virou para ver onde Grim estava, para dizer a ele que conseguira.

E se deparou com uma enxurrada de fogo enchendo a caverna.

Era tarde demais. Ela não alcançaria sua varinha de portal rápido o suficiente. As chamas invadiram a borda, lançando-se em sua direção. Só havia tempo para virar a cabeça. A espada brilhava lindamente. Isla nem teve a chance de agarrá-la completamente. Preparou-se para ser queimada viva.

Antes que as chamas a alcançassem, sombras encheram a caverna e se enrolaram ao seu redor, protegendo-a. Salvando-a.

O fogo se dissipou. As sombras caíram.

E Isla viu a espada desaparecer.

Grim a tinha salvado. Ele tinha usado seus poderes, sabendo que significaria desistir da espada. E a lâmina desaparecera.

— Por que você fez isso? — perguntou Isla.

Ela tinha tomado banho e colocado um de seus vestidos. Grim tinha ido se trocar nos próprios aposentos e voltara ali, para o quarto dela em seu castelo.

Ela estava grata pela ação dele… mas não fazia sentido algum.

Os olhos de Grim se prenderam aos dela.

— Você acha que eu deixaria você morrer pela espada? Acha que eu faria uma escolha que não fosse você?

— Sim — falou ela, incrédula. — Foi o que você disse.

Ele apenas a encarou.

— As coisas mudaram.

Foi então que ela percebeu que teria feito o mesmo. Teria escolhido ele.

— Mas o seu reino… Você disse que precisa dela. Para você, é a coisa mais importante do mundo.

— Meu reino precisa dela... — Ele traçou os dedos pela sua têmpora e disse, com a voz mais suave: — Mas não é a coisa mais importante do mundo.

Ela o observou, realmente o observou. Viu o sofrimento em seus olhos, enquanto a examinava em busca de ferimentos, mesmo que já tivesse feito isso antes de ela tomar banho. Viu paciência enquanto ela fazia careta e dizia novamente que estava bem.

Ela não viu arrependimento.

— Eu a toquei. Por um momento, eu a toquei. Talvez eu seja capaz de encontrá-la novamente, agora que ela me conhece.

— Isla — disse ele gentilmente. — Eu não quero mais usar a espada.

Ela franziu as sobrancelhas.

— O quê? Por quê?

— O custo é muito alto.

Parecia que Grim tinha mudado de ideia sobre a espada no tempo entre entrar na caverna e salvá-la. Não fazia sentido algum.

— Como você vai salvar seu reino agora? Como vai deter os dreks?

Grim deu de ombros.

— Vou usar o meu poder, o mesmo de sempre. Me usar como um escudo. — Ele sorriu, e Isla soube que era por ela, para tentar amenizar uma situação devastadora. — Sou um escudo muito bom, não acha?

A ideia dele protegendo todo o seu reino dos dreks. Somente o seu poder contra o deles…

— Você ainda vai cumprir sua promessa? — perguntou ela, tentando sorrir de volta. — De me ajudar no Centenário?

Grim sorriu ainda mais.

— Claro, Devoradora de Corações. Vai ser divertido fingir que não te conheço. Me apresentar para você.

Ele estava certo. Ninguém poderia saber que eram aliados. Ninguém poderia saber que se conheciam há meses. Eles teriam que fingir serem estranhos.

— Fingir que não sei que você ama chocolate, que adora tocar o seu cabelo e que fica vermelha quando olho para você por mais do que alguns segundos. Ou que você odeia o frio e adora dançar, e franze a testa quando mente. — Suas palavras eram tão suaves. Tão diferentes dele. Grim colocou o cabelo dela atrás da orelha. — Você realmente faz isso, a propósito. Deveria trabalhar nisso antes do Centenário.

Ela corou, porque ele a tinha olhado por mais do que alguns segundos. Sentiu lágrimas ardendo nos olhos, porque ele a conhecia.

Realmente a conhecia. Ele tinha prestado atenção.

Que coisa boa, ser conhecida.

A voz de Isla estava carregada de emoção quando disse:

— E será divertido fingir que não sei que as sombras aos seus pés se acumulam quando você está feliz. Ou que, por algum motivo, você fez os curandeiros removerem todas as suas cicatrizes, exceto a que eu te dei. Ou que tem uma banheira magnífica no seu banheiro e um ego ainda mais magnífico. — Ela mordeu o lábio. — E que, mesmo que eu te odiasse, *realmente* te odiasse… sempre que não estou com você, sempre que estou com qualquer outra pessoa, me sinto desesperadamente sozinha.

Ele segurou a mão dela, e Isla disse:

— No Centenário… vamos ser estranhos.

— Não. Nós nunca poderíamos ser apenas estranhos.

— Então, o que somos? Se não somos estranhos? Se não… inimigos?

— Eu não sei, mas quero ser a única pessoa que você olha com raiva, Devoradora de Corações. Quero ser a única pessoa que você insulta. Quero ser o único nome que você diz enquanto dorme. — Seus olhos escureceram. — Quero ser a única pessoa que sabe como fazer você se contorcer contra uma parede. — Ele a observou. — Sabe de uma coisa? Eu quero tudo. Quero ser ganancioso e egoísta a seu respeito. Quero todas as suas risadas. Todos os seus sorrisos também. — Grim franziu o cenho. — Eu preferiria morrer do que ver você sorrir para qualquer pessoa que não seja eu.

Grim fechou os olhos lentamente. Ele parecia quase angustiado.

Por que a angústia? Isso não fazia sentido.

Quando ele os abriu, disse:

— Tem uma coisa que preciso te contar.

— Não. Tem uma coisa que *eu* preciso te contar.

Ele tinha salvado a vida dela. Isla nunca tinha confiado tanto em ninguém, exceto Celeste. Por alguma razão, queria que ele visse tudo dela. Não queria mais esconder.

Ela engoliu em seco. Suas guardiãs dariam cabo dela se soubessem que estava prestes a contar ao governante Umbra seu maior segredo.

— Eu... eu não…

Grim a observou lutar para encontrar as palavras e segurou a mão dela para impedi-la de tocar no cabelo.

— Devoradora de Corações — disse ele, o apelido agora muito gentil em sua boca. — Eu sei.

Ela franziu a testa. O que ele achava que sabia? Do que ele achava que ela estava falando?

— Eu sei que as maldições não se aplicam a você. Eu sei que você nunca usou poder.

Ela deu um passo para trás. O tempo enrolou-se em si mesmo; ele não estava passando, estava morto...

Parte dela se perguntou se deveria correr, ou se esconder, ou ficar com medo.

— Eu sei há um bom tempo.

Ele sabe há um bom tempo. E não tinha tentado matá-la. Não tinha revelado o segredo dela. Continuara a trabalhar com Isla. Ele sabia como sua vida não tinha sentido, como ela era fraca, como seu povo estava em apuros e, no entanto… ele não havia usado isso a seu favor.

— Os Umbras podem sentir maldições. No começo, não percebi, mas não conseguia sentir a sua. Então, quando aquelas Selvagens foram capazes de atacá-la na floresta, tentando pegar o seu coração…

Claro que ele teria questionado por que Isla não tinha reagido. Por que ela não tinha usado sequer uma gota de poder durante todo o tempo em que trabalharam juntos.

Agora lágrimas caíam livremente.

— Grim… o que tem de errado comigo?

Ele segurou o rosto dela com as duas mãos.

— Nada, não tem absolutamente nada errado com você, coração. — Ele disse isso pela segunda vez, contradizendo diretamente tudo o que ela já pensara sobre si mesma.

Isla ficou nas pontas dos pés e o beijou. Foi desajeitado e muito enérgico e o pegou de surpresa. Ela voltou a baixar o corpo, se perguntando por que diabos tinha feito aquilo, mas a dúvida não durou muito.

Com as mãos ainda em seu rosto, ele se inclinou e encaixou os lábios nos dela, beijando-a como se Isla estivesse prestes a ir embora, como se talvez nunca mais fosse ter a chance de beijá-la. Sua língua correu o céu da boca dela, que gemeu. Era impossível… impossível algo ser tão gostoso.

Ela era uma chama ardente, e havia roupas demais, camadas demais entre os dois. Sempre ouvira dizer que seu corpo não lhe pertencia, pertencia ao reino, mas não, naquele momento ela queria sentir tudo que fosse possível. Ela queria que Grim *mostrasse* a ela.

— Eu quero você — disse, parando o beijo deles, respirando muito rápido. — Eu quero tudo.

Grim parecia prestes a perder a cabeça. Como se não tivesse ouvido corretamente. Seu peito estava arfando. Ele hesitou um momento. Outro.

— Você tem certeza?

— Tenho — respondeu ela, e tinha mesmo completa certeza.

Grim engoliu em seco.

— Eu não sou gentil — afirmou ele, sem rodeios.

Isla abriu a boca. Fechou-a. A ideia de ele não ser gentil… a fez sentir calor em todo o corpo.

— Você… você pode tentar?

Ele hesitou. Depois assentiu.

A maneira como ele a carregou para a cama… como se ela fosse feita de vidro. Ele a colocou sobre os lençóis como se ela fosse névoa e pudesse simplesmente escapar caso não fosse cuidadoso. Os olhos de Isla se moveram para a porta fechada.

— Estamos escondidos — disse ele.

E Isla nunca ficou tão grata pelas ilusões dele. Grim deitou-se sobre ela, completamente vestido. Não. Ela não queria nada entre eles.

Puxou sua camisa para cima, mas o tecido não se moveu de jeito nenhum. Então Grim estendeu a mão para trás e a arrancou pela cabeça em um único movimento suave, fazendo seus ombros se flexionarem, e Isla não conseguia ver o suficiente do corpo dele, não conseguia tocá-lo o suficiente.

— Você é perfeito — disse ela, e não conseguia acreditar que o pensamento tinha chegado até seus lábios. — Eu não sabia… não sabia que alguém poderia ser assim. Sério, é injusto.

Grim só riu.

— Você está fazendo muito pouco para desencorajar meu *ego magnífico*.

As mãos dela deslizaram pelo peito firme dele. Grim irradiava pura potência e força. Ela traçou a cicatriz a apenas meio centímetro de seu coração, e seus olhos se fecharam por um longo momento. Ela poderia jurar que ele tremeu. As sombras em seu quarto derreteram pelo chão, formando poças.

O olhar dele estava fixo em seus seios, arrepiados de desejo, latejando como todas as partes dela, e a seda de seu vestido não fazia nada para esconder o fato. Suas mãos foram até o corpete, pronto para rasgá-lo como antes, e Isla emitiu um som de protesto.

— Demônio. Eu não vou ter mais vestidos se você continuar destruindo eles.

— Eu vou comprar novos. Vou comprar um mercado inteiro para você. Vou te dar seu próprio alfaiate.

— Está bem — disse ela, e o vestido não teve chance. Virou trapos em um segundo, e então a boca dele estava em seus seios. Ele a mordeu, levemente, e Isla emitiu um som rouco, arqueando as costas.

A mão dele desceu pela barriga dela, por baixo das roupas íntimas, e quando ele a tocou, praguejou.

— *Isla* — disse ele contra seus seios —, você realmente vai me matar.

— Eu vou, se você não continuar.

Ela estava queimando, latejando, desesperada por mais.

— Por favor — pediu ela. — Eu quero tudo.

Grim tirou o resto de suas roupas e Isla ficou imóvel. Ela já o tinha sentido antes, mas agora…

Ele deitou sobre ela novamente, com os quadris entre as pernas de Isla, e a respiração dela acelerou. Grim pressionou os lábios no seu ombro, seus seios, seu pescoço, sua bochecha.

— Acho que você vai descobrir que nos encaixamos perfeitamente — disse ele, como se estivesse lendo seus pensamentos.

Então ele olhou para ela e perguntou uma última vez.

— Você tem certeza?

— Sim — respondeu ela, e ele desceu a mão entre seus corpos.

Por um tempo, foram apenas as respirações compartilhadas, com a testa dele encostada na dela. Grim estava apoiado nos braços, sobre ela, tremendo ligeiramente enquanto exercitava cada grama de controle.

No começo, houve lampejos de dor. Ela fez caretas e Grim parou em cada ocasião. Sempre esperou que ela lhe dissesse para avançar.

Ele avançou. Mais. *Mais*.

As unhas dela cravaram em seus ombros e ela respirou fundo à medida que seu corpo se acostumava com ele. Grim foi gentil, muito gentil, segurando os lençóis, murmurando palavras no espaço entre seu pescoço e ombro.

De repente, tudo pareceu mais fácil. De repente… Isla estava arqueando o pescoço enquanto gemia, e Grim fazia um som como um

rosnado. Seu braço se curvou sob a coluna dela, e ele a puxou totalmente para o seu peito. As pernas de Isla se enroscaram ao redor dele.

Isla viu estrelas, ofegou o nome dele, disse todo tipo de coisas ridículas, e então estava gemendo, porque nunca sentira tanto prazer, nunca se sentira tão perto das estrelas…

Ela virou o rosto contra os lençóis e ele beijou seu pescoço, então gentilmente puxou a cabeça dela, dedos segurando sua nuca, até que seus olhos se encontraram. Ele parecia fixado em cada expressão dela, na maneira como Isla arquejou quando ele desceu as mãos para puxar os quadris dela contra si, na maneira como ela mordeu o lábio para evitar fazer mais barulho.

Ele puxou o lábio inferior dela de entre os dentes e a beijou.

Ela gritou contra os lábios dele ao explodir, e Grim continuou, e continuou, até explodir também.

Por minutos, ele apenas a abraçou firmemente, como se alguém pudesse tirá-la dele. Então, se levantou para olhar o rosto dela, emoções lutando no próprio rosto. Emoções inesperadas. Ela queria revirar a mente dele e brincar com o conteúdo.

— Devoradora de Corações. — Ele se inclinou e pressionou um beijo em seus lábios. — Você é uma maldição… — sussurrou ele contra a pele dela, os lábios descendo por seu pescoço até o centro de seu peito — … e uma cura.

Depois da primeira vez, ela não queria parar. Era como se um mundo inteiramente novo tivesse sido aberto, e Isla queria explorar cada centímetro dele.

Horas depois, acordou esparramada por cima de Grim. Sua bochecha estava apoiada no peito dele. Um de seus braços estava envolto ao redor dela, o outro pendia da borda da cama.

As coisas que haviam feito naquela cama…

Ela levantou a cabeça para olhá-lo e o viu já acordado. Ele encontrou seus olhos e sorriu.

Sorriu.

Ela nunca o tinha visto sorrir, não assim.

— Você tem uma covinha — disse Isla, incrédula. Isso o fazia parecer jovem e fofo, e ela mal podia acreditar.

— Tenho?

Ele nem sabia.

Ela subiu pelo peito dele e apoiou o queixo nos próprios braços, logo abaixo do rosto de Grim. Ela apenas o olhou, de baixo para cima, através dos cílios.

De repente, algo lhe ocorreu. Ele havia dito a ela que os governantes Umbra não mantinham o mesmo parceiro por muito tempo. Logo, ele a deixaria? Ele a esqueceria, como os outros?

Grim se sentou.

— O que foi? — perguntou ele com uma expressão preocupada.

— Você… você não vai desaparecer, certo? Agora que nós… agora que nós…

Ele riu e se contorceu, com os ombros tremendo de riso. Ela o beliscou abaixo das costelas, e ele continuou rindo.

— Devoradora de Corações — disse ele finalmente, sem fôlego. — Eu disse que os governantes Umbra geralmente são proibidos de se deitar com a mesma pessoa mais de uma vez. Só na noite passada…

Diversas vezes. Um alívio a invadiu. Não parecia que Grim iria a lugar algum. Ela se ergueu até estar montada sobre ele e abaixou a cabeça para poder sussurrar em seu ouvido:

— Bom. Porque eu quero fazer tudo de novo. Imediatamente.

Grim gemeu. Sua cabeça se inclinou para trás e ele fechou os olhos novamente.

— Devoradora de Corações... Você é uma maldição. — Ela se lembrou das palavras dele de antes: *Você é uma maldição e uma cura.*

— Nunca… — Ele suspirou. — Eu nunca me senti assim.

Ela se perguntou se ele estava sendo mesmo sincero. Ele era o primeiro; ela não sabia como era, exceto pela noite passada. E na noite passada…

— Então, você não vai mais receber outras mulheres que fazem fila pelo privilégio de dormir com você?

Ela esperava que Grim fizesse uma piada, ou pelo menos parecesse achar graça, mas sua expressão ficou séria.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Você acabou comigo. — Ele engoliu em seco. — Tenho mil coisas para fazer, mas tudo o que quero é nos trancar neste quarto… — Ele traçou a mão pela coluna dela, que tremeu. — Tudo o que quero é te possuir tão completamente que não haja uma parte de você que não tenha uma memória comigo.

Isla estava prestes a explodir em chamas.

— Faça isso — pediu ela. Estava pronta, ela queria…

Grim fechou os olhos novamente. Seu peito tremeu, contido.

— Uma maldição — disse ele.

Então ele a pegou em seus braços.

E fez.

Ela se transportou para o quarto de Grim alguns dias depois. Em questão de segundos, estava em seus braços. Ele a beijou como se não a tivesse visto por anos, mesmo que eles se tivessem se visto naquela manhã. Ele se inclinou, deslizou o nariz pelo seu pescoço e sussurrou no espaço entre o pescoço e o ombro:

— Você é um vício. — Ele a mordeu levemente, e ela ofegou. — Você é meu nightbane.

Isla ficou feliz por ele estar de tão bom humor.

— Não fique bravo.

Grim imediatamente ficou tenso. Levou um momento, mas por fim se afastou dela.

— Por que eu ficaria bravo, Devoradora de Corações?

Seus olhos a estudavam, como se procurassem ferimentos.

— Eu voltei à caverna…

Os olhos dele se arregalaram. Ele deu um passo em sua direção.

— Você está…

— Não estou machucada, mas…

Ele cruzou os braços.

— O quê?

Ela tentou dar o seu melhor sorriso.

— Não é nada ruim! Não fique chateado.

A expressão dele não mudou.

— Devoradora de Corações, o que é?

Ela abriu a boca. Fechou-a. Então disse:

— Provavelmente seria melhor eu apenas te mostrar.

Ela pegou sua varinha estelar, mas, antes que pudesse se transportar, planejando ir buscar sua descoberta e levar para o quarto dele, Grim agarrou seu braço e foi com ela.

O que significou que ele se transportou diretamente para a árvore onde ela tinha amarrado seu…

— Dragão — disse Grim, olhando para o pequeno pacote de escamas negras. — Devoradora de Corações… você não fez isso.

Isla se ajoelhou ao lado do pequeno dragão. Ela o encontrara vagando sozinho perto da caverna.

— Acho que ele foi abandonado pela mãe. Porque ele é pequeno. Ou está ferido. Ainda não tenho certeza.

O dragão era pequeno o suficiente para caber em seus braços. Suas escamas negras cintilavam como uma coleção de pedras escuras. Sua cabeça era arredondada. Ela ainda não o tinha visto abrir as asas.

— Pense nele como… um animal de estimação. — Ela olhou de Grim de volta para o dragão. — Para você.

Ele a olhou como se estivesse tentando avaliar sua condição mental.

— Você acha que vou manter essa criatura em meus aposentos?

— Sim, acho que vai. Porque estou pedindo.

Os olhos dele brilharam de descrença.

— Por favor, Grim.

Isla sabia que ele recusaria. Sua mente passou por diferentes lugares aonde poderia levar o dragão, no reino dos Selvagens. Talvez pudesse escondê-lo na floresta e visitá-lo entre os treinamentos? Talvez pudesse encontrar alguém que fosse um bom cuidador?

Mas, sem mais uma palavra, Grim franziu o cenho, pegou o pequeno dragão, segurou-o o mais longe de seu corpo quanto pôde e os levou para longe.

— Precisamos de um nome — disse ela depois de uma semana.

— Um nome? Ele deveria estar grato por ter um lar.

— Grim.

— O que foi?

— Pare de ser tão cruel. Olha, ele acabou de baixar a cabeça. Você o deixou triste.

Grim se virou para encará-la com uma expressão de pura incredulidade.

— Você acha que esse animal nos entende?

Ela o encarou.

— Não. Eu acho que, assim como outra *criatura* neste cômodo, ele pode ser capaz de sentir emoção. Ou, no mínimo, entender tons de voz. — Isla sentou-se e pegou o dragão em seu colo. Ela o acariciou entre os olhos e ele suspirou. — Está tudo bem. — Ela fez um tom de voz doce. — Ele é rude com todo mundo.

Grim ergueu uma sobrancelha.

— É assim que chamamos o que fiz com você na noite passada? De rude?

Isla sentiu suas bochechas corarem. O dragão inclinou a cabeça para ela, curioso, e ela se perguntou se ele realmente entendia o que eles diziam.

— Essa coisa fica voando para a minha cama à noite — disse Grim.

— Isso é fofo! — exclamou Isla.

Grim a olhou de uma maneira que só poderia ser descrita como uma fusão de nojo e horror. Sua expressão favorita. Ela o olhou e pensou que nunca tinha sido tão feliz.



PERDOE-ME

Não tinha funcionado. Nenhuma daquelas memórias havia sido útil. Pelo contrário, haviam sido prejudiciais. Agora, Isla se sentia muito mais aflita sobre o que tinha que fazer.

Oro a encontrou na floresta do Continente. Ela tinha praticado estender a mão para a ligação entre eles e tentar segurar seus poderes. Só conseguia fazer isso por um instante de cada vez.

— Só vai levar um segundo para matá-lo — disse Oro. — Não vai precisar segurar por muito tempo.

Matá-lo. Algum eco de seu passado gritou contra as palavras. Ela afastou a dúvida.

— Você deve me odiar — disse Isla.

As sobrancelhas de Oro se juntaram.

— Odiar você?

— Sim. Eu chamei Grim. Foi… foi imprudente.

— Foi, mas isso te ajudou a desenvolver seu plano. Pode nos salvar, se funcionar.

Ela o olhou, incrédula. Ele *deveria* odiá-la. Sua paciência e perdão intermináveis eram enfurecedores, porque não podiam ser reais. Enya estava certa. Oro merecia alguém melhor. Isla não era boa para ele.

— Eu estou arruinada, Oro. Você realmente deveria… realmente deveria encontrar outra pessoa para amar.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Você acha que é assim que funciona? Acha que o amor é algo que se pode controlar?

Ela levantou as mãos.

— Eu sou um caos. Vejo a maneira como você me olha. Posso imaginar as coisas que você quer. Um futuro. E se eu… e se eu não estiver pronta para nada disso?

O olhar dele não vacilou.

— Eu esperei centenas de anos por você. Você não faz ideia de como posso ser paciente.

Lágrimas arderam em seus olhos enquanto ela o olhava.

— Eu não mereço o seu amor.

— Você acredita nisso?

Ela assentiu. Realmente acreditava.

— Você não sabe. Eu sou… eu sou horrível por dentro. Minha mente é uma bagunça. *Eu* sou uma bagunça. — Isla balançou a cabeça. — Um dia eu vou fazer algo e você vai ver. Você vai me ver. O meu verdadeiro eu. A minha pior versão.

— Eu vejo tudo e te amo. É isso que te assusta?

— Por quê? Por que você me ama?

Ele a encarou.

— Durante centenas de anos antes de te conhecer, acho não que sorri, não fiz piadas nem ri mais do que algumas vezes. Nada me animava. Nada me fazia sentir algo. — Ele pegou na mão dela. — Conhecer você foi como lembrar como eu era antes das maldições. Amar você é lembrar o que eu costumava amar em mim.

Ele chegou mais perto.

— Você sente tão profundamente. Você se *importa*. Passei séculos sem sentir nada. Até você chegar. Não vê? Você me trouxe de volta à vida.

Isla pressionou a mão no peito dele, sobre o coração. Sentiu o batimento cardíaco sob sua palma. O amor entre eles era uma ponte. Ia nas duas direções. Ela podia sentir onde suas forças se encontravam tão nitidamente quanto podia sentir seu batimento cardíaco.

Ela avançou um pouco por aquela ponte. Sentiu Oro lá. Seu poder. Solar. Estelar. Lunar. Etéreo.

Ela segurou um pouco e abriu a palma da mão. O fogo rolou para fora de seus dedos. Estava tingido de azul, assim como as chamas dele.

Ela nunca se sentira tão próxima dele. Compartilhar poder era íntimo, sabia disso.

A escuridão tinha se enraizado em seu coração, mas, naquele momento, tudo o que ela podia ver era a luz.

Tudo o que ela podia ver era *ele*.

Isla se levantou na ponta dos pés e o beijou. Ele se assustou por apenas um momento antes de retribuir o beijo. Ela se agarrou ao pescoço dele, unhas cravadas em sua pele da mesma forma que haviam feito da primeira vez que ele a levara para voar.

— Eu não vou a lugar nenhum — sussurrou ele contra seus lábios. — Meu coração é seu enquanto você quiser.

— Eu também não vou a lugar nenhum — prometeu ela.

Isla disse a Oro que precisava treinar sozinha por um tempo, em preparação para a batalha. Ela pediu a ele para supervisionar a construção da barreira Estelar. Mais cedo naquele dia, Cinder havia começado a construção do escudo, convocando energia suficiente para criar uma muralha brilhante inteira sozinha. Agora, o restante dos Estelares iria construir uma segunda barreira, do outro lado, assegurando sua posição.

Quando ele se foi, e ela não podia mais sentir a conexão entre os dois, suspirou.

Lembrar não tinha funcionado.

Ela caminhou até a ponte da Ilha Selvagem e a atravessou. Fez o caminho até o Palácio dos Espelhos. Parou em frente ao cofre e sacou

uma lâmina.

— Perdoe-me — disse ela, pensando em Oro.

Então quebrou sua promessa. Ela fez um corte longo na palma da mão. A pele se abriu, o sangue fluiu, a dor se fez ouvir…

Ela transformou tudo isso em força.

Todo o poder Selvagem dentro dela — a semente — derreteu, escorreu pelos ossos como ouro líquido.

Isla enfiou sua coroa na fechadura, girou…

E forçou a porta a se abrir completamente.

Nenhuma onda a impediu.

Ela deu um passo para dentro do cofre.



DESTRANCADO

O cofre estava envolto em uma escuridão estrelada.

E estava vazio.

Não. Impossível. Ela conseguia sentir o poder em toda parte, o gosto metálico em sua boca, o suficiente para quase fazê-la cair de joelhos.

De onde estava vindo?

Sangue pingou de sua mão no chão de pedra lisa. Seus pés descalços escorregaram sobre ele enquanto ela procurava desesperadamente em todos os cantos.

Nada.

Rugidos encheram seus ouvidos; o mundo parecia se inclinar.

Ouviu passos atrás dela.

Isla virou-se rapidamente e quase caiu no chão.

— Olá, passarinha — disse Terra.

Sua guardiã deu um passo à frente.

— Você está orgulhosa, passarinha?

Ela sorriu para a mão de Isla, que ainda sangrava profusamente. Isla nem sentia mais a pontada de dor. O poder ainda se acumulava em seus ossos; ainda cobria tudo o que tocava como mel.

— Você está orgulhosa, quando deveria sentir vergonha?

Grim devia tê-la levado até ali. Era a única explicação. Ele devia estar observando.

Terra roubara o que tinha dentro do cofre?

Não. Ela não poderia ter feito isso. A coroa de Isla era a única chave.

Então por que ela estava ali?

Isla riu sem emoção, o choque lentamente se dissipando. *Vergonha?*

— Você, que mentiu para mim durante toda a minha vida. Você, que treinou uma garota para lutar, mas planejou para que ela seduzisse um rei. — Ela deu um passo. — Você. — Sua voz começou a tremer incontrolavelmente. — Que *matou meus pais* a sangue-frio. — Outro passo, até que ela saiu do cofre e ficou na frente de sua antiga guardiã. Sua antiga professora. Sua antiga amiga. — Você, que me alertou durante toda a minha vida sobre os Umbras e agora se uniu a eles.

Terra permaneceu parada e ouviu, com o queixo erguido, quase como um desafio.

— Fiz o que foi preciso para proteger nosso reino. Para proteger você. E continuarei a fazer. — Ela estendeu a mão. — Venha comigo, passarinha. Antes que piore as coisas.

Piorar?

Ela cuspiu aos pés de Terra.

— Você é uma traidora. Não fale comigo sobre piorar nada.

A videira veio do nada.

Isla foi arremessada pelo chão. Ela escorregou por alguns metros e parou. Seus ombros se curvaram. Ela ofegava. Então sorriu.

— Eu não sou mais a tola impotente que você criou.

Em seguida, trouxe toda a força da floresta pelo teto do Palácio de Espelhos. Árvores invadiram as janelas que ainda restavam e galhos se estenderam em formas distorcidas.

Vinhas avançaram contra Terra de todas as direções, o suficiente para afogá-la em seu aperto, mas a mestra esticou os braços em

movimentos treinados e todas foram derrubadas.

O poder de Isla estava por toda parte; inundava todos os seus pensamentos, todos os seus sentidos, a dor em sua mão alimentava sua fúria. Ela berrou e o chão de pedra se desfez enquanto árvores com espinhos irrompiam de baixo, bem onde sua guardiã estava.

Terra saltou de um lado para outro, evitando por muito pouco cada uma das plantas antes que elas a empalassem em seus espinhos.

— Passarinha, seu treinamento é péssimo. — Ela balançou a cabeça, movendo-se com facilidade de um lado para outro quando uma pedra gigante irrompeu pelo teto, rachando-se em mil fragmentos. — E você é previsível demais.

Preveja isso, então, pensou Isla, antes de afiar o tronco de uma árvore maciça em uma lâmina. Ela a lançou contra sua antiga professora, o poder latejando em seus ouvidos, ansioso para vê-la ser derrubada. Queria vê-la morta, sangrando no chão.

O poder tem gosto de sangue.

Antes que sua espada pudesse empalar Terra contra a parede, sua mestra fez a própria lâmina, entalhada da pedra de uma encosta. A arma entrou através das janelas quebradas do Palácio de Espelhos. Agora ambas as armas flutuavam entre elas, duas espadas enormes prontas para duelar.

Isla sorriu.

— Como nos velhos tempos — disse por entre os dentes. Ela saboreou o gosto metálico. Saboreou o sangue.

E atacou.

Suas espadas se chocaram, fazendo um som que ressoou por toda a Ilha Selvagem. Isla empunhou a lâmina com a mente, mais rápido, mais rápido, usando todas as técnicas que sua professora havia ensinado a ela. Mas agora ela estava mais forte.

Era uma governante. Ela governava sobre *todos*, não o contrário. Não mais.

E Isla não se importava com jogar limpo.

Ela criou outra espada, esta feita de mil pedras que surgiram do nada, seu poder se transformando em cristal, rubi e diamante. Foi preciso esforço, o suficiente para sentir seu poder sendo usado até o último fio. Era sua raiva, endurecida em uma lâmina, cintilante, memorável, prestes a fazer sua guardiã pagar.

Ela cortou o ar atrás de Terra, pronta para se cravar em suas costas, destruir tudo o que ela já tinha sido.

Mas, antes que pudesse, Terra fechou a mão em um punho e a arma se despedaçou.

Isla foi arremessada para trás, voando. Ela atingiu o chão com um estalo. Escorregou até bater na parede.

Seu poder tinha sido drenado até as cinzas. Toda sua fúria, tristeza e dor tinham se revoltado e sido derrotados.

Ela estava incapaz de mover um músculo quando Terra se aproximou e franziu a testa ao olhar para ela.

— Passarinha, suas emoções sempre foram sua maior fraqueza. Você ainda é tão tola. Faça como quiser — disse ela, então se inclinou para dizer: — Obrigada por abrir o portal para nós.

Seus passos ecoaram enquanto ela saía do Palácio de Espelhos.

O quê? Que portal?

As últimas palavras de Terra foram uma chave, desbloqueando uma memória.



ANTES

Isla estava polindo suas estrelas de arremesso depois de treinar com Terra quando sentiu. Algo a chamando da floresta.

Franziu a testa. Não fazia barulho, mas era como se estivesse tocando seu ombro com sua presença.

Grim deveria encontrá-la em breve. Ela deveria esperar por ele.

Mas o chamado a atraía, agora mais desesperado.

Isla guardou suas estrelas de arremesso e adagas nos bolsos e usou sua varinha estelar para se transportar para a floresta.

O sol estava prestes a se pôr. Um tom dourado espreitava por entre o topo das árvores. Era um momento perigoso para estar na floresta, sedenta de sangue e conhecida por atacar.

Ainda assim, ela seguiu o chamado.

Ela o seguiu até chegar a um local que a anciã lhe mostrara antes de morrer. Um rio enquadrado por penhascos, e cachoeiras que caíam em quedas transparentes. Pedras maiores do que seu crânio alinhavam a borda, desgastadas pelo tempo.

E, cravada na terra, como se atirada dos céus, estava a espada.

As lâminas gêmeas da espada refletiam a luz em brilhos duplos. Uma pedra vermelha e brilhante estava cravada em seu cabo. Era pesada

em sua mão.

Grim se transportou para o quarto dela e ficou pálido.

— Devoradora de Corações, onde você encontrou isso?

A princípio, ela ficou feliz. Animada, extasiada por a espada ter se apresentado. Ela ajudaria *Grim*. Ele *a* ajudaria.

Então começou a se fazer perguntas.

— Você disse que tinha algo para me contar — disse ela, lembrando a noite em que ele a levara para a cama pela primeira vez. — Antes de eu interrompê-lo. O que era?

Grim engoliu em seco. Ele parecia quase… com medo. Ele se sentou em uma das cadeiras dela e fez um gesto para que Isla se sentasse na frente dele.

— Eu vou ficar de pé — disse ela abruptamente, já sentindo a traição enraizada em seu peito.

Grim ficou em silêncio por alguns momentos, com os olhos nas mãos em seu colo, e então falou.

— Comecei minha busca por essa espada há mais de vinte anos. — Ele olhou para a espada por apenas um momento antes de trazer os olhos de volta aos dela. — Eu tive ajuda. Meu melhor general. Um dia, ele seguiu uma pista, usando para chegar lá a relíquia que eu tinha feito.

A varinha estelar.

— Então… ele desapareceu.

Ela se lembrou de Grim dizendo que tinha sido traído antes, por alguém com quem ele havia caçado a espada. Era por isso que ele sempre fora tão discreto, tão avarento com informações.

— Eu presumi que ele havia morrido na tentativa de pegar a espada. Por mais de duas décadas, acreditei que isso fosse verdade. Até você se transportar para o meu palácio.

O que o general dele tinha a ver com ela?

— Guardas encontraram suas roupas, aquelas que você deixou para trás. Quando descobri que você era Selvagem, soube que havia apenas uma maneira de ter chegado ao meu palácio tão rapidamente.

E então… quando percebi que você não era afetada pela maldição, tudo fez sentido.

Isla deu um passo para trás. A ponta da espada sibilou contra o chão.

— Como assim?

Os olhos dele ficaram suaves.

— É raro, mas não governantes podem ter habilidades. Meu general tinha uma. — Sua voz era gentil. — Ele era imune a maldições.

Foi ele quem fez seu amuleto.

Lágrimas arderam nos olhos dela antes que Isla sequer entendesse o que ele queria dizer, como se seu corpo tivesse juntado todas as peças antes que sua mente pudesse processá-las.

— Ele era o seu pai, Isla.

— Não.

Aquilo significaria... significaria…

— Eu não sou Umbra.

Grim sorriu.

— Mas você é. Você *é*.

Ela balançou a cabeça.

— Isso não faz sentido…

— Acredito que seu pai encontrou a espada. Mas ele sempre temeu que, um dia, eu compartilhasse as ambições de meu pai e usasse os dreks para conquistar Lightlark. — Ele franziu o cenho. — Ele deve ter conhecido sua mãe. E claramente…

— Por que ele pensaria isso?

O pai dela havia feito de tudo para garantir que Grim não conseguisse a espada. Ele devia ter tido uma boa razão. Ela se lembrou do que Grim lhe disse.

— Por que seu pai queria tanto Lightlark?

— Lightlark é uma miniatura — disse Grim. — Os criadores da ilha fugiram de um mundo composto por diferentes países. Lunar, bem ao norte, enterrada no gelo. Solar, no centro, onde o sol brilhava

mais. Selvagem, ali perto. Etéreo, depois Estelar, depois Umbra, na extremidade oposta, onde era mais escuro e mais frio. Eles trouxeram milhares de pessoas para cá, para este mundo, e criaram uma versão menor daquele de onde vieram.

Ela nunca tinha ouvido falar daquilo. Parecia impossível.

— Cronan, meu próprio ancestral, quis voltar, depois de ser expulso de Lightlark. Mas o portal está incorporado na base da ilha; usá-lo com sucesso significaria destruir Lightlark.

— Por que ninguém sabe disso?

Poppy e Terra nunca mencionaram nada daquilo em suas aulas de História.

— Apenas as criaturas antigas daquele mundo permanecem. Com o tempo, as informações foram perdidas, mas não pelos Umbra. Embora meu povo nunca tenha tentado procurar o portal novamente, até o meu nascimento.

— Por quê?

— Tenho a mesma habilidade de Cronan. Usar portais. O portal não funciona por conta própria, ele requer alguém com minha habilidade.

A destruição de Lightlark… isso condenaria milhares de pessoas à morte.

— Por que alguém desejaria voltar para aquele outro mundo?

— Eu não quero. Já fomos à guerra pelo portal, mas, após as maldições, quando meu pai morreu, eu abandonei a busca. Eu só precisei da espada depois que os dreks se tornaram um problema, para detê-los.

— Alguém mais sabe sobre o portal?

Grim assentiu.

— Sei apenas de um outro governante. Cleo. Ela está… muito interessada em usá-lo.

Foi assim que Grim conseguiu o remédio Lunar. Cleo estava ajudando por um motivo. Estava tentando persuadi-lo.

— Por que ela quer uma coisa dessas?

— Eu não sei. Ela quer ir para aquele mundo, por algum motivo.

— Mas você não vai fazer isso, certo?

— Não. Mesmo que eu quisesse, não poderia. O portal está no palácio Selvagem em Lightlark. Apenas um governante Selvagem pode abri-lo.

Ela nunca faria isso. Lágrimas ardiam em seus olhos. Nunca condenaria uma ilha inteira.

Sua garganta estava apertada. Ela finalmente tinha respostas. No entanto, parte dela desejava não ter feito nenhuma pergunta. Estava mais feliz vivendo na ignorância.

— Aqui — disse ela, lançando a espada para ele. Queria esfaqueá-lo com ela.

Grim pegou a espada e a encostou na parede.

— Eu te disse. Não quero mais usá-la.

— Certo — respondeu Isla, a voz cruel. — O custo é muito alto. Me diga a verdade agora. Qual era o custo?

— A sua vida.

Ele disse isso com tanta naturalidade que tudo o que ela pôde fazer foi encará-lo enquanto as lágrimas caíam lentamente por suas bochechas.

— Minha… *vida*? — Sua voz falhou na última palavra.

— Eu precisava que você usasse sua habilidade para quebrar a maldição na espada. Era uma maldição antiga. Quebrá-la teria te matado na hora ou encurtado sua vida.

Seu mundo tinha acabado de se chocar contra uma rocha. Tudo o que ela achava que sabia estava despedaçado.

— Você sabia desde o começo — disse ela. Lágrimas escorriam quentes por suas bochechas. — Você sabia quando fizemos o acordo. Foi *por isso* que você o fez. Você sabia que isso poderia me matar. Provavelmente nem estava planejando ir ao Centenário.

Ele não tentou negar.

— Isso foi antes de eu te conhecer. Antes de… tudo isso acontecer.

Não fazia diferença para ela. Mal conseguia enxergar; suas lágrimas haviam distorcido tudo, e ela não se importava, porque não queria olhar para ele.

— Adeus, Grim. Eu nunca mais quero te ver de novo.

Silêncio.

— Você tem certeza?

— Tenho.

Ele fechou os olhos diante das palavras. Por um tempo, não disse nada. Então, muito lentamente, como se ainda estivesse tentando entender as próprias emoções, ele disse:

— Fui esfaqueado mil vezes… mas nada doeu mais do que ouvir você dizer adeus.

E então ele desapareceu.



PORTAL

Oro não disse uma palavra sobre o corte na mão dela. Ele não ficou bravo. Tudo o que ele fez foi pegá-la do chão do Palácio de Espelhos e levá-la de volta para o quarto deles. Cuidou do ferimento dela, alimentou-a com caldo e deu-lhe remédios. Ella estava nas novas terras Etéreas agora, quase todo mundo estava, então ele desceu até a cozinha e fez tudo sozinho.

Oro a encontrou através do vínculo deles. Ela o chamou, sua essência apenas um sussurro… e ele respondeu.

Ele sempre respondia.

Ele merecia algo muito melhor. Enya estava certa.

Por que ela nunca ouvia? Por que nunca aprendia?

Quando recuperou sua força, ela disse:

— Preciso te contar uma coisa.

O castelo estava vazio. O ataque aconteceria no dia seguinte. Azul, Oro, Isla, Zed, Calder e Enya reuniram-se na escadaria da frente. As legiões tinham suas ordens. Eles tinham um plano.

Mas algo havia mudado.

— Eu sei por que ele está vindo — disse Isla, e contou tudo. Sobre o outro mundo. O portal. O fato de que usá-lo destruiria Lightlark

completamente.

— Por que ele quer ir para um mundo diferente? — perguntou Azul.

Isla não sabia. Essa parte não fazia sentido. Em suas memórias, ele havia contado a ela sobre o outro mundo sem mostrar nenhum interesse em visitá-lo.

O que mais ela não estava lembrando?

Zed andou de um lado para o outro na escadaria.

— Seja qual for o motivo dele, temos que garantir que o portal permaneça fechado. Nós precisamos…

— Ele já está aberto — contou ela, lágrimas escorrendo.

Uma tempestade rachou o céu ao meio. O vento uivava ao redor deles.

— Como assim "ele já está aberto"? — indagou Zed.

Isla sentiu os olhos de todos sobre ela.

Terra estava certa. Ela ainda era tão tola. Estava tão cega por sua necessidade de abrir o cofre, por seu desejo de provar a si mesma como uma verdadeira Selvagem, que havia dado ao inimigo a chave para destruir tudo o que ela amava.

Sua voz era apenas um sussurro.

— Eu o abri para ele.



DESTINO DIVIDIDO

Era a manhã do dia do ataque. A oráculo estava encostada no gelo, como se não conseguisse se manter de pé. Ela sorriu quando viu Isla.

— Você deixou para o último momento, não é mesmo? — comentou, a voz ecoando. — Minha última profecia, a mais importante até agora… e você quase a perde.

Lágrimas secavam nas bochechas de Isla. Ela estava anestesiada. Tinha destruído tudo. A oráculo tinha exigido que ela retornasse.

— O que você quer?

A oráculo murmurou contra o gelo.

— Meus desejos importam muito pouco, na verdade. Os seus, no entanto… vão decidir o destino do mundo.

Isla balançou a cabeça.

— O destino já foi decidido. Eu abri o portal. — Sua voz tremia. Ela tinha tentado fechá-lo novamente, mas a porta não havia se movido um centímetro.

Errado. Ela tinha feito tudo errado.

A oráculo olhou para ela com curiosidade.

— O destino ainda não foi decidido. A batalha nem sequer começou.

Não. Isso não podia ser verdade.

— Selvagem, você precisa entender que o futuro está dividido ao meio. Existem duas possibilidades, e uma não é maior que a outra. Eu vejo você escolhendo cada um dos caminhos. Isso muda quase a cada minuto.

— Quais caminhos? — perguntou Isla.

— Seu coração decide o futuro do mundo. Sua escolha decide.

— Que escolha? — ela praticamente gritou.

— Oro e Grim.

Isla congelou ao ouvir o nome deles.

— Você vai matar um deles. Isso é certo. Qual deles vive e qual morre… isso ainda não foi decidido.

Ela planejara matar Grim naquele mesmo dia… mas a oráculo agora dizia que era igualmente provável que ela acabasse matando Oro.

Não podia ser verdade.

Agora que ela tinha a maior parte de suas memórias de volta… não queria matar nenhum deles.

— *Nada* está decidido — repetiu a oráculo. — As duas possibilidades são igualmente prováveis. Você *matará* um deles, com as próprias mãos.

Aquele não podia ser seu destino. Ela não podia ser a responsável por decidir o futuro do mundo. Por que ela?

— Você, cujo coração foi dividido de muitas maneiras, é capaz tanto de dar vida quanto de tirá-la. Você é uma maldição e uma cura.

Grim havia lhe dito aquelas mesmas palavras…

Isla chorou de soluçar, as mãos cobrindo o rosto. Sua mente estava em guerra. Quanto mais ela lembrava…

— Eles estão quase chegando — disse a oráculo. — Vá agora. Faça sua escolha.

A oráculo sorriu uma última vez antes que a barreira de gelo se quebrasse e caísse, a água formando uma onda que Isla só evitou ao se elevar usando suas habilidades de Selvagem.

Quando a água se dissipou, a oráculo tinha desaparecido.

Isla corria pelo Continente nas costas de Lynx. Ele estava usando sua armadura completa, marcada pelas batalhas anteriores ao lado da mãe de Isla.

Lynx não precisou de muito tempo para se acostumar com a ilha. Ela se segurava com firmeza enquanto ele habilmente evitava os espinhos que ela mesma havia colocado para bloquear os Umbras. O vento chicoteava seu rosto. Lágrimas salgadas escorriam por suas bochechas.

Você vai matar um deles.

Não. Dias antes, ela havia declarado que ajudaria a matar Grim. Faria com que ele ficasse sem seus poderes. Mas agora… ela se lembrava de muito mais.

Ele era seu inimigo. Estava vindo para destruir a ilha. Ele ia matar inocentes, *matá-la*, se Isla não o detivesse. Então por que a ideia de machucá-lo doía tanto? Por que parecia que ela estava sendo rasgada ao meio?

Seu exército estava em posição, pronto, espalhado pelo único espaço vazio que restava no Continente. Guerreiros Etéreos cintilavam como ornamentos, armaduras reluzentes enquanto aguardavam acima. Ciel e Avel estavam entre eles. Cada um estava equipado com dezenas de flechas de metal. Zed e Calder haviam trabalhado duro para garantir isso.

Antes de partir, horas atrás, Azul dera a eles um presente. Uma tempestade violenta rugia bem acima da ilha, contida entre fileiras de nuvens, como uma cerca para impedir que os dreks escapassem quando os Etéreos começassem a usar suas armas especiais.

Azul parecera devastado por partir. Ele segurou as mãos de Isla na despedida e ela colocou um de seus anéis no dedo dele, da mesma maneira que fizera na primeira vez em que se encontraram.

— Guarde-o para mim — pediu ela. — Até nos vermos novamente.

Lynx parou subitamente na frente de Oro. A criatura traiçoeira o cumprimentou com cerca de dez vezes mais carinho do que cumprimentava Isla.

Enya estava ao lado de Oro, usando uma armadura dourada, parecendo determinada. Ela acenou para Isla e depois para Lynx, que inclinou a cabeça em cumprimento.

Uma Solar chamou por Enya, que pediu licença. Isla a observou se afastar e…

— Tenha... tenha cuidado — disse Isla, surpreendendo a si mesma.

Ela não percebera o quanto tinha começado a gostar da Solar, mesmo depois do que ela havia dito.

Enya sorriu por cima do ombro.

— Não se preocupe comigo, Selvagem — disse, piscando. — Eu não morro hoje.

Isla se perguntou se poderia dizer o mesmo.

Desceu das costas de Lynx e ficou na frente de Oro. Ela não conseguia encontrar seus olhos depois do que havia acabado de descobrir.

— Eles chegarão em breve — disse.

Não contaria a ele que havia visitado a oráculo. Como poderia explicar que a mulher havia previsto que ela tinha as mesmas chances de matar Oro e de matar Grim?

Não. Impossível. Ela mataria Grim naquele dia e encerraria a profecia. Não havia chance de que pudesse ser Oro.

— Você está bem? — perguntou ele, sua mão quente no braço dela.

— Não. Estou com medo. — Ela nunca tinha estado em uma batalha de verdade antes. E certamente não em uma daquela escala. — Tenho medo de já ter estragado tudo.

Oro balançou a cabeça e a puxou para seu peito.

— Nós temos um plano — disse ele, os lábios pressionando sua testa. — O portal aberto não muda isso.

Não. Mas certamente elevava as apostas.

O plano deles tinha mudado ligeiramente, agora que sabiam que Grim estava mirando o portal no Palácio de Espelhos. O poder Umbra não funcionava lá, o que significava que Grim não poderia usar um portal para entrar diretamente. Isla cobrira cada centímetro da ilha com plantas venenosas. O mais próximo que ele poderia chegar era a ponte, onde ela estaria esperando.

Era lá que eles iriam lutar.

— Isla — disse Oro suavemente.

Ela olhou para ele, que traçou seus lábios com a ponta do dedo e sorriu. Então seu rosto ficou sério.

— Se algo acontecer comigo, quero que você vá embora. Quero que pegue todo o meu poder e vá embora.

Ela franziu o cenho.

— Oro, *nada* vai…

— Amor — disse ele, sorrindo novamente. Parecia quase feliz… quase em paz. Ele ajeitou um fio de cabelo rebelde e disse: — É tudo por você. — Oro pegou sua mão e a pressionou contra o peito. Seus olhos se fecharam por um instante e ele continuou sorrindo. — Todos esses anos, eu os guardei para você.

Isla não sabia por que estava chorando.

— São seus. Sempre serão seus. Proteja o povo de Lightlark.

Não. Ela não sabia por que ele estava falando assim. Tudo o que podia dizer era a verdade.

— Eu te amo.

O sorriso de Oro ficou mais largo, e era perfeito demais, uma alegria grande demais para caber em uma pessoa, era bom demais para ser verdade, como um dia ensolarado logo antes de uma tempestade. Ele produziu uma rosa em sua mão e disse:

— Eu sei.

Isla enfiou a mão por baixo de sua camisa e mostrou a ele sua rosa dourada. O colar que ela usava abaixo do outro colar que não conseguia tirar.

Ele a abraçou e a beijou.

Foi aí que ela começou a se preocupar.

O beijo foi desesperado, como se pudesse ser uma das últimas coisas que ele faria. Oro se inclinou e sussurrou em seu ouvido:

— Um dia, vou te levar ao meu lugar favorito. — Ela se lembrou de tê-lo ouvido falar sobre isso. Uma praia na Ilha do Sol com a água do mesmo tom de verde dos olhos dela. — E vou te deitar sobre as rochas. — O pulso dela acelerou. — E vou fazer com que seja o seu lugar favorito também.

Isla sorriu. Desejava aquilo desesperadamente. Conseguia ver de forma tão clara... Oro a deitando na areia, as ondas quebrando ao redor deles enquanto ele lhe dava prazer da mesma maneira que tinha feito em seu quarto.

E ela também podia ver além.

— Amanhã — disse ela. — Vamos fazer isso não *um dia*, mas amanhã. Vamos ganhar, tudo vai ficar bem, Lightlark vai sobreviver, e amanhã vamos à praia.

Oro sorriu. Acenou. Mas ela o conhecia. Conseguia ver os pequenos sinais.

Ele não acreditava nela.

Em um momento, o Continente estava vazio, exceto por seus próprios soldados.

No seguinte, o exército de Grim estava por toda parte.

O sangue de Isla gelou. Grim havia levado todos — *milhares* — de uma vez. Ela sabia o quanto de poder aquilo exigia.

Sombras e cinzas irromperam pelo Continente e foram encontradas por chicotadas de fogo. O vento varreu os céus. Metal se chocou contra metal. Gritos, berros, brados…

— Amanhã — disse Oro, dando um último beijo em seus lábios. Então ele saltou para o ar, direto para a batalha.

O efeito foi imediato. Isla assistiu maravilhada quando o fogo de Oro se tornou uma onda que lavou dezenas de soldados Umbras, quando ele retirou água do mar e inundou uma unidade inteira,

jogando-os pelo penhasco da ilha. Ele fez uma espada de faíscas Estelares e começou a lutar, e qualquer um que ousasse se aproximar dele morria.

Lynx se abaixou e Isla tomou impulso para se lançar em suas costas e se acomodar na sela.

— Vamos — disse, e ele avançou.

Um grupo de Umbras apareceu em seu caminho, mas, antes que eles pudessem desenhar uma única sombra, Lynx rasgou a maioria deles e despedaçou o restante com suas poderosas presas.

Do alto de suas costas, Isla tinha o ponto de vantagem perfeito. Ela virou-se nas duas direções, seus braços se movendo de forma selvagem, enterrando alguns Umbras no chão e cobrindo outros com um mar de plantas venenosas. A flora que ela havia criado anteriormente também reagiu, quase como extensões dela, espetando com seus espinhos e farpas.

Perto da costa, Isla viu o que parecia ser uma parede de água em movimento. Era Calder. Ele varreu a terra dentro de uma onda gigantesca com uma dúzia de cabeças de serpente saindo dela. Elas se lançaram, engolindo Umbras, afogando-os. Calder parecia estar em profunda meditação. Matar parecia contrariar sua natureza pacífica, e ela sabia que cada morte o assombraria depois.

Os Umbras lutavam de volta com satisfação. Ao contrário de Calder, a maioria deles parecia desfrutar da matança. A escuridão estava em toda parte, como tinta derramada, exatamente como em sua visão. Ela assistiu a um Solar virar cinzas. Um Etéreo foi cortado ao meio por uma sombra. Seus pedaços caíram do céu, pousando no meio da vegetação espinhosa.

Ela lançou o braço para o lado e enviou uma fileira de Umbras voando em direção a um dos escudos Estelares. Seus corpos se quebraram contra ele. Ela impulsionou outro grupo para o meio de suas plantas venenosas. Seus gritos rapidamente se transformaram em silêncio.

Nenhum sinal dos dreks. Ainda não.

Talvez ela estivesse errada. Talvez Grim não tivesse encontrado uma maneira de usar a espada. Talvez os dreks não fossem uma ameaça. Eles já estariam na batalha àquela altura, certo?

Em um piscar de olhos, o mundo saiu do eixo quando Lynx foi atingido. Isla conseguiu envolvê-los em um escudo de energia e, juntos, eles capotaram pelo Continente, varrendo todas as plantas em seu caminho.

— Lynx! — gritou ela assim que se pôs de pé.

Ela correu para o leopardo caído. Ele não estava se mexendo.

Ela se jogou em cima dele, protegendo-o com seu poder.

Não. Se ele estivesse ferido, se estivesse…

Ele fez um som de irritação embaixo dela, como se estivesse chateado por Isla estar se esforçando para sentir sua pulsação.

Ela enterrou o rosto em seu pelo, alívio gelando seu sangue. Sombras haviam comido parte de sua armadura. Se ele não estivesse a usando, teria sido sua pele.

Poderiam tê-lo matado.

A raiva percorreu suas veias, energia encheu seus membros. A voz de Oro estava em sua cabeça, dizendo para ela se acalmar. Dizendo que ser emotiva a faria perder o controle.

Ela tentou respirar fundo e superar a raiva, mas isso só a intensificou, até que seu poder estava tão saturado que ela podia sentilo como um peso no peito.

Antes que pudesse se impedir, sua mão bateu no chão à frente e a ilha se partiu. O terreno ondulou, engolindo todo Umbra em seu caminho, até que eles estivessem enterrados sob as rochas. Mais deles avançaram, e ela quase sorriu, algo maligno se desenrolando no peito.

Eles chamaram suas sombras?

Ela chamou as próprias.

As sombras jorraram de seus dedos, e ela as reuniu da mesma forma que havia feito em seu treinamento com Remlar.

— Abaixe-se — disse para Lynx, e ele se abaixou no momento em que ela transformou seu fluxo de sombras em uma foice que cortou

todos os Umbras ao seu redor.

Estava ofegante. Tinha usado poder demais muito rapidamente.

Porém, todos os inimigos ao seu redor agora estavam mortos.

Mais estavam se juntando a eles.

Etéreos disparavam rajadas poderosas de cima, forçando os Umbras em direção ao centro. Solares criavam paredes de chamas. O exército de Grim estava lentamente sendo encurralado, a legião de Lightlark avançando de todos os lados.

Agora, ela pensou, pegando sua varinha estelar de sua bainha às costas.

— Volto em um instante — disse a Lynx, que abaixou a cabeça. Então Isla usou um portal para a Ilha do Céu, onde sua própria legião estava esperando.

— Está na hora? — perguntou Singrid assim que a viu, sorrindo, claramente ansioso para se juntar à batalha.

Os Vinderens estavam prontos atrás dele, centenas de guerreiros brandindo suas armas. Nas proximidades, Remlar observava com curiosidade, junto com seu povo e as outras criaturas noturnas que ela havia recrutado.

O plano deles era simples. Os exércitos de Oro cercariam as forças Umbras. Iriam encurralá-las. Continuar movendo-os para o centro de seu campo de batalha. Então Isla levaria a segunda onda de guerreiros por um portal direto para o meio, para que as forças de Grim fossem cercadas em todas as direções.

— Está na hora.

Isla desenhou sua poça de estrelas tão grande quanto conseguiu. E, com toda força que restou, a manteve aberta enquanto centenas de soldados corriam para dentro. Ela foi a última a entrar.

Gritos de guerra perfuraram o ar. Agora os Umbras estavam sendo sufocados. Solares, Etéreos, Vinderens e criaturas noturnas lutavam lado a lado.

Ela se maravilhou com isso. Inimigos, agora unidos.

Ela foi levantada do chão por Lynx, que a jogou em suas costas sem nem desacelerar. Isla se segurou à sela e se juntou à luta.

Os Umbras não tinham chance. Estavam sendo quase facilmente dominados.

Então uma mulher veio do mar, na crista de uma onda que superava até as Montanhas Cantantes.

A água se chocou contra o Continente e os soldados foram cobertos, então congelados onde estavam. Não conseguiam mover as pernas. Lynx só evitou o gelo saltando no último segundo. Suas patas fizeram um som ao pousarem no chão congelado, rachando o gelo.

De repente, Cleo estava bem na frente dela. Não estava usando um vestido. Não, ela usava um traje de combate que cobria cada centímetro de seu corpo, exceto pelas mãos e pelo rosto. Era branco, com detalhes azul-escuros. Ela franziu a testa para Isla e Lynx.

— Que animalzinho agradável — disse, inclinando a cabeça. — Mas você está do lado errado, Selvagem. Você disse que queria que seu reino sobrevivesse, não é?

Não passou despercebido a Isla o fato de Cleo não ter matado os soldados de Lightlark. Ela poderia tê-los congelado completamente, mas não o fez. Ainda havia uma chance de que ela mudasse de lado.

Isla a entendia agora mais do que nunca: uma mulher que havia dedicado toda a vida a liderar seu reino. Que permitira a si mesma uma felicidade e a perdera.

— Por que está fazendo isso? — perguntou Isla.

— Por ele — disse Cleo. *Seu filho*.

— Eu não entendo.

Cleo colocou a mão no pescoço e retirou o colar que usava. A pedra azul cintilou.

— O outro mundo tem um poder que mal compreendemos. As almas podem renascer.

Agora ela entendia. Cleo acreditava que havia uma chance de ver seu filho novamente.

— Não posso permitir que você use o portal.

Cleo franziu a testa.

— Eu esperava que você entendesse. Nós realmente precisamos de você.

A Lunar levantou os braços e o oceano correu para envolver seu corpo, se curvando, vivo, tomando a sua forma. Ela foi erguida no ar em um redemoinho de água.

Cleo estendeu a mão e seu braço se tornou uma corda de água que fez Isla voar para trás, direto para fora de Lynx. Seu leopardo rugiu. Antes que ela batesse a cabeça no gelo, um leito de flores desabrochou atrás dela, irrompendo através da geada, aparando sua queda.

Cleo riu, o som abafado e distorcido pela água ao seu redor.

— Flores não vão te ajudar.

Isla se levantou lentamente. Deu um passo e o gelo se quebrou. Flores brotaram em seu rastro. Vinhas se formaram em seus braços, longos espinhos crescendo contra os nós dos dedos.

Ela havia observado a Lunar lutar. Usava as mãos. Precisava delas para manipular a água.

Era impossível segurar os pulsos de Cleo em sua forma coberta de água. As restrições de Isla escorregariam facilmente.

Cleo estava ocupada demais encarando Isla para perceber que Enya havia se transformado em uma chama viva atrás dela. Um entendimento passou entre Isla e a Solar.

Isla avançou. Cleo a observou, a água girando, crescendo.

E Enya também. Ela pulou, as asas feitas de chamas se desenrolando de suas costas e envolvendo a governante Lunar.

Cleo foi rápida, jogando Enya para trás com um espesso jato de água. Mas, por apenas um momento, seu escudo de água derreteu, enfraquecido pelas chamas.

Era tudo o que Isla precisava. Raízes surgiram do chão e se prenderam aos pulsos da Lunar em segundos. Em seguida, prenderam suas pernas. Uma se enrolou em volta de seu pescoço para garantir. Flores cresceram nas amarras. Isla colheu uma delas.

— As flores ajudaram.

Isla não viu mais Lunares. Cleo tinha uma legião. Estaria poupando-os para depois que o exército de Grim terminasse?

Parte dela temia que os Selvagens pudessem lutar ao lado dos Umbras… mas seu povo não estava em lugar algum.

Isla se perguntou se isso era melhor ou pior.

Ela estava de volta em Lynx em um instante, atravessando a batalha. A esperança floresceu mais uma vez. Muitos dos Umbras estavam mortos. Eles tinham uma chance, pensou. Parecia que poderiam vencer.

Até que um som de estalo ecoou pelo mundo e os dreks encheram o céu. Eram centenas. Tantos que pareciam retalhos do céu noturno, voando.

Eles estavam por toda parte. Etéreos lutaram de volta com suas flechas com pontas de metal e algumas das criaturas foram abatidas, mas foram rapidamente substituídas.

Um clarão como um raio cruzou acima dela; alguém estava girando uma espada especial com ponta de metal e se movendo tão rapidamente que atravessou um dos dreks. A criatura morreu instantaneamente e caiu, esmagando um grupo de Umbras.

Zed.

Ele realmente era rápido.

Isla respirou fundo, tentando concentrar sua energia no céu. Ela estava com uma das lâminas com ponta de metal em seu cinto. Com um golpe de poder, talvez conseguisse atingir uma das criaturas. Mas, quando estava prestes a tentar, um drek mergulhou, e ela foi derrubada de Lynx pela força de suas asas. Ela atingiu o chão, e o ar foi roubado de seus pulmões.

Lynx saltou em sua direção, mas foi imediatamente cercado por Umbras. Ela ofegava em busca de ar, assistindo impotente enquanto ele era cercado por sombras.

Não.

Duas figuras caíram do céu.

Ciel e Avel.

Um alívio percorreu sua espinha.

— Obrigada — murmurou ela enquanto Ciel estendia a mão para ajudá-la a se levantar. Mesmo agora, eles ainda estavam cuidando dela. Mesmo…

O rosto gentil de Ciel se contorceu em choque quando a garra de um drek perfurou seu estômago.

O grito de Avel fez o mundo estremecer. Ela correu para segurar seu irmão gêmeo, as mãos tremendo enquanto ela tentava conter todas as partes que estavam caindo dele.

Não. Com um rugido, ela transformou o drek em cinzas. Procurou em seus bolsos por um de seus últimos frascos de elixir de cura Selvagem. Ela derramou tudo sobre o ferimento de Ciel, a mão trêmula.

Mas era tarde demais.

Seus olhos estavam frios e fixos.

Avel segurou o irmão em seus braços e gritou.

Isso era culpa dela. Ciel estava tentando ajudá-la.

Dreks pousavam por toda parte, arrancando membros.

— Você precisa se levantar — disse Isla a Avel. — Eles vão… eles vão…

Avel se recusou. Ela segurava o irmão e nem olhava para Isla.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Isla enquanto ela criava uma pequena cúpula de energia Estelar ao redor de ambos, esperando que isso os protegesse.

Ela ouviu um rosnado. Lynx. Ele estava lutando contra muitos soldados. Isla reuniu sua energia e enfrentou todos eles, até que se reduzissem a poeira.

Sua energia estava esgotada. Ela caiu de joelhos e Lynx a protegeu com seu corpo.

Por entre as pernas de Lynx, Isla assistiu, impotente, enquanto a morte afogava tudo ao seu redor. Os dreks eram intermináveis. Grim devia ter criado mais.

Era como em sua coroação. Membros sendo arrancados. Gritos se transformando em silêncio. Corpos caindo do céu mais do que os dreks. A força de voo havia sido reduzida a apenas algumas unidades.

Eles não tinham chance.

A ilha cairia. Oro morreria. Ela morreria.

Um rugido ensurdecedor ecoou por todo o Continente. Até mesmo os Umbras pararam. Eles assistiram enquanto uma serpente com a boca escancarada varria a terra, engolindo todos os Umbras em seu caminho.

A mulher-serpente. *Ela veio*. Estava de pé em sua cauda enorme e pegava os dreks do céu, empalando-os com suas presas.

Os dreks atacaram a serpente, mas suas garras não conseguiam penetrar as escamas dela. A tempestade que Azul havia criado mantinha os dreks voando baixo, e ela derrubou uma dúzia em questão de segundos, atingindo-os com o rabo, perfurando-os com os dentes.

Oro lutava nas proximidades, chamuscando os céus com suas chamas. Zed passava por vários dreks. Enya era uma fênix, com asas de fogo se enrolando atrás dela enquanto lutava.

Mas ainda não era o suficiente.

Isla olhou ao redor. Os mortos estavam por toda parte, de ambos os lados. Grim ainda não havia se revelado, mas aquilo precisava chegar ao fim.

Lynx a ajudou a subir em suas costas e eles correram pelo Continente, passando pelos Vinderens em batalha e por Remlar, que estava lutando perto da floresta. Ele derrubava dreks com os menores movimentos. Eles trocaram olhares.

A floresta passou voando em um piscar de olhos, e então ela estava na ponte. Isla desceu de Lynx.

Ele viria ao seu encontro. Ela sabia. Isla esperou por minutos, se lamentando ao ouvir os sons da batalha, rogando para que Grim fosse até ela. Quando mais minutos se passaram, ela quase puxou seu colar.

Então a floresta se encheu de sombras.

Imediatamente, a ponte foi bloqueada por uma nova onda do exército Umbra. Eles invocaram suas sombras. Estavam por toda parte.

Um uivo cortou o ar.

— Se pensarem em tocá-la, vou matar vocês — disse uma voz. Passos soaram atrás dela. — Olá, coração.



ANTES

Quando Isla terminou seu treinamento, Grim estava esperando por ela em seu quarto.

Já haviam se passado semanas desde que ele contara a verdade. Ela não o havia procurado, e ele não havia voltado.

— Eu disse que nunca mais queria te ver.

A traição ainda doía. Ela não estava sendo sincera. Sentia muitas saudades dele, mas precisava de tempo antes de pensar em perdoá-lo.

Grim tentou sorrir.

— Talvez eu tenha boas notícias para você, então.

— O que quer dizer?

Ele parecia muito sério.

Grim atravessou o quarto e a abraçou, e ela permitiu, porque sabia que algo estava errado. Ele estudou cada parte do rosto dela, como se estivesse tentando gravá-lo na memória.

Sua varinha estelar estava quente em suas costas. Estava brilhando na presença dele, como um aviso. *Algo não está certo*, estava dizendo. Ela agarrou seu peito e perguntou:

— O que está acontecendo?

— Outra fenda se abriu. Em um lugar que nunca se abriu antes. Um lugar que antes era considerado seguro.

Isla sentiu um peso no estômago. Ele havia falado sobre a fenda, sobre como ele não achava que os Umbras poderiam sobreviver por muito mais tempo.

— Centenas de pessoas vivem perto dela.

Isla ofegou. Ela abriu a boca, mas ele falou antes.

— Não importa o que aconteça comigo, coração, quero que você saiba de uma coisa.

— O quê? — Ela tentou se soltar de seus braços. — Grim, nada vai acontecer com você, nada…

— Deixe-me falar, coração — disse ele, pressionando um dedo em seus lábios. — Interromper é muito rude.

Ela viu que ele estava tentando distraí-la. Tentando fazê-la sorrir. Mas ela não sorriu.

— Eu preciso que saiba que você mudou tudo. — Ele passou o polegar pela sua bochecha. — Os deuses não ouvem pessoas como eu, mas eu me ajoelharia e imploraria a eles para me deixarem ficar com você. Você já foi uma desgraça na minha vida… e agora é o centro dela.

Ele não podia estar dizendo tudo aquilo, não ele, o demônio nas sombras, o governante da escuridão. Não ele, olhando para ela como se Isla fosse a realização de todos os seus sonhos.

— Meu mundo inteiro era a noite, e você acendeu um fósforo. Não importa o que aconteça comigo nesta vida, eu vou te encontrar na próxima. Eu sempre vou te encontrar. O que eu sinto por você nunca pode ser extinto. Como o céu noturno, é infinito. Você e eu… somos infinitos.

Lágrimas corriam pelo rosto dela. Por que parecia que ele estava se despedindo para sempre?

— Não. Não vá. Eu posso te ajudar. Podemos descobrir o que fazer, seja o que for, Grim, *juntos*. Deixe-me ir com você. Podemos tentar a espada. Deixe-me ir.

— Está bem, Devoradora de Corações — disse ele finalmente. — Você pode vir.

Ele a beijou. Foi rápido e brutal, e depois suave…

Ela nem percebeu quando ele deslizou a mão pelas suas costas. Quando se deu conta, era tarde demais.

Ele tinha pegado sua varinha estelar e desaparecido, certificando-se de que ela não seria capaz de segui-lo.



DIA E NOITE

Grim pisou na ponte. Exatamente onde precisavam que ele estivesse. Vestia sua armadura completa, a que ela tinha visto em suas memórias. Espinhos por toda parte. Nos ombros. No elmo. Ele tinha a aparência de um demônio. Sombras se agitavam e se estendiam ao seu redor.

Mas as que estavam aos seus pés formavam poças.

— Obviamente, isso é uma armadilha — disse ele, dando um passo à frente. — Você sabia que eu te encontraria. — Ele sorriu. — Você sabia que nada poderia me manter longe de você.

— Nem mesmo a morte certa é capaz de te afastar? — perguntou ela, a voz trêmula.

Seu sorriso aumentou.

— Ah, Devoradora de Corações. Você e eu… somos infinitos. A morte não tem chance.

Isla não conseguia respirar. Estava se afogando por dentro, sabendo o que estava prestes a acontecer. Sabendo o que devia fazer…

Oro pousou na frente dela e o poder se espalhou pela ilha. Grim apenas sorriu para o rei.

— E nem você.

E então ele atacou. Uma explosão de sombras irrompeu dele, direto para Oro, mas o rei se protegeu com uma cobertura de chamas tão fortes que tinham uma tonalidade azul.

Isla se preparou para se proteger das sombras também, seu escudo Estelar se formando, mas elas se moviam ao redor dela quase gentilmente, como extensões de Grim. Oro lançou uma espessa corda de poder, uma mistura de energia prateada, água jorrando do mar e chamas cintilantes. Grim a enfrentou com uma corrente de pura escuridão.

Seus poderes se chocaram e reverberaram em ondas. A ponte abaixo deles tremeu. Isla mal conseguiu se manter de pé. Ela sentia a força deles até os ossos.

Ambos eram poderosos demais. Eles rugiram, lutando, e o ódio estava claro em seus rostos.

Grim desapareceu e então ressurgiu atrás de Oro. Ele o atingiu com uma onda de sombras e Oro quase não conseguiu bloqueá-la com um escudo de energia Estelar crepitante. Mesmo assim, o impacto o derrubou de costas.

Antes que Grim pudesse dar outro passo, os braços de Oro se abriram e o mar subiu de centenas de metros abaixo. Ele atingiu Grim, depois endureceu e rachou enquanto ele lutava para derretê-lo com suas sombras. Grim não conseguia mover os braços. Oro lançou fogo o suficiente para carbonizar Grim através do gelo, mas, no último momento, ele se transportou para longe, deixando para trás o gelo, que caiu de volta na ponte e se partiu.

— Atrás de você! — gritou Isla, e Oro virou-se a tempo de bloquear a lâmina de Grim. Oro criou uma espada de energia Estelar e eles duelaram na ponte.

Grim sorria como se estivesse se divertindo muito.

— Faz muito tempo desde que lutamos, Oro — disse ele, avançando. — Que pena que será a última vez também.

Oro fez sua espada desaparecer e disparou em direção ao céu.

Grim o seguiu. Ele se transportava tão rapidamente que era como se também estivesse voando, aparecendo e desaparecendo em surtos frenéticos. Eles duelaram no céu, dessa vez com correntes de poder.

Isla assistia de baixo, encolhendo a cada golpe que desferiam um no outro. Ela mordeu o interior da boca, o temor se agitando em seu peito.

Não haveria vitória.

Um estrondo soou antes de o mar abaixo espiralar, tornando-se uma serpente gigantesca que avançou contra Grim. Em resposta, ele criou um lobo feito de sombras. As criaturas lutaram, dilacerando uma à outra, protegendo seus criadores.

Oro estendeu a mão, liberando uma dúzia de lâminas de arremesso feitas de chamas. Grim bloqueou-as com uma espiral escura de fumaça antes que este escudo se transformasse em uma dúzia de flechas, todas miradas no peito de Oro.

Elas ricochetaram contra as faíscas de Estelares, e ambos aceleraram seus ataques. Grim estava se transportado tão rapidamente que mal podia ser seguido no céu, e Oro criava tantas armas que Isla perdia metade delas ao piscar.

Finalmente, Oro fez uma pausa por um momento, como se estivesse reunindo sua energia. Era isso. Estava prestes a acabar. O ar pareceu ficar tenso em antecipação antes de ele estender a mão e liberar um raio de energia. Ele rugiu pelo céu, carregado de energia, uma combinação de suas habilidades.

Tudo acontecia muito rapidamente.

Antes que o raio pudesse atingir Grim, ele desapareceu, para em seguida ser substituído...

Por Oro.

Grim o havia transportado para lá, usando seu poder, naquela fração de segundo. Isla observou impotente quando o próprio raio de Oro o atingiu.

E então ele estava caindo.

Ele pousou na ponte com uma força que ameaçou fazê-la desmoronar. Isla correu na direção dele, mas Grim pousou entre os dois.

— Não! — gritou ela.

Sombras irromperam da mão dele, mas, antes que transformassem Oro em cinzas, ele se recuperou e levantou a mão também. Fogo, energia e vento se enrolaram uma vez, depois outra. Seus poderes se encontraram no meio.

Oro estava ferido. Parecia que poderia desmaiar a qualquer momento.

Ela sabia o que precisava fazer.

Era hora.

*Não faça is*so. A voz era firme, falando do passado. Sua própria voz.

Ela não queria fazer aquilo. Mas a oráculo deixara claro — era Grim ou Oro. Sua escolha definiria o mundo.

Ela precisava decidir. Enquanto Grim e Oro duelavam, também duelavam o passado e o presente de Isla.

Não faça isso…

Ela tinha que fazer.

NÃO FAÇA ISSO…

Seus dedos tremiam. As lágrimas a cegavam. Ela fechou os olhos e seguiu as instruções de Remlar.

Estendeu a mão para o vínculo. Aquele que existia entre ela e Grim. Ele continha todas as memórias dos dois juntos, como contas em uma pulseira. Ela as viu em sua mente. A primeira vez que se encontraram. A primeira vez que se beijaram. A primeira vez que se uniram. A primeira vez que o fez sorrir. Um soluço se prendeu em sua garganta e os olhos de Grim se voltaram para ela. Uma corrente de poder estava indo em sua direção, e ele parecia não se importar. Ele olhou para ela.

Ela quase se partiu em pedaços ao buscar o fio que os unia. Ao alcançar o poder dele.

E tomá-lo.



ANTES

Não.

O peito de Isla estava se partindo ao meio. Ela estava indefesa. Presa ali, na terra nova dos Selvagens. Levaria meses para navegar até Umbra e, mesmo assim, mesmo que a deixassem entrar…

Seria tarde demais.

Não. Aquilo não estava acontecendo. Ela finalmente tinha encontrado alguém que a entendia e agora iria perdê-lo.

Lágrimas e sal e soluços se transformaram em um silêncio predatório. Todos os seus sentidos se afiaram como uma adaga.

Grim era um demônio. Ele era o temido governante de Umbra.

Mas ele tinha se tornado seu amigo. Eles enfrentaram inúmeras dificuldades juntos. Ele a havia tocado de maneiras que a fizeram se sentir viva e cintilante, e ela havia sentido, pela primeira vez, que seu corpo pertencia a ela. Não ao reino. A *ela*.

Apesar de todos os seus comentários e atitudes, ele acreditava nela. Ele tinha confiado nela.

E ela confiava nele.

Ele a havia salvado.

Isla não ia desistir dele.

Milhares de quilômetros não eram distância alguma, não para eles. Ele estava certo. Eram infinitos. Ela estendeu a mão, buscando pelo seu demônio, por *ele*. O homem que tinha acariciado sua pele, que não sabia que tinha uma covinha porque raramente sorria.

Sua mente se esvaziou de tudo, exceto dele. Conseguia vê-lo em sua cabeça, conseguia cheirá-lo, conseguia senti-lo.

Ela tentou alcançá-lo com todas as suas forças, jogou sua essência através do mundo.

E o encontrou.

Quando tudo o mais se dissipou, o universo desaparecendo como cinzas e fumaça, apenas uma conexão permaneceu. Agora ela podia senti-la, ligando-os.

Isla não pensou no que significava. Não naquele momento. O fio estava envolto em poder, e ela não sabia como usá-lo; ele escorregava por entre seus dedos, mas ela tinha um pedido, um só.

Leve-me até ele.

Com a espada em mãos, ela agarrou o poder de Grim para se transportar com todas as suas forças e desapareceu.

Ela aterrissou de joelhos.

Dreks estavam caindo do céu como pedaços da noite fundidos em chuva. Centenas. Milhares. Grim tinha falado sobre eles, mas nada poderia tê-la preparado para vê-los, ouvi-los.

Eles eram muito menores que o dragão, mas enquanto a criatura era graciosa, eles eram como estrelas de arremesso, cruzando o céu, caindo no chão, garras em primeiro lugar.

Grim estava no centro de tudo.

Havia outros. Eles não duraram muito. Ela viu guerreiro após guerreiro Umbra ser arrancado e levado. Alguns foram rasgados ao meio no céu; outros foram engolidos inteiros. Sangue por toda parte, gritos, homens com o dobro de seu tamanho clamando por suas vidas.

Grim. Ele tinha a fama de ser um dos governantes mais fortes.

Sombras irrompiam dele e, onde elas atingiam, tudo morria. Ele estava se infiltrando em tudo, em todos os lugares, rugindo...

Não era o suficiente. As maldições tinham enfraquecido seu poder. Havia muitos. E alguns pareciam imunes até mesmo às suas sombras. Eles avançaram na direção dele, e Isla sabia como essas lesões funcionavam. Elas apodreciam a carne e os ossos e não se curavam. Quantas vezes ele já tinha sido atingido?

A cicatriz através do chão, até onde ela conseguia enxergar. Grim disse que ela se estendia por toda Umbra. Ali, tão perto, havia uma vila sobre a qual Grim havia lhe falado, a que havia sido considerada *segura*. Dreks mergulhavam nas ruas. Gritos. *Crianças*.

Grim olhou para cima, como se a estivesse sentindo. E Isla teve a sensação de que não importava onde estivessem, ele sempre a encontraria, até mesmo em um campo de batalha.

Horror. Horror puro e devastação por encontrá-la ali, em um lugar onde tudo logo estaria morto.

Então, surpresa.

Compreensão. Ele havia pegado a varinha estelar. Só havia uma maneira possível de ela estar ali.

Eles se encararam e, por um momento, parecia que ninguém mais existia. Só eles. Sem dreks. Sem soldados.

Ele a olhou como se ela fosse o começo e o fim de seu mundo, e *sorriu*, sorriu porque havia encontrado o amor, mesmo que fosse pouco antes de morrer.

Grim fechou os olhos, e ela soube o que ele ia fazer. Ele ia levá-la para longe. Ele ia *morrer*.

Antes que pudesse, um drek perfurou seu peito. Suas garras passaram direto por ele.

Ela gritou, e não soou humano; soou como arranhar o céu noturno com uma lâmina, como dor transformada em som.

Outros dreks desceram. Grim rugiu, e todos desceram, vendo sua chance. Eles o agarraram pelos ombros, e sua cabeça pendeu para o lado. Estavam prestes a despedaçá-lo…

Não.

Não.

Isla não hesitou antes de pegar a espada em suas mãos e a cravar profundamente no chão à sua frente.

Nada aconteceu imediatamente; ela não sabia como quebrar a maldição, não sabia o que fazer, mas estava desesperada.

E havia algo lá. Algo estranho e distorcido.

Isla se agarrou a isso.

Sua dor forneceu passagem. Tudo o que ela era se derramou. A espada tremia sob suas mãos. Então, seus dedos escorregaram e quando as mãos atingiram o chão, a morte foi lançada.

Dela jorrava uma onda interminável de sombras. Os dreks encolheram e morreram. Os soldados se tornaram nuvens de sangue. Tudo que não era ele desapareceu.

Sua escuridão devorou o mundo, e não tinha limite. Continuou.

Você e eu… somos infinitos.

Ela se sentia infinita.

O poder jorrou dela como o oceano se inclinando para o lado, imbatível, incontrolável; ele rugia e rugia, e Isla continuou gritando até que finalmente se esgotou. Porque seu amor poderia ser infinito, mas suas habilidades não eram. Sua vida não era.

Parecia que ela estava se despedindo, mas ela realmente não se importava. Porque ele estava lá, e ele ficaria bem, e ela o amava, o amava tanto, ela só esperava que ele aceitasse o que estava oferecendo: todo o poder Selvagem que ela não deveria ter, porque Isla sabia que ele cuidaria de seu povo. Assim como tinha cuidado dela.

Grim rugiu, e Isla enviou seus poderes Selvagens através do fio que os unia. Foi a última coisa que fez quando tropeçou e caiu.

Nos braços dele. Ele a havia transportado e a pegou, e ela soube que ele sobreviveria às lesões, mas Grim estava buscando o rosto dela como se estivesse morrendo, e gritou com ela, mas tudo que ela podia fazer era sorrir.

— Isla, volte para mim. Volte.

Ele a sacudiu, e ela mal conseguia sentir; não havia sobrado quase nada.

Seu corpo ficou rígido. Sua respiração parou. Grim rugiu.

— Acorda — disse ele. Sua voz estava cheia de desespero. Ele estava *chorando*. — Me esfaqueie no peito de novo, se for preciso, apenas acorde.

Ela queria. Realmente queria.

— Grim — disse ela, o resto de sua vida a deixando.

Ela se lembrou do que ele havia dito. *A dor poderia ser útil. A dor era a emoção mais forte.*

— A dor não é a mais forte — disse ela.

Então seu coração parou.



SACRIFÍCIO

Isla tomou os poderes dele. As sombras de Grim cessaram e ele foi atingido pela fúria completa de Oro. Ele caiu de costas. Isla não sabia como ele não foi morto imediatamente.

Ou como ele lentamente se ergueu, ofegando por ar. Sua mão se estendeu enquanto tentava convocar suas sombras mais uma vez. Não conseguiu.

Ele franziu a testa e virou-se para olhá-la com uma sinceridade que a fez querer afundar no chão.

— O que é isso, coração? — perguntou ele.

Ela estava soluçando, e Grim não parecia traído, parecia devastado por ela estar chorando. Ele estava *chateado porque ela estava chateada com o fato de que tinha roubado seus poderes, preparando-o para ser morto por Oro...*

Ela não conseguia. Sua concentração vacilou.

Ainda assim, ela não parou de segurar os poderes dele.

Oro criou uma espada com energia Estelar, a lâmina estalando de força, e a levantou sobre a cabeça. Grim não seria capaz de se defender. Ela o tinha enfraquecido. Em um instante, ele estaria morto. Ele estaria morto. *Ele estaria morto.*

Foi a primeira vez que ela viu Grim com medo.

Um momento antes de a lâmina encontrar seu pescoço, ele berrou:

— Se eu morrer, *ela morre*.

Ele nem mesmo temia a própria morte. Era a *dela*. A morte de Isla era o que o deixava furioso, tremendo, gritando, olhos arregalados e desesperados.

Oro congelou a apenas um centímetro de acabar com o Umbra.

— Não — sussurrou Oro, incrédulo. Furioso. Entendendo algo que Isla ainda não tinha compreendido. — Você não fez isso.



ANTES

Isso está errado, foi o primeiro pensamento de Isla. Ela não deveria estar viva.

Seu corpo reconheceu isso. Sua força vital havia sido completamente drenada.

Ela abriu os olhos, e Isla nunca tinha ouvido um som de alívio tão grande.

Grim estava ajoelhado diante dela. Sua mão estava na dele.

— Coração. Você está aqui, coração. — Era como se ele ainda não conseguisse acreditar.

Ela tinha estado em outro lugar.

Agora, estava de volta.

— Como? — perguntou ela.

Ele ergueu a cabeça e ela viu lágrimas em seus olhos. Seu rosto estava coberto de terra e sangue, mas ele estava ali, ajoelhado diante dela, como se Isla fosse algo a ser adorado.

— Você morreu — disse ele, a palavra falhando. Sua voz estava rouca, como se ele também tivesse estado gritando. — Você morreu nos meus braços.

Grim fechou os olhos e as lágrimas caíram. Elas deixaram rastros na terra e no sangue ressecado. Ela estendeu a mão para ele por

instinto, limpando-as. Ela *tinha* morrido. Seu povo estava bem? Dar seu poder a Grim através do vínculo que os conectava havia funcionado?

Ela não podia enganar a morte. Grim também não podia. Não fazia sentido que ainda estivesse viva.

— Como? — perguntou novamente.



A PEÇA QUE FALTAVA

— Você a vinculou — disse Oro, a voz tremendo de raiva. De choque.

Agora ela lembrava. A explicação de Grim, no passado. Ela sabia que vincular alguém a si significava compartilhar uma vida. Não apenas poderes, mas a própria vida.

Um não poderia morrer sem matar o outro.

Fora por isso que, quando a flecha dividira seu coração ao meio durante o Centenário, ela não morrera imediatamente. Não apenas por causa do poder do coração de Lightlark… mas porque Grim a mantinha viva.

— Foi apenas uma solução temporária — disse Oro, a voz tremendo de raiva, mas também medo.

Grim assentiu.

— O outro mundo oferece uma solução permanente.

Essa era a razão para a guerra. Essa era a razão para tanta morte. Ela lembrou o que Cleo havia dito. No outro mundo, *as almas podem renascer*.

Ele queria abrir o portal para salvar sua vida.

Oro hesitou, a espada ainda em sua mão. Se ele matasse Grim, ela também morreria.

— Faça — disse Isla, porque estava disposta a morrer se isso salvasse todos os outros.

Mesmo que a maioria ainda a odiasse e pensasse que ela era uma maldição para o mundo. Assim como Oro havia dito que daria a ela seu poder, Isla daria a ele o dela, no caso de os rebeldes estarem errados.

Oro olhou para ela, que viu medo e fúria e decepção. Decepção *consigo mesmo* por não ser forte o suficiente para fazer a escolha certa para o seu povo. Enya tinha razão. Isla o havia enfraquecido.

— Eu não consigo — disse ele bem baixinho.

— *Mate-o* — disse ela, soando histérica. — Ele vai matar pessoas inocentes. Eu te contei sobre a visão. Ele vai *matar crianças*. Ele vai me matar.

Grim olhou para ela.

— Coração… — disse ele suavemente. — O que está dizendo?

Ela teve flashes de sua visão mais uma vez. A escuridão devorando tudo. Pele escorrendo dos ossos. Ossos reduzidos a cinzas. Morte, por toda parte, e Grim de pé no meio de tudo…

Agora parecia familiar.

Isla começou a gaguejar.

— A vila. As pessoas. A pele derretendo, as sombras. E então a escuridão entrou em *mim*.

Não.

O mundo ficou em silêncio.

A visão não era um vislumbre do futuro. Não era um exemplo do que Grim faria para tê-la.

Era uma lembrança.

E não fora Grim quem convocara aquelas sombras, quem havia matado centenas de pessoas inocentes.

— Fui eu — disse ela. — Fui eu.

Ela se viu voltando para o lugar onde tudo havia acontecido, onde ela havia oferecido todo o poder que não sabia que tinha para salvar Grim. Ela viu a vila, nos arredores da fenda. Carbonizada. Havia

apenas silhuetas de pessoas — de crianças — onde antes elas estiveram.

Ela se viu desabando no chão, soluçando. Gritando: "Eu fiz isso. Eu fiz isso."

Agora Oro estava na frente dela, mãos em seu rosto, despertando-a da memória.

— Você não é um monstro.

Era isso o que vinha repetindo sem parar?

— Você não é definida por um erro.

Mas não tinha sido apenas *um erro*.

Isla havia usado emoções para manipular seu poder várias vezes. De forma imprudente. Mesmo depois que Oro a havia avisado, ela não tinha sido capaz de se controlar, tinha feito isso repetidamente.

Não podiam confiar nela. Era imprudente, perigosa, um *monstro*.

Enya estava certa. Oro merecia muito mais.

— Fica longe de mim — gritou ela. Tentou se afastar, mas Oro segurou sua mão. — Me solta.

Agora ela entendia como matar Oro era uma possibilidade. Apenas por estar *perto* dela, ele estava em perigo.

Ela não tinha controle sobre suas emoções. Sobre seus poderes.

Ela o mataria. Um dia, ela seria dominada pela emoção, perderia o controle mais uma vez e o mataria. Via isso claramente agora.

— Me. Solta! — berrou ela, a voz embargada, lágrimas caindo em sua boca.

Ela tentou se soltar, mas Oro não cedeu. Ele não entendia; não sabia quão perigosa ela era para ele.

A voz de Grim pareceu ecoar pelo mundo quando ele disse:

— Solte minha esposa.

Ali estava. A peça que faltava.



LIGADOS

A palavra “esposa” destrancou uma porta em sua mente que tinha estado teimosamente emperrada.

Ela viu. Mãos unidas, diante de um altar. Depois, contra uma cama.

Viu meses de sofrimento com a culpa por ter matado tantas pessoas inocentes. Viu a si mesma suplicando a Grim para tirar a memória do que ela havia feito. Viu-o se recusar.

Memórias flutuaram, até pousarem em um último momento. Ela se viu usando seu vestido do Centenário. Assistiu Grim tirar um colar do bolso e entregá-lo a ela. Um com o maior diamante negro que já tinha visto.

— Em Umbra, em vez de anéis, nós damos colares. Eu deveria ter dado isso a você antes. É um símbolo de nosso compromisso. Uma vez que eu o colocar em você, ele ficará ali para sempre. Apenas com sua morte ele será libertado.

Isla se viu sorrindo e dizendo a ele para colocá-lo nela. Ela se viu mexer no cabelo, abrindo caminho.

Em vez de prendê-lo em seu pescoço para sempre, ela o viu escorregá-lo de volta para o bolso.

Ela o ouviu dizer:

— Por favor, coração, me perdoe por isso.

Ela viu sua própria expressão de compreensão enquanto dizia:

— Grim, não…

Mas estava feito.

Ela o viu retirar suas memórias, devolver sua varinha estelar e enviá-la de volta ao reino Selvagem.

Isla sabia o que aconteceu depois.



VERDADE

Oro a largou. Por choque, nojo, ou porque finalmente a escutou, ela não sabia.

Você vai matar um deles. Isso é certo.

Gritos ecoaram do campo de batalha; o poder se propagou pelo ar. Do nada, mais dreks apareceram, gritando. Flechas cortaram o céu e as criaturas caíram, mas eram muitas. Elas pegavam Etéreos um a um. Ela assistiu impotente enquanto mais Etéreos caíam do céu, desmaiados ou em pedaços.

Morte, tanta morte inútil. Dor e sangue pintavam a ilha. Isso a fez lembrar o que ela tinha feito. O que ela tinha feito…

Sua voz estava tremendo.

— Se eu for com você, você vai embora? Vai parar o ataque?

— *Não* — disse Oro, a palavra soando como um pedido.

A resposta de Grim foi imediata.

— Sim.

Ele estendeu a mão, da mesma forma que fez inúmeras vezes antes, e os ecos disso reverberaram em sua mente.

Isla alcançou a mão de Grim. Ela era um monstro, assim como ele. Precisava escapar de Oro e daquela ilha. Ela olhou para Lynx, e Grim disse:

— Não se preocupe, ele também vai. — Ela viu seu leopardo desaparecer.

— Não — disse Oro. Sua voz falhou na palavra.

Ela sabia que ele não a deixaria ir. Ele não entendia; não sabia sobre a profecia. Ele pensava que havia outra maneira.

Então, antes que Grim pudesse levá-los para Umbra, ela se virou e disse:

— Eu te amo, Oro. — Ela fechou os olhos com força. Sentiu as lágrimas escorrendo. Segurou a mão de Grim. — Mas eu também o amo.

E, por causa de seu dom, ele soube que era verdade.



AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar agradecendo a você, leitor, por apoiar esta série. Quando escrevi *Lightlark*, nunca poderia imaginar que pessoas ao redor do mundo amariam essa história e esses personagens tanto quanto eu. Sua empolgação por este livro me ajudou a cumprir cada prazo. Sou infinitamente grata a você. *Obrigada.*

Tenho muitas pessoas para agradecer por ajudar a levar *Nightbane* para o mundo. Agradeço a Anne Hetzel, minha editora, por acreditar em *Lightlark* desde o início, por sua orientação editorial e por seu incansável apoio a mim e a esta série. Agradeço a Andrew Smith, que viu o potencial de Lightlark e tornou muitas coisas possíveis. Agradeço a minha agente literária, Jodi Reamer, que leu tantas versões deste livro e foi minha guia durante todo o processo. Estou muito grata por tê-la ao meu lado.

A todos na Abrams, incluindo Megan Carlson, Micah Fleming, Maggie Moore, Marie Oishi, Ashley Albert, Abby Pickus e Angelica Busanet, por todo o trabalho árduo nesta série. A Chelsea Hunter e Natalie Sousa, por projetarem as capas dos meus sonhos. A Kim Lauber e Hallie Patterson, por tudo o que fizeram por mim e por *Lightlark* — é realmente uma alegria trabalhar com vocês.

À minha incrível equipe, que tornou tudo isso possível. Ao meu advogado de entretenimento, Eric Greenspan, por acreditar em mim. Você tem sido um dos meus maiores apoiadores desde o início — obrigada. A David Fox, Chris Maxwell e Debby Sander. Aos meus agentes de Cinema/TV na CAA, Berni Barta e Michelle Weiner, que tornaram alguns dos meus sonhos mais loucos realidade. Além disso, a Ali Ehrlich, obrigada por tudo. A Denisse Montfort e Allison Elbl, por tudo o que fazem. A Cecilia de la Campa, por tudo o que está por vir. A Katelyn Detweiler — estou muito grata por ter acreditado nestes livros primeiro. Sua bondade e sinceridade são um presente. A Sam Farkas, que tornou possível a publicação de *Lightlark* no mundo todo. Ver as edições estrangeiras de *Lightlark* tem sido uma das minhas maiores alegrias, obrigada por tudo.

A Anqi Xu, por ter lido este livro antecipadamente e feito ótimas observações. A Sean, por ter sido um dos primeiros a ler todos os meus livros, incluindo os rascunhos iniciais, mesmo quando estava ocupado — eu realmente agradeço sua ajuda. A Kaitlin López por sua assistência de última hora que salvou o dia. A Annika Patton, que se tornou uma das minhas amigas mais queridas. Você foi a primeira pessoa a ler este livro, em janeiro (e a primeira a reagir ao final!).

Ao meu coração, Ron, por me apoiar, mesmo quando tive que escrever durante feriados e fins de semana. Oito anos juntos significa que você me conheceu quando eu era uma adolescente escrevendo livros e sonhando em ser uma autora. Este livro é para você. Eu te amo. Para a sua família também, pelo amor e apoio, e por me trazerem lanches enquanto eu trabalhava neste livro.

Aos meus pais, que sempre me incentivaram a ir atrás dos meus sonhos. Mãe, espero que um dia eu possa ser tão forte quanto você. Pai, obrigado por me ensinar que quanto mais você trabalha, mais sorte tem. Ao meu irmão gêmeo, Danny, que costumava sentar comigo depois da escola na livraria enquanto eu procurava agentes literários para contatar. Estou muito orgulhosa de você. A Angely, uma segunda mãe para mim; Carlos, que está sempre ao meu lado; e JonCarlos e

Luna, por serem as luzes da minha vida. Mal posso esperar para ver vocês dois perseguirem seus sonhos. A minha avó Rose, por me contar histórias antes de dormir e me inspirar a me tornar autora. Ao meu avô Alfonso, por me ensinar resiliência e uma forte ética de trabalho. A Maureen, tio Buddy e tia Patty, por sempre acreditarem em mim. A Leo, Bear e Truffle, por me trazerem tanta alegria.

Aos meus amigos autores, que me ajudaram a navegar por tudo isso. A Adam Silvera, que sempre atende o telefone, mesmo quando está em um deadline, e é o Amigo Sincero. A Chloe Gong, que não fica brava quando eu falo mais do que escrevo nas "sessões de escrita" nas cafeterias e é a leitora mais rápida que conheço. A Dustin Thao, que está sempre lá para todos nós. A Sabaa Tahir, Marie Lu, Brigid Kemmerer e Zibby Owens, pelo seu apoio. Sou muito grato por conhecê-las. A todos os outros amigos — vocês sabem quem são e sou muito sortuda por tê-los na minha vida.

Finalmente, obrigada a todos que me seguem nas redes sociais ou já recomendaram meus livros. Suas mensagens significam mais para mim do que jamais saberão.

Título original
NIGHTBANE
Lightlark#2

Copyright © 2023 *by* Alex Aster

Design do livro by Chelsea Hunter

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou sob qualquer outra forma sem a prévia autorização do editor.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
MARCELA ISENSEE

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Revisão de arquivo ePub
MANUELA BRANDÃO

Edição digital: maio, 2024.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares, e incidentes são produtos da imaginação da autora ou foram usados de forma fictícia, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, estabelecimentos comerciais ou localidades é mera coincidência.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A874n
Aster, Alex
Nightbane [recurso eletrônico] / Alex Aster ; tradução Carol Christo. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2024.
recurso digital (Lightark ; 2)

Tradução de: Nightbane
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-261-2 (recurso eletrônico)

1. Ficção colombiana. 2. Distopia. 3. Livros eletrônicos. I. Christo, Carol. II. Título. III. Série.

24-89206

CDD: 868.993613

CDU: 82-3(862)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643
28/03/2024 04/04/2024

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.



A AUTORA

ALEX ASTER é autora best-seller do *New York Times, Wall Street Journal* e *Publishers Weekly* e já vendeu os direitos de *Lightlark* para mais de trinta países. O livro será adaptado para os cinemas pela Universal Studios, sob comando dos mesmos produtores de *Crepúsculo*.

Aster é também uma das escritoras mais populares do mundo, com mais de um milhão de seguidores no TikTok e 150 milhões de visualizações em seus vídeos.

SIGA ALEX ASTER NAS REDES SOCIAIS
@alex.aster no TikTok
@alexaster no Instagram
www.asterverse.com

Índice

Capa
Folha de rosto
Sumário
Epígrafe
Cofre
Verdades e mentiras
Banquete flutuante
Escolhas
Coroação
Insígnia
Insurgindo
Libertado
Antes
Favorita
Antes
Chave virando na fechadura
Enya
Veneno
Lynx
Reflexo
Cinder
Antes
Rosa de ouro
Flores silvestres
Ilusão
História
Profecia
Antes
Revelações
Antes
Premonição
Antes
Eu não morro hoje

Antes
A linha entre a vida e a morte
Antes
Criaturas na floresta
Antes
Dividida
Antes
Pedindo ajuda
Antes
Dor
Antes
Armadura
Antes
Nexus
Antes
Lealdade
Antes
Desaparecido
Antes
Reencontro
Antes
Antes
Perdoe-me
Destrancado
Antes
Portal
Destino dividido
Antes
Dia e noite
Antes
Sacrifício
Antes
A peça que faltava
Ligados
Verdade
Agradecimentos
Créditos

A Autora